

EXILADOS POR AMOR

Psicografia de
Sandra Carneiro

Pelo Espírito **Lucius**



Neste romance convidamos o leitor a uma emocionante viagem no tempo e no espaço, acompanhando a trajetória de Ernesto. Habitante de um orbe do sistema de Capela no momento em que este sofria as mesmas transformações que hoje atingem o nosso planeta, ele é exilado de seu mundo e enviado para a Terra.

Ao testemunhar algumas etapas da caminhada desse espírito, passando pelo Egito antigo e mais tarde vivendo como importante personagem na época em que Jesus esteve encarnado entre nós, vamos refletir sobre o estado de perplexidade em que se encontra a humanidade terrena e o impacto das mudanças planetárias em nossas vidas. Tal qual nos avisaram escritos bíblicos, profecias e mensagens mediúnicas, em diferentes ocasiões, agora a ciência comprova, dia a dia: já se iniciou o processo de transição da Terra e é imprescindível despertar.

Um dia este mundo será de paz e harmonia, amor e prosperidade. Não haverá mais guerra e a fraternidade dominará nosso orbe. As Leis de Deus estarão pulsando em todos os corações. Cabe a cada um de nós, corajosamente, empenhar-se em contribuir com a sua parte, permanecendo na Terra e trabalhando ao lado de Jesus, para que assim possamos resgatar nossas almas, assumindo nossa destinação gloriosa rumo ao Criador.

Lucius

ISBN 978-85-89202-05-3




vivaluz
e d i t o r a

EXILADOS

POR

AMOR

Psicografia de Sandra Carneiro
Espírito de Lúcius

OBS: Os direitos desta obra foram doados às obras assistenciais do Grupo Cristão Assistencial Casa do Pão XXXI, Atibaia, SP.

As pessoas que leram esta obra digitalizadas podem fazer uma contribuição diretamente visitando: <http://www.vivaluz.com.br/vivaluz/casa-do-pao.html>

Prefácio

Pesquisa liderada por James Hansen, da NASA, publicada em outubro de 2006 na revista PNAS (da Academia Nacional de Ciências dos EUA), constata que nas últimas três décadas a Terra esquentou mais do que em toda a era industrial. O aumento foi de 0,2°C por década, uma aceleração sem precedentes que põe fim à esperança de estabilização do clima.

O pesquisador afirma que, se o aquecimento alcançar mais 2°C ou 3°C, provavelmente veremos mudanças que tornarão a Terra um planeta diferente do que conhecemos hoje. A última vez que ela esteve tão quente foi no Plioceno, há 3 milhões de anos, quando o nível do mar era 25 metros mais alto que hoje.

Já o *Relatório Stern*, comandado por Nicholas Stern (ex-economista-chefe do Banco Mundial), divulgado em outubro de 2006, mostra que as evidências científicas do aquecimento global são impressionantes e decisivas.

Segundo o relatório, a elevação da temperatura global e o conseqüente aumento do nível do mar, devido à expansão do oceano e ao derretimento de geleiras de terra firme, poderão causar inundações que obrigarão até 100 milhões de pessoas a abandonarem regiões costeiras. No outro extremo, o aumento das secas em determinados países também poderá criar milhões daquilo que o estudo chama de *refugiados do clima*.

O primeiro-ministro britânico Tony Blair, que encomendou o relatório, afirmou: "*Este desastre não vai acontecer em um distante futuro de ficção científica, mas ainda durante a atual geração*".

A ciência apenas comprova, dia a dia, o que diversos textos bíblicos, profecias e mensagens mediúnicas já alertaram quanto às calamidades que se abaterão sobre a Terra, trazendo dias de tormento e perplexidade:

"Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, tampouco há de haver" (Mateus, 24:21)

"E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas" (Mateus, 24:29)

"Eu vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram, e o mar já não existia" (Apocalipse, 21:1)

"Os períodos de expurgo estão também prescritos nesse planejamento imenso. Quando os orbes se aproximam desses períodos, entram em uma fase de transição durante a qual aumenta enormemente a intensidade física e emocional da vida dos espíritos encarnados ali, quase sempre de baixo teor vibratório, vibração essa que se projeta maleficamente na aura própria do orbe e nos planos espirituais que lhe são adjacentes; produz-se uma onda de magnetismo deletério que erige um processo, quase sempre violento e drástico, de purificação geral. Estamos agora, em pleno regime dum período desses" (Trecho de mensagem mediúnica, extraído do livro Exilados da Capela, de Edgard Armond - Editora Aliança)

"Ele era a luz dos homens, a luz resplandeceu nas trevas e as trevas não a receberam" (João, 1:4-5)

Compreendemos, portanto, diante dos acontecimentos que envolvem nosso mundo, que é imprescindível despertar. Jesus continua com seus amorosos braços abertos, a esperar por nós, pela nossa decisão de segui-lo e amá-lo, resgatando nossas almas e construindo definitivamente um futuro de glória.

Não nos demoremos mais; não desperdicemos o precioso tempo, a grande oportunidade que Deus nos oferece, aqui e agora.

Está em nossas mãos, amigo leitor, a decisão de partilharmos com o Mestre Divino a construção do Reino de Deus sobre a Terra, poupando-nos de maiores dores e sofrimentos. Ele nos quer ao seu lado, mas para isso é preciso combater em nós aquilo que nos afasta do Criador e de suas leis perfeitas, que o Bom Pastor veio exemplificar.

É preciso transcender o momento presente e enxergar, um pouco mais além, nossa origem divina e nossa destinação gloriosa.

Lucius

1ª. Parte

“Há muitos milênios, um dos orbes do sistema da estrela Capela, na Constelação do Cocheiro, localizado a cerca de 42 anos-luz da Terra, atravessava importante momento de transformação, passando da posição de mundo de expiações e provas para a de mundo de regeneração.

Através de incessantes esforços evolutivos, o povo atingira um novo estágio para o orbe, que não mais poderia abrigar aqueles que insistiam em opor-se ao bem e à luz. Esses espíritos rebeldes e recalcitrantes no mal-milhões deles - foram então, por decisão de entidades elevadas que dirigem o Cosmo, exilados de seu mundo e enviados para a Terra, um orbe primitivo e em início de desenvolvimento.

Na Terra, essas almas que haviam recusado render-se diante do Criador do Universo teriam nova oportunidade -através da dor e do sofrimento a que seriam submetidas pelas condições naturais do planeta em formação -de lapidar seus sentimentos e, finalmente, aceitar sua destinação gloriosa, no caminho para Deus”

CAPÍTULO 1

Não bastasse aquele corre-corre a que se habituara, Ernesto assumia ainda mais atividades. Constantemente, a família reclamava-lhe a presença; Elvira pedia toda manhã:

-Volte mais cedo hoje. Seria possível, querido? Os meninos têm sentido muito a sua falta e eu também...

-Como você choraminga, Elvira! Temos estado juntos todos os finais de semana; tenho procurado dar maior atenção aos nossos filhos.

- Seja honesto consigo próprio, querido! Seus finais de semana são sempre ocupados com reuniões de negócios, seja com o pessoal do escritório ou com o pessoal do laboratório; estamos sempre cercados de outras pessoas! Seus filhos sentem falta de você, querido, da sua companhia!

Ernesto beijava-lhe a mão e sorria, sem dizer nada. Descia pelo elevador expresso, direto para o carro aéreo, e seguia para a fundação que presidia. Ele estava completamente absorvido pela inquieta aspiração de encontrar um modo de extinguir o maior sofrimento humano: a morte.

Esse era o objetivo final de suas pesquisas e experimentos. Médico brilhante e bem-sucedido, há muito trocara o jaleco branco dos hospitais pelo pesado avental do laboratório que o protegia das radiações. Não atendia mais os pacientes sofredores, e sim participava de intermináveis reuniões com os pesquisadores e acionistas da organização.

Desde que obtivera sucesso com a clonagem de seres humanos, os convites se somavam em sua mesa e em seu aparelho de intercomunicação; ele já nem os atendia mais. No entanto, foi do centro de pesquisas em que trabalhava que recebeu o convite mais tentador: realizar toda e qualquer experiência com a clonagem humana, sem limites de recursos e com proteção legal de um séquito de advogados bem-sucedidos e até mesmo de juízes, para não ser incomodado pelas instituições que protestavam em oposição aos experimentos que utilizavam embriões humanos, entre outros.

Na noite em que acertou os últimos detalhes da nova empreitada, chegou em casa eufórico.

- Prepare-se, Elvira, vamos comemorar.

-E o que aconteceu de tão especial?

- Eu consegui, Elvira, finalmente consegui!

-O que, Ernesto? Vai começar outra experiência?

-Muitas, minha querida! De fato, vou presidir a maior organização de pesquisas médicas do mundo! Sem restrições e com total liberdade para expandir minhas experiências ao infinito.

Ela empalideceu e sentiu fugir-lhe o sangue da face. Apoiou-se no primeiro móvel que tinha à frente, quase a desfalecer. Ernesto socorreu-a:

-O que foi? O que está sentindo?

Elvira não podia falar. Auxiliada pelo esposo, sentou-se no sofá e apoiou a cabeça nos joelhos. Ernesto fez-lhe algumas massagens na nuca e ela recobrou a cor.

-O que aconteceu? Não vá me dizer que está grávida outra vez.

Séria, ela fitou-o fundo nos olhos e respondeu:

-Você sabe o que penso sobre suas atuais atividades, Ernesto. Jamais concordei com elas e jamais haverei de concordar, nem que viva mil anos. Só Deus tem poder sobre a vida e a morte. Suas experiências com clonagem já foram contra a minha vontade. Mas agora é muito pior: sei de suas intenções. Quantos embriões serão utilizados para tentar impedir o acontecimento absolutamente inevitável para todo homem? Afinal, por que a morte o assusta tanto, Ernesto?

- Do que você está falando? A morte não me assusta em nada.

- Como não? Por que deseja impedi-la a qualquer custo? A morte não é ruim, Ernesto, é apenas uma mudança de estado energético. Você sabe que a alma continua vivendo...

-Lá vem você outra vez com essas estórias de faz-de-conta. Eu é que deveria estar cobrando. Você deixa de me apoiar, a mim, o mais reconhecido pesquisador científico da atualidade, aclamado pela imprensa e por toda a classe médica como o maior realizador do século, homenageado pelo mundo inteiro por aquilo que conquistei. Nem sequer me acompanha aos eventos de que participo, onde usualmente sou prestigiado e aguardado. E por quê? Para ir a essas suas reuniões místicas.

Agora o olhar de Elvira se tornara triste e lágrimas se formavam em seus lindos olhos castanhos. Ela encarou o marido com extremada ternura e disse:

- Ernesto, Ernesto, você brinca com fogo; sabe muito bem do que eu participo. Foi você mesmo que me levou lá.

- Mas foi há muito tempo e já mudei de opinião, evoluí! Não creio mais em nada daquilo.

- Como pode dizer isso? O que foi que cegou você, querido? O que aconteceu com aquele jovem sonhador que conheci, cheio de esperança e vontade de mudar o mundo?

-E você quer mudança maior do que dominar a morte? Ter poder sobre ela?

Ignorando o que o marido dizia, Elvira prosseguiu:

- Eu me lembro bem da indiferença que sentia quando entramos naquele núcleo de estudos pela primeira vez. Havia estudado quase todas as religiões e nenhuma delas me atraía. Não havia encontrado nada que me respondesse às indagações mais profundas da alma. Então você me convenceu, com seu habitual entusiasmo, sua persistência em argumentar...

—Já conversamos sobre isso antes. Agora preciso me deitar porque tenho obrigações me aguardando amanhã. De novo ela o ignorou:

- Mas quando entrei naquela pequena sala, senti algo especial. Sei que abri minha alma à verdade e ela me iluminou a consciência.

-Já basta, Elvira. Chega!

- Nunca mais fui a mesma pessoa, Ernesto. A paz que me envolve é enorme. Sei que a morte é apenas uma transformação pela qual passamos e, muito embora nos separe temporária e fisicamente daqueles a quem amamos, continuamos a nos encontrar em sonhos, em espírito, enfim...

-Boa noite, Elvira. Essa conversa já me aborreceu!

Ernesto virou as costas e, deixando a mulher com as últimas palavras a lhe morrerem na garganta, sumiu no longo corredor que terminava no quarto do casal.

Elvira viu com profunda tristeza o marido sair da sala. Limpou as lágrimas que agora lhe desciam pela face, juntou as mãos e chorou amargamente por algum tempo. Alheia, não percebeu que o filho de quinze anos a observava. Foi somente quando sentiu sua mão carinhosa a tocar-lhe os cabelos que ergueu o rosto, banhado pelo pranto:

-Não chore, mãe, não vai adiantar. Ele está completamente cego. Pensa que pode brincar de Deus...

- Não fale assim, Henrique.

-Mas é verdade. Você sabe que é verdade. Ele está enlouquecendo!

- Ele conquistou muitas coisas...

-E isso o fez pensar que pode avançar mais e mais, sem parar? Mãe, ele já foi longe demais, você sabe disso. Fomos avisados. Se não mudar, nada poderá ajudá-lo.

Abraçando-se ao jovem, Elvira disse entre soluços:

-Temos de fazer algo, filho, precisamos ajudá-lo!

- Mãe, acalme-se. Sei o quanto o ama e eu também, mas não temos forças para lutar contra sua crença cega!

- Deve haver alguma forma de tocá-lo; afinal, ele já acreditou tanto nas coisas boas, em Deus, no bem! Deve haver um jeito de fazê-lo reencontrar-se com a verdade, com o amor, com o equilíbrio...

Henrique abraçou-a forte, depois a segurou pelas faces e disse:

-Dona Elvira, você nunca desiste dele, não é?

- Enquanto eu puder lutar...

-Há quantos séculos será que vocês estão juntos, mãe?

- Há pelo menos cinco, disso eu tenho certeza.

- Cinco séculos!

-Seu pai é um homem que tem princípios...

- Mae, não tente atenuar os defeitos dele; é claro que tem suas qualidades, porém o orgulho o cega cada vez mais. Infelizmente ele acha que pode tudo! Além disso, você percebe como a cada dia mais se afasta de nós?

Elvira concordou com a cabeça e o filho continuou:

- Só parece satisfeito quando está sob os holofotes, diante do público, sendo aplaudido e elogiado.

-Ele é um homem tão inteligente, Henrique...

-E de que isso tem adiantado, mãe? Eu acho até que o está prejudicando...

Enlaçando suas mãos nas do filho, Elvira silenciou entristecida.

CAPÍTULO 2

Os dias iam passando e Ernesto cada vez se afastava mais do ambiente familiar. Primeiro, começou a acordar bem cedo e sair antes que a família estivesse em pé. Do mesmo modo, à noite retornava muito tarde, evitando encontrar a esposa. Elvira mais e mais se preocupava com a conduta do marido. Ele já estivera distante em outros momentos. Quando prestes a obter sucesso com a clonagem humana, ficara duas semanas no laboratório trabalhando dia e noite. Mas ao menos se comunicava de vez em quando, dando notícias. Agora parecia que algo estava diferente; era como se Ernesto não quisesse contato com ela.

Na semana seguinte, ausentou-se de casa durante seis dias. Elvira não agüentou, fez o que detestava fazer: arrumou-se e foi até o laboratório.

Ferdinando, o assistente, entrou na sala de testes e disse próximo ao ouvido de Ernesto:

- Sua esposa está aí fora.

Sem tirar os olhos do que fazia, o cientista respondeu:

- Mande-a embora, diga que estou muito ocupado e que falo com ela à noite.

-Acho melhor atendê-la. Tentei dizer que você estava muito ocupado, mas ela insistiu em vê-lo de qualquer modo. Não consegui dissuadi-la. Você conhece sua esposa melhor do que qualquer um. Elvira é muito decidida; quando coloca alguma coisa na cabeça, ninguém tira. Às vezes, nem mesmo você!

-Pois vá até lá e diga que estou ocupado -se quiser, que espere.

Ferdinando transmitiu o recado. Entretanto, não convenceu Elvira a ir embora. Ela insistiu:

-Eu espero o tempo que for necessário. Uma hora ele terá de sair de lá para comer, ir ao banheiro... Não é possível que passe todo o tempo dentro da sala de testes...

- Ernesto está muito envolvido com sua pesquisa. Tem certeza de que em breve encontrará a chave que abrirá os conhecimentos para derrotar a morte.

-Você sabe que isso é impossível!

-Não, eu não sei. Se ele foi capaz de clonar com sucesso um ser humano, quem sabe do que mais aquela mente brilhante é capaz? E não sou só eu que aposto em Ernesto. Os acionistas da indústria farmacêutica que controla a fundação estão investindo milhões, talvez bilhões, nessas experiências. Eles também acreditam.

- E quanto vão lucrar com o remédio que acabará com a morte? Ora, você bem sabe como são esses homens de negócios: insensíveis e ambiciosos. Só pensam no dinheiro e mais nada. Não pode ser assim, Ferdinando. E a ética?

- Que ética, Elvira? As pessoas estão morrendo e querem deixar de morrer. Você imagina um produto que venda mais do que este? Se Ernesto conseguir seu intento, será o homem mais poderoso do mundo. Todos se curvarão diante dele.

- Os donos do negócio, sim, é que serão ainda mais poderosos.

- E o que você acha que Ernesto é?

Elvira espantou-se com a pergunta. Refletiu por alguns instantes, tentando entender a que Ferdinando se referia; depois respondeu:

- Um médico, cientista e pesquisador. Ferdinando sorriu, irônico:

- Vejo que desconhece seu marido, minha prima. Ligeiramente impaciente com as sucessivas ironias do rapaz, ela indagou:

-Se você o conhece tanto assim, o que sabe mais do que eu?

- Ernesto tornou-se importante acionista da indústria que controla a fundação.

- Como assim? E onde ele arranjou dinheiro?

-Minha ingênua priminha, Ernesto associou-se ao negócio autorizando a utilização de todos os resultados de cada etapa das pesquisas, como bem quiserem os demais investidores.

Ela empalideceu e silenciou. Ferdinando esperou por uma resposta, mas Elvira se calou. Recostou-se no confortável sofá da sala do marido e, depois de longa pausa, reafirmou:

- Vou ficar até que ele retorne. Uma hora isso tem de acontecer.

Satisfeito com o que causara, Ferdinando saiu.

Elvira aguardou horas, sentada ou andando de um lado para outro da sala. Foi várias vezes até o corredor, sem ver sinal de Ernesto. Por fim, adormeceu no sofá. Nem percebeu por quanto tempo dormiu. Despertou ouvindo vozes no corredor, vozes que sussurravam:

-Traga-me mais esta, vou precisar.

-Ela está no quinto mês de gestação, é perigoso.

-Não se preocupe, Ernesto sabe o que está fazendo. Já fez isso antes. Ela não quer a criança, quer?

-São gêmeos.

—Tanto melhor. Assim ganhamos tempo.

-Insisto que é arriscado; vamos esperar que chegue outra no começo da gestação.

-Nem pensar. Precisamos de material para continuar os testes.

—Está bem, mas a responsabilidade é toda sua.

- E nossa. Não adianta esquivar-se, pois é responsável também.

Elvira conhecia uma daquelas vozes, mesmo sussurrada: era Ferdinando. Ao notar que vinham em sua direção, desesperou-se. Não podia deixá-los saber que ouvira tudo. Ainda que totalmente atordoada com o que acabara de escutar, ela tentava pensar e pedia baixinho:

—Meu Deus, por favor, me ajude. Não permita que me descubram aqui, por favor, me ajude.

Agachou-se atrás do sofá e ficou imóvel. Alguém tocou na maçaneta da porta, e já ia abri-la, quando Elvira viu sua bolsa em cima da mesa do marido. Num ímpeto, saltou por sobre o sofá e deitou-se, fingindo dormir. Rapidamente, enquanto Ferdinando acendia a luz da sala, fez alguns exercícios de relaxamento e controle mental que conhecia muito bem e num segundo atingiu um estado semelhante ao de sono profundo.

Ao acender a luz, Ferdinando viu a prima. Desconfiado, aproximou-se cauteloso, buscando sinais de que ela realmente adormecera. Ao chegar bem perto, convenceu-se de que dormia como um bebê. Pegou sua bolsa na mesa e vasculhou-a. Olhou o intercomunicador e verificou se havia feito ou recebido alguma ligação. Tudo estava tranqüilo. Elvira devia estar dormindo há muito tempo, pensou ele; afinal, já era quase manhã.

Sentou-se perto da prima e sacudiu-a sem dó:

- Elvira, acorde, acorde! Vá dormir em casa!

Elvira fez que despertava lentamente e sentou-se. Ele então a levantou, colocou a bolsa em seus braços e disse:

- Vamos, tem de ir para casa. Ernesto não volta tão cedo para esta sala. Está atolado em afazeres e vai passar o resto do dia trabalhando.

E, puxando a prima pelo braço, finalizou:

-Meu motorista vai levá-la para casa.

—Mas, meu carro...

-Ele leva mais tarde para você.

Elvira acatou e entrou no elevador. As portas estavam se fechando, quando Ferdinando as segurou e disse:

- Não venha mais ao centro de pesquisas, Elvira. Agora Ernesto é um homem importante demais para ficar perdendo tempo com uma mulher que não o apoia. Se mudar de idéia quanto às experiências, me avise; caso contrário, deixe-o trabalhar em paz.

Ele soltou as portas, que se fecharam, barulhentas. Enquanto o elevador descia, Elvira sentia todo o corpo tremer. No entanto, dominou-se, ciente de que o prédio era controlado por circuito interno de televisão.

O retorno para casa foi longo e doloroso. Somente quando o motorista do primo sumiu na esquina foi que ela, entrando em casa, se entregou a sentido pranto, aliviando a dor que a sufocava.

CAPÍTULO 3

Elvira entrou em casa e, mal podendo andar, foi direto para seu quarto. Fechou a porta atrás de si e sentou-se na cama, tentando colocar alguma ordem na mente agitada. Ficou quieta por alguns instantes, depois se levantou, foi até a janela e observou o novo dia que raiava. No horizonte a gigantesca Capela despontava radiante, acompanhada por outra estrela menor, orbitando ao seu redor. Elvira, então, respirou fundo e ergueu os olhos ao firmamento, suplicando:

- Deus misericordioso e cheio de bondade, agradeço a beleza deste dia que começa, e lembra ao meu coração que a sua generosidade também se renova a cada instante. Sei que posso contar sempre com o seu amparo e a sua luz, Criador de amor; por isso rogo neste momento que venha em meu auxílio. Ampare meu querido Ernesto, Pai eterno, ajude-o Senhor da vida, tenha misericórdia, Senhor!

Sua voz sumiu, cortada pela angústia e pela dor. Nesse momento, suave melodia se fez ouvir no quarto da bela mulher, enquanto intensa luz tomava

conta do cômodo confortável. Uma figura iluminada se fez visível; envolvendo Elvira com emanções de amor e paz, falou:

- Não se angustie tanto, irmã. De que adiantará ficar assim desesperada? Acha que poderá auxiliar Ernesto nessas condições?

Elvira, sem tirar os olhos da luminosa figura, chorou por alguns instantes. Depois, cercada pela energia restauradora daquele ser que a visitava, acalmou-se e, refeita, agradeceu:

- Obrigada pelo seu socorro, querido amigo. O que seria de mim sem a sua companhia constante?

- Sabe que trabalhamos juntos, Elvira, e que igualmente tenho por você elevado apreço. Agora peço que se mantenha serena; de nada adiantará alimentar o desespero.

- Tem toda a razão, meu bom Jonefá. É que fiquei tão chocada com o que ouvi naquele laboratório... Não esperava que Ernesto estivesse envolvido desse modo...

- Tem *certeza*, Elvira? Acho que bem no fundo você sabia. O que realmente queria era confirmar...

Ela assentiu:

- Acho que tem razão. Eu tenho esse pressentimento, esse medo a me rondar como uma sombra escura. Sinto que a cada dia Ernesto se distancia mais do bem e da luz; e isso há muito tempo.

- Você está consciente de que fez tudo ao seu alcance para ajudá-lo?

- Sim, porém não foi o bastante. Não consegui inspirá-lo como deveria...

- Apazigúe seu coração, minha irmã. Ernesto teve oportunidades abundantes na presente existência. Tudo foi cuidadosamente preparado: sua mente brilhante foi contida pela pobreza e pelas dificuldades; a aspereza da infância e da adolescência associou-se à sua lucidez mental e à sua sensibilidade para fazer com que ele dobrasse um pouco seu tremendo orgulho. Depois, a paixão por você e o casamento ainda muito jovem vieram protegê-lo de outros tantos enganos... Sua companhia dedicada e amorosa o preservou até onde foi possível, bem como a chegada dos filhos, espíritos tão queridos. Vocês todos reunidos o envolveram em afeto e carinho, para tocá-lo nas fibras mais profundas e ajudá-lo a reconhecer o que de fato tem valor. Mas nem com todo o esforço que você e seus filhos empreenderam, aliado à dedicação de nossas equipes espirituais, foi possível afastá-lo daquilo que tem dentro de si; Ernesto só poderá vencer o orgulho que o ofusca, experiência

após experiência, se efetivamente abrir a alma a Deus e se render à sua grandeza e ao seu amor. Enquanto não se reconhecer como criatura limitada, dependente do Criador, ele viverá iludido e emaranhado em suas mentiras interiores, em suas ilusões, dando abertura para que sua inteligência impressionante o afunde ainda mais no lodo do orgulho e da prática do mal.

E ajoelhando-se respeitoso diante de Elvira, que sentada à beira da cama o ouvia em atento silêncio, o amigo espiritual prosseguiu:

-Receio que pouco se poderá fazer por ele agora, Elvira. Os pesados compromissos que está assumindo com seus atos nefastos extinguíram de vez a luz que ainda restava acesa em sua consciência. Ernesto mergulhou nas trevas do próprio coração. É noite escura para nosso amigo e melhor será que abandone o corpo físico o mais breve possível, para que cesse o mal que tem causado a tantos espíritos que tentam regressar ao nosso mundo.

Elvira balançou a cabeça, concordando com o amigo. E levando as duas mãos ao rosto, em longo suspiro, perguntou:

-Quanto tempo ele terá?

- Muito pouco, Elvira. Terá de deixar o corpo imediatamente.

- Ainda hoje?

-Será o melhor. Ele não pode realizar o aborto que planeja fazer esta noite. As almas que ameaça deter precisam regressar ao orbe; são espíritos de luz que chegam ao lar difícil para ajudar antiga companheira. Ernesto não pode interromper aquela gestação.

- Eu compreendo. Gostaria de estar presente...

- Poupe-se, minha irmã. Ore por ele aqui mesmo, durante o dia de hoje. Sustente-o com seu amor, como sempre fez.

-E o que será dele depois? Quando poderei reencontrá-lo? Jonefá, amoroso, disse:

- Muitos lhe agradecem alegres pelo trabalho que vem realizando, Elvira. Você tem servido ao bem com devotamento e abnegação... Gostaria de poder ajudá-la mais com Ernesto; todavia, nada se pode fazer sem que ele queira.

- Eu sei, Jonefá. Sei quanto auxílio ele tem recebido e as muitas oportunidades que tem desperdiçado. Muito me empenhei em ajudá-lo, mas também meus esforços foram em vão... Ernesto terá de recomeçar e sabe-se lá em que condições...

Jonefá fitou Elvira com extremado e paternal carinho e afirmou:

- Deus jamais nos abandona. Um dia, Ernesto haverá de compreender a grandeza e o amor de Deus e retornará aos braços do Criador.

O gigantesco sol que iluminava o orbe brilhava então com toda a intensidade e Jonefá despediu-se:

-Preciso partir.

Elvira, apesar do coração magoado pela dolorosa situação do companheiro, sorriu e agradeceu:

-Uma vez mais, Jonefá, obrigada pelo socorro e pelo amparo tão amorosos.

Jonefá desapareceu de sua vista e ela, resignada, permaneceu em oração pelo marido que tanto amava.

Enquanto isso, no laboratório da fundação, Ernesto se preparava para dar seqüência a suas atividades criminosas. Ao ver o sol se erguendo imponente no horizonte, resolveu subir até a cobertura do prédio para contemplar o belo dia que surgia. Antes, porém, procurou por Ferdinando e pediu que providenciasse um refresco e frutas. O assistente trouxe pessoalmente a bandeja:

- Aqui está, Ernesto. Não seria bom você descansar um pouco, para depois seguirmos com a agenda de hoje? Parece cansado.

- Não quero parar agora, Ferdinando. Sinto que algo está prestes a acontecer e quero que aconteça logo!

Ferdinando sorriu discretamente e disse, ao fechar a porta atrás de si:

-Você é quem sabe, Ernesto. Se precisar de mim, estarei por perto.

Ernesto tomou a bandeja nas mãos e subiu. Acomodou-se no conforto do espaçoso sofá que ficava no centro da cobertura e, concentrando-se no grande e pesado teto de vidro, abriu-o usando apenas o pensamento. O frescor da manhã dominou seu rosto e seu corpo, dando-lhe uma sensação de satisfação e bem-estar. Naquele momento, sentia-se imensamente poderoso. Sorveu o suco devagar e saboreou as frutas, uma a uma, enquanto planejava os próximos passos que deveria dar para atingir o sucesso com seus experimentos.

Ainda estava longe da resposta que desejava, mas sabia que poderia obtê-la; afinal, já alcançara tantos outros sucessos... A uma ordem de sua mente, os objetos se movimentavam até onde ele desejasse. Sua força mental era enorme, e ele praticara sem cessar. Agora, com os conhecimentos que ad-

quirira, não só em relação à medicina, como também à manipulação da energia, Ernesto se dedicava arduamente a desvendar os mistérios da energia condensada; sabia que por esse caminho haveria de descobrir o princípio da vida e, então, poderia controlá-la, como fazia com os objetos, e mesmo com as pessoas de mente um pouco mais fraca, através da telepatia. Nada o deteria; seu poder seria ilimitado. Seus conhecimentos eram vastíssimos e ele se orgulhava deles. Dedicara anos a fio a estudar, a experimentar o que aprendia e a usar a intuição na consecução de seus objetivos. Estava satisfeito com o andamento de seus projetos. Entretanto, bem no fundo, algo o incomodava, sem que se desse conta.

Ao observar a imensidão do armamento, ele pensou em Elvira. Forte aperto no peito o assaltou. Levantou-se enérgico e expulsou do pensamento a delicada figura da esposa, dizendo em voz alta:

- Não é hora para sentimentalismos!

Ao levantar-se, porém, sentiu intensa dor, agora no peito e na cabeça. De súbito, violenta tontura o fez sentar-se de novo na poltrona. Ernesto não compreendia o que se passava. Nunca sentira aquele mal-estar. Lutou para se levantar, mas não teve forças e permaneceu sentado, quase deitado, com o rosto voltado para o céu.

O sol vibrante banhava-lhe a face e ele mal podia mover-se. Apenas respirava, e com dificuldade. Queria gritar, mas não conseguia. Esforçava-se para se levantar, e o corpo o desobedecia. Num impulso inimaginável, procurou dominar o pavor que sentia, diante de situação tão inesperada, e acalmar-se para raciocinar e compreender o que estava ocorrendo. Tampouco a mente o obedecia. Ele, então, pensou em Ferdinando, desejando chamá-lo.

Decorridos alguns instantes, notou que algo encobria o sol, sombreando seu rosto. Percebeu que a sombra se aproximava, e viu que era Ferdinando. Num supremo esforço, tentou comunicar-se mentalmente com o assessor:

-Ferdinando, ajude-me. Algo está acontecendo. Não consigo me mover, tenho uma dor intensa no peito e...

- Na cabeça. - completou Ferdinando, aproximando-se mais de Ernesto
- Eu sei, o veneno causa essa sensação. E também a morte lenta e dolorosa.

Ernesto arregalou os olhos, apavorado, e continuou a comunicar-se mentalmente com Ferdinando:

-Do que está falando?

Sentando-se no espaçoso sofá, bem ao lado do cientista, o assistente prosseguiu:

- Poupe suas derradeiras energias. Não há nada que possa fazer. O veneno bloqueia sua capacidade mental e energética; não adianta tentar comunicar-se com ninguém, nem mesmo com Elvira - aliás, principalmente com Elvira. Sinto-lhe a presença aqui hoje, claramente, mas ela não poderá mais interferir nos acontecimentos... Interessante...

Ernesto não conseguia articular sequer um pensamento completo. A dor aumentava, dominando seu corpo inteiro. Incapaz de pensar, ele olhava Ferdinando, estupefato. E este confessou:

- Há muito venho planejando livrar-me de você. Só precisava que confiasse em mim o suficiente para me transmitir todos os seus conhecimentos. Agora que já tenho acesso a quase tudo, não preciso mais de você. Vou terminar suas pesquisas, obter o resultado e receber todos os louros, que de fato mereço. Se não fosse por mim, você jamais teria realizado a clonagem, muito menos chegado até aqui. O serviço sujo quer que eu faça, e os resultados ficam sempre exclusivamente com você -ou melhor, ficavam.

Usando a força da mente em Ernesto, o assessor o fez erguer-se lentamente no ar e voitar até alcançar o parapeito do prédio. Então, ergueu-se do sofá e, mantendo a concentração inalterada, caminhou lentamente até onde estava o médico e disse:

- Eu assumo daqui por diante. Adeus, Ernesto.

Foi sem nenhuma resistência que Ferdinando empurrou o corpo imobilizado de Ernesto prédio abaixo.

CAPÍTULO 4

Elvira ainda estava em seu quarto, meditando e orando, quando Henrique bateu à porta:

- Mãe, venha depressa.

Embora totalmente preparada, Elvira sentiu sumir-lhe o sangue do corpo. Seu coração batia descompassado; suas mãos suavam e sua boca estava seca. Mesmo assim, levantou-se devagar e atendeu ao chamado:

- O que foi, meu filho?

- E da fundação. Pediram que fosse depressa até lá. Parece que algo muito sério ocorreu com papai.

- Acalme-se, meu filho. Lembremos que a Providência Divina jamais nos desampara.

- Por que está falando assim? Sabe de alguma coisa? Elvira o olhou fixamente e não respondeu. O jovem, que conhecia bem a mãe, disse entristecido:

- Você já sabe o que está acontecendo, não é? Foi avisada, mãe?

- Hoje pela manhã.

- E o que houve com ele?

- Tenha fé em Deus, Henrique. Ele nunca nos abandona.

Mesmo quando o momento é difícil, de dor, de sofrimento, continua querendo o melhor para nós. Você sabe disso, não é? Precisamos estar confiantes e unidos, mais do que nunca, filho. Seus irmãos ainda não têm capacidade de compreender como você e precisarão de nosso apoio.

Henrique fitou a mãe, preocupado, e uma vez mais questionou:

- Mas, afinal, qual é o problema?

- Não sei maiores detalhes, filho. Apenas fui informada de que seu pai teria de deixar a encarnação prematuramente, por não ser mais possível sua permanência no corpo denso. Suas escolhas estão prejudicando muitas vidas e a espiritualidade superior não teve alternativa, senão permitir que se encerrassem esta oportunidade a ele concedida.

Henrique suspirou, desolado:

- Que tristeza, mãe! Sabemos o quanto ele pediu para voltar, o quanto prometeu que se esforçaria para acertar desta vez. Quanto tempo foi preciso para que todos nós pudéssemos estar juntos de novo!... Especialmente você, mãe.

Elvira o encarou com doçura e disse:

- Deus respeita nossas escolhas, filho; embora tudo tenha limite, quando estas vão contra as suas leis perfeitas. Seu pai falhou, porém terá nova oportunidade...

- Sabe-se lá quando...

- Vamos acreditar, Henrique, confiemos em Deus. Nesse instante, Felipe, o filho mais velho, bateu à porta desesperado:

- Mãe, venha depressa! Aconteceu uma desgraça! O papai, ele...

Imediatamente Elvira abriu a porta e abraçou o filho, que tremia:

- Uma desgraça, mãe! Ele morreu!

Elvira continuou enlaçada ao filho, enquanto pesadas lágrimas lhe desciam pela face. Henrique abraçou-se aos dois e chorou com eles. Assim permaneceram longo tempo, até que todos se acalmassem. Então, Elvira limpou os olhos úmidos e vermelhos e pediu:

- Fique aqui, Felipe, e espere pelo seu irmão, que em breve chegará. Ainda é muito pequeno e precisa que cuide dele...

Felipe não deixou a mãe terminar:

- Não, quero ir com você. Quero ver meu pai... Elvira segurou carinhosamente a face do filho ao dizer:

- Seu pai já não está conosco. O que se pode ver é apenas a vestimenta física, material, que ele usou no tempo que esteve entre nós. Seu pai está agora em outra dimensão, iniciando uma nova fase em sua existência... Não há nada para você ver. Fique aqui.

- Só se o Henrique ficar também.

Elvira olhou suplicante para Henrique, que perguntou: -Pode mesmo ir sozinha, mãe? Vai ficar bem? Eu posso ficar com o Felipe e o Lucas, mas seria bom se você fosse com alguém...

- Eu não estarei sozinha, pode ficar tranqüilo. Enquanto conversava com os filhos, Elvira viu a figura amiga de Jonefá, que se mantinha a certa distância, respeitosa.

Henrique assentiu com a cabeça, entendendo que a mãe estava em companhia espiritual que a ampararia naquela hora.

Elvira saiu depressa. Assim que chegou ao prédio do centro de pesquisas, teve de enfrentar o assédio dos repórteres que se aglomeravam atrás de um cordão de isolamento. Ela se identificou e conseguiu andar até onde estavam alguns funcionários da instituição, junto com policiais e investigadores. Um dos funcionários logo a identificou:

-Elvira, eu sinto muito. Estamos todos comovidos. Sabíamos que doutor Ernesto estava sob forte pressão, mas jamais poderíamos imaginar que fosse capaz de fazer algo assim...

- E o que houve, Marcelo?

- Ainda não sabe, Elvira?

- Só sei que ele está morto.

- Não sabe como aconteceu?

- Por favor, conte-me. Como foi?

- Doutor Ernesto atirou-se da cobertura do prédio; ele se suicidou.

Elvira sentiu as pernas fraquejarem. Confiava profundamente em Deus, mas aquela notícia a tomara de assalto.

- Tem certeza, Marcelo? Como sabe?

- Ele estava sozinho na cobertura; as câmaras de segurança não registraram mais ninguém subindo.

- Não poderia ter sido um acidente? Será que ele não se distraiu, pensando em suas experiências, e caiu?

- Tudo indica que não, Elvira. Sei que é muito difícil aceitar... Especialmente de alguém tão confiante e seguro como doutor Ernesto.

- Por isso mesmo, Marcelo. Não posso imaginar Ernesto, empolgado como estava com seus experimentos, dando fim à vida, quanto se sentia tão perto de concretizar seus planos...

- É mesmo sem sentido, mas foi o que disseram os primeiros policiais.

Elvira despediu-se e foi à procura do investigador responsável.

- Seu marido foi levado ao hospital.

- Vão fazer autópsia?

- Vai ser difícil, senhora. Estão tentando.

- Qual a provável causa?

- Ainda não sabemos; mas presumimos ser suicídio.

- Não é possível! Tenho certeza de que isso não aconteceu!

- Seu depoimento será importante para nós; logo que estiver mais calma, poderemos conversar - concluiu o investigador, atendendo ao chamado de alguns colegas que o requisitavam.

Elvira afastou-se do aglomerado e foi para o hospital. No caminho meditava e conversava mentalmente com seu amigo e protetor, que insistia em dizer-lhe:

- Fique tranqüila, Elvira. Esse crime ele não cometeu.

Os dias que se seguiram foram de intensa dor para Elvira e seus familiares. Todos suportaram interrogatórios intermináveis, em meio ao doloroso sepultamento do chefe da família. Elvira era assediada por amigos, curiosos, parentes e admiradores do marido, que queriam detalhes sobre o falecimento e as investigações. Sentia-se atordoada e cansada. Em meio a tamanho tumulto, tinha pouco tempo para estar consigo própria e refletir sobre o ocor-

rindo - e, principalmente, para orar pelo marido. Isso era o que mais a entristecia.

Enfim, depois de algumas semanas, o ambiente começou a se acalmar e no final do segundo mês Elvira experimentou relativo alívio. Após refazer-se física, emocional e espiritualmente, passou a pedir a Deus pelo companheiro, a quem amava com desvelo. Sabia que sua situação no mundo espiritual seria difícil e queria ajudar em tudo o que lhe fosse possível.

Em uma noite calma, seu fiel amigo espiritual Jonefá veio falar-lhe, durante o sono. Desprendida do corpo físico, recebeu-o ansiosa:

- Meu amigo, como é bom vê-lo! Tem notícias de Ernesto? Preciso muito estar com ele!

O amigo, contudo, estava sério.

- Não creio ser este o melhor momento para vê-lo, Elvira. Ele não passa bem e você ainda está abalada. Descanse, serene seu coração e, em ocasião oportuna, poderá encontrá-lo.

- Esteve com ele?

- Eu o vi.

- Onde ele está?

-No momento certo saberá, Elvira. Agora descanse. Seus filhos precisam muito de você.

Impondo as mãos sobre o corpo físico de Elvira, que permanecia igualmente inquieto na cama, Jonefá procurou auxiliar a amiga a refazer-se. Em alguns instantes, ela dormia profunda e mansamente.

CAPÍTULO 5

Enquanto dormia, Ferdinando debatia-se, agitado: -Vá embora! Livre-me de você, o que ainda faz aqui? Suma, vamos!

De um salto, sentou-se na cama, apavorado. Tomando consciência de que acabava de acordar e pensando que tivera um pesadelo terrível, levantou-se e caminhou até a janela. Entreabriu a elegante cortina e observou a cidade a seus pés. Poucos eram os transeuntes e veículos que se moviam. Tudo estava calmo.

A cidade era de uma beleza estonteante. Apesar dos recursos tecnológicos de que dispunha - permitindo, por exemplo, que os veículos se movessem sem tocar o solo e alcançarem rapidamente o destino desejado -, a movimentação era organizada e sincronizada. Os condutores educados e cuidadosos dirigiam sempre com muita gentileza e cortesia, ao menos na grande maioria. O combustível utilizado era a energia solar armazenada, o que garantia que o ar se mantivesse limpo e puro. As ruas eram bem cuidadas, limpas e arborizadas. Tudo evidenciava as transformações que se vinham acentuando naquele belo e rico mundo.

Ferdinando respirou longamente, sentindo o aroma delicado no ar da madrugada. Depois, voltou a se deitar e disse a si mesmo, como para se convencer:

- Preciso descansar. Foi só um pesadelo. Se bem que se repita quase toda noite, é apenas um sonho.

Quando se deitava, procurando a melhor posição no travesseiro, alguém o espreitava, atento:

- Pode tentar se enganar quanto quiser, meu caro, mas não vou deixá-lo em paz até acabar com sua vida! Confiei em você, Ferdinando; confiei-lhe meus mais preciosos segredos e você, o que fez? Destruiu-me. Eu estava tão perto... Mas você me paga! Vai se ver comigo. Não sossego enquanto não o destruir também.

Ferdinando se remexia na cama, sem conciliar o sono. Embora não escutasse Ernesto, que em espírito estava agarrado fortemente ao seu pescoço, registrava-lhe as palavras, pois não conseguia relaxar. Virava-se de um lado para o outro, inquieto, sentindo faltar-lhe o ar.

Noite após noite, Ferdinando rolava na cama, buscando em vão o repouso. Quando chegava a adormecer, dava com a figura raivosa de Ernesto, tentando enforcá-lo, sem que ele nada pudesse fazer. Acordava então sobressaltado, angustiado, e o medo o impedia de voltar a dormir.

Naquela manhã, no laboratório, Ferdinando mal conservava os olhos abertos. Estava exausto, sem forças para prosseguir os experimentos. A pressão dos acionistas por algum progresso era constante e Ferdinando não podia mais sequer raciocinar. Ele sabia que havia algo errado; aqueles sonhos eram muito reais. Mesmo assim, insistia em não pensar naquilo e concentrar-se no trabalho a fazer.

Tão logo souberam da morte de Ernesto, o presidente e os acionistas da indústria farmacêutica controladora da fundação se preocuparam em encontrar um sucessor para o renomado cientista. Ferdinando, rapidamente, tratou de assegurar-lhes que possuía todas as informações e os planos que Ernesto estava desenvolvendo - como seu assessor direto, tinha acesso a tudo, quase ao que ia na mente do grande médico e cientista. Não foi difícil convencê-los e sem demora ocupou o lugar que pertencera a Ernesto. O rapaz, ambicioso e audacioso, havia premeditado tudo com muito cuidado.

Relembrando os esforços que empreendera para chegar até aquela posição, Ferdinando deu um soco na mesa e gritou como se falasse diretamente com Ernesto:

- Nada vai me impedir de obter meus intentos! Nada! Não importa que eu não durma pelo resto da vida. Vou conseguir tudo o que desejo. Tudo!

Cerrando o punho, ia socar novamente a mesa, quando o telefone tocou. O rapaz atendeu, e do outro lado da linha o telefone estava mudo. A cena se repetiu por cinco vezes, até que Ferdinando ignorou o toque e se levantou irritado. Andou de um lado para outro na sala, cada vez mais enervado com aquele som que não cessava. Aproximou-se do aparelho, arrancou-o com toda a força e o lançou à parede, despedaçando-o. Em seguida foi seu intercomunicador que começou a chamar sem parar. Não encontrando ninguém na linha, ele desligou. O toque recomeçou. De novo ele atendeu e foi então que escutou claramente a voz de Ernesto:

-Desta vez não vai conseguir livrar-se de mim!

Ferdinando atirou o aparelho na parede e saiu da sala, em desespero. Passou pela assistente como um furacão e, ao invés de tomar o elevador, desceu as escadas apavorado, gritando:

- Eu já me livrei de você, Ernesto! Desapareça! Vá embora! Gritava e descia as escadas cada vez mais depressa, como se visse nitidamente Ernesto correndo atrás dele. A assistente acompanhou, assustada, o comportamento do chefe. Há dias vinha estranhando as atitudes de Ferdinando, inclusive já havia comentado com vários colegas que ele parecia ter perdido o juízo. Ao constatar seu estado naquele dia, não teve dúvidas: ligou para o hospital psiquiátrico que mantinha convênio com a fundação e informou o que estava acontecendo.

Ao chegar no andar térreo, Ferdinando estava lívido e completamente sem fôlego. Sem forças, confuso e aturdido, sentou-se no meio do saguão principal do prédio e se pôs a chorar, bradando:

-Por favor, vá embora! Não me atormente mais! Por favor! Deixe-me em paz!

Não demorou muito e uma ambulância encostou à porta do prédio. Três homens trajando branco se dirigiram para Ferdinando, que já chorava como criança. Quando viu que se aproximavam, foi se arrastando pelo chão, encostado à parede, enquanto gritava:

- Não, por favor, afastem-se de mim! Não me toquem! Não! Não!

Incapaz de se controlar, teve de ser imobilizado e sedado pelos enfermeiros, sob a ordem do médico que os acompanhava. Foi levado ao hospital psiquiátrico e, após minucioso exame, considerado portador de distúrbio mental grave.

Imediatamente os responsáveis pela fundação iniciaram a busca de outro cientista que pudesse dar andamento às pesquisas; candidatos não faltavam e logo encontraram outro médico que se dispôs prazerosamente a prosseguir as análises de onde Ernesto e seu assistente haviam parado.

Passados alguns meses Ferdinando não falava nem andava mais, paralisado no leito, de onde nunca saiu, até ser encontrado pela enfermeira, sem respirar, com os olhos arregalados, como se o tivessem asfixiado.

Ao desprender-se do corpo físico, a dor de Ferdinando foi ainda maior. Em seus derradeiros instantes ele gritava:

- Pare, por favor! Não consigo respirar!

E o drama não cessou com o desenlace. Seu corpo espiritual continuava agarrado por Ernesto e ambos, perseguido e perseguidor, foram sugados para o espaço ao redor do orbe, arrastados para tenebrosa região de dor e sofrimento.

CAPÍTULO 6

E ira, não obstante recuperada por completo do momento fícil pelo qual passara, continuava extremamente preocupada com a situação espiritual de Ernesto. Ela conhecia bem a condição das almas que deixam o mundo sob o domínio do orgulho e do egoísmo e, sobretudo, longe de Deus.

Inabalável, intercedia por ele em oração, rogando ao Pai que o auxiliasse. Ao deitar-se, noite após noite, pedia ao bom amigo Jonefá que a conduzisse até onde estava o marido.

Naquela noite, Elvira se deitou e, entre lágrimas, suplicou a Deus que ajudasse Ernesto a reerguer-se da sombra onde provavelmente se encontrava. Jonefá, afável e amoroso, apareceu no quarto, dizendo:

- Minha querida irmã, precisa ter paciência e aguardar confiante a restauração espiritual de seu companheiro. Deus nos deu o livre arbítrio e infelizmente, por ora, Ernesto preferiu o caminho que o afastou do bem e da luz. Quanto a você, minha irmã, tem usado suas oportunidades para fazer o bem e acender a luz divina ao seu redor e dentro de seu coração. Por isso, não poderão estar juntos por enquanto.

- Eu desejo ajudá-lo, Jonefá. Não me peça para ficar longe dele. Sabe há quanto tempo o acompanho, encamação após encarnação.

- Sim, Elvira, eu sei. Contudo, vocês escolheram caminhos opostos, e para Ernesto o regresso levará muito tempo. Assim, vocês terão de ficar separados por um período.

- Mas ele precisa de mim...

Envolvendo-a carinhosamente em intensa luz, Jonefá prosseguiu:

- Prepare-se. Em breve virei buscá-la para um encontro que a ajudará a entender melhor o que estou falando.

- Vai me levar até ele?

- Nós vamos tentar.

Elvira olhou para o amigo e, intrigada, perguntou:

- Como "tentar"? Não sabe onde ele está? Sei que deve ser um lugar triste e sombrio, mas quantas vezes o acompanhei a tais ambientes, para resgatarmos irmãos em situação semelhante à do meu querido Ernesto?

-Acontece, Elvira, que agora é diferente. Estamos diante de um momento singular para o nosso mundo. O resgate não será mais tão simples...

Elvira, séria, silenciou por instantes. Depois questionou:

- Do que está falando, Jonefá?

-É chegado o momento de se consumir a transformação pela qual tanto temos ansiado. O orbe está se modificando e, em breve, será um mundo de regeneração, onde somente as almas mais conscientes e afeiçoadas ao bem poderão habitar.

Elvira encarou Jonefá enlevada. Seu rosto doce e meigo cintilava e dele emanavam luzes radiantes. De seu peito, luzes azuis e rosadas se expandiam ao infinito. Sua beleza espiritual era encantadora. Seus olhos brilhavam como estrelas no firmamento. Ela não conseguia falar. Sentia o coração pulsar num misto de júbilo e tristeza.

Jonefá tocou-lhe os cabelos ternamente e acrescentou:

- Sim, querida irmã, chegou a hora de se completar a mudança. Veremos por fim a violência dar lugar à paz; o ódio ser trocado pelo amor; o orgulho ceder vez à humildade; e o mal, enfraquecido, ser vencido pelo bem. É o triunfo de Deus nos corações dos homens de nosso mundo!

Elvira fitou Jonefá com emoção, sorrindo. Depois, como a se lembrar de algo, estremeceu e perguntou:

- E o que será de Ernesto, justamente agora? Sabíamos que seria sua última chance. O que vai acontecer com ele?

- Entendo sua angústia, minha irmã, e por isso obtive autorização para levá-la comigo a importante reunião no plano espiritual, para que possa compreender o destino de nosso irmão.

-E acha que verei Ernesto, nessa reunião?

- Elvira, não há como ter certeza. Mas insisto em que descanse e se prepare; é possível que encontremos Ernesto entre aqueles que irão participar desse encontro especial. Em breve virei buscá-la, durante o sono físico.

Movendo a cabeça em sinal afirmativo e sorrindo com doçura para Jonefá, ela concordou:

- Haveréi de estar pronta, com a graça de Deus, meu bom amigo.guardo-o com o coração preparado.

CAPÍTULO 7

A vida fluía com toda a intensidade naquele orbe admirável, cujas belezas o colocavam entre os mais lindos do Universo. A movimentação era grande nas ruas e nos prédios; homens e mulheres iam e vinham; jovens e crianças se dedicavam com alegria às suas atividades.

A humanidade estava otimista. Nunca antes um governo mundial tivera tanta confiança e credibilidade por parte das populações. Pela primeira vez na história, os povos tinham um só governo para todos os países. As barreiras entre as diferentes nações haviam caído e uma ampla coalizão política fora capaz de eleger, num esforço gigantesco, um governo único. Havia os que resistiam; muitos interesses se opunham a esse avanço. Não obstante, com o crescimento econômico unindo as nações, derrubando taxas e impostos entre os povos, a economia global se consolidara e de tal modo se fortalecera igualmente seu órgão representativo (constituído de enviados de todos os países) que fora possível convencer a coletividade a eleger um governo centralizado.

As populações estavam cansadas da violência e das guerras sucessivas; famílias incontáveis haviam sido dizimadas e as pessoas ansiavam por alguém em quem pudessem confiar; esperavam por uma transformação; desejavam como nunca antes que houvesse paz, finalmente, entre todos os homens.

O governo único se iniciara há alguns anos e os resultados se faziam notar em toda parte: o mundo, outrora à beira da destruição em consequência do contínuo desrespeito e das agressões sofridas por seus habitantes, atravessava uma fase de harmonia e restauração, ainda que lenta e gradual, de suas reservas naturais. Nenhuma árvore fora derrubada nos últimos anos, nenhuma sequer. E novas reservas florestais vinham sendo cultivadas, dia após dia. Eram grupos enormes de jovens, estudantes, que deixavam as salas de aula e iam às áreas completamente destruídas para, sob a orientação de técnicos agrônomos, começar o reflorestamento das extensões devastadas. A princípio, muitos acharam que os esforços seriam em vão - nada mais poderia ser feito para salvar o mundo. Muitos acreditavam mesmo que a destrui-

ção total era inevitável. No entanto, passados alguns anos, eles viam reflorir a esperança, nos grandes parques que se formavam em toda parte. As árvores nativas de cada região eram semeadas e, com a vegetação pouco a pouco recuperada, ia também ressurgindo a fauna original.

Nas cidades, abandonadas e empobrecidas, destituídas de beleza, a mudança fora ainda mais radical: o governo vinha atuando diretamente na educação da população e já o próprio povo, consciente e esperançoso, buscava alternativas para melhorar os centros urbanos. Grandes mutirões se realizavam com frequência, entregues à tarefa de elevar a qualidade de vida nas regiões mais pobres das cidades. A população, outrora esmagada pela desesperança, pela pobreza e pela fome, agora respirava aliviada, cheia de otimismo e confiança.

Investimentos constantes em pesquisas, com resultados bem direcionados, traziam avanço tecnológico para todas as áreas. O orbe experimentava um progresso jamais visto em todos os seus setores de atividades. Os interesses pessoais, aos poucos, cediam lugar ao bem comum, graças à consciência reta e ao amor, que prevalecia invariavelmente, inclusive nas almas daqueles que governavam. O respeito ao próximo e a Deus era assunto rotineiro nas reuniões políticas.

Entretanto, havia os que ainda se opunham duramente, ignorando ou mesmo rejeitando os resultados que se vinham obtendo; viam, mas não queriam aceitar que aos poucos brotava uma nova civilização. Não cediam às evidências, contrariados em seus interesses particulares.

Dentre esses grupos que se opunham ao progresso, havia um em especial, constituído de importantes figuras sociais e políticas: eram homens de negócios, que viam seus lucros diminuírem por conta da mudança de hábitos das populações. Dentre eles, muitos também tinham forte influência junto a membros do governo único.

Esse pequeno mas poderoso grupo se reunia tentando, sucessivamente, diversas ações para desestabilizar o governo e tomar o poder nas próprias mãos. Eles estavam adotando estratégias cada vez mais agressivas e naquela tarde, discutiam, ardorosos, como haveriam de proceder com relação às últimas propostas do governo.

Marcelo, um dos mais poderosos, dizia:

- Não concordo em absoluto! Temos de tomar providências. Se deixarmos que continuem, perderemos de vez o controle.

- Que se há de fazer, Marcelo? Eles agora são maioria! - redargüiu Felício, dividido entre o bem-estar que constatava no povo e os interesses de seus amigos, que vinham sendo afetados.

- Que nada! Um bando de frouxos, isso é o que eles são. Tão ingênuos...

Nesse ponto Maurício interveio, convicto:

- Olhe, Felício, se não tomarmos atitude agora, ficará cada vez mais difícil. Tenho conexões no mundo inteiro, com aqueles que continuam insatisfeitos com o rumo que as coisas estão tomando.

- Temos apoio em todo lugar. É só mover um dedo (e muito dinheiro) e poderemos insuflar metade da população do globo contra o governo. - desta vez foi Rodolfo quem tomou a palavra.

Felício argumentou, receoso:

- Porém não poderemos saber quais as conseqüências dessa nossa atitude... Parece que as coisas estão indo realmente bem.

- Felício, você sempre esteve do nosso lado; mas, se ainda tem dúvida, por que não tira umas férias? Não tem de participar, se não quiser.

O homem de seus cinquenta anos calou-se, pensativo. A reunião já durava horas quando Marcelo sugeriu aos participantes, que somavam mais de meia centena:

- Vamos dominar um dos submarinos nucleares e ameaçar explodi-lo. O pânico será geral e ficará muito fácil tomarmos o poder, com o apoio de todas as facções que se opõem ao governo atual.

A sala explodiu em discussões. Todos falavam ao mesmo tempo, uns mais receosos do que outros. Marcelo pediu:

- Senhores, vamos manter a ordem. As manifestações devem ser enviadas ao nosso telão; caso contrário não conseguiremos chegar a um consenso.

Perguntas e sugestões se somavam. Depois de muitas horas de acalorada discussão, finalmente a maioria concordou: tomariam o controle de um dos submarinos nucleares mais potentes do mundo. Essa seria a mensagem direta ao governo de que ele não tinha o poder absoluto - eles, sim passariam a ter.

Era uma medida drástica. Outras menores já haviam sido tentadas, sem êxito. Atos terroristas tinham sido incentivados em diversas partes do globo, mas o povo contribuía, os casos eram solucionados e os executantes dos crimes, quase sempre presos, estavam começando a delatar a procedência das ordens.

Marcelo representava grande número de interessados em refrear a qualquer custo o progresso que se via de forma generalizada. Eles simplesmente não queriam viver sem o controle que sempre haviam detido. Sentiam-se ameaçados pela força que a população global vinha demonstrando e tudo fariam para que o progresso fosse impedido.

Algumas semanas se passaram. Aquele dia amanheceu com frescor incomparável e Felício - que depois da conturbada reunião decidira afastar-se temporariamente de suas atividades - olhava pela janela o tráfego das crianças indo para a escola. Sentia-se profundamente incomodado naquela manhã. Observava tudo e pensava em como as coisas haviam chegado àquele ponto, quando a esposa chegou, pálida e ofegante, quase sem conseguir falar:

- Venha ver... Felício! É uma... catástrofe de dimensões incomparáveis!
- O que aconteceu, Melissa? -Ligue a televisão.

Felício empalideceu também. Lembrou-se de que aquele deveria ser o dia da ação que seu grupo planejava. Ligou a televisão, que noticiava em todos os canais:

"A poeira radiativa alcançará algumas cidades. Aqueles que têm abrigo nuclear devem buscá-lo imediatamente".

Felício passou de um canal a outro, atrás de mais informações:

"O mais poderoso submarino nuclear afundou e em seguida explodiu, gerando onda gigantesca que encobriu grande parte dos continentes Houve destruição maciça. Segundo informações colhidas com diversas áreas de controle e operações, tudo indica ter sido uma ação terrorista sem precedentes".

Sem esboçar reação, completamente atônito, Felício olhava para a mulher, que chorava desesperada.

Naquela mesma hora, longe dali, Elvira igualmente assistia ao noticiário, incrédula, junto dos filhos, que assustados perguntavam:

- E agora? O que vai acontecer? Vai morrer muita gente? Henrique questionou:

- Como é que pode ser isso? Esse submarino era de segurança máxima, utilizado apenas para pesquisa em águas profundas...

Elvira respirou fundo e respondeu:

-Eu não sei o que dizer, meu filho. Agora que nosso mundo parecia definitivamente melhor, vemos esse desastre monstruoso... Não sei, Henrique, não sei mesmo o que dizer...

- Por que Deus permitiu uma coisa dessas, mãe? - questionou Lucas, o filho mais novo.

Elvira fitou o jovem e explicou:

-Meu filho, Deus nunca quer o mal, somente o bem para todas as suas criaturas. Ele nos ama infinitamente. Só quer o nosso bem. Creia-me, Lucas, se algo tão terrível aconteceu, foi porque alguém agiu contra a vontade de Deus.

-Mesmo assim, por que Deus deixou alguém tentar destruir tudo?

-Porque ele nos dá liberdade, meu filho. Somos livres para agir de acordo com nossa vontade. Ele nos deu esse poder. No entanto, é para usarmos isso em nosso benefício, para o nosso bem e o bem geral de nossos semelhantes, e não para satisfazer nosso orgulho e nosso egoísmo. Esse tem sido o maior problema humano, você bem sabe. É contra isso que lutamos incessantemente...

Apesar da resposta sábia da mãe, Lucas não se convenceu e, balançando a cabeça em sinal negativo, repetia:

-Isso não está certo... Não está certo... Como isso foi acontecer, meu Deus? Por quê?

Dor, sofrimento e estupefação: era o que se via estampado em todos os rostos. Era inacreditável que, após tantos esforços bem-sucedidos do governo único para melhorar as condições do mundo, muitos ainda agissem para destruí-lo.

O número de mortes em decorrência das ondas radioativas foi enorme. Só não foi maior porque a população há muito se preparara para enfrentar algo semelhante, e muitos possuíam abrigos anti-radiação.

CAPÍTULO 8

O dia foi de agitação e angústia em toda parte. Mesmo assim, Elvira não esquecia a recomendação de Jonefá e, em meio à tragédia que se abatera sobre seus amigos, filhos e vizinhos, seu coração se mantinha ligado a Ernesto e à possibilidade de encontrá-lo.

Já era noite alta e seus filhos ainda estavam grudados no aparelho de televisão, esperando novas informações referentes aos fatos atordoantes que sobre o orbe se haviam abatido. Elvira entrou na sala e pediu:

- Muito bem, rapazes, acho que já chega por hoje. Vamos nos deitar e procurar descansar. Não se preocupem, pois amanhã, logo que levantarem, todas as emissoras continuarão noticiando o que aconteceu. E repetindo as transmissões de agora. Vocês não perderão nada.

Cansados, e sem ter muito como argumentar com a mãe, eles acabaram cedendo e foram para a cama.

A casa estava silenciosa. Elvira rolava de um lado para o outro, tentando se acalmar, pois queria estar pronta para a oportunidade com que o amigo espiritual lhe acenara. Jonefá a acompanhara ao longo do dia, embora sem se fazer perceber ostensivamente; agora, próximo à cabeça dela, aplicava-lhe fluxos de energia tranqüilizadora sobre os centros nervosos, procurando serenar sua mente. Pouco a pouco, Elvira, que orava em pensamento, entregou-se ao sono reparador.

Logo que seu corpo entrou em sono profundo, seu peris-pírito, liberto, ergueu-se com a ajuda de Jonefá. Ela lhe disse:

- Meu bom amigo, como me alegra vê-lo! Que dia difícil tivemos hoje... Sinto-me esgotada.

Amparando-a gentilmente, Jonefá respondeu:

- É chegado o momento tão esperado, Elvira; sigamos sem demora. Somos chamados a comparecer a importantíssima reunião no espaço, próximo ao nosso orbe, e cabe-nos acima de tudo auxiliar no padrão vibratório necessário para a realização de encontro de natureza tão singular. Deixemos para discutir assuntos menos elevados em nosso retorno, se você ainda o desejar. Está certo?

O semblante de Elvira radiava luz intensa, de beleza admirável. Seus olhos vibravam amor e emoção iluminada, e ela respondeu, compassiva e submissa:

-Está certíssimo, meu amigo. São os vícios da matéria, que não conseguimos ainda superar. Vamos sem demora.

Em segundos, à simples expressão da vontade de ambos, estavam diante de majestoso portal. Muitos acorriam ao local, em pequenos grupos de três ou quatro; entidades espirituais acompanhavam almas que, desprendidas do corpo físico durante o sono, compareciam à solene reunião.

Respeitosos, entraram. Assim que cruzaram o portal avistaram ao longe, sobre colina verdejante, grande número de entidades que chegavam e procuravam se acomodar. O ambiente era de luz e beleza sublimes. Árvores frondosas e flores delicadíssimas que exalavam suave aroma compunham o cenário deslumbrante. No cume do monte, instrumentos estavam colocados e alguns lugares preparados para aqueles que iriam conduzir a reunião. Luzes intensas eram vistas de longe, roscas, azuladas, lilases. Muitos eram os que as emitiam e o lugar transbordava harmonia e paz indescritíveis.

Logo Elvira e Jonefá alcançaram os outros. Ela, então, fitou o amigo e perguntou com delicadeza:

-Não vejo nossos amigos, Jonefá, onde estão?

-Muitos se encontram em tarefa na crosta, auxiliando nossos irmãos em transposição de planos. Outros obedecem às orientações de nossos superiores, participando das equipes de busca aos nossos irmãos recalcitrantes no mal, que se escondem da luz. Eles deverão apresentar-se esta noite, para colher os frutos de seu orgulho e sua iniquidade.

Jonefá se calou por alguns instantes. No breve silêncio que se fez entre eles, o semblante de Elvira era de expectativa, até que o amigo continuou:

- Esta noite será o início da grande transição; não é mais possível esperar. Para que nosso mundo não seja destruído e ganhe forças para se regenerar, milhares de almas serão transferidas para um planeta ainda primitivo, cujos obstáculos e limitações permitirão que recebam novas oportunidades de reabilitação e progresso. Você não ignora que as falanges dos irmãos que se comprazem no erro estão dificultando o desenvolvimento de nosso orbe.

- Eu tenho plena consciência disso, Jonefá; só não sabia que estávamos tão perto desse momento. Foram tantas as profecias que pareciam não se

cumprir que muitos acabaram por esquecer que um dia se daria o fato marcante da transição.

- Pois bem, Elvira, acheguemo-nos mais; a reunião está para começar.

Os dois se aproximaram do ajuntamento, tomando assentos confortáveis, entre os que se espalhavam pela ramagem fresca. Elvira avistou rostos de alguns conhecidos e queridos, que cumprimentou mentalmente.

Em poucos instantes, o silêncio se fez absoluto. Todos oravam, pedindo as bênçãos de Deus para o encontro. Elvira, conquanto feliz por presenciar episódio tão singular na história daquela humanidade, sentia o coração apertado e inquieto, pois temia pelo destino de Ernesto. Jonefá tocou-lhe as mãos com ternura e advertiu:

- Elvira, procure não pensar em Ernesto agora. Deixe que o Criador conduza aquele a quem você tanto ama e coloque seu amor a Deus adiante de tudo.

Acatando a sugestão do amigo, Elvira concentrou o pensamento nas verdades eternas e na beleza daquela ocasião, serenando desse modo o próprio coração.

No cume do monte surgiram luzes tão fulgurantes que alguns não as podiam fitar. Aos poucos elas tomaram a forma humana e se fizeram visíveis a todos. A mais radiosa das luzes permaneceu brilhando, fortemente; dela emanava suave fragrância que imediatamente inundou todo o ambiente, e encheu de alegria o coração de cada um dos participantes. Era o governador espiritual daquele mundo, que se apresentava à distinta audiência. Saudou a todos e, após sublime e elevada prece, deu início à esperada reunião.

Aquela alma de absoluta pureza abraçou a todos com sua energia de amor e explicou a importância do momento. Ressaltou que, no Universo criado por Deus, todos os mundos evoluem da mesma maneira que os seres por Ele criados. Disse, jubiloso, que havia chegado o dia que Deus determinara para a depuração do querido orbe a que pertenciam, após as duras lutas e os sofrimentos superados pela maior parte de seus habitantes. Não haveria mais catástrofes naturais, nem a predominância do mal. O Reino de Deus se fizera finalmente vitorioso no coração daquele povo, cheio de piedade e virtudes. O mal estava controlado. E se o povo, bondoso e misericordioso, continuasse a vigiar o coração e as tendências inferiores, submetendo-se à vontade de Deus, o mundo que habitava seguiria seu curso na espiral de transformação que o levaria a se tornar um mundo evoluído. O orbe passava

por significativa mutação e abrigaria, a partir daquele momento, almas em regeneração. Por causa disso, e conforme a determinação de espíritos elevados que controlam o Universo, as milhares de almas que persistissem no mal, rejeitando o amor e a verdade, seriam banidas do orbe, temporariamente, para que pudessem, através de sérias dificuldades, de lutas dolorosas e experiências expiatórias em um planeta jovem e com habitantes primitivos, sujeitar-se finalmente aos desígnios divinos, que até então renegavam.

Depois de breve pausa, ele retomou a palavra:

-Não é mais possível que permaneçam conosco. As almas que começam a retornar para nosso mundo, neste novo ciclo evolutivo de regeneração, e que darão grande impulso ao seu desenvolvimento, necessitam de ambiente onde vicejem o bem, o amor e a fraternidade. Não há mais lugar para o ódio e o egoísmo consciente, tampouco para o orgulho tenaz. Em um ambiente de tamanha harmonia e tanto bem-estar, nossos irmãos que ainda desprezam a Deus não terão como renovar-se pela dor; é preciso que sejam lançados em maior abismo, onde o sofrimento os desperte para o Criador e para sua própria felicidade. Muitos partirão deixando aqui entes queridos, que seguirão sua jornada evolutiva. Mas eu lhes asseguro que os que estiverem preparados e tiverem condição espiritual poderão visitá-los no orbe para onde serão encaminhados.

Que Deus nos abençoe a todos.

O governador interrompeu seu discurso. Suave cântico espalhou-se pelo ambiente e apresentou-se um corral reluzente, de vestes branquíssimas, aliviando com a música elevada a dor do coração de muitos que por tempo indefinido perderiam contato com aqueles a quem amavam.

Elvira escutava com o coração oprimido, porém resignado. Pesadas lágrimas desciam-lhe pela face e foi somente ao final dos cânticos que sentiu algum alívio.

Após a doce apresentação, nova e fulgurante luz surgiu no meio dos dirigentes. O governador daquele mundo em transição saudou o governador da Terra, planeta para onde seriam enviados os exilados.

Lentamente, a intensa luz que aparecera, cujo brilho ofuscava a visão da maioria dos presentes, se condensou na figura amorosa de um ser fisicamente semelhante aos capelinos. De feições meigas e suaves, ele atraía todos os olhares. Retribuindo o carinho com que era recebido, aquele ser de luz saudou:

-Que a paz de Deus esteja com todos vocês e que ele abençoe essa transição bendita por que passam neste momento. Nosso Senhor, que tudo sabe e tudo vê, recompensa sempre as obras de nossas mãos e a colheita, boa ou má, é sempre certa.

Depois da breve saudação se fez silêncio expectante. Em alguns instantes, grande tumulto à distância foi ouvido. Abriu-se o éter ao longe e das entranhas das trevas subiu uma espaçonave enorme, com muitas almas em seu interior. Algumas gritavam, amaldiçoando a Deus por estarem presas naquelas condições. Outras vertiam doloroso pranto de arrependimento e remorso. Havia as que clamavam por misericórdia e gritavam por socorro. Um gemiam, tão-somente. Outras lamentavam, angustiadas, o destino que as aguardaria.

CAPÍTULO 9

Aquela seria a primeira grande transferência de almas que partiriam para a Terra, deixando para trás o belo mundo em regeneração. Milhões de outras ainda haveriam de ser exiladas. Muitas estavam sendo presas e confinadas pelos trabalhadores da luz que as recolhiam em profundos e escuros abismos.

Elvira desejou aproximar-se da espaçonave, na esperança de ver Ernesto. Angustiosa expectativa pairava no ar. Ela pensava no marido e em qual seria seu destino, no novo lar onde iria viver. Foi então que o governador da Terra se aproximou da gigantesca espaçonave e falou afetuosamente às almas que ali se encontravam:

- A partir de agora, eu os recebo no orbe da Terra, planeta em estágio inicial de evolução. A misericórdia divina jamais abandona criatura alguma. Meus irmãos, é forçoso recomeçar e os habitantes da Terra precisam da contribuição de vocês. Lá, junto aos irmãos primitivos, vocês poderão colaborar para a sua evolução, o seu adiantamento, enquanto resgatam os pesados débitos contraídos para com a justiça divina. E a nova oportunidade que Deus oferece a vocês. Ainda que distantes do lar, eu prometo que estarei sempre cuidando de todos. No princípio, chegando à Terra, serão habilitados para aprender a viver em um ambiente primitivo, com todas as dificuldades que

vocês superaram nos primórdios de seu próprio mundo e, portanto, já esqueceram. Serão preparados para viver em um corpo mais grosseiro e denso, com suas necessidades e seus desafios. E um dia, quando for o momento propício, eu mesmo descerei à Terra e estarei encarnado junto com vocês, a fim de ajudá-los na conquista de suas almas para o glorioso destino que os aguarda. Vocês jamais serão desamparados, ainda que tenham virado as costas e desprezado as leis divinas. Nosso Pai jamais os abandonará; exercerá sua justiça, porém o fará com profundo amor.

As palavras daquele ser de pura luz eram doces e suaves, causando forte emoção. Os capelinos que seriam exilados o ouviam com atenção e muitos corações se abrandaram diante das promessas que fazia. A maioria não o podia mirar, tamanha era a luz que dele emanava; escondiam os olhos e apenas ouviam suas abençoadas palavras. Outros, entretanto, mantiveram-se cegos e surdos às suas palavras, nutrindo revolta profunda contra Deus e seus desígnios.

Quando o divino embaixador da Terra terminou, afastou-se da grande nave. O governador daquele orbe autorizou a aproximação dos presentes que tivessem pessoas amadas entre os que partiriam. Elvira imediatamente levantou-se, mas Jonefá a deteve:

- Ernesto não está entre os que vão partir hoje. Surpresa, ela se sentou e perguntou:

-Sabe onde ele está?

- Recebemos informações sobre sua localização antes do início da reunião. Ele deve partir muito em breve, assim que puder ser resgatado.

- E onde está? Podemos vê-lo?

Jonefá pousou em Elvira os olhos límpidos e amorosos e disse:

- Querida Elvira, tem certeza de que quer vê-lo nas condições em que se encontra? Pelo que fui informado, seu estado é de demência total. Está enlouquecido pelo ódio e pela vingança que empreitou.

-Vingança?

- Não bastassem as suas deploráveis atitudes contra a vida, ele foi o responsável pela loucura e morte de Ferdinando. Os dois estão ligados de maneira lamentável e será difícil dissociá-los.

Elvira calou-se, desolada. Depois, fitando o olhar bondoso de Jonefá, pediu:

- Podemos vê-lo? Eu realmente gostaria de ajudá-lo. Sentindo as forças lhe faltarem, derramou amargo pranto e falou entre soluços:

-Meu Deus, como foi possível que Ernesto se afastasse tanto assim do Senhor?

Depois, ergueu a cabeça e encarou o amigo:

- Ah, Jonefá, como isso pôde acontecer? Ernesto havia melhorado muito... Já se redimira de tantos débitos... Como foi cair tão fundo?

Jonefá a abraçou carinhosamente e respondeu, também entristecido:

- O orgulho, Elvira, essa chaga tomou conta de nosso Ernesto. Ele, de fato, havia melhorado muito em suas duas últimas encarnações. Tínhamos grandes esperanças para sua atual experiência, mas ele sucumbiu por essa imperfeição atroz. Ante a oportunidade de experimentar a expansão de sua inteligência, não teve amor suficiente e falhou tremendamente.

De olhos ainda úmidos, Elvira suplicou:

- Podemos vê-lo?

Jonefá assentiu com a cabeça, dizendo:

- Quando a reunião terminar, vamos procurá-lo.

A atenção de Elvira e Jonefá se voltou para a movimentação que acontecia a meia-distância. A grande nave se afastou, sob o olhar pesaroso de milhares de capelinos que viam pessoas próximas deixarem o espaço etéreo do sistema de Capela para só se reencontrarem num futuro remoto. Eram almas afins que se separavam dolorosamente, por tempo indeterminado.

Mais alguns cânticos ecoaram no espaço, enquanto os gú-pos se afastavam lentamente. Muitos ainda buscavam orientações sobre como poderiam ajudar seus amados que partiam, mas aos poucos a multidão se dispersava.

Elvira, Jonefá e uma equipe de mais sete trabalhadores abnegados dirigiram-se para onde Ernesto estava. Dois deles eram os responsáveis por prendê-lo assim que fosse encontrado.

Caminharam para região de sombras densas. O cenário tornava-se tenebroso. Gritos e grunhidos eram ouvidos, bem como muitas ameaças. O grupo estava protegido por energias luminosas para que pudesse transpor o escuro abismo. Bandos de entidades deformadas tentavam atacá-los, sem poder atingi-los, e eles prosseguiram. Ao se aproximarem da entrada de uma caverna, Jonefá disse a Elvira:

- É aqui, eles estão lá dentro. Eram prisioneiros de um grupo insolente, mas os mais perigosos já partiram para a Terra. De qualquer modo, Elvira, é melhor que fique aqui com os outros. Eu, Manasses e Sadraque vamos entrar.

- Por favor, Jonefá, posso ser útil lá dentro. Vocês podem precisar de mim; eu vou entrar também, por favor.

Jonefá trocou rápido olhar com os companheiros, depois disse:

-Pois bem, venha conosco; mas daqui por diante precisará fazer exatamente o que lhe pedirmos, ou seu corpo físico, ora em repouso, poderá ser afetado.

Elvira concordou. Ela sentia dificuldade para respirar, pois a atmosfera era densa e pesada e o cheiro de enxofre, misturado a outros odores fétidos, era repugnante. Entraram.

Após pequena caminhada, Jonefá, que ia adiante, estacou perto de uma massa disforme, com duas cabeças bem nítidas. Ele se virou para Elvira, sinalizando que os haviam encontrado. Ao constatar que aquela criatura monstruosa que via à sua frente fora outrora Ernesto, ela caiu de joelhos rogando mentalmente a Deus por piedade e misericórdia. Manasses e Sadraque plasmaram uma maçã e se acercaram de Ernesto, que atado a Ferdinando, em simbiose doentia, estava completamente deformado. Entretanto, ao perceber o movimento, Ernesto começou a gritar e esbravejar que ninguém se aproximasse ou ele atacaria. Elvira levantou-se e, achegando-se um pouco mais às entidades doentias, suplicou:

- Ernesto, sou eu, Elvira. Por favor, vocês precisam deixar que os ajudemos. Precisam de socorro. Ernesto querido, deixe-nos ajudá-los...

Todavia, não pôde continuar. Das duas entidades, rajadas de energias deletérias começaram a ser arremessadas. Sadraque, então, apontou para os dois um objeto que disparou raios neutralizadores e as entidades foram de imediato sedadas. Jonefá e Manasses colocaram a massa disforme na maçã e Elvira, junto ao rosto de Ernesto, afagou-lhe a testa e em lágrimas disse:

-Descanse, meu amado. Onde você for, aí estarei também eu para orar por você, para sustentá-lo com o meu amor. Jamais o abandonarei, Ernesto. Um dia, haverá de voltar-se para Deus e nunca mais precisará passar pelo que vive agora. E eu estarei ao seu lado, sempre.

A cena era comovente. Elvira, que emitia intensa luz, de joelhos acariciava com desvelada ternura aquela massa pegajosa e cinzenta. Por um breve

instante o grupo permaneceu em profundo e respeitoso silêncio. Depois, Manasses tomou Elvira pelo braço, levantou-a delicadamente e pediu:

-Querida irmã, nós temos de ir, pois nossa empreitada é perigosa. Certamente Deus já lhe ouviu as súplicas de amor. Agora devemos ir.

Imediatamente o grupo levou os prisioneiros para um posto de socorro próximo, onde aguardariam, sob detenção, nova partida de exilados para a Terra. Ainda uma vez, Elvira aproximou-se do corpo do marido, jungido ao de Ferdinando. Ajoelhou-se à beira da maça simples que os acomodava, tocou-lhe a face com indizível ternura e pediu que ambos fossem ajudados a encontrar o caminho de volta ao divino Criador, enquanto pesadas lágrimas corriam pela sua face iluminada. Após curto silêncio em que os amigos espirituais presentes acompanharam com reverência a oração que ela proferia, Jonefá ergueu-a e lembrou:

-Agora vamos, minha irmã, é hora de partir.

Ela o seguiu em silêncio durante a rápida viagem de retorno. De volta ao seu lar, ao adentrarem o quarto, Jonefá recomendou:

- Descanse um pouco, Elvira, que logo amanhecerá. Seus filhos precisam de você; muitos dependem de sua ajuda no momento crucial pelo qual está passando o orbe. Muitos estão desencarnando e outros tantos desencarnarão brevemente em consequência da explosão nuclear, sendo sem demora transferidos para a Terra.

Acomodando-se a seu corpo físico também agitado, Elvira perguntou:

- O que será de Ernesto agora? Quando partirá para o novo planeta?

- Ele ficará em tratamento por algum tempo e, logo que tiver o mínimo de condições, será levado.

- Gostaria imensamente de vê-lo, de falar com ele outra vez, tão logo seja possível.

- Seus pedidos foram atendidos, Elvira. Você tem a seu favor anos de trabalho e dedicação aos semelhantes, em serviço reverente ao Criador. Tem o merecimento e suas preces foram ouvidas. Contudo, por enquanto seu concurso não será salutar. Outros necessitam de você aqui mesmo. Desse modo, acompanharei pessoalmente o desenvolvimento de Ernesto, tanto aqui como quando de sua transferência para a Terra. Esporadicamente, irei visitá-lo e, ainda que a distância, darei a ele amparo e cuidados constantes. Tão logo ele esteja em condições de vê-la, de falar com você -ou seja, assim que esse encontro puder ser útil de fato —, providenciaremos que estejam

juntos. Agora, Elvira, tranquilize seu coração. Você poderá estar perto de Ernesto, desde que seja proveitoso, especialmente para ele. Confie e trabalhe, como tem feito, e um dia, pela misericórdia de Deus, estará de novo ao lado dele.

- Você me trará notícias de seus progressos?

-Sempre que as tiver.

Elvira sorriu e ajustou-se por completo ao corpo físico, adormecendo profundamente.

CAPÍTULO 10

Jonefá acompanhava dia a dia o estado de Ernesto. Durante várias semanas ele permaneceu em sono angustiado e delirante, tendo o perispírito ainda ligado fortemente ao de Ferdinando. Ambos ocupavam um quarto de segurança no posto de recuperação, próximo à crosta do orbe. Todos os dias numerosa equipe de magnetizadores participava das preces, ao entardecer da crosta, e vibrava energias de restauração tanto para o corpo espiritual, como para o espírito dos enfermos, marcados pelo ódio e pela rebeldia.

O tempo passava sem que nenhum progresso se obtivesse no tratamento espiritual de Ernesto e Ferdinando. Os espíritos encarregados de administrar o posto de socorro decidiram, então, que seria mais proveitoso transferi-los sem demora, para que na Terra iniciassem a nova fase de penosas reencarnações.

Na noite prevista para a transferência, Jonefá levou Elvira para se despedir. Ela chorou entristecida ao constatar que nenhum progresso se efetuara naqueles dois corações, obstinados no mal.

Foram conduzidos, enfim, para o espaço espiritual ao redor da Terra e preparados para o próximo reencarne. Iriam renascer nas condições em que se encontravam no espaço para que do choque com o corpo físico, com a matéria densa, pudesse advir algum benefício para aquelas almas.

Foram encaminhados para uma tribo de seres primitivos, onde a linguagem falada ainda não existia. Reencarnaram ambos, filhos do mesmo casal, como irmãos siameses e disformes, assustando a pequena aldeia. Abando-

nados pela mãe no meio de densa floresta tropical, foram rapidamente devorados por animais selvagens.

Ao longo de muitos séculos, em igual situação renasceram seguida e compulsoriamente, inconscientes do que se passava ao seu redor, e na mesma condição lamentável retornaram vezes sucessivas ao plano espiritual da Terra, até que em uma dessas reencarnações, pela misericórdia do Criador e sob a proteção dos benfeitores espirituais, uma mulher já mais evoluída, espírito também originário da civilização do sistema de Capela, recebeu-os como filhos e afeioou-se a eles, apesar de todos os defeitos que apresentavam. Com esforço e dedicação, conseguiu mantê-los com vida por cinco anos. Mesmo dispondo de curto período sobre o solo terreno, ao regressarem, estavam ligeiramente separados, um pouco menos ligados um ao outro. Era o primeiro progresso realizado desde que haviam deixado o lar longínquo.

Elvira acompanhava, sempre esperançosa, as reduzidas notícias que Jonefá lhe trazia. Agora ela já estava no plano espiritual, bem como seus filhos. Ela continuava, incansável, trabalhando para o bem daqueles que amava e de tantos quantos necessitassem de sua ajuda. Dedicava-se especialmente às crianças que desencarnavam em difícil condição. Era infatigável colaboradora nos serviços de auxílio àqueles que, mesmo encarnados naquele mundo em regeneração, se distanciavam gradualmente do bem. Por isso ela permanecia no plano espiritual; não mais reencarnara, desde sua última experiência junto com Ernesto. Foi com alegria que recebeu a notícia sobre a pequena melhora apresentada por Ernesto e Ferdinando.

- Fico muito grata por manter-me informada, Jonefá. Não seria o momento de estar com ele e ajudá-lo a conquistar um pouco mais de equilíbrio para sua próxima experiência na crosta da Terra?

- Incansável Elvira, eu sabia que desejaria vê-lo, tão logo trouxesse qualquer notícia animadora. No entanto, ainda não é o momento. Seu concurso agora pouco poderá contribuir para a melhora espiritual de Ernesto. É preciso esperar; somente com o concurso do tempo, seu auxílio será efetivo. Aguardemos a hora oportuna. Ernesto está apenas começando seus passos na Terra e ainda precisará muito de sua ajuda.

Consciente da ansiedade que dominava Elvira e do imenso amor que ela nutria por Ernesto, tocou-lhe suavemente o ombro e consolou-a:

-Minha irmã, continue confiando em Deus. Ele jamais desampara um sequer de seus filhos amados. Somos criaturas de suas mãos, que ele amorosamente acompanha passo a passo, na trajetória evolutiva.

Ela suspirou e sorriu. Depois de alguns instantes, respondeu:

-Tem razão, esperemos o melhor momento, o mais proveitoso para todos.

Séculos se passaram. Ernesto e Ferdinando, em melhores condições, permaneciam no espaço espiritual denso em torno da Terra, sendo preparados para nova experiência. As equipes espirituais finalmente conseguiram razoável separação de seus perispíritos, que se completaria quando voltassem como irmãos gêmeos. Após cuidadosa preparação, reencarnariam afinal em uma região em franco desenvolvimento, filhos de pais também vindos do sistema de Capela, para que a sintonia se fizesse maior, auxiliando no progresso de que todos necessitavam. Renasceram no continente de Atlântida. Contudo, ambos traziam deformações físicas ao nascerem, sendo que as de Ferdinando eram mais graves. Sem pensar duas vezes, o pai escolheu o pequeno com menos defeitos e sacrificou o outro. Ernesto e Ferdinando se separavam, depois de prolongado estado de inconsciência.

Naquela família, o menino cresceu até completar doze anos e depois, não resistindo a uma série de doenças físicas e mentais, voltou ao plano espiritual.

A partir daquela experiência, Ernesto e Ferdinando seguiriam caminhos distintos, pois o segundo já estava reencarnado quando o primeiro regressou. Além do mais, Ernesto, após indispensável preparação, retornaria à vida física sem perda de tempo, para que pudesse recobrar a consciência e iniciar o trabalho pessoal e intransferível de resgate de sua alma para Deus. Mais uma vez, renasceria em Atlântida, na mesma família que havia deixado; seria neto daquela que fora sua mãe. Começava para Ernesto nova fase de sofridas reencarnações na Terra.

Ainda semiconsciente de sua realidade, o espírito de Ernesto não compreendia o que se passava. Quando chegou à adolescência, torturado por profunda angústia, cometeu suicídio, regressando ao plano espiritual em situação agravada. Apesar disso, aquele espírito começava a despertar.

* * *

Ao longe, Elvira contemplava seu orbe amado, enquanto tratava de algumas de suas plantas preferidas. Pensava nas crianças que recebera naquele dia, quando Jonefá despertou-a de seu torpor:

-Elas crescem lindas sob seus cuidados, Elvira.

-Crescem lindas aqui, sob os cuidados de quem quer que as ame -ela sorriu, serena.

Jonefá abraçou Elvira carinhosamente e disse:

- Chegou o momento pelo qual você tanto ansiava. Instantaneamente os olhos de Elvira encheram-se de lágrimas e ela indagou:

- É verdade, Jonefá? Vou poder enfim reencontrar meu querido Ernesto?

- Sim, partiremos em algumas horas. Prepare-se. Virei buscá-la assim que estiver pronta.

-Não perderei nem um minuto. Vou tomar todas as providências para que o trabalho aqui continue sem interrupções e ficarei livre para acompanhá-lo.

Parando, olhou para Jonefá e perguntou, séria:

-Como ele está?

- Sofre bastante. Seu espírito começa a despertar lentamente e está muito difícil para ele compreender o que se passa à sua volta. No presente momento se encontra sob o domínio de entidades muito agressivas, que o fazem refém. Mesmo assim, convém que o encontremos e resgatemos, para que retome sua caminhada. Nesta etapa, seu concurso poderá auxiliar o trabalho de evolução de Ernesto.

-Estarei pronta rapidamente.

-Virei buscá-la.

Algumas horas depois, partiram junto com outros dois companheiros em direção à Terra. Depois de percorrerem longa jornada entre os dois mundos, foram direto para as regiões umbralinas do planeta, densas, pesadas, de amarga aflição. Elvira assustou-se. Até as regiões mais obscuras em derredor de seu mundo não se pareciam em nada com o que via e sentia naquele ambiente. Era difícil, quase doloroso, respirar e sentia-se sufocar pelo mau-cheiro que havia ali. Foi à custa de grande esforço que pôde seguir os companheiros e ajudá-los a resgatar Ernesto.

Horas depois, enquanto ele dormia em uma enfermaria, num hospital logo acima da crosta, Elvira trocava impressões com Jonefá:

-Estou impressionada com o peso que sinto neste planeta. -Já vivemos em condições semelhantes a estas um dia, em nosso mundo.

- É impressionante refletir sobre o quanto já caminhamos. Graças a Deus! Graças a Deus, que nos concede a possibilidade da transformação e do crescimento, de nossa evolução.

-Sim. A Terra tem um longo caminho até alcançar condição espiritual diferente. Hoje, porém, é o lar que oferece abrigo aos nossos irmãos capelinos, não é mesmo, Elvira?

- Abençoado planeta que os acolheu. Por outro lado, imagino que deve ser muito difícil para eles viverem aqui. Quando encarnados, não suspeitam que existe algo além, que não compreendem e de que sentem falta? Não têm saudade de seu verdadeiro lar, dos afetos que deixaram para trás?

- Na realidade, é o que mais os aflige, Elvira. Saudade de algo indefinível, que não podem entender, nem imaginar exatamente o que seja.

-E estão conseguindo ajudar de alguma forma o planeta?

- Ainda não. A bem da verdade, Atlântida, onde Ernesto esteve encarnado nas últimas experiências, deverá desaparecer do orbe terreno em futuro não muito distante.

- Desaparecer?

-Sim. Será outro expurgo, para purificação da raça, e nova tentativa de acelerar o aperfeiçoamento do planeta. Nossos irmãos encarnados na Terra depressa tomaram o poder e hoje dominam tudo; mas neles a inteligência tem prevalecido sobre o coração e, endurecidos, estão trazendo mais dor e sofrimento àqueles a quem deveriam auxiliar. O progresso se faz vagorosamente.

Elvira ouvia atenta os detalhes da narração de Jonefá sobre o que se passava em Atlântida, quando foram chamados para ver Ernesto, que despertava. Ao entrar no quarto, ela procurou em derredor por alguém semelhante à imagem que guardava do marido; foi um enfermeiro que, aproximando-se, cumprimentou os recém-chegados e apontou uma das maçãs do enorme galpão:

-Está ali, eu os levo até ele.

Elvira chegou perto da cama onde um jovem jazia amarrado e, em desespero, gritava palavras incompreensíveis. Tocando o rosto do rapaz, ela orou a Deus, pedindo amparo para aquele a quem tanto amava e começou a vibrar intensa energia impregnada de amor. De seu coração emanavam jatos

dulcificantes que envolviam o corpo espiritual do jovem e o acalmavam. Ele adormeceu novamente, já em condições um pouco melhores.

Por longo período Elvira auxiliou os trabalhadores responsáveis por acolher os recém-chegados da crosta. Ernesto recebia seus eflúvios de amor e desvelada ternura, e, envolvido naquela energia que era tão familiar para ele, melhorava gradativamente. Por fim, encontrou-se acordado e em condições de conversar com Elvira. Estava ainda semiconsciente e confuso, quando ela chegou. Olhou-a de alto a baixo e disse, sonolento:

- Conheço-a de algum lugar...

- Procure descansar. Você precisa se recuperar, pois tem muito trabalho a fazer.

- Eu sinto que tenho muito a fazer, só que não posso lembrar o que é... Seu rosto... Agora me lembro! Elvira!

Ernesto se pôs de joelhos, chorando copiosamente. Seu perispírito transmutou-se de imediato e ele retomou a forma que tinha ao deixar Capela.

Elvira ajoelhou-se ao seu lado e abraçou-o, sustentando-o em silêncio. Quando finalmente conseguiu se acalmar, ele ergueu os olhos e indagou:

- O que aconteceu comigo, Elvira? Tenho lembranças estranhas, entrecortadas, como num sonho. Não sou capaz de me lembrar direito dos fatos, do que houve comigo... Ferdinando... Onde está aquele...

Elvira o impediu de terminar o que tencionava dizer. Colocou o dedo sobre seus lábios e pediu:

- Ernesto, agradeçamos ao Criador as oportunidades que nos dá e deixemos para trás nossos antigos desafios. Olhe para a frente e prossiga, meu amado! Não se prenda mais ao que passou!

Ernesto sentou-se de novo na cama, atordoado. Elvira pediu:

- Acho melhor descansar agora, você precisa recobrar as forças.

Ernesto segurou-a pela mão e implorou:

- Não se afaste de mim. Tenho medo de ficar só!

- Você não está só, querido, nunca esteve. Olhe à sua volta, quantos irmãos trabalhando para que outros, como você, se recuperem.

Ernesto deu uma breve olhada em redor e falou outra vez, suplicante:

- Não me deixe. Só com você me sinto seguro. Elvira o abraçou com carinho e procurou acalmá-lo:

-Não se preocupe, não vou deixá-lo. Descanse. Assim que acordar estarei aqui para conversarmos.

- Promete?

- Sempre estarei ao seu lado, querido, sempre.

Ernesto ajeitou-se na cama e, segurando as mãos de Elvira, adormeceu.

Depois de prolongado descanso, despertou mais refeito, embora sentindo dores violentas. Elvira trouxe-lhe o medicamento indicado e as dores diminuíram. Aí ele perguntou:

-Que dor é essa? Onde estamos, Elvira? Que lugar é este? Parece-me muito estranho... É tudo tão esquisito...

-Sente-se bem para caminhar?

-Sim.

Ela estendeu as mãos, sorrindo:

-Então venha, temos muito que conversar...

Elvira e Ernesto caminharam para fora do ambulatório e sentaram-se num banco. Ela pôs-se a contar ao companheiro um resumo do que se passara até aquele momento, selecionando os fatos adequados para seu estado momentâneo.

Quando terminou a narrativa, Ernesto gritava descontrolado:

-Não! Não! Não é possível! Não! Não quero viver nesta prisão!

Elvira pedia, suplicava:

-Vamos, Ernesto, acalme-se. Pense em quanta misericórdia tem Deus, proporcionando-nos este reencontro...

-Não! Não quero viver longe do meu mundo! Longe de você e neste planeta inculto e grotesco!

-Ernesto, acalme-se, estamos em um hospital. Muitos ainda estão na condição em que você se encontrava há pouco: completamente inconscientes. Eles, do mesmo jeito que você, precisam de paz e de silêncio para melhorar.

Tomando-lhe as mãos com doçura, irradiou intensa luz sobre ele e pediu uma vez mais:

-Por favor, acalme-se.

-Não! -ele continuava -Não quero!

Jonefá aproximou-se dos dois e chamou:

- Elvira, é hora de partirmos. Sua presença começa a ser prejudicial para Ernesto.

Ernesto o fitou e disse, agarrando-se a Elvira:

- Ela não vai a lugar algum.

Jonefá fez menção de tocar Ernesto, mas Elvira, sabendo o que ele estava para fazer, pediu ao dedicado amigo:

- Dê-me só mais um instante, por favor.

- Como assim, só mais um instante? - perguntou Ernesto, fitando-a assustado.

Elvira baixou a cabeça e começou a orar cheia de fé. Mais uma vez, de seu coração doces vibrações partiam em direção a Ernesto, que, envolvido por completo, acabou por se acalmar. Foi quando ela esclareceu:

-Não há como fugir das leis divinas, Ernesto. Foi escolha sua e agora colhe as conseqüências de suas decisões. No estado espiritual em que se encontra, não pode mais viver em nosso mundo, ao menos por enquanto.

Ernesto a fitava e segurava suas mãos com firmeza. Ela prosseguiu:

- É essencial que transforme sua vibração, que renove seu coração, sua mente, que as leis divinas tomem conta de seu ser, para que então você possa regressar... Não precisa ficar aqui para sempre. Se aproveitar bem suas oportunidades, suas experiências no corpo físico e fora dele também, se, sobretudo, você aprender a ser grato a Deus por cada uma delas, um dia estaremos reunidos outra vez.

- E por que não posso melhorar lá, ao seu lado? Por que tem de ser aqui, neste planeta miserável?

-Ernesto, não maldiga o lar que o acolhe. Nosso orbe é agora um mundo de regeneração. A dor e o sofrimento foram substancialmente banidos. A boa vontade e o amor reinam nos corações. Não seria possível resgatar os seus débitos lá.

- E por que não?

- Ernesto, já não há quase dor em nosso orbe.

Ele a olhava sem entender o significado do que dizia. Elvira continuou:

- A Terra é um planeta primitivo que atravessará longo caminho até se desenvolver. Aqui, a dor o ajudará na transformação que precisa realizar em si mesmo.

Ernesto ia rebelar-se, indignado, quando ela se levantou primeiro e disse:

-Agora preciso partir. Você jamais estará só. A justiça divina é sempre aplicada com amor. Siga com determinação, meu querido, e um dia nos jun-

taremos outra vez, em nosso lar. Meu amor por você é imenso, porém preciso ir.

Ernesto, gritando, insistia para que ela ficasse. Elvira sabia que seria inútil tentar mudar o que ele sentia ou pensava e dirigiu-se a Jonefá, que aguardara a distância:

-Podemos ir.

Alguns trabalhadores do ambulatório tiveram de segurar Ernesto, que gritava e tentava seguir Elvira, que dessa vez partiu sem olhar para trás. A despeito das lágrimas que corriam incessantes por sua face doce e meiga, ela não se voltou para a direção onde estava Ernesto e acompanhou Jonefá em total silêncio, até o regresso ao lar. Quando chegaram ela afirmou, pesarosa:

-Foi mais difícil do que eu imaginava.

-Sei que foi, mas ajudou-o muito, Elvira.

- Espero que sim. Só não sei se foi acertado despertar daquele modo sua consciência.

- Só você poderia fazê-lo, sem que ele enlouquecesse. Foi acertado, sim. Agora, mais consciente, ele tem melhores possibilidades de progresso. Que Deus o ampare e abençoe em sua nova chance.

-Ele reencarnará em breve?

- Logo que estiver preparado, regressará. Na condição em que se encontra, é inútil prorrogar demasiadamente sua estada no plano espiritual.

Elvira fitou o infinito por instantes, depois olhou para Jonefá e perguntou, ainda com os olhos rasos de lágrimas:

- E será que desta vez terá sucesso?

Jonefá tomou carinhosamente as mãos da amiga entre as suas e disse, afetuoso:

- Viverá várias experiências, sofrendo e aprendendo, até que um dia possa aproveitar melhor sua permanência na Terra; então, iniciará o caminho de regresso ao lar...

Elvira silenciou por mais tempo, pensativa, e enfim disse, suspirando fundo:

- E quanto tempo isso levará? Gostaria de ajudar mais Ernesto.

- Você já o está auxiliando muito, Elvira. Veja o progresso que obteve com sua visita... Levaria muito tempo para que ele conseguisse despertar do torpor em que mergulhara...

-Eu sei, meu bom amigo, mas desejo tão ardorosamente estar ao seu lado... Sinto falta dele e gostaria de estar mais perto, apoiando-o mais. Não seria possível ficar junto dele, Jonefá? Acompanhar seu progresso e ajudá-lo de perto? Não poderia ser seu anjo protetor na próxima existência?

Com as mãos de Elvira seguras firmemente, Jonefá respondeu:

- Você poderá estar junto dele, mas é preciso que espere a melhor oportunidade. No estágio atual, ele não conseguirá acatar-lhe os conselhos nem aceitar a sua preciosa ajuda, que acabará se perdendo. E você sabe que há muito a ser feito aqui também, pelos nossos irmãos em árduo trabalho de regeneração.

Jonefá fez longa pausa, fitou Elvira com o carinho de um pai e prosseguiu:

-Quando ele atingir uma fase de maior iluminação interior e estiver vivendo uma encarnação em que sua ajuda seja decisiva, tenho certeza de que você poderá acompanhá-lo. Até lá, oremos e aguardemos.

Satisfeita com as colocações do amigo, Elvira sorriu e, tomando o braço de Jonefá, convidou:

-Quer acompanhar-me até onde estão as crianças recém-chegadas, para ver o trabalho que está sendo desenvolvido?

-Com muita alegria.

2ª. Parte

"A civilização egípcia -abrigando milhares de almas provenientes do sistema de Capela — desenvolveu-se às margens do imponente rio Nilo, repleta de conhecimentos ignorados pelos povos primitivos da Terra e que ainda hoje exerce fascínio e admiração sobre o homem moderno.

Por volta de 3200 a.C. o Baixo e o Alto Egito unificaram-se sob a condução de um só faraó, tendo Mênfis como capital do chamado Antigo Império; seu domínio se estendia por todo o Oriente.

Nesse idílico cenário, Ernesto renasceu na Terra mais uma vez”

CAPÍTULO 11

As águas do Nilo refletiam com perfeição a lua e pareciam redobrar seu brilho, envolvendo tudo em suave claridade prateada.

Sentado à beira de elegante e extensa varanda, Amenhotep observava a beleza da noite. O cheiro das plantações, irrigadas pelo rio e banhadas pelo luar, dominava o ar, conferindo diferentes aromas ao ambiente. Era uma noite quente, depois de um dia de trabalho intenso. Ele contemplava o luar com estranha ansiedade. Olhava para as estrelas, desejando algo que não sabia explicar. Não obstante sua respeitada posição no império, as conquistas e vitórias que acumulara, Amenhotep, quando sozinho, sentia-se inquieto e cansado.

Usava ornamentos incrustados com detalhes em ouro, ao redor do pescoço e enfeitando-lhe a cabeça; vestia túnica de seda pura e prazerosamente, de quando em quando, ajeitava a roupa alva e acariciava o adereço atado ao pescoço. Ele apreciava o luxo e a beleza e, ao mesmo tempo em que experimentava indefinível angústia assaltar-lhe o coração, saboreava exultante a concretização de seus planos. Sentia-se o próprio dono do Egito.

Djoser, o grande faraó, acabara de lhe dar inteira liberdade para a execução de almejado projeto arquitetônico: construiria a maior e mais portentosa câmara mortuária que um faraó havia visto. Tinha certeza de que seu nome ficaria gravado na história para sempre. Além disso, o líder do império oferecera-lhe vasto séquito de servidores para colaborar em suas pesquisas na área médica, autorizando-o inclusive a utilizar escravos doentes para experiências. O que mais ele poderia ambicionar? Tinha tudo o que sempre desejara e estava perto, agora, de ser imortalizado pelas suas grandiosas realizações.

Amenhotep se levantou e caminhou devagar. De súbito, notou que a cortina de tecido finíssimo que ornava a saída do seu quarto para a varanda se mexeu levemente. Uma silhueta feminina apareceu por trás da cortina. Sem se mover, Amenhotep perguntou:

- Quem está aí?

Abrindo lentamente a cortina, Iaret surgiu, linda e sedutora. Aproximando-se e enroscando-se em seu pescoço, disse:

- Como viu que havia alguém atrás da cortina? Não fiz nenhum barulho!

-O que faz aqui, Iaret?

-Fiquei com saudade e vim vê-lo. Não consigo ficar longe de você, como bem sabe. Vamos, Amenhotep, vamos ao meu quarto agora!

Afastando-a, com gentileza, ele alertou:

- Você se arrisca demais!

E sussurrando no ouvido da moça, acrescentou:

- Se ele descobrir, ambos pereceremos.

- Ele está muito ocupado agora, com outra de suas mulheres.

-Iaret, não seja cínica. Sabe que você, e ninguém mais, é a preferida do faraó. E perigoso demais! Devemos ter mais cuidado. Tenho muitos inimigos; e quanto a você -a favorita —, também traria grande prazer às suas rivais, se o faraó nos descobrisse. Não, meu amor, temos de nos afastar. É necessário.

Iaret se ergueu devagar, foi até o alpendre, observou o luar e o Nilo, com sua vigorosa correnteza, e depois, virando-se para ele, desafiou:

-Já me usou o bastante, é isso?

Ele, ajoelhando-se aos seus pés, explicou:

- Não é nada disso, Iaret. Temo por nós; precisamos ser prudentes. Sabe que estamos conquistando uma posição de muito destaque e isso desperta a fúria de nossos inimigos. É necessário ter cautela. Djoser está organizando uma longa viagem para a Palestina; quer, ele mesmo, liderar essa batalha para dominar os inimigos. Quando ele for, boa parte de seu séquito de abutres o acompanhará; mas eu ficarei. Estou arranjando tudo para que possa permanecer aqui, cuidando dos interesses do grande faraó.

Na pausa que se fez, ele estreitou nos braços a bela mulher do rei do Egito; depois prosseguiu:

-Então teremos mais condições para nos encontrar. Até lá, vamos ser cautelosos.

Ainda contrariada, Iaret suspirou fundo e disse:

- Muito bem, senhor arquiteto, vamos aguardar que se cumpram suas promessas. Minha ansiedade não tem fim...

-Não se arrependerá!

Ela já estava saindo, quando se virou e perguntou:

-Em que pensava quando cheguei? Estava tão distante e parecia triste...

- Triste, eu? E por que estaria? Não! Tenho quase tudo o que desejo e o que ainda não tenho, obterei em breve! Estava pensando na construção que

deverá começar; fazendo cálculos de tudo o que preciso para ver esse magnífico edifício construído. Serei uma lenda, Iaret.

- Você já te tornou uma lenda, querido Amenhotep. Sem esperar resposta a moça desapareceu pelo corredor.

Ele sorriu por suas palavras e olhando o comprido corredor e a porta do seu quarto, para certificar-se de que ninguém os ouvira, fechou-a e retornou à varanda. Mais uma vez admirou a lua e as estrelas, encantado com a beleza da distribuição dos astros na abóbada celeste, e tentou imaginar o que existiria fora da Terra, longe, nesses pequenos pontos de luz espalhados pelo céu. Decerto haveria vida em outra parte; ele não tinha dúvida disso.

Em seguida Amenhotep se sentou, tomou nas mãos objetos que havia criado e começou a fazer cálculos e mais cálculos. O dia estava amanhecendo quando ele, ainda debruçado sobre a mesa, bradou:

- Descobri! Finalmente, consegui!

Levantou-se eufórico e já ia saindo do quarto quando jovem escrava chegou, carregando um jarro com água. Ao vê-la, disse:

- Ótimo que tenha me trazido água fresca. E disse que preciso agora. Coloque na bacia.

Imediatamente ela despejou o conteúdo do jarro na bacia de cerâmica. Como fosse muito pesado, uma parte da água escorreu pelo chão. Ao ver o pequeno acidente, ele gritou:

- Você não presta para nada, mesmo! Preciso me lembrar de livrar-me de você!

Ela se pôs a chorar, apavorada. Mas ele disse, enquanto a escrava enxugava o rosto e saía:

- Sua sorte é que estou muito feliz hoje! Nada me incomodará!

Caminhou alegre pelos corredores do palácio que levavam até Djoser. Ao aproximar-se da porta dos cômodos reais, as sentinelas lhe barraram a entrada. Ele pediu:

- Digam ao faraó que Amenhotep quer vê-lo. Tenho boas notícias.

Do fundo do corredor, o sumo-sacerdote apareceu e, desdenhoso, perguntou:

- O que inventou desta vez? Traz mais um de seus planos fantasiosos que são desperdício de riquezas e de tempo do nosso bem-amado Djoser?

- Não é nada com que precise se preocupar, Rudamon. Estou fora de seus domínios. Meus interesses não se opõem aos seus, são de outra natureza.

Com sorriso irônico, o sacerdote respondeu apenas:

- Você está sempre no meu caminho. Estou farto disso!

-Não entendo seu desprezo! Poderíamos trabalhar juntos e ninguém nos deteria - Amenhotep insistiu.

-O faraó não poderá recebê-lo hoje. Está muito ocupado organizando a próxima viagem. O Egito está em guerra, você sabe. Ou não sabe?

- Quem poderia ignorar? Nossas fronteiras se alargam dia a dia!

- Não graças a aventureiros como você. Agora vá embora. O faraó está ocupado, tem muito trabalho a fazer.

Rudamon ia prosseguir, quando foi interrompido pelo próprio Djoser, que, ouvindo o barulho à porta, reconheceu as vozes e veio até os seus mais fiéis servidores:

- Amenhotep! Entre! Venha, Rudamon, você também. Conversemos em meus aposentos.

- Se me permitir, senhor, tenho deveres a cumprir. Não quero perder meu tempo com amenidades!

- Pois bem, Rudamon. Pode ir. Vamos, Amenhotep, entre. O que deseja falar-me?

-Eu consegui! Fiz alguns cálculos pela posição das estrelas, que venho acompanhando há alguns anos, e cheguei à conclusão de que posso prever as enchentes das margens do Nilo; quanto elas deverão avançar na próxima estação das cheias. Isso nos poderá ajudar no planejamento da produção agrícola para o abastecimento das cidades e para o comércio.

-Vamos saber antecipadamente quanto as águas subirão?

- Quando e quanto. E, com base nisso, poderemos calcular a produção agrícola.

-Extraordinário, Amenhotep. Você me surpreende sempre! Não sabia que também sabia ler as estrelas.

Dobrando o corpo em reverência, Amenhotep respondeu:

- Estou aqui para servi-lo, faraó.

- E eu estou satisfeito com seus serviços. Pretendo trazer mais escravos em minha viagem. Assim poderá começar a construir imediatamente meu templo mortuário. Minha passagem para o mundo dos mortos.

-Fico muito feliz em poder servi-lo.

Sentando-se e tomando nas mãos um papiro, o faraó escreveu nele algumas letras. Depois, chamou um dos guardas e ordenou:

-Leve imediatamente ao meu sumo-sacerdote. E, virando-se para Amenhotep, disse:

-Vou nomeá-lo meu ministro-chefe. Assim, poderá cuidar do Egito enquanto expando as fronteiras do meu reino.

Amenhotep quase não podia disfarçar seu contentamento, mas conteve-se, mostrando o ar grave que o momento exigia.

Em alguns segundos, Rudamon entrou na câmara real, visivelmente contrariado. Djoser ordenou:

- Organize a solenidade. Vou nomear Amenhotep meu ministro-chefe.

- Não acha uma decisão um tanto precipitada, senhor? Não tivemos muito tempo para discutir o assunto.

- Rudamon, todos admiram Amenhotep. Ele é de longe um dos mais inteligentes homens do meu reino. O que mais precisamos conversar? Organize a solenidade. Quero oficializar minha decisão amanhã pela manhã.

Rudamon assentiu com a cabeça e retirou-se, calado. Amenhotep aproximou-se do faraó e disse:

-Acho que ele realmente não gosta de mim.

- Não se impressione. Rudamon serve fielmente ao Egito há muitos anos. Confio extremamente nele. Contudo, já é um ancião e, às vezes, cauteloso em demasia. Agora, vamos, me explique melhor o cálculo das estrelas.

Amenhotep sentou-se ao lado do faraó e passou a detalhar os cálculos que havia feito.

CAPÍTULO 12

Quando recebeu a notícia de que Djoser escolhera Amenhotep como ministro-chefe, Iaret gritou de alegria. Estava cada vez mais perto dele e isso lhe agradava profundamente.

Amenhotep retornou ao seu quarto satisfeito e surpreso. Não imaginara que em tão pouco tempo atingiria tamanho prestígio no topo do poder no Egito. Ele se esforçara para que isso acontecesse. Usara toda a sua capaci-

dade intelectual e toda a sua astúcia para colocar-se no lugar que agora ocupava, mas custava a acreditar que conquistara tudo tão depressa.

Ainda estava perdido em pensamentos, sentado em sua agradável varanda, quando sentiu braços delicados a envolvê-lo. Levantou-se assustado e, ao ver que era Iaret quem o abraçava, afastou-a irritado:

- Iaret, eu já disse que devemos ter cautela. O que há com você, afinal?

- Vim apenas parabenizá-lo, meu amor.

-Você tem de ir embora. Se alguém nos vê, estaremos os dois condenados, sabe muito bem disso...

-Não tinha tanto medo quando me seduziu e invadiu meu quarto pela primeira vez, querido!

- Meu amor, eu a quero com todas as minhas forças, e tanto, que não posso permitir que arrisque nosso futuro. Por favor, agora vá!

Iaret, insistente, agarrou-se ao pescoço dele e o beijou com ardor. Amenhotep não pôde resistir àquele arroubo e entregou-se ao beijo apaixonado. Os dois perderam-se no tempo e no espaço e tão entregues estavam à emoção avassaladora que não ouviram a porta do quarto se abrir.

Quando os viu, Nitetis espantou-se e esbarrou em pesada jarra que ficava no corredor, junto do amplo quarto, derrubando-a. Ao escutar o estrondoso barulho, Amenhotep afastou-se de Iaret, apavorado. Deparando com a irmã, ele gritou:

- O que faz aqui, Nitetis? Você me assustou!

-Perdoe-me, Amenhotep, mas papai não está passando bem. Vim procurá-lo porque seu estado de saúde piorou; ele precisa de você. Creio que somente com sua ajuda poderá melhorar. Por favor, venha comigo. Temos de fazer alguma coisa...

- Não posso ir agora, não hoje. É impossível.

- Mas ele está piorando muito, meu irmão. Não teme que não possa ser salvo?

- Creio que os deuses têm o controle da situação, minha irmã.

E olhando-a detidamente, disse:

- Você está diferente. O que aconteceu? Ela sorriu e respondeu:

- Eu cresci, meu irmão. Faz tempo que não nos vemos. Por favor, Amenhotep, precisamos de você. Venha comigo, papai nos aguarda.

- Não se preocupe, Nitetis. Vou entregar-lhe um remédio que fiz e você o leva ao nosso pai. Farei também uma oferenda a Anúbis pela melhora dele; e assim que resolver tudo por aqui, vou ao encontro de vocês.

Ela tentou argumentar: -Mas...

- Hoje é impossível. Receberei amanhã das mãos de Djoser a nomeação para a função de ministro-chefe do Egito. E tudo com que sempre sonhei, Nitetis. Não posso me ausentar agora e correr o risco de que algum inimigo tente se opor e consiga influenciar o faraó. Assim que tudo estiver oficializado, irei ver nosso pai.

Nitetis o fitou com tristeza. Levantou-se, conformada:

- Está bem. Levo o remédio e espero que venha o mais breve possível. Precisa ajudar a organizar o trabalho em nossa fazenda. Papai já está sem forças para distribuir os afazeres e eu não consigo fazer isso sozinha.

Amenhotep trouxe um frasco com o remédio que preparara e o colocou nas mãos de Nitetis, dizendo:

-Agora vá e não conte nada a ninguém sobre o que viu aqui hoje. Está me entendendo, Nitetis?

Ela sorriu docemente ao falar:

- Sabe que eu o amo profundamente, não é, meu irmão? Jamais faria qualquer coisa que pudesse prejudicá-lo.

Cheio de ternura por aquela jovem atraente em que sua irmã se tornara, ele abraçou-a amoroso e disse:

- Que Anúbis a acompanhe e ajude nosso pai até que eu os encontre.

Retribuindo o olhar carinhoso do irmão, ela respondeu:

- Que Anúbis nos acompanhe, Amenhotep.

E retirou-se do quarto, cumprimentando com a cabeça Iaret, que se mantivera calada.

Logo que a jovem saiu, Iaret disse, enciumada:

-Bonita, sua irmã. É irmã realmente?

- Iaret, agora que percebeu o risco que estamos correndo, quer, por favor, ir embora? Aviso-a quando tudo se acalmar.

Levando a esposa do faraó até a porta, Amenhotep repetiu:

-Vá, por favor!

-Você não me leva a sério. Deveria tomar mais cuidado comigo...

Dizendo isso, soltou-se das mãos dele e saiu correndo pelo corredor. Ele, parado à porta de seu quarto, mais uma vez examinou os dois lados do

corredor para certificar-se de que estava só; depois entrou e trancou a porta por dentro. Não notou que atrás de uma das pilastras, no final do corredor, uma figura encapuzada observava atentamente o movimento em seu quarto.

O dia amanheceu fulgurante. Assim que os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, Amenhotep levantou-se e se preparou para o importante momento que o aguardava. Relembrou rapidamente os anos de trabalho duro no campo, ajudando o pai; o esforço para convencê-lo a deixá-lo ir para o palácio, comparecer diante do faraó e apresentar-lhe seus conhecimentos e sua capacidade.

Ele não tivera grandes oportunidades de estudo, mas as poucas informações a que tivera acesso pareciam multiplicar-se dentro dele. Amenhotep era um homem brilhante: inteligente, conhecedor de medicina, astrologia e arquitetura. Ainda muito criança, já modelava palácios e construções com o barro do Nilo. Depois, orientado por um mestre contratado pelo pai, Tanutamun -que bem cedo percebera que o filho era especial -, absorveu os ensinamentos e ofereceu soluções para alguns problemas com raciocínio espantoso. Ele era um gênio. Tanutamun tentara demovê-lo da idéia de viver no palácio. Temia que o ambiente do poder fosse prejudicial a Amenhotep, influenciando-o negativamente. No entanto, a mãe o apoiou e ele partiu. Os outros irmãos continuaram o trabalho na fazenda e mais tarde nasceu Nitetis, a única mulher entre os filhos da família, enchendo de luz aquele lar.

Ela era meiga e doce, alegre e iluminada. Tanutamun a amava profundamente.

Amenhotep sorriu ao lembrar-se de como a irmã estava crescida e bela. Ajoelhado frente ao seu altar, ele se preparou pedindo ajuda aos deuses de sua devoção e especialmente a Anúbis. Em seguida, dirigiu-se ao salão principal onde assumiria o cargo de ministro-chefe, o mais alto do Egito, depois do faraó. Dividiria o poder apenas com o sumo-sacerdote, Rudamon.

A cerimônia estava para começar. O faraó já ocupava o trono real ao lado da esposa predileta, Iaret. O salão estava repleto de admiradores e também de inimigos. Ao ver o salão lotado, Amenhotep ergueu a cabeça, estufou o peito e caminhou vitorioso pelo corredor, cumprimentando a todos com ligeiro sorriso.

Ao cruzar com Rudamon, pôde sentir o ódio em seus olhos e ouviu-o murmurar:

-Aproveite o momento, sua glória será efêmera. Ligeiramente perturbado, Amenhotep logo recobrou o

controle e seguiu triunfante até o trono do faraó. Iaret estava especialmente bela naquela manhã e ele mal conseguia desviar o olhar dos olhos dela.

Djoser o designou ministro-chefe do Egito, assegurando-lhe plenos poderes até que regressasse de sua viagem. A seguir, comunicou a todos:

- Estarei ausente por tempo indeterminado. Assim que obtiver o controle das primeiras cidades, enviarei os escravos para que Amenhotep dê início imediato à construção de minha fabulosa câmara mortuária. Será a mais espetacular de que se terá notícia em todo o Egito. Quando voltar, Amenhotep, desejo que ela esteja pronta.

-Encarregar-me-ei pessoalmente da supervisão, senhor.

Tomando as mãos de Iaret e beijando-as enquanto dirigia o olhar para as demais esposas, Djoser disse:

- Ótimo. Quero comunicar a todos que, desta vez, farei algo diferente. Levarei Iaret comigo, para que minhas noites não sejam tão solitárias.

A jovem mal disfarçou a decepção e a frustração que a dominaram. Amenhotep, igualmente, buscou fixar o olhar em Djoser, desviando-o quanto pôde da cobiçada Iaret. O faraó encerrou a solenidade:

- Conto com o apoio de vocês, fiéis servidores, para que minhas conquistas sejam de fato valiosas. Deixo aos seus cuidados o mais precioso dos tesouros: o Egito. Que Aton-Ra esteja com todos. Partiremos imediatamente.

Djoser ergueu-se e estendendo a mão esquerda para Iaret, que também se levantou, saiu com a esposa, direto para seus aposentos. A jovem sentia o coração bater descompassado e a face se lhe fizera rubra. Djoser percebeu sua reação e deduziu tratar-se da alegria de poder viajar em sua companhia.

Amenhotep, juntamente com os demais, permaneceu em posição de reverência até o faraó deixar o salão de cerimônias. No instante em que o monarca desapareceu no corredor ele tentou sair, porém foi circundado por muitos dos presentes que faziam questão de cumprimentar o novo ministro-chefe. Os ministros se aproximaram e comunicaram ao novo chefe que tinham muito que conversar e muitas medidas a tomar. Amenhotep seguiu com eles para sua primeira reunião, sob o olhar sinistro de Rudamon.

CAPÍTULO 13

Nitetic chegou à pequena propriedade da família e foi diretamente para casa à procura do pai. Pegou com cuidado o pequeno frasco que o irmão lhe dera e, embrulhando-o em um tecido de linho puro, levou-o junto ao peito até Tanutamun.

Deixara uma amiga da família, ex-escrava, tomando conta dos irmãos mais velhos e do pai, pois todos haviam sido contrários a que ela pedisse a ajuda a Amenhotep. Ao entrar em casa, cruzou com Raquel, que preparava a refeição. Buscando alguma esperança nos olhos da amiga, Nitetic perguntou:

- Como ele está, Raquel, alguma melhora?

Limpendo as mãos para chegar-se mais a Nitetic, ela respondeu:

- Por infelicidade, está absolutamente igual a quando você partiu, dois dias atrás. E você, traz boas notícias? Amenhotep virá em breve ver Tanutamun? Como foi o encontro com ele, Nitetic?

A jovem sentou-se e suspirou fundo, desenrolando lentamente o precioso pacote que trazia nas mãos; quando tinha o frasco todo à vista, disse:

- Trouxe este remédio que Amenhotep preparou. Ele não pôde vir, embora eu tenha insistido muito.

- Eu sabia, Nitetic. Seus irmãos tinham razão, a viagem foi em vão!

- Eu pensei que pudesse convencê-lo a me acompanhar. Sei que Amenhotep ama o nosso pai!

- Só que agora ele é poderoso demais, ocupado demais para dar atenção a questões domésticas, não é verdade?

- Não é bem assim, Raquel. Realmente ele tornou-se alguém muito importante. Ontem o faraó o nomeou ministro-chefe do Egito.

- Ministro-chefe?

- Sim, a mais alta posição, depois do faraó.

- Agora é que ele não virá mesmo!

- Ele me prometeu que virá, Raquel. Pediu-me apenas alguns dias para se adaptar na nova posição, e então virá. Ele fez um remédio para o pai; isso não prova seu interesse?

A jovem argumentava com os olhos marejados, a ponto de desabar em pranto. Raquel abraçou-a com ternura:

- Meiga Nitetis, não fique assim. Quem sabe eu e seus irmãos não estamos enganados? Quem sabe se não está mesmo certa e ele virá em breve, tratar seu pai? Vamos esperar que isso aconteça!

Nitetis esboçou ligeiro sorriso e falou, levantando-se:

- Com certeza ele virá. Agora quero ver meu pai. Apertando o frasco nas mãos, Nitetis caminhou até o quarto onde Tanutamun repousava. Abriu a fina cortina que circundava o leito do pai e se aproximou dele, que, ao vê-la, fez um esforço para sentar-se:

- Nitetis, minha filha, que bom que voltou! Venha cá, dê-me um abraço. Senti muito sua falta, minha doce Nitetis.

Correndo e enlaçando-se nos braços do pai, ela disse:

-Também senti sua falta, mas foram somente dois dias, papai! Fiz uma boa viagem e olhe o que trouxe: um remédio que Amenhotep preparou especialmente para você.

Com cuidado para evitar nova crise de tosse, Tanutamun ajeitou-se para abraçar melhor a filha. Ainda enlaçando-a, olhou para o remédio e perguntou:

- Como está seu irmão, Nitetis?

- Ele está bem, papai.

- Continua bonito?

-Mais lindo do que nunca!

-Que bom! Eu sabia que seria um homem muito bonito! Prolongado silêncio se fez entre eles. Foi Nitetis quem o quebrou:

-Vamos, papai, tome o remédio agora mesmo. Precisa ficar bom logo. Temos muito trabalho, e meus irmãos não conseguem fazer nada sem você.

Tanutamun sorriu, fixando o olhar na bela jovem que lhe oferecia o remédio. Observou atentamente os traços suaves de Nitetis, lembrando-se da esposa, Bint-Anath. A filha não se parecia exatamente com ela, mas tinha o mesmo olhar cheio de bondade e os mesmos gestos carinhosos. Os longos cabelos lisos e negros lhe desciam pelos ombros, enfeitando-lhe o rosto, que a quase ausência de ornamentos no colo delicado tornava cada dia mais admirável.

Ele sentiu imensa ternura pela filha. Ela enchera aquela casa de luz e de amor. Jamais conhecera alguém como ela. Nitetis era especial. Parecia com-

preender cada um ao seu redor e buscava, incessantemente, a harmonia e o bem-estar de todos; não só da família, como dos amigos, e até daqueles que nem conhecia. Fora Nitetis que lutara pela libertação de Raquel. Fizera muitas viagens para convencer o irmão a lhe dar a liberdade. Amenhotep trouxera Raquel ainda jovem para servir na casa dos pais. Fora sua última visita à família, já fazia mais de seis anos. A princípio ele relutara, pois não admitia libertar qualquer escravo. Mas Nitetis tinha seu jeito peculiar e acabara convencendo o irmão. Uma vez livre, ao invés de retornar à Palestina, Raquel preferiu continuar com eles no Egito.

Os irmãos mais velhos não compreendiam Nitetis. Apesar da distância e da indiferença de Amenhotep para com a família, era ele quem a entendia melhor. Tanutamun estava absorto em seus pensamentos quando sentiu a filha tocar-lhe o ombro:

- Vamos, pai, tome o remédio, vai lhe fazer bem. Sem responder, ele obedeceu e deitou-se de novo.

- Sinto-me cansado...

-Descanse. Eu não deveria ter deixado que se levantasse e se movimentasse. Precisa repousar.

Ela já ia saindo, quando o pai a chamou:

-Filha...

-O que é?

-Obrigado por ter ido até seu irmão. Saiba que aprecio muito seus esforços...

Ela interrompeu-o, colocando o dedo em seus lábios, e pediu:

- Não faça mais nenhum esforço, pai. Precisa descansar. Deite-se, vamos. Ajudando-o a se acomodar, ela finalizou:

- Agora durma, descanse. Sei que em breve estará muito melhor.

Tanutamun fechou os olhos e balançou a cabeça concordando.

A jovem saiu do quarto e, ao ver-se longe do pai, no jardim da casa, caiu em pranto doloroso. Raquel a viu e, correndo ao seu encontro, perguntou:

- O que foi, Nitetis? O que houve?

- Ele está piorando, Raquel, posso sentir.

-Não, acho que está do mesmo jeito, nem melhor, nem pior.

- Está piorando. Sinto suas forças vitais diminuindo.

-Suas o quê?

-Forças vitais.

-O que é isso?

-As forças que fazem com que vivamos. Essas forças estão acabando. Por alguma razão, ele vai nos deixando aos poucos.

Limpendo as lágrimas que insistiam em banhar-lhe a face, ela continuou:

-O remédio não vai resolver nada, eu sinto isso.

-Não fale assim, tem de haver alguma esperança! Vou pedir ao meu Deus por seu pai. Meu Deus é poderoso e forte. Ele vai ajudá-lo!

-O chefe de todos os seus deuses?

-Não, Nitetis, o único Deus que existe.

-O único Deus?

-Sim. Você sabe que meu povo acredita em Jeová, que é o único e verdadeiro Deus.

-Você já me falou dele. E sabe de uma coisa, Raquel? Eu acredito nisso: que só existe um Deus, dono de tudo, criador de tudo!

-É mesmo?

- Sei que só existe um Deus, que cuida de todos nós. Portanto, o seu Deus deve ser o mesmo que cuida de meu povo.

Surpresa e sem saber o que responder, Raquel disse:

- Então vamos pedir ao Deus verdadeiro por seu pai. Ele vai nos escutar!

As duas se ajoelharam ali mesmo, no meio do jardim, e Raquel elevou aos céus sentida prece. Ela não compreendia bem seus sentimentos, mas gostava demais de Nitetis e de seu pai. Quando se vira livre do cativeiro em que vivera nos últimos quinze anos, não tivera coragem para deixá-los. Algo a prendia a eles.

Ainda estavam de joelhos quando os três irmãos de Nitetis -Iuseneb, I-neni e Ikeni - chegaram, ruidosos. Ouvindo-os, Raquel se levantou depressa, seguida por Nitetis. Mas eles perceberam sua rápida movimentação e foi Iuseneb, o mais velho, quem perguntou:

- O que as duas faziam?

- Orávamos ao Deus todo-poderoso - respondeu Nitetis, sem hesitar.

- Deus todo-poderoso? Sei. Pedia que seu irmãozinho querido voltasse para casa?

- Não. Pedíamos pela saúde de nosso pai.

- Desista, Nitetis. Ele não vai melhorar. Está velho demais. A hora de cruzar o grande vale está chegando. Ele irá juntar-se em breve aos nossos ancestrais. Não há o que ser feito.

-Não fale assim!

- Não foi o que lhe disse o velho e bom Amenhotep?

- Não! Ele virá logo ver nosso pai. Deu-me até um remédio para ajudá-lo enquanto ele não chega.

- Como você é tola, Nitetis. Amenhotep não virá. Recebemos notícias de que ele foi escolhido pelo faraó para ser o ministro-chefe. Tem idéia do poder e da influência que estão agora depositados nas mãos de Amenhotep? Ele não virá. Tem muitas coisas para fazer, muito para cuidar. Tem o Egito em suas mãos. Acha que irá se preocupar com o velho pai moribundo?

-Você não tem coração, Iuseneb!

- Ele não virá porque não se importa com ninguém além dele próprio. Foi isso que quis desde o princípio. Está agora onde sempre desejou estar. Não ama ninguém, a não ser ele mesmo. É ele que não tem coração, e não eu. Mas parece que isso você não enxerga. Nunca quis enxergar. Vive preocupada com o irmãozinho Amenhotep...

Nitetis afastou-se correndo dos irmãos, na direção da plantação, à beira do Nilo. Raquel fitou Iuseneb e censurou:

-Por que faz isso com ela? É apenas uma criança.

Erguendo a cabeça e medindo Raquel de alto a baixo, ele entrou na casa sem dizer nada.

CAPÍTULO 14

Depois da partida do faraó, Amenhotep, satisfeito pela posição alcançada, embora frustrado pela súbita ausência de Iaret, entregou-se completamente ao trabalho. Gastava horas debruçado sobre o projeto arquitetônico da câmara mortuária de Djoser, pensando e repensando cada detalhe da construção.

Os seus dias eram ocupados ainda pelos difíceis problemas a serem solucionados junto aos ministros. Pouco tempo lhe sobrava para qualquer outra atividade. Os reduzidos momentos livres dedicava a cultivar as divindades que adorava.

Seus conhecimentos rapidamente se tornaram respeitados por todos os ministros do reino; Amenhotep conquistou-lhes a reverência e a admiração. Entretanto, Rudamon mantinha-se à espreita, aproveitando todas as oportunidades para questioná-lo e diminuir-lhe os atributos e qualidades.

Em frente às primeiras pedras que iriam ser depositadas na ansiada construção, Rudamon levantava e abaixava os braços, e alçava a voz em súplica:

- Oh! Grande e poderosa Isis! Proteja e conduza a construção da tumba de Djoser! Proteja a tumba do faraó, desde agora e para sempre!

Ajoelhou-se apoiado em seu cajado, que na ponta trazia a imagem da respeitada deusa guardiã de túmulos e urnas mortuárias. De joelhos permaneceu longo tempo, até ouvir a batida dura de soldados a aproximar-se do local onde se ergueria aquela obra monumental que passaria para a história do Egito.

Pôs-se em pé e olhou a movimentada chegada dos soldados. Diante da expressão reprovadora do sacerdote, o oficial se aproximou e disse:

- Perdoe-nos interromper seu culto, grande Rudamon. Acabamos de chegar da Palestina e trouxemos escravos que o faraó ordenou fossem enviados para a construção do túmulo.

- Todos os escravos passam por minha supervisão e são por mim destinados ao trabalho que deverão assumir.

E olhando em redor, o sacerdote continuou:

- Trazem, por alto, mais de 2 mil escravos. São muitos. Quero uma centena deles para outras finalidades.

O oficial, mantendo o corpo ereto e os olhos baixos, sem fitar diretamente Rudamon, afirmou:

- São precisamente 2 256 escravos, entre homens e mulheres, e o faraó nos ordenou que fossem encaminhados ao ministro-chefe, para que definisse o destino dos mesmos.

Rudamon bateu o cajado com toda a força no chão, retrucando indignado:

-Maldito seja! Como ousa discutir minhas ordens? O oficial, tremendo, respondeu:

- Senhor, estamos obedecendo às ordens do faraó.

Sem dizer palavra, Rudamon afundou seu cajado no solo arenoso, fixando o soldado sem piscar. Este, tomado de súbita dor no peito, caiu no chão e começou a gritar, pedindo socorro. Assustados, os demais não ousaram aproximar-se enquanto o soldado gritava desesperado, até, poucos minutos depois, desfalecer completamente. Ao ver o pobre soldado estirado, sem vida, Rudamon arrancou o bordão do solo e acercou-se lentamente do homem. Olhou-o sem clemência e disse:

-Na próxima vida, aprenda a respeitar o representante deRa!

Depois se voltou para os outros soldados, que de olhos arregalados e sem ação testemunhavam os acontecimentos. Rudamon, então, determinou:

- Levem os escravos e tranquem-nos até que eu decida o que será feito deles.

Nesse momento, Amenhotep surgiu em companhia de seus guardas pessoais e contestou:

- Os escravos ficam, Rudamon. O faraó deseja ver seu templo mortuário construído e vamos começar já! Preciso de todos os escravos, além daqueles que já foram destinados para esse fim. E não serão suficientes. O faraó promete enviar mais, assim que avançar sobre o seu território.

- É insolente, Amenhotep!

-Não tenho tempo a perder, Rudamon.

Chegando mais perto de Amenhotep, o sacerdote disse:

- Se quer tantos trabalhadores, por que liberta escravos pessoais, domésticos?

-Se está se referindo à mulher que trabalha para meu pai, desista! Ele é um velho cansado e doente e precisa da mulher para cuidar dele. Pedi-me que a libertasse e eu não quis entregar-me a atritos com um homem daquela idade. Afinal, o que deseja, Rudamon?

-Repito, mancebo, você é insolente demais! Para que tantos escravos? O poder lhe subiu à cabeça muito depressa!

E, fincando o cajado no solo, passou a fitar Amenhotep, raivoso.

O rapaz, tranqüilo, sustentou-lhe o olhar e aproximou-se dele. Pôs as mãos sobre as de Rudamon e, com esforço, arrancou o cajado da areia e depois das mãos do sacerdote, lançando-o longe:

-Basta de ameaças que não têm razão nem fundamento. Se tiver algo contra mim, diga logo! Não tenho medo de você, Rudamon.

Caminhando vagaroso em direção ao cajado, Rudamon abaixou-se, tomou-o nas mãos e limpou-o cuidadosamente. Depois, virou-se para Amenhotep e disse:

- Eu o amaldição até sua quinta geração! Seus dias estão contados!

Sem prestar atenção às reações de Rudamon, Amenhotep ordenou:

-Vamos, acomodem os escravos que amanhã começarão o trabalho. E vocês, levem este infeliz daqui e o enterrem dignamente. Ao menos cruzou as portas da morte servindo ao faraó.

Virando-se para alguns jovens que, assustados, mantinham-se ao seu lado, continuou:

-Tenho definido cada detalhe da construção. Vocês não terão problema algum e eu acompanharei, sempre que puder, as etapas da obra.

E olhando com desdém para o sacerdote, que se afastava, aduziu:

- O importante é que a construção comece e não seja mais interrompida, por ninguém, a não ser o próprio faraó! Vocês me entendem?

-Sim, senhor. Conte conosco.

- Ótimo. Assim está bem melhor.

Rudamon seguiu para o templo, enfurecido. Entrou em sua câmara e, ajoelhado diante de muitas imagens, amaldiçoou:

-Para cada pedra que ele colocar no edifício, uma chaga se abrirá em seu corpo! Ao final da construção, ele morrerá!

E pôs-se a abrir diversos papiros e a fazer várias anotações. De quando em quando, levantava a cabeça e se lembrava do ministro-chefe, lançando odiosos pensamentos em direção a ele, que a distância, sem perceber, os recebia em sua aura.

Amenhotep prosseguiu o trabalho, incessante, sem ao menos recordar a família e sua casa, onde os dias transcorriam sem novidades.

Nitētis, ansiosa, esperava a chegada do irmão, enquanto piorava o estado de saúde de Tanutamun. Passaram-se semanas. Naquela tarde, o pai chamou-a:

-Peça a um de seus irmãos que me leve até o jardim.

- Não pode, papai, assim vai piorar. Afagando-lhe os cabelos sedosos, ele disse:

-Querida, não há como ficar pior do que já estou.

Ela baixou os olhos, tentando controlar as lágrimas que neles assomavam. Tanutamun ergueu seu rosto suavemente e falou:

- Nitētis, minha filha, não vê que estou morrendo?

- Não, papai, não é verdade!

- Filha, não fique triste, morrer não é ruim, e continuamos a viver em outra dimensão. A vida sempre continua.

Ela calou-se, pensativa. O pai insistiu:

-Quero ver o sol, senti-lo tocando minha pele. Quero que Aton-Ra me envolva antes que eu vá cruzar o grande vale.

Assentindo com a cabeça, ela disse:

- Vou ver quem está por perto para levá-lo.

-Qualquer um deles, menos seu irmão mais velho.

- Tudo bem, papai.

Em alguns segundos, Ineni, Nitētis e o pai estavam no belo jardim da casa. A tarde era esplendorosa e o sol iluminava o jardim inteiro. Sentados sob os galhos de uma árvore frondosa, protegiam-se do sol direto. Ineni acomodou o pai e perguntou:

-De que mais precisa? Tenho de voltar ao trabalho.

-Vá, meu filho, não se preocupe comigo. Quando retornarem me levam para dentro.

- Não vai se cansar demais, pai? - o jovem insistiu.

-Não é possível ficar mais cansado do que já estou.

-Pois bem, se precisar de alguma coisa, Nitētis sabe onde me encontrar.

- Obrigado, meu filho.

Ineni afastou-se rápido e Nitētis ajeitou-se perto do pai, que fitou o céu luminoso e sorriu, satisfeito.

Nitētis acariciou-lhe as mãos cansadas e comentou:

-Ra lhe faz bem, pai. Há tempo não o vejo sorrir assim. Ele tomou-lhe as mãos entre as suas e disse:

-Há muito tenho saudade do lar, minha filha. Estou cansado e quero regressar.

-Para o vale dos mortos, pai?

- Não, Nitetis. Para o nosso verdadeiro lar. Quando olho as estrelas e o céu iluminado por elas, sinto enorme saudade. Sei que em algum lugar está meu lar. E é para lá que desejo voltar.

Sem titubear, a jovem abraçou-o com desvelado carinho e disse:

-Sim, pai, sei que sente saudade de seu verdadeiro lar. Mas em breve estará unido àqueles que mais ama...

- De quem está falando? De sua mãe?

- Não só dela, mas dos outros que deixou para trás ao partir.

- A que se refere, minha filha? Eu lhe falei de algo impreciso que sinto dentro de mim, e você me fala de algo tão preciso...

-Seu coração é grandioso, papai. Por certo há muitos que o antecederam e que o esperam com amor.

Tanutamun continuou a fitar a filha, sem entender claramente o sentido de suas afirmações. Depois a abraçou e sorriu, dizendo:

- Sempre com suas frases misteriosas... Deveria ser sacerdotisa, Nitetis. Você sabe dos segredos do Universo mais do que qualquer um que eu tenha conhecido. É na realidade uma enviada de Ísis.

- E você, papai, é uma das almas mais generosas que já conheci. Tem o coração em paz?

- Só Amenhotep me preocupa. Devo ter falhado com ele.

- Sabe que não é verdade, pai. Fez o melhor que podia por ele também.

- Mas não foi suficiente...

- Ouvindo aquelas palavras, Nitetis ergueu-se, com o coração oprimido e angustiado, como se elas lhe trouxessem triste lembrança. Virou-se para o pai e perguntou:

- Quer um pouco de fresco?

- Não, minha filha. Venha, sente-se aqui, ao meu lado. Ela tornou a sentar-se, ainda angustuada. O pai abraçou-a ternamente e disse:

- Você me fez muito feliz, filha. Só me trouxe alegrias. Tenho orgulho de ser seu pai.

Ela sorriu, sem responder, e Tanutamun prosseguiu:

- Sempre amei todos os meus filhos igualmente, e os tratei com o mesmo carinho e respeito.

- Sei disso, pai.

Como se relembresse o passado, ele emendou:

- Mas com Amenhotep nada funcionou. Usei tudo o que sabia para ajudá-lo a compreender o que realmente tem valor na vida, e ele ignorou tudo o que lhe ensinei. Não vejo sequer vestígios de nossos valores na vida de seu irmão. Isso é o que mais me desgosta. Sempre soube que ele seria grande no Egito.

Desde pequeno revelava uma inteligência fora do comum e algumas de suas habilidades me assustavam; matava os animais que o incomodavam, só de olhar para eles. Por causa disso, redobrei minha atenção sobre ele. Contudo, mesmo assim, Amenhotep partiu e esqueceu de tudo o que lhe ensinei. Ele fez uma pausa e a jovem considerou:

-Você fez tudo o que podia, pai, não fique triste. Um dia ele compreenderá!

- Não sei, Nitetis. O coração dele fica cada vez mais endurecido. Sinto isso. Deveria usar tudo o que sabe para ajudar o povo do Egito, para promover o bem entre a população, e o que faz? Só pensa em si mesmo, em autopromoção. Quantas oportunidades já teve de utilizar seus conhecimentos para o bem geral? E nunca o fez!

-Por mais que isso o aflija, peço que fique tranqüilo, pois eu sempre estarei perto de Amenhotep, a lembrá-lo de seus deveres e responsabilidades!

- Como, Nitetis, se ele nem nos visita?

-Não sei ao certo, pai, porém algo me diz que ficarei muito próxima dele.

-Mais uma vez, você com seus segredos...

Tanutamun começou a tossir sem parar, e a crise se intensificou. Assustada, sem afastar-se do pai, Nitetis gritou por Raquel, que acudiu correndo. Quando as duas tentaram carregá-lo, Tanutamun tossiu mais e mais; não conseguiam movê-lo.

Depois de alguns minutos, tendo a crise cedido ligeiramente, Nitetis procurou erguê-lo outra vez. Ele fez sinal para que parasse e alçou o olhar para o sol. Quis falar algo, mas foi impossível. Nova crise o assaltou e então ele, sem forças, caiu ao chão. Após ameaças de tosse que lhe morriam na garganta, fitou o sol uma vez mais e se imobilizou.

Nitetis inclinou-se sobre seu peito e auscultou-lhe o coração. Ao levantar o rosto, grossas lágrimas desciam-lhe pela face rubra. Ela, ajoelhada,

seguiu com os olhos a direção do olhar do pai e tentou mirar o sol. Sem conseguir, fechou-lhe os olhos com delicadeza, depois disse para Raquel:

- Ele partiu para a grande viagem.

Raquel, que também chorava, disse:

-Que Deus todo-poderoso o abençoe.

E Nitetis, segurando as mãos de Raquel, repetiu:

-Que Deus o abençoe, papai.

CAPÍTULO 15

Sentado à mesa de trabalho, Amenhotep meditava, examinando a planta do monumento em construção. Olhava detidamente os detalhes da entrada da câmara mortuária que se erguia lentamente do chão. Queria ter certeza de que aquele templo dedicado a Djoser fosse perfeito.

Verificando os pormenores da saudação a Isis que desejava gravar no corredor principal de entrada, pensava em qual artesão seria o mais indicado para receber incumbência de tal envergadura. A quem daria a honra de pintar as paredes da entrada da tumba? - conjecturava. Conhecia diversos artistas, mas queria que a pintura tivesse beleza ímpar, bem como estilo diferenciado, superior ao de todos os artesãos que conhecia. Levantou-se e caminhou até a varanda. Observou a abóbada celeste, cravada de estrelas, que ele tanto admirava, e deixou o pensamento vaguear. Com os olhos no firmamento, pensava: em algum lugar daquele céu haveria outros povos, semelhantes ao seu próprio povo, ou estariam sozinhos no Universo? Em um espaço tão gigantesco, seriam os únicos? Não, por certo; sendo os deuses sábios e poderosos, devia haver outros seres humanos, em outra parte. Ele sabia que existiam.

Enquanto fitava o infinito, recordou-se de uma peça curiosa que a irmã pintara. Retratava o céu estrelado e um grupo de homens que chegava à Terra, descendo de um objeto voador indecifrável. Disse, então, em voz alta:

- É isso! Nitetis é a artista certa para pintar a entrada do túmulo. Não conheço ninguém que pinte como ela, que tenha os traços tão lindos e tão marcantes! Ela é capaz de fazer o que eu imagino que tem de ser feito!

Feliz, saiu do quarto, procurou a escrava que o assistia e ordenou:

- Vou viajar até a casa de meu pai. Prepare tudo para partirmos amanhã, sem perda de tempo. Não me demorarei muito; levaremos o essencial. Preciso retornar em breve. As fundações do templo estão prontas e começaremos a erguer as paredes da tumba. Vamos, depressa. Quero sair logo pela manhã.

A escrava curvou-se diante do seu senhor e saiu com rapidez para obedecer-lhe as ordens. Amenhotep se vestiu e foi ao templo, pela segunda vez naquele dia, verificar a construção. Tinha colocado escravos trabalhando dia e noite. Disponha de supervisores treinados e formados por ele - homens de sua confiança - acompanhando a obra; no entanto, queria certificar-se de que tudo corria como planejava.

Assim que chegou, notou ligeiro tumulto no local. Ouvia gritos e homens corriam de um lado a outro. Segurou um deles pelo braço e gritou:

-O que aconteceu?

O escravo, que mal falava a língua egípcia, fez sinal negativo com a cabeça e correu para junto dos demais escravos. Amenhotep seguiu rápido até o centro da construção e logo encontrou o seu supervisor:

- Amy, o que aconteceu?

- Tivemos um acidente, senhor. Algumas pedras rolaram e... Bem...

- Diga logo, o que houve?

-Dois escravos ficaram sob as pedras.

-Foi só isso?

- Bem, creio que perdemos esses dois homens.

- É pena, porém em breve receberemos mais escravos para acelerar a construção.

- Só que agora os escravos não querem trabalhar, estão com medo.

- Como, não querem trabalhar? Eles não têm querer!

-Mas, senhor, eles estão assustados. Seus amigos acabaram de morrer!

-Muito bem, trate de enterrá-los, conforme os seus costumes, e depois ordene que continuem. Aqueles que se recusarem irão para a prisão. Está entendendo, Amy?

- Sim, senhor. E se muitos forem para a prisão, como poderemos manter o ritmo da obra?

- Não se preocupe. É o começo da estiagem do Nilo; muitos colonos virão para trabalhar conosco, em troca de alimento. Eles serão de grande utili-

dade neste momento. Livre-se logo dos corpos dos escravos acidentados, e trate de silenciar os outros, para que não espantem também os colonos. E quero saber por que as pedras deslizaram. Fizemos todos os cálculos para o transporte delas.

- É um sistema muito novo, senhor; ainda estamos aprendendo a fazer tudo exatamente como nos ensinou. Ninguém utilizou antes pedras tão grandes e tão pesadas para uma construção.

Sorrindo satisfeito, Amenhotep respondeu com os olhos brilhantes:

- Sei disso. Essa obra será grandiosa e inesquecível! Cada nível abrigará uma tumba de influente súdito real, e no topo da escada ficará o túmulo do glorioso faraó! Imponente, elevado, divino! No lugar que lhe cabe de direito!

O supervisor olhava-o maravilhado; ainda assim, insistiu:

-Acho que é preciso rever os cálculos e o método da movimentação das pedras, para evitar futuros acidentes.

Amenhotep puxou-o pelas vestes, impaciente:

- Calculei cada décimo de movimentação das pedras, de cada uma delas. Se alguma coisa deu errado, pode ter certeza de que não foi o cálculo, e sim quem executou meus planos. Concentre-se em seguir minhas orientações e pode estar certo de que não haverá mais acidentes!

- Sim, senhor.

-Quero que comecem amanhã a erguer as paredes.

- Para isso precisamos ter por aqui o artista que vai pintá-las, para começar o trabalho de ornamentação.

- Já tenho a pessoa que irá pintar as paredes. Limite-se a colocar meus planos, à risca, em prática e deixe o restante comigo.

O rapaz sorriu, reverente:

- Sim, grande Amenhotep!

O ministro-chefe despediu-se do supervisor e retornou ao palácio.

Na manhã seguinte, antes que o sol estendesse seus raios sobre o Egito, Amenhotep seguia viagem rumo à casa paterna. Já era noite quando avistou o amplo portal que delimitava o início da propriedade da família. Entrou determinado. Trazia consigo mais alguns medicamentos que havia preparado, com ervas novas que descobrira terem efeito regenerador do sistema respiratório; dessa maneira, esperava poder ajudar o pai a recuperar-se.

Ao se avizinhar da casa com seu séquito, esperou que logo alguém viesse recebê-lo, mas surpreendeu-se com o silêncio no interior da residência.

Em alguns segundos estava cruzando as portas da conhecida moradia em que vivera toda a infância e parte da juventude. Foi Iuseneb, o irmão mais velho, que ele encontrou na sala de refeições.

Ao vê-lo, Iuseneb levantou-se abruptamente:

- Amenhotep!

-Como vai, Iuseneb? Onde estão todos? Nitetis, meu pai... Iuseneb sorriu, irônico, ao responder:

- Seu pai? Você tem pai, Amenhotep? Estranho, pensei que tivesse esquecido totalmente disso.

Amenhotep ignora o tom de ironia do irmão e reiterou:

-Onde estão todos?

Raquel apareceu trazendo a singela refeição. Ao vê-lo, sentiu o corpo estremecer num mal-estar indescritível. Ela temia Amenhotep. Trazia dolorosas recordações de sua experiência no cativeiro, e assim que o viu suas lembranças afloraram. Ela se deteve, muda. Iuseneb chamou-a à realidade:

-Vamos, Raquel, sirva-me o jantar! Não fique aí parada! Com as mãos trêmulas, sem dizer nada, aproximou-se da mesa e colocou sobre ela os utensílios que trazia. Depois saiu, igualmente em silêncio. Correu para o quarto de Nitetis, ofegante:

- Nitetis...

-O que foi, Raquel?

-Seu... Seu irmão...

- Quem? O que aconteceu? Iuseneb?

-Não... Amenhotep.

- O que foi? O que tem ele?

-Está na sala de refeições!

Nitetis fitou Raquel espantada e, com intenso brilho nos olhos, saiu correndo do quarto. Ao deparar com o irmão na sala, correu ao seu encontro e agarrou-se ao seu pescoço, beijando-lhe a face com ternura. Amenhotep abraçou a irmã, e logo a afastou gentilmente, perguntando:

- Você está bem, Nitetis?

- Com muita saudade, Amenhotep! Demorou muito para chegar!

- Tenho muitas responsabilidades pesando sobre meus ombros. O futuro do Egito depende de mim.

Iuseneb soltou uma gargalhada.

- Ah, essa é muito boa! O futuro do Egito depende de você? Não seja ridículo!

- Veja lá como fala comigo, Iuseneb. Respeite-me pela posição que ocupo, ou então...

- Ou então o que você vai fazer?

-Mando prendê-lo por desacatar-me!

- Respeito? Quem é você para falar em respeito? Não tem consideração por ninguém.

- Iuseneb, estou avisando. Não abuse da minha paciência e boa vontade. Respeite-me, sou ministro-chefe, o poder máximo do Egito na ausência do faraó.

-Para mim você não é ninguém!

-Vou prendê-lo agora mesmo!

Quando Amenhotep fez menção de sair para chamar um de seus guardas, Iuseneb empunhou uma lança que estava junto à porta de entrada e avançou sobre o irmão, gritando:

- O que quer aqui? Vá embora! Não tem nada para fazer nesta casa!

Nitetic colocou-se entre os dois, pedindo ao irmão mais velho:

- Por favor, Iuseneb, acalme-se. Amenhotep não vem à nossa casa há muito tempo!

-Pois deveria continuar onde estava!

- Minha visita é breve, não tenho intenção de demorar-me. Quero apenas ver meu pai e falar com Nitetic.

A jovem insistiu com autoridade:

- Vamos, Iuseneb, abaixe essa arma! Papai não gostaria nada dessa atitude! Tinha horror a brigas entre nós!

Iuseneb afastou-se, jogou a lança brutalmente contra a parede e saiu irritado, deixando os irmãos na sala. Amenhotep olhou para a irmã, surpreso. Ela disse:

-Nosso pai cruzou o grande vale. Já não faz parte deste mundo. Iremos encontrá-lo um dia no paraíso, ou quem sabe aqui mesmo, quando voltarmos para o Egito, em nossa próxima reencarnação.

Sentindo-se constrangido pela situação, o irmão recém-chegado perguntou:

- Quando aconteceu?

-Faz alguns meses...

-Por que não mandou me avisar? Poderíamos embalsamá-lo e dar-lhe um enterro com honra!

-Ele teve um enterro com honra e foi devidamente em-balsamado. Está enterrado sob as areias quentes perto das margens do Nilo, na divisa de nos-sa propriedade. Seu corpo está preservado, pode ficar tranqüilo.

Amenhotep sentou-se à mesa calado e se deixou ficar meditando. Nitetis aproximou-se e, tocando-lhe as mãos, questionou:

- Por que demorou tanto? Eu lhe disse que ele não estava bem, que pre-cisava de você!

- Eu sei, Nitetis. Sinto muito. Fiquei envolvido com meus deveres. São muitas as minhas obrigações agora.

Ela baixou a cabeça e, suspirando, falou com a voz embargada:

- Ora, Amenhotep, nunca veio nos visitar, nem antes de se tornar minis-tro-chefe! Todos nós sentimos muito a sua falta. Papai foi quem mais sofreu com a sua ausência; ele falava muito em você. Que pena não ter podido vê-lo antes de partir...

Amenhotep se levantou, andou de um lado para outro na sala, depois se sentou outra vez e disse, constringido:

-Eu sinto muito.

CAPÍTULO 16

Nitetis sorriu para o irmão com doçura e exclamou: - Que bom que está aqui; tardou, mas não falhou... Tenho certeza de que nosso pai, onde quer que esteja, sente-se feliz por saber que você veio. Apesar de todas as suas responsabilidades, está aqui.

Amenhotep observava a irmã, procurando ensejo para tocar no real mo-tivo de sua visita. Ele disse:

- Sabe que não poderei demorar-me. Preciso retornar o mais rápido pos-sível; como você mesma reconhece, muitos deveres me aguardam. O faraó está viajando e em breve retornará; não posso decepcionar o representante dos deuses, você sabe, minha irmã.

- Mas acabou de chegar...

-Contudo, não poderei delongar esta visita; vou conversar com nossos irmãos para saber se há algo que possa fazer por eles, depois partiremos.

Nitetis o olhou, surpresa, e perguntou:

-O que quer dizer com isso? Partiremos?

Tomando as mãos delicadas da irmã entre as suas, ele falou:

-Quero que venha comigo, Nitetis. Perplexa, ela indagou:

- Não estou compreendendo. Por que deseja que eu o acompanhe?

Ele não respondeu de pronto. Apertou as mãos da irmã com mais força, olhou-a nos olhos e disse:

- Existem certas coisas que foram determinadas pelos deuses, Nitetis. Nosso destino não nos pertence, e sim a eles.

A jovem permanecia atenta ao irmão, que prosseguiu:

-Preciso de você.

-De mim? Por quê? - ela cada vez mais se surpreendia.

- Preciso de um artista talentoso - o mais talentoso do Egito - para decorar o túmulo de Djoser. Quero que pinte o templo mortuário do faraó.

Nitetis olhava o irmão, atônita, incrédula. Ele perguntou:

-Você me acompanha, Nitetis?

- Mas, meu irmão, sabe que uma mulher dificilmente poderia fazer esse trabalho, menos ainda vê-lo aceito...

- Não se preocupe, terá ajudantes, todos eunucos, que poderão dividir com você a tarefa. Seu trabalho será aceito dessa forma. Ninguém precisa saber que é a verdadeira responsável. O importante é que todo o seu talento será finalmente consagrado. Não há ninguém no Egito que faça o que você faz com as tintas. Quero o melhor para esse empreendimento fenomenal. Portanto, quero que seja você a ilustrá-lo, Nitetis.

- Sinto-me lisonjeada, Amenhotep. Contudo, não gostaria de me afastar de casa neste momento. Nossos irmãos precisam de mim.

- Eles têm Raquel. Tão logo termine as pinturas, você regressará, se assim o desejar. Por outro lado, se preferir continuar no palácio, poderei providenciar novas obras para você ornamentar com seu notável talento.

Nitetis encarou o irmão, pensativa. Calado, ele esperava pela resposta. Ela, então, abriu um grande sorriso e decidiu:

- Está bem, vou acompanhá-lo. Farei o que me pede. Porém ao terminar voltarei para casa.

Raquel, que ouvia toda a conversa, não ousou dizer palavra. Amenhotep se levantou satisfeito:

- Excelente! Arrume suas coisas que partiremos imediatamente. Não precisa levar muitas roupas, pois quando chegarmos mandarei que lhe confeccionem vestes especiais, de linho puro. Ficará deslumbrante, Nitetis.

- Ora, Amenhotep, isso não me interessa. Quero apenas fazer o que me pede. Se isso vai deixá-lo feliz...

- Sim, é fundamental para mim.

-E isso é o que me importa.

Nitetis foi para o quarto preparar suas coisas. Raquel seguiu-a e, assim que se viram a sós, repreendeu-a:

- O que está fazendo, Nitetis? Vai abandonar seu lar também? Esse Amenhotep a enfeitiça! Não é possível!

-Ele precisa de mim, Raquel. Não percebe?

-Vai usar seu talento em favor dos interesses dele; é só isso que está querendo!

Nitetis abraçou Raquel amorosamente e admitiu:

- Eu sei, Raquel. Amenhotep é muito egoísta. No entanto, tenho uma oportunidade a mais de ficar perto dele, de tentar auxiliá-lo, falando-lhe com maior frequência. Quem sabe não consigo algum resultado? Aqui, longe como estou, pouco poderei fazer por ele. Devo acompanhá-lo, Raquel. Preciso aproveitar a oportunidade que a vida me oferece.

- Seus irmãos não vão gostar nada disso, Nitetis. Já estou prevendo a reação deles.

A linda jovem de cabelos negros refletiu por alguns instantes e depois disse:

- Pode ser que não aceitem; mesmo assim, tenho de arriscar. Preciso tentar, Raquel. Sei que bem no fundo Amenhotep tem muitas coisas boas, eu posso pressenti-las. Preciso ajudá-lo a achá-las dentro de si.

-Você é muito boa, minha amiga, vendo sempre o que há de melhor em todos à sua volta.

E abraçando a jovem com ternura, Raquel suspirou fundo e concluiu:

- Ah! Nitetis, desejo que Deus a abençoe e acompanhe.

-Peça a seu Deus por mim, Raquel. Precisaréi de todo o amparo possível.

As duas ouviram gritos vindos da sala de almoço. Nitetis, que acabara de preparar seus poucos pertences, correu para a porta do quarto, com a intenção de ir ao encontro dos irmãos. Foi detida pela entrada de Ikeni:

-O que está fazendo, Nitetis? Não pense em fazer isso!

- Eu preciso, Ikeni, embora você não possa compreender.

-Está querendo destruir sua vida, abandonando o lar, os nossos cuidados, para enfiar-se no palácio, justamente onde o pai detestava que Amenhotep estivesse?

- Ele é igualmente meu irmão, também poderá cuidar de mim.

- Não seja ingênua. Amenhotep não tem qualquer intenção de cuidar de você. Estará sozinha lá, em meio a estranhos, em meio a disputas constantes, orgulho, vaidade, jogo de poder. É isso que deseja para sua vida? E quanto a seu noivo, Bek? O que vai dizer a ele?

- Não vou dizer nada agora. Assim que tiver idéia do tempo que vou levar para pintar as paredes da construção, enviarei uma mensagem a Bek. Espero que ele entenda...

- Não está em seu juízo perfeito. O que aconteceu com você, Nitetis?

- Ikeni, sabe que os amo a todos e amo nosso lar. Jamais faria algo para magoá-lo, ou a Ineni ou a Iuseneb. Da mesma forma, amo muito Amenhotep e ele é quem mais precisa de apoio neste momento. Tenho de fazer alguma coisa, e estar perto dele poderá ajudar. Agora devo ir. Por favor, procure compreender.

Lágrimas corriam pela face de Raquel, que chocada assistia à discussão dos dois irmãos. Nitetis desvencilhou-se do irmão e foi ao encontro de Amenhotep. Ao chegar ao salão de refeições, o embate seguia acalorado e Amenhotep estava sob a proteção de seus soldados. Iuseneb gritava:

-Você é um covarde! Tem de esconder-se atrás de seus homens para resolver um problema de família...

-Chega, Iuseneb. Estou indo com Amenhotep, e não há nada que me possa impedir!

-Se sair com ele por aquela porta, Nitetis, nunca mais porá os pés nesta casa, está ouvindo? Tem de escolher. Se for com ele, terá de viver com ele para sempre!

Ela ficou paralisada. Olhava para Amenhotep e para os outros irmãos sem saber o que fazer. Enfim disse:

- Nosso pai não concordaria com isso, Iuseneb! Está sendo egoísta.

- Nosso velho pai jamais permitiria que fosse com ele, Nitetis, isso nunca! Estou tentando fazer o que é melhor para você, como ele também faria. Desista dessa idéia maluca.

E aproveitando-se da hesitação da jovem, virou-se para Amenhotep e gritou:

-Desista também, egoísta! Ela não irá com você! Nitetis caminhou com firmeza e colocou-se ao lado de

Amenhotep, afirmando:

- Vamos, estou pronta.

Protegidos pelos soldados do faraó e pela guarda pessoal de Amenhotep, saíram em direção aos animais que os levariam para a capital. Iuseneb gritava, impedido pelos soldados de se aproximar:

- Nunca mais volte, Nitetis, está ouvindo bem? Você não tem mais casa, não tem mais família!

Raquel chorava baixinho, vendo Nitetis desaparecer junto da comitiva que acompanhava o ministro-chefe do Egito.

Nitetis permaneceu muda a viagem inteira. Olhava a paisagem com o pensamento distante, nos irmãos que deixara para trás. Amenhotep também seguiu calado. Sentia-se desconfortável pela situação que acabara de provocar para a irmã. Sabia que ela não poderia mais regressar ao lar e que teria de preparar um lugar para ela viver, agora no palácio. Pensou no pai e em tudo o que ele lhe dizia sobre a família, o amor que seus membros deveriam ter entre si, bem como para com os outros. Subitamente, profunda tristeza apossou-se dele e tudo lhe pareceu sem sentido.

Foi assim ensimesmado que Amenhotep retornou ao palácio. Ao chegar, acomodou a irmã em um quarto contíguo ao seu:

-Tenho certeza de que vai ficar bem aqui, Nitetis. Terá tudo de que precisa. Amanhã mesmo providenciarei uma escrava exclusivamente para atendê-la. Procurarei alguém que conheça bem o palácio e possa auxiliá-la em tudo de que necessite.

- Não quero uma escrava. Sei me virar sozinha e tenho você para me ajudar, se precisar de alguma coisa.

Amenhotep olhou-a preocupado, e avisou:

- Não teremos muito tempo juntos. Tenho muito trabalho a fazer, minhas responsabilidades são imensas. Preocupo-me com você sozinha aqui, em um lugar estranho e...

A jovem olhava-o, aguardando, até que ele encerrou a frase cortada:

- Vou providenciar uma escrava e não se discute mais o assunto. Sei de uma jovem palestina que chegou há algum tempo. Acho que se darão bem, ela é muito parecida com Raquel.

Cansada, Nitetis não discutiu com o irmão. Ajeitou-se na cama confortável, em meio a almofadas macias, e suspirou fundo:

- Como quiser, meu irmão.

- E não adianta me pedir para libertá-la. Nitetis reagiu, surpresa:

-Eu nem conheci a moça ainda!

- Mas eu conheço você muito bem. Não adianta vir me pedir que a liberte. Estamos no palácio e, aqui, há inumeráveis interesses em jogo. Fui interpelado por Rudamon quanto à liberdade que concedi à Raquel. Isso quase me prejudicou. Não fosse a desculpa de que cedia a um velho doente, e ele teria conseguido criar-me problemas com o fato. Portanto, aqui viveremos de acordo com as minhas regras. Agora descanse, que amanhã tomaremos juntos o desjejum e em seguida iremos para a construção. Quero que comece seu trabalho o mais rápido possível.

Depois que Amenhotep saiu, Nitetis ficou observando detidamente as paredes do quarto, o teto e os objetos de decoração distribuídos pelo aposento. Apesar de oprimida pela situação, sentia-se feliz por estar perto do irmão que tanto amava.

CAPÍTULO 17

Amenhotep deixou a irmã e foi para seu quarto. Andou mecanicamente pelo belo aposento, com a mente distante. Caminhou até a varanda e passou longo tempo contemplando o reflexo da luz e das estrelas sobre o esplendoroso Nilo. A imagem do pai vinha-lhe constantemente à cabeça. Exausto da viagem, ajeitou-se na cama e procurou dormir. Não obstante o cansaço que sentia, teve dificuldade em conciliar o sono. Indefinível angústia tomava-lhe o peito; era a mesma aflição que já o havia dominado muitas outras vezes. Por fim, vencido pelo cansaço, adormeceu.

Sonhou que estava em um lugar maravilhoso, repleto de árvores muito verdes, com todo tipo de flores coloridas enfeitando o jardim. Uma linda mulher aproximava-se dele, suavemente. Via crianças correndo ao seu en-

contro, com roupas estranhas e completamente diferentes das que usavam no Egito. Os meninos se agarravam ao seu pescoço e chamavam-no de pai. Então, aquela mulher o abraçava com carinho. Aos poucos, porém, a mulher se transformava e, quando a olhava outra vez, era Nitetis quem sorria para ele. Despertou assustado.

Antes que pudesse levantar-se, viu Nitetis sentada à beira de sua cama, tocando-o com delicadeza:

- Acorde, Amenhotep. Não queria estar cedo na construção, para começarmos o trabalho decorativo?

Meio atordoado, sem saber se dormia ou estava acordado, ele sentou-se na cama, esfregando os olhos. Fitou Nitetis e perguntou:

-O que faz aqui?

-Vim acordá-lo, meu irmão. Faz muito tempo que estou aguardando, mas como demorou demais vim ver o que se passava. Pedi à sua... Sua serviçal que preparasse algo para comermos e já está tudo pronto. O que aconteceu? Sempre acordou tão cedo!

- Custei a pegar no sono ontem à noite, e creio que não dormi muito bem.

Suspirou fundo, levantou-se e observou o sol que ia alto no céu, derramando-se pela varanda. Disse, então, agitado:

-Já é tarde, vamos depressa; tenho muito que fazer.

Estavam prestes a sair quando um mensageiro do faraó apareceu na porta do quarto e entrou, seguido pela escrava:

-Trago mensagem do grande Djoser.

- Pois fale, rapaz.

- Ele deve retornar em cerca de dois meses e quer saber notícias da construção.

-Venha conosco e recolha suas próprias impressões. Estou certo de que Djoser se surpreenderá ao chegar. A edificação já está bastante avançada. Hoje mesmo começaremos o trabalho decorativo das paredes do templo. Acompanhe-nos e faça seu relatório.

O jovem obedeceu sem dizer nada. Nitetis também seguia em silêncio, admirando a grandiosidade das construções que via ao redor. O palácio era soberbo, com colunas altas e elegantes espalhadas por toda parte. Acostumada que estava à visão da natureza, às margens do Nilo, encantava-se com a beleza da cidade.

Amenhotep também ia calado. Parecia triste e preocupado. De quando em quando, Nitetis observava o semblante do irmão, no qual transparecia sua exasperação. Ao se aproximarem da imponente construção, Nitetis exclamou:

- Amenhotep, que maravilha! Como é ampla! Tudo isso para abrigar o corpo do faraó? Somente o dele?

-Não, Nitetis. Pretendo que este seja também o repouso dos ministros e sacerdotes do faraó: a elite política e religiosa do reino.

Sem falar, a jovem caminhava entre os escravos e camponeses que dedicados erguiam, pedra por pedra, o grandioso monumento. Nitetis tocava as paredes com as duas mãos, impressionada com sua solidez. Disse então:

- Que pedras, Amenhotep! É magnífico.

-E vai ficar muito mais, com o seu trabalho. Do que é que precisa para iniciar? Diga-me, e providenciarei tudo. E você, eunuco, já pode ir contar ao faraó que seu templo mortuário será incomparável. Falta muito para que fique pronto, porém será a mais bela edificação do Egito, isso eu garanto.

O rapaz moveu a cabeça afirmativamente e, dando uma última olhada em torno, pegou o caminho que o levaria ao palácio e de lá direto ao faraó, que ainda se encontrava em terras palestinas.

Nitetis e Amenhotep andaram por todo o sítio, estudando cada detalhe da construção que se erguia. Ele havia encomendado aos artesãos da corte todo o material de que Nitetis necessitava para começar o trabalho. Assim que o material foi trazido, ele disse à irmã:

- Nitetis, quero um esboço completo do que pretende fazer. Desejo que descreva em detalhes a história de nosso povo; tudo o que é relevante para nós precisa estar gravado nessas paredes. Use tudo o que sabe. Quero que supere o que já realizou antes.

- Pode ficar tranqüilo, meu irmão, terá o melhor de mim.

- Muito bem. Aqui estão os eunucos que irão ajudá-la. Agora preciso ir, tenho muito trabalho a fazer.

Amenhotep pôs-se a caminho do palácio, mas pouco se afastara quando ouviu Nitetis que corria em sua direção. Alcançando-o, ela segurou-o pelo braço e indagou:

-Você está bem, meu irmão? Qual é o problema, o que o aflige?

- Nada!

- Eu o conheço e sei quando algo não vai bem. O que há? Diga-me para que eu tente ajudar.

- Estou apenas preocupado com as muitas responsabilidades que pesam sobre mim. Concentre-se no seu trabalho. Você ouviu o mensageiro: o faraó volta em breve e quero que fique totalmente fascinado pela beleza da construção.

Sem esperar resposta, Amenhotep partiu. Nitetis ficou a observá-lo até desaparecer na estrada. Então se virou e fitou a esplêndida construção de pedras que o irmão havia projetado. Sorriu impressionada com sua habilidade e seguiu a passos firmes para principiar o trabalho.

Uma semana transcorreu. Amenhotep dedicava-se ao trabalho, mas tinha dificuldade de concentração. Algo lhe faltava; sentia-se oprimido e entristecido, sem entender o porquê de seus sentimentos. Tentava empenhar-se mais no trabalho, buscando aliviar o coração.

Nitetis quase não via o irmão, a não ser à noite, quando chegava da construção para o jantar. Nesses momentos, pouco conversava, atendo-se a acompanhar o andamento do trabalho que ela executava. Sempre que Nitetis insistia em falar do que se passava com ele, Amenhotep voltava a atenção para os assuntos do ministério e afastava-se dela.

Naquela tarde, Nitetis estava radiante. Terminara a parede da entrada da câmara, e as inscrições em homenagem a Isis haviam ficado esplêndidas. Ela contemplava o resultado do trabalho, junto com os auxiliares, quando se ouviu inesperado burburinho, seguido de silêncio absoluto.

Uma mulher jovem e sensual, lindamente vestida e com ar soberbo, entrou na construção. À medida que ela passava, todos lhe faziam reverência. Assim que pôs os pés na edificação, ela perguntou:

- Onde está Amenhotep? Quero vê-lo. Amy aproximou-se e ajoelhou-se reverente:

- Alteza, não sabíamos que o faraó já havia chegado. Perdoe-nos, por favor. Amenhotep não está aqui.

- O faraó ainda deverá demorar um pouco. Algumas batalhas foram muito difíceis e, preocupado, o faraó quis colocar-me em segurança e ordenou que eu regressasse.

Ela calou-se por alguns segundos e olhou ao redor; depois continuou:

- É pena que Amenhotep não esteja. Trago-lhe mais escravos e tenho certeza de que irá apreciar. Gostaria também de dar-lhe pessoalmente as últimas instruções do faraó.

Observando com mais atenção em derredor, disse:

- Vejo que as obras vão adiantadas.

Ao olhar a pintura nas paredes, sem deter-se nas figuras, viu Nitetis; acercou-se dela com evidente desagrado:

-Quem é você? O que faz aqui, em meio à construção? Sem saber ao certo de quem se tratava, mas reconhecendo estar diante de importante autoridade real, respondeu:

-Estou ajudando os eunucos no trabalho de pintura das paredes do templo.

Iaret examinou novamente as pinturas, depois dirigiu-se a Amy:

- Não estou compreendendo. Por que necessitamos de uma mulher para esse trabalho? Mande-a embora imediatamente. Exijo somente eunucos.

Nitetis baixou os olhos e esperou pela resposta de Amy.

-Esta é Nitetis, uma artesã talentosa, contratada pelo próprio Amenhotep para colaborar com os eunucos. Antes de dispensar seus serviços, preciso comunicar a Amenhotep. Ele não vai admitir atrasos na obra.

- E eu estou ordenando que a despeça agora. Não quero mais vê-la aqui.

Amy curvou-se em sinal de reverência e ao erguer-se disse a Nitetis:

- Deixe tudo como está e vá embora.

Nitetis fitou-o sem saber o que falar. Levantou-se, tomou alguns de seus pertences pessoais e saiu.

Assim que a jovem deixou a construção, Iaret determinou:

- Voltem ao trabalho. Tenho mais de trezentos escravos, Amy. Muitos são soldados e bem fortes. Aproveite todos e coloque-os para trabalhar! Quero que Amenhotep termine essa construção ao menor prazo possível, e que tudo fique como ele deseja.

Iaret saiu e seguiu direto para o palácio. O sol que se punha no horizonte transformava a paisagem em um espetáculo inebriante. Os tons alaranjados se espalhavam por sobre o Nilo, refletidos em suas águas, tornando difícil saber onde terminava o céu e começava a terra.

Amenhotep entrou em seu quarto apressado, à procura de um de seus planos para a construção do grande templo de Ra. Deparou com Nitetis, que, nervosa, apertava as mãos. Ao ver a irmã, ele indagou:

- O que faz aqui a esta hora?

- Ora, não é tão cedo assim. Ra já está indo dormir. Você se acostumou mal a minhas longas jornadas de trabalho.

Antes que ele respondesse, Nitetis aduziu:

-Além do mais, fui dispensada.

- O quê? Como, dispensada?

-Aquela jovem que vi em seu quarto, quando vim procurá-lo há algum tempo, apareceu na construção e me mandou embora.

Amenhotep arregalou os olhos, que brilharam intensamente:

-Iaret... Então o faraó chegou?!

Ao perceber a reação do irmão, Nitetis emendou:

-Não, ainda demora um pouco. Mas, afinal, quem é ela? Pareceu-me tão poderosa!

Respirando fundo e aliviado, ele sorriu:

- É a esposa preferida do faraó.

-Isso explica sua autoridade. Ela não quer que eu trabalhe na pintura das paredes...

Amenhotep sorriu satisfeito, ao perceber o ciúme da mulher que desejava, e assegurou à irmã:

-Não se preocupe, vou falar com ela.

Eles conversavam, quando Iaret entrou, procurando pelo amante:

- Amenhotep...

Ao ver a jovem que havia dispensado da obra em construção, ela empalideceu de raiva:

- O que faz aqui? Veio reclamar ao seu contratante? Já disse que não quero trabalhando no templo funerário de meu marido!

Amenhotep aproximou-se de Iaret e, reverenciando-a, disse:

- Com sua permissão, senhora, posso explicar tudo.

-Estou esperando... Voltando-se para Nitetis, pediu:

-Vá, Nitetis, depois conversamos.

A jovem levantou-se e saiu, fazendo antes sinal de reverência à rainha do Egito. Iaret encarou Amenhotep com firmeza e perguntou:

- O que significa isso? Como ousa permitir que uma mulher entre em seu quarto, sobretudo em minha ausência? E o que ela fazia na tumba? Por que a contratou?

- Acalme-se, por favor.

E olhando-a apaixonado, tomou-a nos braços:

- Como está linda! Não sei por que retornou antes do faraó, mas estou muito feliz em vê-la. Morria de saudade de você, minha amada!

- Não tente distrair-me, Amenhotep. Quero uma explicação!

Ele sorriu e beijou-a com fervor. Após entregar-se à carícia apaixonada sem resistir, Iaret se desvencilhou dele e cobrou:

-Estou esperando sua explicação.

-Nitetic é minha irmã. Não se recorda daquele dia, antes de minha indicação, antes de você viajar? Ela esteve aqui, quando estávamos juntos. Veio procurar-me porque meu pai estava doente. Lembra-se?

-Não, não me lembro. Ela é sua irmã?

-Sim, Iaret.

-Mas por que está ajudando os eunucos?

-São os eunucos que a estão ajudando.

-Como?

- Nitetic é a mais talentosa artesã de todo o Egito. Eu a trouxe porque quero o melhor para o templo mortuário de Djoser.

Ela sorriu cinicamente:

- Você quer que todos se ajoelhem aos seus pés reconhecendo quanto é inteligente e capaz!

- E desejo o melhor para o faraó também.

-Pois eu não a quero lá.

- Ora, vamos, Iaret, que diferença isso faz para você? Ela é muito boa no que faz!

-Eu a expulsei! Como poderia readmiti-la?

- Vá comigo à obra amanhã. Observamos juntos o trabalho e depois você comenta com todos que até seria interessante que a artesã voltasse. O que acha?

- Não a quero por lá; não a quero perto de você.

-Iaret, pare com isso. Ela é minha irmã!

- E daí? A primeira esposa do faraó também é irmã dele!

- Mas é diferente, eu não tenho esse tipo de atração por ela.

Atirando-se nos braços de Amenhotep, ela insistiu:

- Não tem?

- Não. Quero apenas que ela faça o trabalho no qual é habilidosa, nada mais.

-Pois bem, que volte, mas eu a quero bem longe de você! Ele a abraçou novamente e pediu:

- Agora que está mais calma, conte-me todos os pormenores da viagem. Quero saber de tudo o que aconteceu, desde a sua partida.

CAPÍTULO 18

As pedras eram sobrepostas cuidadosamente. Cortadas com medidas precisas e instrumentos projetados e construídos especialmente para essa finalidade (sob orientação do próprio arquiteto), assombrava aos escravos e aos assessores egípcios a engenhosidade das técnicas empregadas por Amenhotep. Os escravos trabalhavam desde o amanhecer até noite alta; muitos deles não suportavam a jornada exaustiva e tombavam sob o peso da labuta infundável.

Nitetis não podia ignorar o que se passava à sua volta. Dedicava-se à pintura com desvelo, mas corria em socorro dos escravos assim que percebia que um deles estava exausto demais. Rapidamente ela conquistara a simpatia de Amy, que fingia não notar como tratava os escravos. Sem condições de ajudá-los pessoalmente, pois tinha de cumprir as ordens de Amenhotep, ele deixava que Nitetis atendesse a todos que necessitassem de ajuda.

Amenhotep, por outro lado, entregue à paixão desenfreada por Iaret, tornava-se dia a dia mais distante e insensível. Afastava-se da irmã, dificultando a convivência que ela tanto havia desejado; viam-se pouco, e quando conversavam era na construção, sempre ocupados com as pinturas e as esculturas em andamento na câmara mortuária. Nessas raras oportunidades, Nitetis procurava aproximar-se o mais que podia do irmão, recordando algum episódio agradável da infância, ou a imagem querida dos pais. Quase nunca obtinha sucesso, porque pouca atenção Amenhotep dava às lembranças de família. Parecia hipnotizado e dominado por Iaret e pela própria ambição de poder.

Naquela tarde, Nitetis trabalhava em uma das ilustrações do faraó, diante da efígie dera, numa seqüência de imagens que pretendiam retratá-lo como enviado e escolhido dos deuses. Amenhotep chegou sem que ela perce-

besse e ficou avaliando a perfeição do trabalho da irmã. Encantou-se com a maestria com que ela transferia para as pedras a história do Egito e de seu povo. Analisou detidamente cada detalhe, demorando-se em notar a perfeição das vestes do faraó, seus adornos e traços fisionômicos. Totalmente compenetrada, entregue à tarefa que executava, Nitetis estava linda, esplendorosa. Amenhotep a observava enlevado. Pouco reparava na irmã, porém naquele momento, tendo a atenção despertada pelo trabalho grandioso que ela desenvolvia, percebeu como era, e pensou que parecia uma deusa trabalhando no paraíso.

Subitamente, Nitetis sentiu a presença do irmão e virou-se para ele perguntando, surpresa:

- Há quanto tempo está aí, me olhando?

Ele sorriu e respondeu:

-Faz bastante tempo. Você está divina, tão compenetrada no trabalho; e sua pintura está admirável! É muito mais talentosa do que eu havia imaginado! Fiz muito bem em trazer-la para cá. Está maravilhoso, Nitetis. O resultado de sua arte é perfeito, como se viesse diretamente das mãos dos deuses.

Achando graça no entusiasmo do irmão, Nitetis respondeu:

- Ora, Amenhotep, está ficando bonito, mas também não é tudo isso que está dizendo!

- Como não? Ninguém encontrará uma obra tão linda em todo o Egito! Você me surpreendeu, Nitetis!

Feliz por ver o irmão satisfeito, ela abriu um lindo e sincero sorriso e afirmou, com sua peculiar simplicidade:

-Você exagera, meu irmão! Amenhotep abraçou-a com carinho e ralhou:

- Pare de se diminuir! Seu trabalho é esplêndido!

Os dois sorriam, abraçados, enquanto examinavam os detalhes da pintura, quando atrás deles ouviram a voz irritada de Iaret:

-Alguma coisa de bom você devia ter, Nitetis; do contrário seu irmão já a teria mandado daqui para bem longe. Não é, Amenhotep?

Imediatamente ele soltou a irmã e afastou-se dela. Em seguida falou, aproximando-se de Iaret:

- O que faz aqui? Andar no interior da obra pode ser perigoso. Temos pedras subindo e descendo em todos os lados. Vamos, é melhor que volte para o palácio.

Estacando à frente de Nitetis e mantendo o olhar fixo na irmã do poderoso ministro-chefe, Iaret mediu-a de alto a baixo e, com desprezo, interpe-
lou-os:

- Quando termina seu trabalho?

Nitetis buscou com os olhos apoio do irmão, que permaneceu calado, sem olhar para ela. A jovem, então, respondeu:

- Não sei dizer ao certo; creio que ainda deve demorar um pouco, pois a construção é grande...

- Acho melhor se apressar, pois o faraó manda avisar que deve chegar em breve.

Amenhotep tomou Iaret pelas mãos e insistiu:

- Venha, Iaret, temos muito que conversar.

Ela, entretanto, olhou firmemente para Nitetis, dizendo:

- Acho que teria sido melhor você ir embora enquanto pôde.

Quando Nitetis fez menção de responder, Iaret colocou a mão sobre a de Amenhotep, e encerrou:

- Vamos! Quero que faça um relatório minucioso do andamento da obra! Meu marido quer encontrar tudo de acordo com o planejado!

Amenhotep acompanhou Iaret sem olhar para Nitetis, que ficou a observá-los abandonando a construção, até finalmente desaparecerem. Sem poder acreditar na conduta de Amenhotep, suspirou e voltou-se para a pintura em que estivera trabalhando. Diante da imagem de Ra, que havia ilustrado com primor; tocou suavemente a figura e ergueu os olhos ao céu rogando aos deuses pelo irmão; especialmente ao Deus de Raquel, que em segredo amava e respeitava. Era naquele Deus que ela pensava diariamente; era a ele que dirigia suas preces e seus mais sinceros sentimentos.

Algumas semanas se escoaram velozmente. Aproximava-se o dia do retorno triunfante do faraó. Ele havia conquistado novos territórios, expandindo as fronteiras de seus domínios para além do deserto de Zim, e trazia grande número de escravos para servirem ao reino do Egito.

Nitetis dedicava-se com maior intensidade ao trabalho, na certeza de que Amenhotep esperava que a obra estivesse bem adiantada para receber Djoser. Naquele dia, no entanto, ela estava inquieta. Olhava para a porta com frequência, como se esperasse alguém. Não conseguia concentrar-se e sentia-se mais cansada do que de hábito. Amy não pôde deixar de notar a agitação da moça e perguntou:

- Você está bem, Nitetis? Parece apreensiva.

-Sinto-me angustiada e não sei explicar o porquê.

- Não seria melhor tirar o dia de folga, para descansar um pouco? Tem trabalhado em excesso, Nitetis.

- De modo algum! Ainda tenho muito que fazer! Sabe quando chegará o grande Djoser?

- Muito breve.

- Pois então! Como poderia esmorecer logo agora?

-Mas se não descansar, pode até cair doente de exaustão.

- Não se preocupe, meu bom amigo Amy; não cairei. Após a pequena pausa, prosseguiram com o trabalho. Pelo meio do dia, um dos escravos caiu, desfalecido. Nitetis, prontamente, correu até ele e ajoelhou-se ao seu lado, tentando avaliar seu estado. Entretanto, ao ser tocado, ele a agarrou e puxou com toda a força para o chão; deitou-a, beijando-a com sofreguidão, enquanto dizia:

-Não posso mais viver sem você! Deixe os outros, fique somente comigo!

Debatendo-se para soltar-se do rapaz, Nitetis repetia:

-Pare com isso! Solte-me! Está me machucando!

- Você é que me machuca! Quero-a só para mim! - ele insistia.

- Do que é que está falando? -perguntou Nitetis, tentando desvencilhar-se do jovem escravo.

Novamente foi beijada à força, até que enfim conseguiu livrar-se e se levantou depressa, limpando as vestes. Deparou, então, com a rude figura do sumo-sacerdote, em companhia de Iaret, que com sorriso maldoso e olhar fulminante falou:

- Eu não o preveni, Rudamon? Essa mulher está desrespeitando o túmulo do faraó! Quero que seja expulsa imediatamente!

Nitetis tentou explicar:

- Está havendo algum engano... Rudamon interrompeu-a, ríspido:

-Cale-se! Eu não podia acreditar até ver com meus próprios olhos! Que imundície! Saia já e não ponha mais seus pés sujos neste santuário.

- Mas...

- Saia e não diga nem mais uma palavra, se não quiser morrer aqui mesmo!

Assustada e humilhada diante de todos, Nitetis saiu cabis-baixa e muda. Quando estava fora da câmara, ainda tentando entender o que se passava, Rudamon saiu e ordenou a dois soldados:

- Levem-na para a prisão. Depois decidirei o que fazer. Nitetis gritou:

-Por favor, senhor, não fiz nada! Está havendo algum engano. Aquele escravo agarrou-me à força!

-Sei bem o que os meus olhos viram. Cale-se e obedeça! Ao retornar ao interior do templo, dizia:

- Que idéia, deixar uma mulher fazer o trabalho que pertence aos homens! Só poderia vir de um homem como Amenhotep.

Iaret olhou de viés para Rudamon, observando-lhe as reações, depois disse:

- É aviltante! É melhor que fale com o irmão dela! Amenhotep precisa saber o que andava fazendo quando ele não estava por perto!

Nitetis gritava, desesperada, enquanto era levada pelos guardas:

- Por favor, deixem-me falar com Amenhotep! Está havendo um engano muito grande, por favor!

Escutando o som abafado da voz de Nitetis, a distanciar-se da construção, Iaret sorriu satisfeita, e já se dirigia à saída quando Rudamon perguntou:

- O que realmente deseja, senhora?

Ela virou-se, mediu Rudamon de alto a baixo e respondeu:

- A glória absoluta do faraó!

E afastou-se depressa, à frente de seus guardas pessoais.

Rudamon a acompanhou com os olhos, depois contemplou o monumento inacabado e sorriu, exultante. A obra estava parada e isso certamente prejudicaria Amenhotep.

Ao receber notícia do ocorrido, o arquiteto indignou-se. Foi o próprio Amy quem lhe trouxe as informações.

-Não posso crer, Amy! Minha irmã!

- Não consigo compreender, senhor. Nitetis sempre foi tão comedida e recatada; não posso imaginá-la fazendo aquilo de que a acusaram.

Amenhotep pensou por instantes e perguntou:

-Levaram-na para a prisão?

-Sim.

-Não dá para acreditar! Agora, a obra está parada!

Sem dizer mais nada, Amenhotep saiu nervoso e foi direto para o quarto de Iaret. Esta, que já o esperava, ao ser interrogada respondeu ardilosa:

- Ela se encontrava com eles às escondidas. Ninguém nunca viu, mas tenho meus súditos fiéis, que não deixam nada passar despercebido. Assim que soube como ela estava se comportando, tomei as medidas necessárias para protegê-lo, meu querido. Se o fato se espalhasse, poderia prejudicar a construção de Djoser.

E abraçando-se a ele, continuou:

- Mande-a para longe daqui. Os eunucos terminam o trabalho que ela começou. Não perca mais tempo com ela. Liberte-a, pois é sua irmã, e mande-a embora.

Ela improvisou ligeira pausa e em seguida, acariciando-lhe a mão, deu o golpe final:

- Ou, melhor ainda, deixe comigo. Eu mesma vou pedir clemência a Rudamon, em seu nome. Você nem precisa desgastar-se indo até ele. O tempo corre e Djoser está para chegar. Não perca mais tempo, Amenhotep. Deixe que agora eu resolvo a situação. Mando-a embora e logo o caso estará esquecido. Após breve reflexão, Amenhotep concordou:

-Está bem. Não estou em condições de me indispor com minha irmã. Mande que meus soldados a levem para casa.

E saindo do quarto de Iaret, beijou-a com paixão e disse:

-Tenho pouco tempo e muito que fazer.

Sorrindo, Iaret falou baixinho, enquanto ele se afastava:

- Isso mesmo, Amenhotep, deixe que eu resolvo seus problemas.

CAPÍTULO 19

Quando alcançou os portões de sua casa, Nitetis ainda trazia os olhos vermelhos do pranto derramado por horas. Chegou sozinha e caminhava como se trouxesse sobre os ombros pesado fardo.

Ao avistá-la, Raquel correu ao seu encontro:

- Nitetis! O que houve?

A jovem abraçou-se à amiga e mais uma vez deixou que as lágrimas lhe inundassem a face. Raquel emudeceu e a deixou desabafar. Quando se acalmou, Nitetis perguntou:

- Onde está Iuseneb?

-Seus irmãos estão viajando.

-Os três?

- Sim, estão trabalhando na construção de um palácio, ao sul. Como a estiagem se prolongou, acharam melhor partir e garantir o sustento dessa maneira. Não devem retornar tão cedo.

- Eu posso ficar, Raquel?

-Querida Nitetis, o que me pergunta? É claro que pode ficar! Não importa o que tenha acontecido, você tem em mim uma amiga, e sabe disso. Venha, vamos entrar. Vou preparar-lhe alguma coisa para comer. Parece faminta.

Nitetis sorriu levemente, ao confirmar:

- E estou mesmo!

Aconchegando-se no confortável ambiente doméstico, Nitetis contou em pormenores o que vivera. Falou da alegria que sentia na companhia do irmão, e das raras oportunidades em que haviam podido conversar. Enxugando as lágrimas, ela disse:

- Foi tudo tão rápido... Mal posso acreditar que tenha acabado dessa forma. Eu tinha tantas esperanças, Raquel... Desejava muito ajudar meu irmão. Infelizmente, acho que não será possível. Agora entendo a tristeza que vi nos olhos de meu pai, pouco antes de partir. Ele sentia imenso pesar por não ter conseguido auxiliar Amenhotep. Sentia-se como que responsável pelo caminho que ele escolhera trilhar. Naquele momento eu não compreendia o que hoje entendo. É doloroso ver alguém que amamos tomar um caminho que, sabemos, irá levá-lo à dor e ao sofrimento e não poderemos fazer nada! É um sentimento enorme de impotência... A única coisa que me anima, Raquel, é pensar no seu Deus. Quando me sinto frágil e sem esperanças, penso nele e minhas forças se renovam. Fico revigorada e cheia de alegria de viver. Seu Deus é também o meu Deus, Raquel. Eu posso percebê-lo em tudo à minha volta: no céu cheio de estrelas, na manhã radiante de luz, no anoitecer suave que tudo envolve em serenidade. Posso senti-lo em seu abraço, minha amiga, e em seu sorriso meigo.

Raquel enlaçou a amiga com lágrimas nos olhos. As duas permaneceram abraçadas em doce permuta de amor e carinho. Depois, Raquel propôs:

-Agora é melhor descansar um pouco. Seus últimos dias foram muito agitados. Venha, depois preparo um jantar do jeito que você gosta e amanhã, com certeza, sua disposição será completamente diversa.

Nitetis acompanhou a amiga até o quarto, que continuava exatamente como o havia deixado. Sorriu ao ver que estava intacto. Raquel disse:

- Não permiti que seus irmãos tocassem em nada. Surpreendentemente, eles não me contrariaram. Acho que também queriam tê-la de volta.

-Não sei, Raquel. Iuseneb foi bem enfático quando me proibiu de retornar.

- Estava nervoso. Assim que você saiu, ele se sentou e, inconformado, quase se pôs a chorar. Só não o fez por minha causa, para não demonstrar fraqueza. Eu acho que você não precisa se preocupar com isso. É claro que ele não vai admitir, e pode até ser ríspido com você, quando chegar, mas no fundo sei que deseja que fique. Penso mesmo que ele sentiu ciúme de Amenhotep e de seu carinho por ele.

- Ciúme, Raquel?

-Por que não? É bem comum entre irmãos. Ela refletiu por alguns segundos e disse:

- Você pode ter razão.

E ajeitando-se na cama, confessou:

- É muito bom estar em casa, Raquel.

- Agora descanse.

Ao voltar de seu exaustivo dia de trabalho, Amenhotep passou pelo cômodo vazio, que a irmã havia ocupado. Sentou-se e acariciou as roupas que ela deixara jogadas sobre a cama. Recordou-a por poucos instantes, pois foi interrompido por ruídos junto à porta de seu quarto. Ao sair, deparou com Iaret.

- Meu amor! Tive muita saudade.

- Não podemos nos arriscar, Iaret. Rudamon anda à espreita.

- Eu sei, não se preocupe; sei muito bem cuidar de Rudamon. Agora venha comigo, vamos para o meu quarto.

- De forma alguma, é muito perigoso.

Indiferente aos apelos de Amenhotep, ela o arrastou até seu quarto.

Embora a construção da pirâmide continuasse sem grandes problemas, tal como ocorria com as atividades do ministério, Amenhotep sentia-se aflito. Iaret percebia certa tristeza no amante, e buscava distraí-lo fazendo o que mais sabia: cobrar-lhe maior atenção. Todavia, ele se mostrava distante e preocupado. Passava longos períodos sentado à varanda, meditando. Amenhotep não compreendia a razão dessa perturbação: as coisas pareciam caminhar conforme desejava; tinha tudo o que queria. Mas sentia estranha inquietude. Era como se algo indefinido estivesse para acontecer.

As paredes da câmara mortuária de Djoser subiam dia a dia, com elaborada e perfeita sobreposição de pedras. O trabalho de pintura prosseguia, conforme os planos deixados por Nitetis. A olhos mais atentos seria notada a mudança na qualidade dos traços, porém a olhos menos treinados certamente o detalhe passaria despercebido. Amenhotep estava satisfeito com o resultado. Caminhava por entre os escravos, observando atentamente o trabalho que faziam, quando Amy anunciou a chegada de um mensageiro:

- Ele o aguarda na entrada do templo.

-Que espere! Terminarei a verificação e então o atenderei. Ao acabar de inspecionar a construção, Amenhotep saiu e recebeu o mensageiro, que informou:

- Venho da parte do grande faraó. Ele manda avisar que em duas semanas estará de volta. Trará consigo mais escravos, para dar rápido andamento à obra. Está muito satisfeito com as notícias que tem recebido sobre a edificação da pirâmide.

Amenhotep convidou o mensageiro a averiguar pessoalmente os progressos da elaborada construção, para que pudesse manter Djoser informado. Depois se despediu e retornou ao palácio, não sem antes notificar seu supervisor:

—Amy, o faraó estará aqui em duas semanas. Quero que ponha todos os escravos para trabalhar até caírem, está me entendendo? Que trabalhem inclusive à noite; quando um cair, você o coloca de lado. Quero que o faraó se surpreenda com a construção.

- Mas ele já não está contente com o que tem escutado sobre a obra?

-Já disse que desejo surpreendê-lo. E não diga a ninguém que estamos trabalhando nesse ritmo acelerado.

Amy balançou a cabeça em sinal afirmativo e retirou-se, obediente. Apesar de não concordar com as ordens de Amenhotep, não ousava questioná-lo.

Assim que voltou ao palácio, Amenhotep foi direto aos aposentos de Iaret. Porém, antes de alcançá-los, encontrou Rudamon no corredor, como se o aguardasse. O sacerdote o segurou pelo braço e perguntou:

- O que faz aqui? Por que não está em sua construção? O faraó logo chegará. Por certo irá tentar impressioná-lo com suas bobagens.

- Como sabe que ele está para chegar?

- Por que acha que eu não saberia? Se meu senhor, meu faraó, está chegando, é claro que posso senti-lo. Bem como outras coisas que aconteceram em sua ausência.

Rudamon proferiu essas palavras olhando para o final do corredor - a porta do quarto de Iaret. Depois soltou seu braço e falou:

- Vá, pode ir, ela o espera.

Sem saber como agir, Amenhotep olhou fixamente para os olhos de Rudamon e perguntou:

- Por que me odeia tanto? O que foi que lhe fiz? Tenho procurado colaborar com você em tudo. Não compreendo.

- Vá, aproveite sua glória passageira.

Sem dizer nada, Amenhotep seguiu até o quarto de Iaret. À porta, virou-se, mas Rudamon já desaparecera. Quando Iaret o recebeu, ele disse:

- Rudamon sabe de tudo.

- É claro que sabe.

- E como você conserva toda essa calma?

- Ele é o sumo-sacerdote de Ra, é claro que sabe. Rudamon sabe de muitas coisas, assim como você, meu amor!

- Iaret, é sério. Ele poderá entregar-nos a Djoser.

- Acalme-se, Rudamon não fará isso. Tem seus segredos e seus planos. Eu conheço alguns e sei como utilizá-los a meu favor. Já disse que não se preocupe com ele.

Iaret sentou-se sobre a confortável cama coberta de grandes almofadas e, ajeitando-se, indagou:

- O que o trouxe aqui a esta hora?

- Djoser está a poucos dias do Egito; seu mensageiro acaba de retornar.

- Muito bem. Faremos uma grande festa para recepcioná-lo. Vou organizar tudo junto com Rudamon. Eu mesma dançarei para o faraó.

-Você?

- E por que não? Uma surpresa assim o encantará.

-Você se arrisca demais, Iaret.

- Eu gosto do perigo. Ele me instiga.

-Que bom que pensa desse modo. Observando intrigado a reação de Iaret, ele disse:

- Parece feliz com a notícia da chegada do faraó.

- Já tinha conhecimento de seu breve regresso. Mas estou feliz porque tivemos todo esse tempo para estar juntos. Djoser continuará mais interessado em suas conquistas e na construção de seu monumento do que em qualquer outra coisa. Teremos tempo para nos vermos.

Amenhotep despediu-se de Iaret e retomou suas tarefas. Seu coração ainda estava pesado e triste.

Depois de receber a notícia da volta de Djoser, a esposa do faraó não descansou um só minuto. Preparava com cuidado a celebração da vitória do poderoso rei. Pensou em todos os por-menores: a exibição das melhores dançarinas, a comida preferida do marido, a certeza de ter os convidados apreciados pelo faraó. Montou para si as roupas especiais com que se apresentaria diante dele e criou uma coreografia sensual e provocante.

Na véspera da chegada do marido, foi ter com Amenhotep, vestindo a roupa de sua apresentação. Ao abrir a porta do quarto, ele ficou atônito. Iaret estava deslumbrante.

- Quero dançar só para você nesta noite.

- Está maravilhosa, Iaret, mas é muito perigoso. Por favor, volte para o seu quarto. O palácio está agitado com os preparativos da festa.

- Justamente. Todos estão muito ocupados para prestar atenção em nós.

- Não Rudamon. Irritada, ela retrucou:

- Já disse para deixar o sacerdote comigo. Você não me escuta!

- Não devemos nos arriscar. Ele nos vigia; não quero que tenha nenhuma prova contra nós.

Empurrando Amenhotep para dentro do quarto, ela fechou a porta e disse:

- Meus eunucos o estão vigiando.

-Você pensa em tudo... -ele respondeu, sorrindo.

-Em tudo.

Na tarde seguinte, o salão estava repleto de convidados de honra; muitos haviam vindo de outros reinos, para celebrar a vitória de Djoser.

Após breve descanso da longa jornada, o faraó tomou seu lugar no trono, cercado por Rudamon, Amenhotep e os demais ministros. Notou a ausência de Iaret, mas logo lhe comunicaram que ela faria uma surpresa.

A festa era uma das mais grandiosas já vistas naquela dinastia. A dança de Iaret causou no faraó profunda admiração. Assim que terminou, ele a convidou para sentar-se ao seu lado. Depois, agradeceu aos visitantes de regiões distantes e convidou-os ao jantar. Antes, porém, elogiou efusivamente o trabalho de Amenhotep:

- Estou honrado com esta magnífica festa, e muito impressionado com seu trabalho, Amenhotep.

Sorrindo, o arquiteto curvou-se ligeiramente em reverência ao faraó.

- Seu trabalho ficou conhecido em toda parte. Não foi somente de meus mensageiros que recebi notícias da construção e de suas ações cuidando do Egito. Sua previsão de estiagem e estocagem prévia de alimentos garantiu a fartura dos grãos para o povo e o tornou famoso.

- Fico feliz que esteja satisfeito, senhor.

- Satisfeito? Você é o melhor ministro-chefe que um reino já teve! É nossa melhor arma, Amenhotep!

Rudamon irava-se com cada palavra que ouvia. Quando o faraó concluiu seu pequeno discurso de agradecimento, sentaram-se todos à mesa e o sacerdote ocupou lugar em frente a Amenhotep. Este, sentado ao lado do faraó, tinha dificuldade em desviar os olhos dos de Rudamon.

O sacerdote manteve-se calado durante a noite inteira. Amenhotep brilhava, feliz pelo triunfo que obtivera.

Era madrugada alta quando a comemoração terminou. Ao se recolher, já deitado em sua cama, Amenhotep sorriu realizado. Depois, lembrou-se de Iaret dançando, do olhar raivoso de Rudamon e de como evitara fitá-lo por toda a noite. Procurou acalmar a mente para descansar. Adormeceu. Seu curto sono foi agitado e antes que o sol raiasse ele já estava acordado. Vestia-se, quando Iaret apareceu. Ela o abraçou e depois, vendo uma grande mancha em seu ombro, perguntou:

- O que é isso? Essa mancha no seu ombro.

Ele olhou a mancha avermelhada, apertou-a e não sentiu nada.

-Estranho, não sinto nada. A pele está dormente. Essa mancha não estava aí ontem.

- Deve ter se machucado na construção e não percebeu. Ele respondeu enquanto se vestia, encobrendo a mancha:

- Decerto foi isso.

CAPÍTULO 20

Ajoelhada no meio do jardim, Nitetis retirava delicadamente cada planta indesejada que crescia entre as abundantes flores e folhagens. Raquel apareceu na porta da casa e olhou em volta, em busca da amiga. Ouvindo a sua voz, percebeu que ela estava no jardim, mas não conseguia vê-la e na ponta dos pés a procurava. Quando finalmente a achou, aproximou-se e comentou:

- O jardim está lindo, Nitetis. Somente suas mãos poderiam torná-lo tão belo outra vez. Seu pai amava sentar-se aqui, sob as árvores, para contemplá-lo. Lembro como costumava ficar horas apreciando as flores.

Nitetis, que se levantara, caminhando em direção a Raquel, disse:

- Ora, você também tratou bem dele, durante minha ausência.

- Nem de longe tenho esse talento com as plantas. Suas mãos são mágicas. Sob seus cuidados, as flores são fartas e viçosas; as folhagens ficam verdes e bonitas. Tudo ganha beleza. Não, eu não sou tão talentosa...

Nitetis a olhou com carinho e sorriu, mas Raquel a conhecia bem:

-Noto certa tristeza em seu olhar. Ainda Amenhotep?

- Embora me esforce para esquecer tudo o que ocorreu, fico preocupada com ele. Será que está tudo bem?

-E por que não haveria de estar, Nitetis? Ele é um dos homens mais importantes do Egito.

- Eu sei, e é isso o que me inquieta: quanto mais poder, mais perigo.

-Precisa esquecer o que houve.

- Não consigo. De vez em quando até sonho com ele, e em meus sonhos está sempre precisando de mim.

- Mesmo que fosse verdade, ele nunca admitiria precisar de ajuda; Amenhotep é muito orgulhoso. Acha-se auto-suficiente.

-É verdade, ele nunca pediria ajuda.

-E você não pode fazer mais nada. Agora precisa esquecer o que aconteceu e voltar a ser a nossa alegre Nitetis.

A jovem sorriu e abraçou a amiga, sentindo-se animada pelo carinho que recebia dela.

Na manhã seguinte, as duas tomavam o desjejum quando escutaram conversas ruidosas próximo à casa. Os irmãos de Nitetis regressavam. Ineni e Ikeni entraram primeiro. Ikeni dirigiu a Raquel ligeira saudação, depois olhou firme para Nitetis, que apreensiva o fitava quase sem poder respirar. Temia por sua reação ao vê-la. Por fim ele disse, risonho:

-Dava para saber que você tinha voltado só de olhar o jardim lá fora. Fez muita falta, Nitetis!

Envolvendo a irmã num abraço apertado, ele continuou:

-Senti sua ausência!

Ineni também se aproximou da irmã e abraçou-a com carinho. Depois olhou para Raquel, aprovador:

-Agiu bem ao deixá-la ficar. Nitetis foi quem respondeu:

- Espero que Iuseneb pense como vocês. Ele foi muito claro quando me falou que não retornasse nunca mais.

E abraçada aos dois irmãos, acrescentou, entre lágrimas:

-Vocês são minha família, e eu os amo muito. Como poderia ficar longe?

Iuseneb deu a resposta, já dentro da casa:

- A escolha foi sua. Você preferiu Amenhotep à sua família. Os dois irmãos se afastaram um pouco, enquanto Nitetis levantou-se para receber o irmão mais velho. Limpando as lágrimas que lhe desciam pela face, ela se defendeu:

- Ele precisava de mim, Iuseneb. Qualquer um de vocês que necessitasse teria de mim carinho e dedicação iguais. Mas todos aqui estão bem, posso ver claramente, e fico feliz por isso. Era ele quem precisava mais de mim.

-E de que adiantou, Nitetis?

Ela baixou a cabeça e, com o semblante entristecido, respondeu:

-De fato não deu certo.

- Eu sabia! - disse Iuseneb, quase exultante - Amenhotep desconsidera sua família. Não temos importância alguma para ele.

-Justamente porque não está bem, Iuseneb. Nosso pai tinha a mesma preocupação.

-E morreu desgostoso.

Colocando pesadas bolsas sobre a mesa, ele considerou:

-Muito bem, você voltou, afinal. Eu deveria mandá-la embora imediatamente, como disse quando partiu.

Os dois irmãos olhavam para Iuseneb, quase implorando que não expulsasse a irmã. Nitetis pediu:

- Por favor, Iuseneb, não tenho para onde ir. Vocês são minha família.

Ikeni reforçou o pedido:

- Por favor, seja condescendente.

Iuseneb sinalizou com a mão para que Ikeni se calasse e consentiu:

-Poderá ficar, com uma condição.

Nitetis ouvia o irmão atentamente. Ele prosseguiu:

- Terá de me obedecer, de hoje em diante.

- O que quer de mim?

-Quero o melhor para você. E para ficar conosco terá de prometer que irá me obedecer, acatar o que lhe pedir. Sou o irmão mais velho e vocês devem confiar em mim. Então, posso esperar que acate minhas posições?

Ela respondeu, sorrindo:

- Sempre teve meu respeito e meu carinho.

-Quero mais do que isso. Quero que me obedeça. Caso contrário, pode ir já!

- Está bem, Iuseneb, você venceu. O que quer de mim?

-Nada, por enquanto. Logo que tiver decidido o que fazer com você, eu aviso. Agora vou descansar. Ineni, por favor, guarde as provisões das sacolas; precisamos das sementes. As cheias estão apenas no início, e logo que o Nilo baixar suas águas começaremos a plantar.

Sem falar, os dois irmãos levaram as sementes para o lugar seguro da casa. Iuseneb entrou no corredor que levava aos quartos e Nitetis correu a abraçar Raquel:

- Acho que ele vai me perdoar!

- Espero que sim, Nitetis.

Algumas semanas se passaram. As águas do Nilo baixaram lentamente e a plantação começou com intensidade. O húmus deixado pela cheia do rio, rico em nutrientes, proporcionaria farta colheita, se aproveitado no momento certo. Os três irmãos dedicavam-se de sol a sol à plantação, contando com o auxílio de mais alguns camponeses.

Nitetic e Raquel cuidavam da casa e ajudavam os irmãos no tempo que lhes sobrava. Ao chegarem em casa, naquela tarde, Iuseneb disse:

-Nitetic, quero que saiba que contratei com Bek e sua família o casamento de vocês.

Nitetic olhou atônita para os irmãos e para Raquel, que baixou os olhos. Iuseneb continuou:

- Assim que a época de semear terminar, vocês se unirão. Nitetic não sabia ao certo o que dizer. Gostava muito de

Bek, porém não se encontravam desde a sua partida para a capital. Finalmente, falou:

-Mas por que tanta pressa, Iuseneb?

-Para evitar que faça outra besteira.

- Eu quero me casar com Bek!

-Que bom, desse modo será melhor para você!

- Só que desejo fazer isso na ocasião oportuna. Não precisa demorar, não é isso; mas também não precisa ser às pressas. Por favor, Iuseneb, deixe que nós dois conversemos para resolver.

- Vamos recebê-los aqui amanhã à noite, e já está tudo decidido. Bek concordou em perdô-la e recebê-la como esposa. Fique feliz, Nitetic. Ele é melhor do que eu, que não a perdoaria!

Iuseneb não esperou pela resposta da irmã, desaparecendo casa adentro. Nitetic, sentada à mesa, disse a Raquel:

- Não compreendo a pressa!

Raquel sorriu, afagando os sedosos cabelos negros da bela Nitetic:

- Será melhor para você. Terá sua própria família, filhos... Seu lar...

Nitetic tentou sorrir para a amiga. Depois meditou por alguns instantes e comentou:

- É estranho, Raquel, nunca pensei em ter filhos. Sempre amei as crianças, mas jamais me imaginei sendo mãe.

- E por que não? Será uma mãe maravilhosa! Bek sabe bem o que está fazendo; ele é um rapaz sério.

- Por que diz isso?

- Ele não quer perdê-la. Soube que o pai dele ficou um pouco inseguro pela sua decisão de acompanhar Amenhotep para Mênfis, e foi Bek que o convenceu. Acho até que foi ele quem procurou Iuseneb.

- E por que não procurou a mim, a maior interessada?

- Acho que por medo.

- Medo de quê?

-De perdê-la outra vez, Nitetis. Os homens usam meios um pouco atrapalhados para expressar seus sentimentos. Tenho certeza de que Bek a ama e quer seu bem.

Nitetis fitou Raquel e afirmou, séria:

-Não pretendo me casar agora. Concordo em me casar com Bek, mas não vai ser do jeito de Iuseneb. Será à minha maneira.

- Não vá criar problemas com seu irmão!

- Não, de forma alguma, não se preocupe. Se foi Bek quem primeiro procurou meu irmão, saberei convencê-lo.

CAPÍTULO 21

Amenhotep voltou mais cedo da construção, naquela tarde, e se trancou no quarto. Estava muito aflito com as feridas que aumentavam e se espalhavam por todo o seu corpo. Sentou-se na varanda e observava atento as manchas pelos braços e pernas. Tocava-as com os dedos sem nada sentir. Levantou-se e entrou no quarto, para logo retornar à varanda trazendo nas mãos uma faca. Sentou-se de novo e, decidido, enfiou-a na pele, superficialmente, sobre uma das manchas. Esperou pela dor, que não veio. Ergueu-se, desesperado, andando de um lado a outro, sem saber o que fazer. Depois, vestiu-se e foi até o templo deRa, onde ajoelhado rogou ajuda aos deuses.

Ali permaneceu por horas, suplicando auxílio. A situação o preocupava, não apenas por não sentir dor, mas porque as manchas estavam aumentando. Ele já vira alguns escravos com doença parecida, e alguns poucos egípcios haviam relatado casos semelhantes. Todos se tinham revelado incuráveis.

Era noite alta quando regressou ao palácio e deitou-se; queria sair bem cedo pela manhã. Assim que o sol raiou, ele acordou e em vão tentou levantar-se; um mal-estar súbito o prendeu na cama. Com muito esforço, sentou-se e vestiu-se, temeroso de que alguém chegasse e visse as feridas.

Estava acabando de se vestir quando bateram à porta com insistência. Ouviu a voz abafada de Iaret, que pedia:

-Abra, Amenhotep, quero falar-lhe. Apressando-se em cobrir as manchas dos braços, ele respondeu:

- Só um instante, Iaret.

Tão logo ele entreabriu a porta, Iaret enfiou-se no quarto. Fechando a porta e abraçando-se a Amenhotep, disse:

-Meu amor, abrace-me.

- O que houve, Iaret? Parece preocupada.

- É verdade, estou muito preocupada.

- O que aconteceu?

- É que...

- O quê? Fale!

Ela acariciou a barriga e olhou para ele de modo provocante:

- Vamos ter um bebê.

- O quê?

-É o que acabou de ouvir. Vamos ter um bebê!

-Tem certeza de que está grávida?

-Absoluta certeza de que estou grávida e de que o filho é seu.

- Como sabe que não é de Djoser?

-Ora, Amenhotep, as mulheres sabem dessas coisas.

- Então não tem certeza?

-Claro que tenho. Estou com mais de dois meses de gravidez e Djoser regressou há apenas um; portanto, o filho não pode ser dele.

- E como está certa quanto ao tempo de gestação?

- A parteira de minha mãe veio ver-me em segredo. Ela já trouxe ao mundo mais de duzentas crianças e conhece bem cada fase. Garantiu que a criança já tem dois meses.

Amenhotep sentou-se na cama, apoiou a cabeça nas duas mãos e ficou quieto, a meditar. Iaret ajoelhou-se perto dele:

- O que foi, querido, não está feliz? Vai ser pai!

-Não sei o que dizer, Iaret. Por um lado sinto-me feliz, mas sei que jamais poderei assumir a paternidade dessa criança. E bem sabe o porquê.

Iaret fechou o semblante e sentou-se ao lado de Amenhotep; suspirou fundo e concordou:

- Tem razão. Djoser nunca me perdoaria, nem a você. A não ser...

- A não o quê?

-Que ele não fosse mais o faraó.

- Não estou entendendo, Iaret.

Com um brilho estranho nos olhos, ela sorriu desdenhosa, dizendo:

-Você não teria coragem, não é mesmo? Amenhotep, compreendendo o que ela sugeria, ergueu-se de súbito e reagiu:

-Você enlouqueceu? Jamais insinue isso novamente. Segurou-a firme pelo ombro:

- Está indo longe demais com seus caprichos! Não pode estar falando sério. Diga-me que está apenas brincando...

- Pois não estou. Se Djoser desaparecesse de nosso caminho, poderíamos viver plenamente nosso amor e cuidar de nosso filho juntos. Seria maravilhoso, meu querido!

- Seria maravilhoso se fosse possível. Só que não é. Você é a esposa favorita de Djoser e terá de criar essa criança como herdeira do trono do Egito. Não existe outra solução.

Irritada e inconformada, Iaret ergueu-se num ímpeto:

- Você é um frouxo! Prefere renegar seu filho, deixar que ele cresça sem saber quem é o verdadeiro pai, a assumir comigo a melhor solução para nosso futuro.

- Não podemos fazer uma coisa dessas, Iaret, é muito perigoso. Se nos descobrirem, morreremos também. E Djoser tem guardas junto dele o tempo todo; não seria algo fácil de executar.

- Deixe que eu pense em um plano minucioso. Preciso apenas ter a certeza de que poderei contar com você.

Hesitante, Amenhotep disse:

-Não quero que nos envolvamos nessa espécie de ação, Iaret.

- Quem sabe não seja você mesmo escolhido o próximo faraó?

- Djoser tem seus herdeiros.

- Todavia, você é muito apreciado pelos ministros; pelo menos boa parte deles. Não seria difícil convencê-los a mudar a dinastia de mãos.

- Acha que seria possível?

- Tenho quase certeza. Muitos deles lhe têm demonstrado admiração e respeito, mais do que sinto que nutrem pelo faraó.

- Não, Iaret, seria muito arriscado.

E estreitando a bela jovem nos braços, ele continuou:

- Quero que tome conta de si e que cuide bem de nosso filho.

-Vou pensar em algo, um plano infalível para nos livrarmos do faraó.

Ele ia responder, quando sua escrava pessoal bateu à porta:

-O grande faraó quer vê-lo, meu senhor; seu mensageiro está aqui.

-Avisar que logo estarei lá. Olhando fixo para Iaret, ele pediu:

- Diga que não vai fazer nada sem falar comigo antes, por favor.

-Vou pensar em todos os detalhes. Assim que souber o que fazer, conversaremos.

Ele acompanhou a jovem até a saída e reforçou o apelo:

- Não faça nada antes de falar comigo.

Assim que Iaret se retirou, Amenhotep certificou-se de que ninguém os vira e então foi diretamente ter com o faraó. Djoser o aguardava na sala do trono, cercado pelos ministros e por alguns dos sacerdotes.

Ao adentrar o recinto, Amenhotep estranhou a presença de todos naquela reunião. E extremamente preocupado ficou quando notou o olhar triunfante que Rudamon lhe dirigia. De imediato imaginou que haviam sido descobertos seu romance com Iaret e a gravidez dela. Temeroso, controlou as emoções e se aproximou do faraó, fazendo reverência. Djoser lhe ordenou:

- Levante-se, Amenhotep.

O ministro-chefe mostrou intenção de chegar mais perto, sendo detido por Djoser:

- Pode ficar aí mesmo, onde está. Ele estacou, ainda mais assustado. O faraó prosseguiu:

-Amenhotep, tenho muito a lhe agradecer pelos serviços prestados ao Egito. Confiei-lhe meu reino e você não me decepcionou em momento algum.

- Sou eu quem agradece, grande faraó.

-O meu túmulo está ficando magnífico e tenho certeza de que você será lembrado como o maior arquiteto de meu reinado.

Amenhotep escutava quase sem respirar a manifestação do faraó:

-Gosto de você, Amenhotep, sempre admirei seus conhecimentos. Você é especial. Entretanto, fui informado de que está envolvido em um problema muito sério.

Amenhotep ergueu a cabeça devagar, buscando na mente um jeito de desmentir qualquer acusação referente ao seu relacionamento com Iaret. O faraó prosseguiu:

- Infelizmente, se o que me informaram for verdade, você não poderá continuar no palácio; sequer poderá entrar nas redondezas da cidade. Mais que isso: sinto muito, Amenhotep, mas será banido do Egito.

Amenhotep fazia menção de caminhar em direção ao trono quando Rudamon esticou seu cajado, desenrolando-lhe a veste de um braço e deixando algumas de suas manchas à vista de todos. Então disse:

- Está doente, Amenhotep, e já deveria ter se afastado do palácio por sua própria vontade. Não pode colocar em risco um só dos ministros e muito menos nosso grande faraó.

-Não creio que seja uma doença grave.

E ajoelhando-se diante do faraó, ele asseverou:

- Senhor, as manchas começaram a aparecer há algumas semanas. Só preciso me tratar, para ficar curado. Se me expulsarem do Egito, não mais terei acesso aos medicamentos e certamente a recuperação será impossível. Rogo que não faça isso comigo, faraó. Permita-me permanecer -com restrições, eu as aceito, porém autorizado a ser atendido e medicado.

Foi Rudamon quem respondeu:

- Sua doença é incurável e letal. Embora leve algum tempo, mata invariavelmente. Sei de várias pessoas que apresentaram esse mal e não tiveram esperança. Console-se, pois irá viver junto delas.

- O quê?

Rudamon sentenciou, satisfeito:

- Há um lugar em Hermon onde vivem muitos que têm essa praga. Será levado para lá. É o mais seguro a fazer.

-Faraó, não pode fazer isso comigo, preciso tentar a cura! Ajeitando-se no trono, Djoser falou austero:

- Sinto muito, Amenhotep. Não gostaria de decidir isso, mas não tenho alternativa. Como disse Rudamon, é o mais garantido a fazer. Alguns servos de minha guarda pessoal o seguirão a distância para ter certeza de que irá para o lugarejo onde ficam os degredados.

Amenhotep sentiu as forças lhe fugirem do corpo. De joelhos, enfraquecido, envergonhado, humilhado e desamparado, suplicou:

- O Egito é minha vida! Rudamon olhou-o fixamente e disse:

- Sua vida acabou.

Amenhotep levantou-se e ameaçou avançar sobre Rudamon, no que foi impedido pelos guardas do faraó. Djoser ordenou:

- Levem-no. Deixem-no ir até o quarto e recolher seus pertences pessoais. Nada além disso. Ele não deve sair do quarto pondo outros em risco. Agora podem ir; ele deve partir imediatamente.

Desesperado, após ser largado em seu quarto, Amenhotep andava de um lado a outro sem saber o que fazer. Não podia acreditar no que lhe estava acontecendo. Andava e procurava uma forma de impedir que o levassem. Pensou então em Iaret. Decerto o ajudaria. Mas como encontrá-la? Sentou-se na cama, avaliando como poderia falar com a jovem esposa do faraó. Foi até a porta e viu os guardas postados ao longo de todo o corredor. Mais de quinze homens o vigiavam. Dirigiu-se à varanda e deparou com outros três guardas. Um deles lhe disse:

- Depressa, temos ordens de levá-lo sem demora. Tem pouco tempo. Se não estiver pronto logo, irá sem seus pertences.

Em extrema aflição, Amenhotep gritava:

- Não podem fazer isso comigo! Não podem! Eu sou Amenhotep! Não podem fazer isso!

Sua atitude era dramática. Os guardas permaneciam imóveis, observando-o. Ele, então, implorou:

- Permitam que fale com Iaret, por favor!

-A esposa do faraó? Para quê?

-Ela conhece meu trabalho, poderá defender-me junto ao grande Djoser.

-Nem pense em vê-la. Não pode sair desse quarto, a não ser para abandonar o Egito.

Ele continuou a suplicar:

- Pelo menos levem a ela meu recado. Por favor, digam o que está acontecendo e peçam que interceda por mim.

Penalizado com a situação do notável arquiteto, o chefe dos guardas cedeu:

- Muito bem, vou enviar um mensageiro até ela. Amenhotep entrou e sentou-se na beira da cama em angustiada espera. Algum tempo se passou. Desolado, ele viu quando o mensageiro retornou e conversou em segredo com o guarda. Este, então, trouxe-lhe a informação:

- Iaret mandou dizer que não o conhece a ponto de intervir junto ao faraó em seu favor. Disse que sabe de seu trabalho e que lamenta a constrangedora situação; no entanto, entende que o melhor que lhe cabe fazer é obedecer ao faraó, partindo imediatamente.

Amenhotep ajoelhou-se outra vez no chão, rasgou as roupas que vestia, deixando à mostra as feridas que lhe cobriam o corpo, e gritou num lamento incontrolável:

-Não! Pelos deuses, não!

* * * *

Carregada por vários escravos, a Uteira conduzindo Amenhotep seguia bem atrás aos soldados, a uma distância que consideravam segura.

Dentro dela, o grande arquiteto chorava como criança. Seu coração estava dilacerado pela dor e pela vergonha; fora humilhado e abandonado. A mulher que o procurara momentos antes daquela hora nefasta agora o desprezava, dizendo que nem o conhecia. Amargurado, derramava doloroso pranto.

A viagem até a região de Hermon durou muitos dias. Assim que se avizinharam do destino, puderam ver ao longe homens e mulheres miseráveis, que ocultavam suas chagas sob restos de vestes rotas e paupérrimas. O séquito parou. A lacônica ordem dada aos soldados por um dos guardas do faraó, os escravos abandonaram suas posições e dispararam na direção contrária à entrada dos rochedos. Queriam regressar com os demais. Todavia o chefe comunicou:

- Vocês ficarão aqui, ou poderão ir para onde quiserem. Estão livres.

Um deles gritou em desespero:

-E de que adianta a liberdade, num lugar destes? Por que não nos deixaram morrer na tumba do faraó? Que faremos agora? Morreremos neste local, junto com os banidos.

O soldado argumentou:

- No entanto, podem ir para onde quiserem.

Os escravos se entreolharam e alguns saíram em disparada, distanciando-se dos soldados e de Amenhotep. Os soldados igualmente partiram em retirada, abandonando a liteira bem próximo à área onde estavam os leprosos.

Alguns dos habitantes do lugar, curiosos, começaram a se aproximar da peça que transportara o arquiteto. Amenhotep permanecia em tamanho desalento que não percebera a movimentação dos escravos nem dos soldados. Ainda tinha o pensamento longe e o rosto banhado em lágrimas, quando

notou a face oculta por panos de alguém que o observava, em silêncio. Ele olhou para o rosto parcialmente coberto e gritou, assustado:

- O que é isso? Quem é você?

Era uma mulher que não respondeu, apenas continuou a encará-lo. Logo outros rostos curiosos vieram juntar-se ao dela. Amenhotep, imóvel, ante aqueles olhos semicobertos a fitá-lo, de novo gritou, apavorado:

- Pelos deuses, onde estou? Quem são vocês? Para onde foram os soldados e os escravos?

A mulher que há algum tempo o olhava enfim respondeu:

- Todos se foram.

- E quem são vocês? Que lugar é este? - perguntou Amenhotep, saindo da liteira. Ao vê-lo descer, os que estavam mais perto se afastaram. Ele caminhou olhando desconfiado ao redor, enquanto os outros o examinavam atentamente. Perguntou, irritado:

- Afinal, alguém pode me dizer onde estamos? O que todos vocês fazem aqui? Parecem doentes! O que está acontecendo?

Um homem sisudo acercou-se dele e indagou:

- Não sabe para onde o trouxeram? De onde veio?

- De Mênfis, no Egito.

- Pois é hora de saber que foi abandonado, como prisioneiro deste lugar.

- Como prisioneiro? Não vejo os guardas.

- Na entrada de todas as cidades encontrará sempre um soldado para impedir nossa passagem.

- E por que não podem sair daqui?

Abrindo os panos que o envolviam, o homem deixou que o recém-chegado lhe visse os braços purulentos. Amenhotep não suportou e se pôs a vomitar. Quando por fim conseguiu se controlar, olhou para as pessoas à sua volta e gritou:

- O que são vocês? Onde estamos? Por que não saem daqui e procuram ajuda?

- Somos prisioneiros nestes rochedos.

- Insistem nisso, porém não vejo os guardas.

- Não precisam colocar guardas aqui. Há soldados em todas as cidades que poderíamos alcançar; todos devidamente instruídos a nosso respeito, para impedir-nos a passagem. Para chegarmos a regiões mais distantes, pre-

cisaríamos de provisões, obtidas nas províncias mais próximas. E isso é impossível. Logo, somos prisioneiros.

- E por que foram deixados aqui? Afinal, que doença é essa?

- Em minha terra a chamam lepra - disse uma senhora no fundo do povaréu.

- Já experimentaram as ervas?

- Esta doença não tem cura. Todos nós vamos morrer aqui, como muitos já morreram.

- E não procuram fazer alguma coisa? Buscar socorro em outra parte?

- Não escuta? É inútil. Muitos já tentaram e acabaram morrendo no caminho ou sendo mortos pelos soldados quando se aproximavam da cidade a que se dirigiam. Aceite seu destino. Estamos condenados a viver aqui até o fim de nossos dias. E para muitos, os dias de vida neste lugar esquecido se tornam bastante reduzidos. Quem sabe você tem a sorte de ser um deles?

- Não é possível que não haja algo a fazer. Não acredito! Tem de haver um modo de sair daqui.

Uma mulher com o rosto parcialmente envolto em trapos achegou-se um pouco mais ao pequeno grupo que se fizera em torno do recém-chegado, e disse:

- Moço, acho que ainda não compreendeu sua real situação.

Ela abriu os trapos que tampavam seu rosto e deixou que todos vissem as profundas chagas que lhe desfiguravam o semblante. Depois, cobrindo-se novamente, continuou:

- Não podemos mais viver entre os sãos. Quem aceitaria viver ao lado de seres humanos que se deformam a cada dia? Tornou-se impossível. É melhor aceitar logo sua condição e acomodar-se à nova vida. Assim os dias lhe serão menos penosos. Se é que isto é vida.

Caindo em si, Amenhotep perdeu o resto das forças que o animavam e sentou-se no chão, vencido e cansado. Lembrou-se de suas feridas e da reação de repugnância do faraó e de todos os seus ministros. Por mais que lhe doesse concordar, por mais que desejasse lutar contra a situação em que se via, tinha de admitir que a mulher estava certa. Ele fora banido. Aquele mal que o acometera transformara para sempre sua vida. Nunca mais seria a mesma.

Sentado no chão, ele colocou a cabeça entre os joelhos e entregou-se a profundo e sentido pranto, enquanto os outros se afastavam em silêncio.

CAPÍTULO 22

A noite estava clara e antes de se deitar Nitetis contemplava o luar, sentada no jardim de sua casa. Raquel se aproximou suavemente e, notando o ar distante da jovem, perguntou:

- Você está bem, Nitetis?

- Sinto-me triste hoje, como se algo doloroso me atingisse.

- Não seria a questão do casamento que a preocupa?

- Não, Raquel, conversei com Bek e ele está propenso a me atender. Preferia casar-se logo, é bem verdade. Por ele, até já nos teríamos casado, conforme Iuseneb desejava. Mas Bek me respeita e vai aguardar que eu diga qual o momento certo.

- E quando será esse momento, Nitetis? O que está esperando? Bek a ama.

Suspirando fundo, Nitetis respondeu:

- Eu sei, e também gosto muito dele.

- Gosta?

- Sim, aprecio bastante a sua companhia. Para mim isso já é suficiente para compartilharmos a vida. Bek é ótima pessoa.

- Então não compreendo o que está esperando. Alguém a quem ame mais do que a ele?

- Não sei, Raquel. Seja como for, você tem razão, eu já deveria ter me decidido; só que algo me impede e não sei explicar o que é.

Abraçando ternamente a amiga, Raquel lembrou:

- Seu coração é complicado, Nitetis; muitas vezes eu não a entendo. Mas, como seu pai sempre dizia, sua alma é especial, e está além de nossa compreensão.

Deixando-se envolver pelo abraço reconfortante, após alguns instantes de silêncio Nitetis falou:

- Hoje, em particular, sinto-me atormentada. Meu coração está oprimido e entristecido.

Levantando-se e estendendo as mãos para a jovem, Raquel pediu:

- Vamos dormir, querida. Quem sabe amanhã se sentirá melhor? Seu noivo vem vê-la, não é certo?

- Sim, logo pela manhã. É melhor mesmo ir dormir; preciso estar bem disposta para argumentar contra seus apelos veementes para apressarmos o casamento.

As duas seguiram enlaçadas para o interior da casa. Nitetis acomodou-se no leito e, não obstante o pensamento que insistia na figura de Amenhotep, logo adormeceu.

Assim que seu sono se fez pesado, desprendido do corpo denso seu corpo espiritual surgiu, nimbado de intensa luz rosa e azul. Próximo de seu leito ela viu Jonefá, que a saudou atencioso:

- Olá, minha irmã, recorda-se de mim?

Abraçando com ternura o aliado de tantas jornadas, ela respondeu:

-E como esquecer o irmão querido? Parece que ficamos muito tempo sem nos encontrarmos.

- Sim, faz algum tempo. Não foi necessário antes, visto que você vem cumprindo com excelência sua missão.

-Porém, fracassamos outra vez.

-De maneira alguma. Nosso irmão é chamado agora à sua experiência mais difícil. Desejamos que Deus lhe dê muita força para aproveitar a lição que está para iniciar. Lembra-se?

- Imprecisamente.

-Amenhotep adoeceu gravemente e foi levado para o lugar dos enjeitados, onde ficam os leprosos. Neste momento, está desolado, pensando em tirar a própria vida.

- Não podemos permitir, Jonefá.

- Fique tranqüila, temos muitos amigos de nosso plano com ele, amparando-o e sustentando-o nesta hora dolorosa. Não obstante, urge que ele receba ajuda direta, do plano terreno.

-Estou pronta para ir ao seu encontro.

- Sabe dos riscos implícitos, minha irmã?

- Sei e estou disposta a aceitá-los.

Abraçando-a outra vez com imenso carinho, ele disse:

- Pois bem, que Deus a ampare e abençoe. Vá, minha irmã, vá ao encontro de nosso irmão.

Nitetic despertou e sentou-se na cama, sobressaltada. Não se lembrava de todos os detalhes do sonho que acabara de ter, mas com clareza ecoava em sua mente a frase: *Amenhotep adoeceu gravemente e foi levado para o lugar dos enjeitados, onde ficam os leprosos.*

Levantou-se, caminhou até a sala de refeições e tomou um pouco de água fresca. Sentou-se em um dos bancos, tentando organizar os pensamentos e raciocinar sobre o que deveria fazer.

Ainda meditava quando Iuseneb aproximou-se sem fazer barulho. Ao vê-la distraída, disse:

- Deveria estar dormindo. Seu noivo chega em algumas horas e vem para decidir tudo. Eu próprio quero participar dessas decisões. Você está protelando de novo esse casamento e seu noivo deixa que o domine. Pretendo esclarecer que, a menos que tome uma atitude depressa, ele terminará por perdê-la de vez.

Nitetic ouvia Iuseneb, sem conseguir parar de pensar em Amenhotep e na frase que se repetia em sua mente. Ela precisava saber se aquilo era verdade. Precisava descobrir se ele de fato estava doente e se tinha sido levado para longe. Mas como?

Iuseneb insistia, exasperado:

-Está escutando, Nitetic? Está me ouvindo? Ela por fim respondeu:

- Sim, claro, Iuseneb, você tem razão.

- Do que está falando?

-De tudo. Tem *razão* em tudo. Preciso tomar uma atitude. Vou ao encontro de Bek agora mesmo.

- O quê? Está maluca?

- Não, você está correto. Preciso tomar uma atitude drástica, não é isso? Então, que seja agora! Vou à casa dele, assim podemos resolver já essa situação.

Perplexo, Iuseneb custou um pouco a responder:

- Não é necessário. Ele estará aqui em algumas horas e poderão definir os pormenores desse casamento.

- Quero vê-lo já, meu irmão. Agora. Tenho urgência em vê-lo.

- Nitetic, estou cansado de suas atitudes impensadas. Para que...

Ela o interrompeu:

-Ora, ele já deve estar em pé, a esta hora. Veja, está quase amanhecendo. Raquel pode ir comigo.

- Vocês não irão sozinhas a parte alguma.

- Então, venha conosco.

Depois de instantes de indecisão, ele capitulou:

- Muito bem, vá chamar Raquel e ver se concorda em nos acompanhar.

Se ela vier, preparo os animais.

Nitetic levantou-se sem dizer palavra e correu ao quarto de Raquel, que já estava desperta e quando a viu indagou:

- O que está havendo, Nitetic? Você e seu irmão estão discutindo outra vez?

- Nós a acordamos, Raquel? Desculpe.

- Meu sono estava leve, escutei as vozes. O que está havendo?

- Confia em mim, Raquel?

- Por que pergunta?

- Preciso desesperadamente de sua ajuda.

- O que foi?

- Tive um sonho, eu acho. Sonhei que Amenhotep está seriamente enfermo, em um lugar onde vivem os leprosos e banidos da sociedade.

- O quê?! O lugar dos leprosos, em Hermon?

- Acho que sim.

- Que coisa terrível!

- E creio que não é somente um sonho, Raquel. É um aviso. Meu irmão está doente e precisa de mim.

- Ainda que isso fosse verdade, o que você poderia fazer?

- Tenho de saber se é verdade ou nada mais que um sonho, e você precisa me ajudar.

- Como?

- Pedi a Iuseneb que nos leve agora à casa de Bek.

- A esta hora?

- Está quase amanhecendo, Raquel. Por favor, não negue.

E por isso que estava tão angustiada ontem à noite. Meu irmão está muito doente, está sofrendo demais.

- Nitetic...

- Por favor, Raquel, só preciso que descubra se é verdade. Enquanto converso com Bek, você vai até o mercado e pergunta pelos últimos acontecimentos do palácio. Bek mora bem perto do mercado e muito mais próximo ao palácio do que nós. Lá devem saber de alguma coisa.

-Nitetis, tente se acalmar e pensar melhor...

As duas conversavam quando Iuseneb apareceu à porta anunciando:

- Seu noivo acaba de chegar. Vá trocar de roupa e venha recebê-lo. Raquel, prepare o desjejum para nossos hóspedes.

Imediatamente Raquel se levantou e começou a se arrumar. Nitetis olhou firme para Iuseneb e foi para seu quarto. Em alguns segundos estava de volta à sala de almoço para encontrar Bek:

-Veio só?

-Achei melhor. Temos muito que conversar e decidir. Meu pai está impaciente, Nitetis, e por isso preferi vir sozinho.

Iuseneb, que escutava a conversa, interveio:

-E ele está certo. Eu também estou impaciente com essa demora. O que estão esperando, afinal?

Nitetis olhava para Raquel, como a implorar que tocasse no assunto relacionado a Amenhotep, mas ela se mantinha calada. Após tomar alguns goles de suco de uva, Bek se levantou, aproximou-se de Nitetis, tomou-lhe as mãos delicadas e beijando-as, disse:

-Esperamos tão-somente que Nitetis se sinta segura com a decisão.

- Ela já está segura, Bek. Devem casar-se imediatamente. Nitetis continuava a olhar suplicante para Raquel, que não conseguiu mais se conter:

- Afora a impaciência, seu pai e sua família estão bem de saúde, senhor Bek?

-Estão todos bem. Os negócios é que não andam muito promissores.

-E por quê? - perguntou Iuseneb, interessado.

- As recentes mudanças no palácio deixaram todos alvoroçados.

- E o que houve?

- Ainda não sabem? - ele hesitava, olhando fixo para Nitetis, que logo falou:

- Amenhotep está afastado do palácio e de suas funções, não é, Bek?

Percebendo que ela já sabia do fato que tentava ocultar, Bek prosseguiu:

- Sim, definitivamente.

-Por quê? -questionou Iuseneb.

-Ele está doente... Parece que é um mal incurável. Olhando para Raquel, Nitetis disse:

- Foi banido do Egito para sempre, Iuseneb fitou a irmã e, intrigado, indagou:

- Você já sabia disso e não me disse nada?

- Foi esta noite que descobri.

- Como? - foi a vez de Bek interrogar.

- Devo ter sonhado e ao acordar tive a certeza de que ele está muito doente.

Bek apertou a mão da noiva entre as suas e disse:

- Sei o quanto isso a machuca, Nitetis, mas não há nada que possamos fazer para ajudá-lo. Ele foi banido, e onde está agora ninguém poderá acompanhá-lo.

Pesado silêncio dominou o ambiente, enquanto Raquel mantinha os olhos em Nitetis, penalizada.

Mais de duas semanas haviam transcorrido desde que chegara. Arqueado e ofegante, Amenhotep caminhava na direção de um pequeno riacho que por ali passava. Ajoelhou-se à beira das águas tranqüilas, que naquela parte formavam um pequeno lago, e viu sua imagem refletida. Tirando a túnica que lhe cobria o corpo, pôde observar as feridas que aumentavam no peito e nos ombros. Ele as tocou de leve, sem ter dor ou qualquer outra sensação. Levantou-se, ergueu os olhos para o céu e gritou alto:

- Por que os deuses estão fazendo isso comigo? O que foi que eu fiz de tão abominável?

Ajoelhando-se outra vez, chorou amargurado até que as lágrimas secassem em seu rosto. Ele sabia que sua situação era terrível. Sentia que nunca mais deixaria aquele lugar e, mesmo que uma vez ou outra lhe viesse à cabeça a idéia de retornar à Mênfis, faltavam-lhe forças para sair dali. Sua mente estava confusa e seu coração profundamente magoado. Amenhotep sentia-se traído, abandonado e sem esperanças.

Cambaleando, alcançou a sombra de uma árvore; deitou-se sob sua ramagem farta e adormeceu. Quando acordou o sol já desaparecera no horizonte. Ele recordou o esplendoroso entardecer que via de sua sacada, no palácio, e teve imenso desejo de voltar. Pensou em seu quarto e subitamente lembrou-se de que havia dias não comia nada; apenas bebia a água pura. Notou, então, que tinha muita fome. Olhou para o alto da árvore que o protegia e percebeu que era uma tamareira. Tentou subir para colher alguns frutos, sem êxito. Não tinha forças.

Sentou-se novamente e, com o olhar perdido no horizonte, recomeçou a pensar em morrer. Somente a morte lhe restava como saída. Sabia que não poderia mais voltar para seu lar, para a vida que deixara. Portanto, que a morte viesse o mais depressa possível.

Com enorme esforço, levantou-se e andou na direção da fumaça que via ao longe, em uma clareira. Ainda não se aproximara de nenhum dos outros que viviam ali, tampouco permitira que alguém se aproximasse dele; não quisera conversa, mantendo-se isolado de todos.

Teve muita dificuldade até chegar a um grupo de pessoas sentadas ao redor de uma fogueira. A princípio o olharam com certa curiosidade, para em seguida, ignorando-o, continuarem o assunto que os entretinha. Amenhotep avançou mais e perguntou:

-Sabem qual erva é a mais venenosa deste lugar?

Os que o ouviram se entreolharam sem responder. Uma mulher se levantou e perguntou:

- O que pretende fazer? Não há ervas venenosas aqui. Fomos abandonados neste lugar para morrermos aos poucos...

- Não acredito que não haja em algum ponto desta região uma planta que se possa tornar veneno. Tem de haver; elas existem em toda parte.

Um homem que estava bem próximo do fogo disse, erguendo um pouco a cabeça:

-Deve até haver alguma planta assim, porém ninguém aqui sabe qual é. Terá de descobrir sozinho... Indignado, Amenhotep bradou:

- Vocês não fazem nada? Ficam aqui, como um bando de imprestáveis, esperando que seus corpos apodreçam? Inúteis!

Outro dos homens que rodeavam a fogueira se ergueu e, agarrando Amenhotep pela garganta, apertou-a até quase sufocá-lo. Quando conseguiram afastá-lo do arquiteto, ele arrancou a túnica e gritou, exibindo o corpo desnudo e com um só braço, pois o outro já fora devorado pela lepra:

- Todos sofreremos muito! Basta-nos a dor de nossa solidão, a tortura de morrermos aos poucos! Não precisamos suportar alguém a nos insultar! Chega! Se o vir por perto de novo, não vai precisar de nenhuma planta venenosa. Eu mesmo, com esta minha única mão, acabarei com sua vida, imbecil!

Ao ver o estado lastimável daquele jovem, Amenhotep afastou-se enojado e correu como pôde para a margem do riacho. Recostou-se sob a tamareira e adormeceu ao relento, coberto pelo céu cintilante de estrelas.

O tempo cumpria seu papel: Amenhotep mal conseguia comer as tâmaras que caíam da árvore frondosa; estava a cada dia mais magro e cansado; as chagas se aprofundavam lentamente, e ele já sentia dores pelo corpo todo.

Às margens do Nilo, na propriedade de Nitetis e de seus irmãos, Iuseneb e Bek acertaram a data e os detalhes para a realização do casamento. Entretanto, Nitetis sentia-se infeliz. Estava sendo pressionada pelo irmão a aceitar o casamento com Bek, quando intimamente sabia que tinha de fazer outra coisa.

Naquela noite, Iuseneb trouxe os últimos animais que seriam preparados para as bodas, que aconteceriam dali a três dias. Nitetis, em seu quarto, cruzava-o de um lado a outro, até que se sentou na cama, pensativa. Então, tomou sua decisão. Sob a cama guardava alguns trabalhos que executara antes que o pai partisse. Embrulhou-os com cuidado; eram três pequenas esculturas primorosamente entalhadas em pedra. Ela sabia que mais perto do palácio, com algum mercador, conseguiria uma boa troca.

Silenciosamente, preparou-se. Separou algumas roupas e as esculturas, colocando tudo em uma sacola. Foi até a porta do quarto, abriu a cortina e observou o movimento que vinha da sala de almoço. Todos estavam entretidos com os preparativos para os festejos do casamento. Desejou chamar Raquel, mas temia que dessa vez ela não ficasse do seu lado. Hesitou. Por fim, ainda escutando a voz carinhosa da amiga, que falava animada de uma das receitas de família que trouxera de seus parentes, saiu pelo outro lado da casa e rápido desapareceu na estrada que levava à capital do reino.

Caminhou durante toda a noite, cuidadosa, para que ninguém a visse. Já era manhã quando avistou um pequeno povoado, com um mercado movimentado. Foi até um dos comerciantes, que tinha obras artesanais à venda. Mostrou-lhe uma das estátuas. Impressionado, o mercador declarou só ter visto algo tão belo e perfeito na câmara mortuária do faraó, que estava sendo construída. Sem vacilação ficou com a peça, dando em troca mantimentos e uma mula bem tratada.

Nitetis ficou satisfeita; era tudo de que precisava. Subiu no animal e já se afastava quando perguntou:

- Sabe alguma coisa sobre o ministro-chefe do Egito, senhor?

- Amenhotep?

Ela anuiu com a cabeça e o homem respondeu, num sussurro:

- Ele foi enviado para o lugar dos degredados.

- Que lugar?

- O lugar para onde vão todos os que têm aquela doença horrenda.

- Sabe onde fica?

- Fica a caminho da Palestina, entre o deserto de Sur e Amom. Mas por que pergunta? Qual o seu interesse?

- Apenas curiosidade.

Depois de pequena pausa, ela indagou:

- E as pessoas não saem de lá?

- Os doentes não podem entrar em parte alguma. Para onde quer que se dirijam, levam consigo as marcas de sua sina. Nunca lhes permitiriam viver perto de outras pessoas.

Nitetis agradeceu e iniciou sua jornada. Mas como chegar lá, se não conhecia o caminho? Decidiu então que iria até mais próximo ao palácio, onde conseguiria mais informações que a levassem até o irmão doente.

Quase sem perceber, ela foi direto para a imponente construção do templo mortuário do faraó. Logo reconheceu o lugar e apressou-se. Desmontou sem dificuldade e viu Amy, que veio saudá-la à entrada da edificação:

- Nitetis, o que faz por aqui? Pensei que tivesse voltado para casa.

Cumprimentando com um aceno de cabeça o antigo supervisor de obra de seu irmão, ela começou a conversa:

- Como está, Amy? Como anda a construção?

- Um pouco lenta, agora que nosso mestre foi afastado.

- Sabe como ele estava quando partiu?

- Parecia bem, apenas um pouco preocupado.

- Tem alguma notícia dele, Amy?

- Não, nenhuma.

- Quem assumiu a responsabilidade pela obra?

- Rudamon assumiu a construção juntamente com Iaret, porém eles não entendem nada do assunto e estão tornando o trabalho muito difícil.

- Pobre Amy, não deve estar sendo fácil mesmo! Observando a grande construção que se erguia, ela continuou:

- Está muito bonita e por certo Amenhotep estaria muito orgulhoso de você. Amy, sabe para onde o levaram?

-Para o lugar dos degredados, em Hermon; é para onde vão os doentes e banidos do reino.

-E onde fica exatamente?

-Para que quer saber, Nitetis?

-Sabe como posso chegar lá?

- Você pretende ir até Hermon? Está louca? Ninguém volta de lá! Não faça isso. É muito jovem e tem toda a vida pela frente. Por que estragar tudo? Não poderá ajudar Amenhotep.

- Tenho certeza de que ele precisa de mim e de que posso ajudá-lo. Sabe como se vai até lá?

- Não importa o que eu diga, não vai desistir, não é? Não importa quão perigosa seja e viagem, nada a impedirá.

Ela sorriu ao confirmar:

- Nada. Tenho viajado por estradas muito mais longas para estar com Amenhotep, acredite-me.

Amy a fitou sem compreender. Nitetis perguntou novamente:

- Pode me ajudar, Amy?

- Poderia pedir a algum escravo conhecedor do caminho que a levasse; só que nada tenho para dar em troca...

Ela tirou outra escultura da sacola e entregou-a ao amigo:

- Tome, talvez isto sirva. Com outra peça consegui de um mercador mantimentos e o animal...

Amy tomou a estátua nas mãos e examinou-a com atenção. Era linda. Ia questionar a jovem, mas achou melhor dizer apenas:

-Fique aqui, vou ver o que consigo.

Depois de algum tempo de espera, Nitetis viu Amy chegando com dois homens muito simples. Ao se aproximarem, Amy explicou:

- Estes são servos de minha confiança. Eles conhecem o caminho e a levarão até bem perto do lugar; depois voltarão e lhes entregarei a escultura.

-Ótimo. Podemos ir já?

- Não prefere passar a noite aqui e viajar pela manhã? É mais seguro.

Temendo que Iuseneb enviasse alguém atrás dela, Nitetis pediu:

- Quero ir imediatamente, preciso chegar depressa. Estou muito preocupada com o estado de Amenhotep. Receio que ele não suporte o sofrimento e acabe com a própria vida.

-O que seria até um bem para ele...

- Não diga isso, Amy. A vida é nossa oportunidade. Enquanto estamos aqui, podemos lutar, vencer, renovar, construir.

- Mas a situação dele é muito difícil.

- Eu sei, por isso quero estar ao seu lado nesta etapa. Ela já se preparava para subir na mula, quando Amy a segurou pelo braço e perguntou:

- E você, Nitetis, vai entregar a vida dessa maneira? Não deveria também lutar, construir, como você mesma disse?

- É exatamente o que estou fazendo; para isso estou aqui. Sem dizer mais nada, ela montou no animal e agradeceu:

-Muito obrigada por tudo, Amy. Nunca vou esquecer quanto me ajudou, meu amigo. Seu coração é generoso e bom. Que o Deus único esteja sempre com você.

Antes que ele pudesse indagar que deus era aquele, ela se virou e partiu, seguida pelos dois servos, que também levavam grande quantidade de mantimentos obtida por Amy.

Ele acenou admirando profundamente aquela jovem mulher, determinada e corajosa, que iria sacrificar a vida para ajudar o irmão.

Após longa e exaustiva jornada, a pequena caravana avistou finalmente o lugar que buscava. Assim que o viu, um dos escravos parou e se virou para a jovem:

- É somente até aqui que a acompanhamos. O local fica ali, depois daquele estreitamento nos rochedos. Pode vê-lo?

Ela observou a área que se espalhava aos pés da colina:

- Sim, estou vendo. Sabe se todo esse espaço está destinado aos banidos?

- Acredito que sim, pois ninguém ousa ir além deste ponto. Tem certeza de que quer prosseguir?

- Tenho, sim, e agradeço muito por sua companhia.

- Ao descer o morro, vá em direção àqueles rochedos. Está vendo, lá embaixo?

-Estou vendo.

- Logo que entrar pelo estreito rochoso estará no lugar dos abandonados e esquecidos. Desejo que encontre o que procura.

Mais uma vez, ela olhou para os dois homens e disse:

- Que o Deus único os guarde. Obrigada, novamente, por me trazerem em segurança até aqui.

Em silêncio eles acomodaram na mula os sacos com mantimentos que vinham carregando e puseram-se no caminho de volta à capital do império. Nitetis ficou parada, contemplando o local à distância. Notou a beleza das árvores que sobressaíam na paisagem e respirou fundo, como a haurir forças da natureza para ir até o fim em seu objetivo. Olhou para o céu de intenso azul e pediu ao Deus que ela não conhecia bem, mas que já amava e em quem confiava, que a amparasse em seu empreendimento. E começou a descer.

O estreito, que do alto parecera tão próximo, ficava mais distante à medida que ela descia. Nitetis chegara de manhã com os dois escravos e foi somente ao entardecer que finalmente atingiu a pequena passagem que logo se abria, expondo a farta vegetação. Ao atravessar a fenda entre as rochas, viu algumas pessoas que a olhavam a certa distância. Parou o animal e perguntou:

- Procuo por um homem chamado Amenhotep. Sabem onde posso encontrá-lo?

Vários rostos -ocultos em trapos -continuavam a espreitá-la desconfiados. Ela, então, esclareceu:

-Por favor, ele é meu irmão e preciso achá-lo. Sabem onde está?

Um dos homens se manifestou, enfim:

- O que deseja aqui? Veio buscá-lo?

- Bem que eu gostaria, mas sei que ele não poderá entrar em parte alguma. Vim para ficar com ele e ajudá-lo.

- Não sei quem é esse de quem você fala.

-Ele não deve estar neste local há muito tempo; no máximo três ou quatro meses...

-Aqui aparecem estropiados todos os dias. Como vamos saber quem é esse tal que procura?

-Não ouviram ninguém mencionar esse nome?

Uma das mulheres, que até aquele momento apenas ouvia a conversa, disse:

-Só se for aquele impertinente de quem não sabemos sequer o nome. É insuportável e ninguém fala com ele desde que chegou.

- Talvez seja ele mesmo. Sabem onde posso encontrá-lo?

- Não, ele nunca fica com o grupo; está sempre perambulando...

O homem que primeiro respondera a Nitetis interveio:

-Pode ser que encontre esse de quem lhe falamos perto das árvores, na parte de cima do riacho. Ele gosta de ficar por ali.

Tomando o animal pela corda que o prendia, ela começou a andar rumo ao riacho, dizendo:

- Muito agradecida, vou até lá agora mesmo. A mulher lhe perguntou:

- Sabe o que está fazendo? Sabe realmente que lugar é este?

Nitetic sorriu, serena, e respondeu:

- Eu sei, senhora, não se preocupe.

A jovem caminhou até a beira do riacho e ali deixou que o animal se dessedentasse da longa jornada. Ela também se abaixou e tomou grandes goles da água cristalina que descia pelas rochas. Ao erguer a vista notou que sob uma frondosa árvore, acima da outra margem do rio, alguém estava estendido no chão. Puxou o animal com a corda, cruzou o riozinho e aproximou-se do homem prostrado sobre as folhas secas e a relva.

Já bem perto, constatou que era Amenhotep. Instantaneamente seus olhos encheram-se de lágrimas que desciam pesadas, escorrendo-lhe pela face. A condição do irmão a penalizara de imediato. Seu corpo estava coberto por chagas purulentas, suas roupas eram trapos imundos e seu abatimento era indescritível. Ele parecia dormir. Nitetic andava devagar, para não acordá-lo. Prendeu a mula em uma pequena árvore e sentou-se ao lado de Amenhotep, limpando-lhe delicadamente o rosto com água fresca que trouxera do riacho. Ele abriu os olhos, tentando ver o que o tocava, e espantou-se ao deparar com o olhar doce e terno de Nitetic. Sentou-se, tirou as mãos dela de seu rosto e inquiriu:

- O que faz aqui?

- Vim cuidar de você, meu irmão.

-Vá embora, não preciso de ninguém. Calmamente, ela propôs:

- Então cuide de mim. Eu preciso muito estar perto de você.

Ele a fitou nos olhos tranqüilos e amorosos, molhados pelas lágrimas, e indagou:

-O que deseja, humilhar-me ainda mais?

- Sabe que não é isso. Quero ficar aqui com você, para ajudá-lo nesta hora difícil.

- Não acredito nisso. Todos me abandonaram.

Ela sentou-se ao seu lado e, segurando-lhe a mão, disse:

- Vamos cuidar desses machucados. Trouxe algumas ervas que podem aliviar sua dor. Sente dor, Amenhotep?

Ele puxou a mão doente ao responder:

- Muita.

Ela tornou a pegar-lhe a mão. Tirando alguns frascos de um dos sacos, começou a fazer compressas em ambas as mãos do irmão, enquanto dizia:

-Vamos cuidar desses machucados.

Ele emudeceu e ficou a observá-la, sem ação. Seu coração orgulhoso estava tocado de profunda ternura pela irmã e, a despeito da revolta que o dominava, não teve coragem de reagir; ficou calado algum tempo, depois perguntou:

- Sabe que nada disso vai adiantar, não é? Esta praga não tem cura! Eu vou morrer de qualquer jeito. Por que não me deixa morrer sozinho? De que adianta ficar aqui, desperdiçando seu tempo e sua vida? Será inútil, Nitetis. Eu não ficarei curado e você acabará morrendo também.

Com os olhos fixos nos do irmão, sentindo emoção intensa, ela disse:

- Amenhotep, a vida é uma grande oportunidade. Todos os momentos são preciosos para nossa alma imortal. E sua alma é o mais importante para mim. Quero estar ao seu lado, ajudando-o a atravessar este momento tão difícil em sua existência. Para isso vim: para ficar ao seu lado. Não importa o que vai acontecer depois: quero ajudá-lo; sempre quis, meu irmão.

Angustiado, ele se levantou e ficou andando de um lado para outro, sem falar. Depois se virou para a irmã:

- Não consigo compreendê-la, Nitetis. Por que quer jogar fora sua vida? Você mesma está dizendo que a vida é uma oportunidade. Por que então não quer aproveitar a sua, estragando-a por minha causa?

Ela fitou-o e disse:

-Porque o amo muito e não posso viver longe daqui, sabendo que precisa de apoio e de alguém tão-somente para conversar, aliviando assim a dor do seu coração. De que me valeria estar distante, com o coração triste, angustiado, deseioso de saber notícias suas? Serei mais feliz aqui, ao seu lado.

Tocado no mais íntimo pelas palavras amorosas da irmã, ele ajoelhou-se e verteu copioso pranto. Nitetis o abraçou e aconchegou-o junto ao ombro:

-Chore, meu irmão, que as lágrimas vão aliviar um pouco o seu coração.

Ele alçou um pouco a fronte e disse:

- Duvido. Chorar é só o que tenho feito e meu coração está ainda mais pesado e oprimido. Perdi tudo o que possuía, tudo com que sempre sonhara. Eu tinha conquistado tudo, Nitetis, tudo. Tinha tudo aquilo que desejei, inclusive...

-Inclusive?

- Um filho.

- Um filho?

- Iaret está esperando um filho meu. E agora eu perdi tudo! Minha vida não tem mais sentido, não tenho mais razão para existir!

Ele chorava convulsivamente e Nitetis calou-se por alguns minutos. Quando Amenhotep sossegou um pouco, ela ergueu seu rosto, limpou as lágrimas que teimavam em correr e disse:

-Sei que é difícil para você compreender, por ora, mas às vezes quando pensamos perder é que realmente estamos ganhando. O Deus único, que sabe todas as coisas, cuida de nós e nunca nos abandona.

- Que deus é esse? Nunca ouvi falar nele.

-Mas sabe, bem no fundo da alma, que ele existe. E, mais do que isso, vai enviar para a Terra alguém muito especial, que ensinará aos homens o caminho da luz.

- Do que está falando, Nitetis?

-Do enviado dos céus que virá ensinar o amor e ajudará todos os homens a se reaproximarem de Deus.

-Afim, que deus é esse? Onde ouviu falar dele?

- Foi Raquel quem me falou do Deus único, criador de todo o Universo. E eu creio nele.

-Só podia ser idéia da Raquel...

- Acredito nele, e não é só pelo que ela contou. Na verdade é como se eu soubesse desde sempre da existência desse Deus. Por mais que aprendesse sobre os nossos deuses e sobre o respeito que lhes devíamos, sentia que havia alguém mais poderoso e superior a todos eles, e que esse era o verdadeiro Deus. Quando Raquel me falou sobre ele, apenas o reconheci.

- Não a compreendo, Nitetis.

- Tem certeza? Sei que no fundo você também sabe de todas essas coisas, apenas não quer admitir.

- E que tem esse deus a ver com o que estou vivendo?

- Ele só quer o nosso bem.

O irmão gritou, dilacerado pela dor:

- E por isso nos põe doentes e nos mata? Ela enlaçou-o com amor e disse:

- Entendê-lo, e perceber o sentido de tudo isso, é nossa tarefa. E o mensageiro de Deus, o enviado de que lhe falei, nos ajudará a conhecê-lo e compreendê-lo.

-Foi Raquel quem lhe falou desse tal enviado?

- Ela falou algumas coisas, mas eu já sabia de tudo o que me disse.

-E quando ele virá?

-Não sabemos; mas é certo que um dia virá. Envolvido pelas suaves vibrações que Nitetis irradiava enquanto conversavam, Amenhotep sentou-se ao seu lado. A irmã lhe deu pão, frutas e vinho e ele, por fim, adormeceu em seu colo e repousou como há muito não conseguia.

CAPÍTULO 25

O sol raiou no horizonte e seu brilho feriu os olhos de Amenhotep, que dormia sono profundo. Ao sentir os raios do astro-rei lhe tocarem a face, despertou vagorosamente. Abriu os olhos e fitou o céu de azul intenso. Sentou-se sem pressa e procurou por Nitetis. Não a vendo em parte alguma, levantou-se e caminhou devagar até a beira do riacho. Avistou a irmã conversando com algumas pessoas na outra margem. Teve vontade de chamá-la, porém desistiu e voltou, sentando-se outra vez embaixo da tamareira. Notou que sobre um forro de linho alvo ela havia deixado algumas frutas e suco de uva. Comeu e bebeu, enquanto Nitetis retornava de sua caminhada.

-O que estava fazendo? O que conversava com aquela gente?

- Estava oferecendo um pouco de comida a eles.

- Não devia fazer isso, Nitetis.

- E por que não?

- Vamos acabar ficando sem nada!

- Não se preocupe. Amy vai providenciar mais alimento daqui a poucos dias.

-Amy?

- Sim, deixei com ele duas esculturas que fiz há algum tempo. Ele está trocando por alimentos e mandará alguém para nos deixar as provisões num lugar combinado, no alto da montanha.

Amenhotep observou-a enquanto se movimentava, organizando tudo à sua volta. Depois, quando ela se sentou, perguntou:

- Por que estava ajudando aquelas pessoas?

- Porque precisam de ajuda. É tão simples...

- Vai acabar sendo atacada e roubada por eles e por outros, quando souberem que trouxe comida.

- Não se inquiete, meu irmão; teremos o suficiente. Depois de longa pausa, Nitetis questionou:

- Ontem você falou que Iaret espera um filho seu. Tem certeza disso?

- Foi ela própria quem me contou, e não tinha razão para mentir.

Demorado silêncio se fez entre eles. Por fim, Amenhotep perguntou:

- Você me faria um favor?

- O que estiver ao meu alcance.

- Quando vierem trazer mantimentos, se é que realmente virão, poderia tentar obter notícias da capital, de Iaret e de meu filho?

- Não sei se vou conseguir, mas posso tentar. Amenhotep se levantou, caminhou até a beira do riacho e

agachou-se. Fitou longamente as feridas que já cobriam grande parte de seu corpo; olhou uma a uma as que sua vista alcançava. Em seguida voltou e sentou-se, calado. Nitetis, que o observara sutilmente, também permaneceu em silêncio, até que perguntou:

- Quando começaram?

- Há alguns meses.

- Sentiu alguma coisa diferente? Teve contato com alguém doente?

- Não, foi tudo de repente, de uma hora para outra. Quando apareceram eram somente manchas avermelhadas. Não dei muita importância; quis acreditar que não era nada sério e que sumiriam logo. No entanto, ao invés de desaparecerem elas começaram a aumentar até se transformarem nessa coisa horrenda que tenho agora.

- Não diga isso, meu irmão.

- Estou horrível! E vou ficar cada vez pior. Alguns daqueles homens que ficam do outro lado do rio... Eles são verdadeiros monstros...

Nitetis o olhou com piedade e não alimentou o assunto. Apenas foi ao encontro dele e ofereceu-lhe o braço:

-Vamos dar uma caminhada? Este lugar é muito bonito e sei que você não saiu desta banda desde que chegou.

Amenhotep olhou-a incrédulo e perguntou:

-Está brincando?

- Claro que não!

- Não quero andar, não quero fazer nada! Quero morrer, é somente isso que desejo!

Pacientemente, Nitetis tomou a mão dele entre as suas e, puxando-o suavemente, reiterou:

- Venha, vamos caminhar um pouco. Há paisagens magníficas ali adiante. Às vezes o espaço que nos separa da felicidade é bem menor do que podemos imaginar. Venha caminhar ao meu lado. Vamos conversar um pouco, meu irmão. Que mais pode fazer agora, a não ser aproveitar o tempo para ver e sentir coisas belas?

- Você não entende. Eu estou morrendo... Que beleza posso ver naquilo que me cerca?

-Existe beleza em toda parte, Amenhotep. E além do mais, a vida continua sempre, sabe disso. Portanto, preparemos nossos corações para encontrar com a eternidade...

Sem saber o que responder, ele a acompanhou em agradável caminhada à margem do riacho, por entre clareiras e mata fechada, vendo muita beleza natural.

Iniciou-se assim um hábito diário. Nitetis e o irmão andavam bem cedo, pela manhã, quando ele tinha mais disposição e suportava melhor a exposição ao sol.

Durante os passeios, os dois conversavam muito sobre diferentes assuntos. Nitetis pôde compartilhar com ele tudo o que vivera ao lado do pai, lembrar todo o carinho que este lhe dedicara, e mostrar a Amenhotep quanto lhe queriam bem.

Quando a revolta dominava Amenhotep, as longas caminhadas o ajudavam a espairecer. Quase sempre, ao retornar em companhia da irmã, ele estava de ânimo um pouco mais elevado. Entretanto, ao mesmo tempo, seu corpo se deteriorava rapidamente sob a ação voraz da doença que o consumia.

Em alguns meses, Amenhotep não conseguia mais se mirar nas águas do riacho. Seu corpo estava desfigurado e passou a ocultar-se em panos, como via os outros fazerem quando chegara. As feridas exalavam forte odor, e os panos o continham ligeiramente.

Amenhotep sentia as forças lhe sumirem aos poucos do organismo cansado.

Naquela manhã ele não quis caminhar. Nitetis saiu para buscar as provisões que os escravos trouxeram e ocultaram atrás das plantas, no alto do morro. De longe, fizeram sinal para Nitetis, que então subiu para apanhar os alimentos. Ainda que a distância, deram-lhe breves notícias do palácio.

Assim que ela regressou o irmão perguntou, ansioso:

- Soube alguma notícia de Iaret? Ela está bem? Já deve ter tido o bebê, ou ele está para nascer. O que soube?

Nitetis acomodou-se ao seu lado e ofereceu:

-Quer um pouco de leite? Aproveite enquanto está fresco... Amenhotep, junto dela, insistiu:

- Conte logo, o que soube de Iaret? Eles disseram alguma coisa, não disseram?

Com o semblante preocupado e entristecido, ela respondeu, ante a insistência do irmão:

- Iaret está bem.

-Que bom! E o bebê?

- Ela não teve bebê algum.

-E quando vai nascer?

- Não vai nascer.

-Como assim?

- Iaret não está mais grávida.

-O que me diz? Ela perdeu o bebê?

- Eles disseram que houve boatos abafados sobre uma gravidez, porém o falatório logo se dissipou. Iaret, que tivera diversos mal-estares, recuperou-se plenamente e nunca mais teve qualquer problema. Muitos dizem que tirou o bebê.

- Isso não é possível! Ela não...

Amenhotep calou-se. De súbito, lembrou-se vivamente de Iaret, de seu temperamento impetuoso e de seu comportamento. Não disse mais nada.

Sabia que os boatos podiam ser verdadeiros. Lágrimas ardentes rolaram pelo seu rosto. Nitetis achegou-se ainda mais a ele e tentou animá-lo:

- Não fique triste assim, meu irmão. Vamos caminhar? -Não!

Ele se abaixou e tomou nas mãos punhados de terra misturada à areia, que jogou sobre a cabeça. Depois se sentou e disse:

- Estou de luto, Nitetis. Já perdera quase tudo, mas tinha a luz da esperança na imagem que fizera de meu filho. Agora perdi a nesga de luz que ainda restava em minha alma.

Abraçando-o com ternura, ela pediu:

- Tem de continuar a acreditar no bem.

-Como? Eu não tenho mais nada! Tiraram-me tudo. Nitetis o olhou nos olhos e disse num profundo suspiro:

-Eu sei que é difícil. Chore, que o pranto lhe fará bem. Quando o irmão parecia mais calmo, ela continuou:

-Tudo tem uma explicação. Precisamos aprender a ler os sinais da divindade a nos guiar em tudo o que nos acontece.

Enfurecido, com alguma dificuldade ele se levantou e gritou:

-Não agüento mais seus sermões ridículos! Não me venha outra vez com essa história de que tudo é para o bem! Não é verdade! Se existe mesmo um deus único, como você vive falando, ele deve se divertir muito às nossas custas! É um monstro!

Sem dizer nada, Nitetis foi até as sacolas com as provisões, pegou alguns mantimentos e saiu levando-os consigo. Já era madrugada quando retornou e encontrou Amenhotep delirando, com febre muito alta. Ela o protegeu com mais cobertas e preparou-lhe um chá, que ele bebeu sem relutar.

Depois daquela noite, o estado físico de Amenhotep piorou rapidamente. Ele não mais se levantou e Nitetis cuidava dele com extremado carinho, fazendo compressas em suas feridas para atenuar as fortes dores que sentia.

Paciente, ela lhe falava com doçura do Deus único e da grande oportunidade que a vida representa. Quase sem poder falar, ele apenas a ouvia e, ainda que entorpecido pela situação, percebia o amor que a irmã lhe dedicava.

Algumas noites depois, sob o frio cortante da madrugada, Amenhotep chamou pela irmã, que dormia a seu lado. Sua voz fraca sumia na garganta:

- Nitetis...

A jovem se levantou de imediato e se debruçou sobre ele, solícita:

-O que foi, meu irmão?

Apertando-lhe a mão com força, Amenhotep balbuciou:

-Perdoe-me...

Nitetic olhou firme em seus olhos e, antes que pudesse dizer qualquer coisa, viu que estavam imóveis. Compreendendo que Amenhotep partira para a outra vida, fechou-lhe os olhos com carinho. As lágrimas corriam pela sua face ao se despedir:

- Que Deus todo-poderoso o receba em seu lar. Quando o dia amanheceu, Nitetic terminava de enterrar o irmão. Exausta, sentou-se à sombra da frondosa árvore que os abrigara e adormeceu. Enquanto seu corpo dormia, seu espírito desprendeceu-se do corpo físico e encontrou o corpo espiritual de Amenhotep, ainda sob a árvore, deitado exatamente na posição em que estava ao expirar. Então ela avistou Jonefá e, aliviada, disse:

-Que bom vê-lo, meu amigo.

- Sua missão está encerrada. Deve regressar em breve ao nosso plano.

- Deixe-me ajudar um pouco mais esses homens e mulheres que estão aqui. Gostaria de falar-lhes do amor divino e consolar-lhes o coração sem esperança.

Afagando-lhe a fronte com carinho paternal, Jonefá as sentiu:

- Está bem, permaneça um pouco mais com nossos irmãos necessitados. Contudo, não deveremos prolongar em demasia sua estada. Sua missão terminou.

Olhou para o corpo espiritual de Amenhotep que gemia sobre a relva:

-Vão levá-lo agora ao hospital, para que se recupere?

- Vamos levá-lo, fique tranqüila. Apesar da rebeldia renitente que abriga, o coração de nosso irmão está abrandado. A doença prolongada lapidou seu interior; ele está pronto para receber ajuda de kmãos que já transitam em esferas superiores. Vamos fazer tudo o que for possível por ele, enquanto aguardamos seu retorno, minha irmã.

Abraçando Jonefá com carinho, ela agradeceu e voltou ao corpo físico.

Jonefá tomou nos braços o corpo espiritual de Ernesto, ainda sob a forma de Amenhotep, e, em companhia de outros irmãos que também vinham ajudar, levou-o consigo para uma colônia de socorro em ambiente próximo à crosta da Terra.

CAPÍTULO 26

Quando Nitetis despertou o dia já ia alto. Embora entristecida pela partida do irmão, sentia-se afeiçoada aos habitantes daquele lugar. Ela se levantou, juntou os pertences e foi em direção ao grupo que se mantinha no centro da região. Aproximou-se e serenamente disse:

-Meu irmão morreu ontem; já não tenho mais ninguém. Posso ficar com vocês?

Os homens e mulheres doentes se entreolharam e um deles falou:

-Não nos importa que fique, mas você não contraiu a doença, ainda. Por que não volta para casa, já que seu irmão está morto? O que mais tem para fazer aqui?

Nitetis fitou o homem e pensou por alguns segundos antes de responder:

-Tem razão, eu deveria partir; no entanto, é imensa minha vontade de continuar aqui. Se não os incomodar, pretendo ficar.

E abrindo uma das sacolas, ela tirou pão e frutas secas que ofereceu aos circundantes:

-Tenho comida, querem um pouco?

Uma das mulheres achegou-se desconfiada e aceitou a comida. Depois outra e mais outra vieram para perto da jovem. Lentamente, um após outro, foram todos se juntando ao redor da bondosa moça. Ela, então, disse:

- Quando vim para cá, trouxe algumas ervas para ajudar no tratamento de meu irmão. Apesar de não poderem curar essa doença, elas aliviam a dor. Se desejarem, ainda tenho bastante aqui comigo.

A mulher que se aproximara primeiro comia sofregamente um pedaço de pão, ouvindo Nitetis. À sua última oferta, a doente informou:

- Sei de alguns que estão muito mal, quase sem poder andar. Moram para lá do riacho, mais abaixo de onde você e seu irmão costumavam ficar. Talvez possa ajudá-los.

-Claro, vamos até lá. Podem levar-me até eles? Concordando com a cabeça, a mulher caminhou na direção dos mais necessitados, seguida pela jovem egípcia.

Nitetis passou a tratar dos doentes mais graves, enquanto espalhava sua vida e doçura com sua presença e suas palavras. Além de cuidar do corpo

degenerado daqueles homens e mulheres excluídos e esquecidos, tinha sempre uma mensagem de esperança a dirigir-lhes.

Em muitas noites frias, sentava-se ao lado deles, em volta da fogueira, e falava-lhes do salvador prometido que viria à Terra para socorrer a humanidade; abrandava a revolta e a desesperança com suas palavras de compreensão e incentivo. Frequentemente dizia:

-Tenham paciência, meus irmãos, pois toda a dor há de passar.

Fitava os olhos sofridos daqueles seus irmãos e prosseguia, cheia de compaixão e misericórdia:

-Não se sintam abandonados. O Deus único e verdadeiro, que nos criou a todos, está sempre conosco, por mais difíceis sejam os momentos que vivemos sobre a Terra. Ele nos mandará o Messias, e esse enviado encherá nosso planeta de amor e de novas esperanças.

Eles a olhavam sem coragem para responder. Entre aqueles seres degredados, muitos eram egípcios e nunca haviam ouvido falar em um deus único. Todavia, aquela jovem perfeitamente sã, cuidando deles com tanto amor, tocava até o mais endurecido coração. E eles a ouviam e se enterneciam com suas doces palavras e seus gestos de bondade.

Em uma colônia espiritual, próximo à crosta da Terra, Amenhotep descansava sobre um leito limpo e confortável. Às vezes acordava e via a seu lado um jovem de vestes alvas e resplandecentes que lhe dirigia palavras tranquilizadoras e lhe dava água; ele bebia e logo, outra vez sonolento, voltava a dormir.

Assim permaneceu por várias semanas. À medida que se fortalecia, os períodos de vigília começaram a se ampliar. Ele passou a sentar-se na cama e por algum tempo conseguia permanecer desperto.

Naquele dia, abriu os olhos sentindo-se bem melhor. Sentou-se na cama e não viu ninguém por perto. Tudo lhe parecia estranho: a construção em que estava era diferente de todas que conhecera antes. Mas pequenos desenhos familiares estavam distribuídos pelas paredes do quarto, semelhantes às esculturas que Nitetis fazia. À lembrança da irmã o estranhamento foi ainda maior. A última coisa de que se lembrava era de estar com ela no local dos banidos. Onde estaria agora? Que lugar era aquele? As dúvidas se acumulavam na mente de Amenhotep. Ele tentou se levantar e teve de sentar-se de novo, assaltado por forte vertigem. Ouviu uma voz já familiar:

- Não queira se levantar, você precisa descansar.

- Onde estou? Que lugar é este? Quem é você? Onde está Nitetis?

- Calma, uma coisa de cada vez. Tome um pouco de água. Amenhotep recusou:

- Não. Toda vez que bebo dessa água volto a dormir. O que estão colocando nela?

- Meu irmão, essa água só lhe tem feito bem. Você já está mais forte.

Amenhotep olhou para seus braços e pernas e viu que as feridas tinham quase desaparecido.

- Estou curado! Veja, as feridas estão sumindo... É essa água?

O rapaz sorriu e disse:

- Essa água faz muitos milagres, mas sua recuperação se deve também a outros fatores.

- Foram as ervas de minha irmã, não foram? Elas estão me curando!

Pacientemente, o jovem prosseguiu:

- Acha que consegue caminhar apoiado em mim? Erguendo-se, Amenhotep respondeu:

- Vou tentar. Para onde vai me levar?

- Vamos dar uma caminhada. Quero mostrar-lhe algo. Apoiado no rapaz, Amenhotep acompanhou-o para fora do quarto. Assim que saíram, olhou com surpresa o ambiente onde se encontrava:

- Afinal, que lugar é este? Quem são vocês e todas essas pessoas? São outros leprosos?

E fitando seu acompanhante com estranheza, insistiu:

- Onde está minha irmã?

O rapaz apenas respondeu:

- Venha comigo, vamos ver uma pessoa. Alcançaram uma construção bela e simples, rodeada por flores de uma espécie que Amenhotep nunca vira, e que ainda assim lhe pareciam familiares. Parou diante das flores e ficou a apreciá-las. O rapaz lhe perguntou:

- Gostou das flores?

- Estou intrigado. Não me lembro de ter visto flores iguais antes, porém ao mesmo tempo parece que as conheço...

- Vamos entrar. Há muitas coisas que você já viu e das quais agora não se lembra.

Amenhotep seguiu-o em silêncio. Ao chegarem à ampla sala, repleta de livros, o jovem certificou-se de que ele estava bem e, acomodando-o em uma confortável poltrona, pediu:

- Fique aqui um instante, vou chamar alguém que quer muito vê-lo.

Confuso e agitado, Amenhotep ficou a observar a poltrona e os livros, sem entender o que era tudo aquilo. Que tipo de artefato seria aquele em que se sentava? O que seriam todos aqueles objetos colocados lado a lado em escadas de madeira? Ele se fazia muitas outras perguntas, ao mesmo tempo em que olhava os braços e especialmente as mãos, limpos das feridas que tanto o haviam torturado.

O rapaz voltou junto com Jonefá. Ao vê-lo, Amenhotep teve outra forte vertigem. Prestes a perder a consciência, foi acudido pelo jovem, que lhe aplicou passes restauradores. Com isso, aliado ao amparo de Jonefá, Amenhotep conseguiu refazer-se e, apoiando-se no rapaz, sentou-se de novo na poltrona.

Jonefá se acomodou em uma cadeira ao lado e disse:

-Você deve estar se fazendo muitas perguntas. Tenha paciência. A memória virá gradativamente. Se fizer maior esforço para recordar tudo de uma vez, a vertigem que sentiu agora voltará mais forte. Precisa ter paciência.

-Eu o conheço... Não sei de onde, mas sei que conheço. Tocando o ombro do antigo amigo, Jonefá disse:

-Sim, meu irmão, você me conhece, bem como a este lugar; e muitas outras lembranças que hoje lhe parecem confusas retornarão à sua mente aos poucos.

- Onde estou?

-Esta é uma colônia espiritual, situada próximo à crosta da Terra.

- Colônia espiritual...

-Exatamente. Você não está mais em Hermon, nem na Terra; Nitetis continua lá, porém você deixou o planeta; você desencarnou.

-O quê?

- Você morreu, Amenhotep.

-Mas como? Não entendo...

- Seu corpo mais denso, que usou na Terra, está morto, vítima da lepra que o consumiu. Você se encontra numa colônia de recuperação, onde poderá restaurar as energias para então compreender seu passado e preparar-se para o futuro que o espera.

Fitou o jovem que também se sentara ao seu lado:

- Eu o conheço igualmente... Mas de onde?!

De súbito, imagens vagas apareceram na mente de Amenhotep:

- Vejo uma casa estranha... Um lugar distante... Você... Ele parou de falar. Seus olhos miraram o infinito. Então deu um grito doloroso e caiu em pranto convulsivo:

- Elvira!

Amparado novamente por Henrique, que acabara de reconhecer, e por Jonefá, que lhe aplicava passes na região da glândula pineal, Amenhotep adormeceu.

Ao despertar de um longo período de descanso e refazimento, estava de volta ao leito. Só que dessa vez as lembranças afluíam uma após outra. Assim que despertou, sentou-se e viu Henrique. Exclamou, quase gritando:

-Eu me lembro, Henrique! Lembro-me de muita coisa... De sua mãe... Onde está Elvira?

Henrique sentou-se na cama ao lado de Amenhotep; dando-lhe água, respondeu:

- Precisa se acalmar. As lembranças não podem vir todas de uma vez, como Jonefá lhe disse; têm de vir aos poucos, ou você não suportará.

- Onde está ela?

- Lembra-se de sua recente estada na Terra?

- Estou confuso. Sinto-me várias pessoas ao mesmo tempo...

- Você estava vivendo no Egito, recorda?

-Sim, claramente! Disso eu não tenho dúvida alguma. São outras lembranças sobrepostas que me perturbam.

-São suas outras vidas, suas outras encarnações. Por isso deve ir com calma.

- Mas por que me lembro tão nitidamente de você e de Elvira? Onde está Elvira?

- Permanece encarnada na Terra. Fitando o rapaz longamente, ele disse:

-Lembro-me de outro lugar, outro país, outro... mundo!

- Sim, um mundo do sistema de Capela. É de lá que viemos.

- Estou confuso...

-Com o tempo tudo ficará mais claro.

- Disse que Elvira está na Terra? Ela também veio conosco de Capela?

- Eu e ela viemos de maneira um pouco diferente da sua. Amenhotep ia prosseguir, quando Henrique o deteve:

-Agora descanse, precisa estar calmo para que as lembranças não o perturbem tanto. Durma um pouco. Eu ficarei aqui mesmo, não vou sair. Quando despertar, continuaremos nossa conversa. Você se sentirá melhor ao acordar.

Sem discutir, sentindo-se profundamente cansado, Amenhotep acomodou-se e adormeceu novamente. Ao despertar, viu Henrique sentado em uma poltrona perto de sua cama, lendo tranqüilo. Sentou-se e perguntou:

-O que é isso que tem nas mãos?

-É um livro.

-Livro... Livro... Sim, livro. Muitos livros... Sei que tenho muitos livros...

- Como se sente?

- Melhor.

Encostando-se na cabeceira da cama, ele perguntou:

- Onde está Jonefá?

-Está ocupado agora, cuidando de assuntos importantes.

- Ele sabe onde está Elvira?

-Lembra-se de seu nome, quando esteve com Elvira pela última vez?

Ele pensou um pouco, depois respondeu:

- Não me lembro.

-Não faz mal. Vai se lembrar.

- E por que a recordação de Elvira é tão clara?

-Porque você a ama profundamente.

- Sim, eu a amo muito.

-Ela também o ama muito.

Amenhotep fitou Henrique e seu semblante se fez sério; depois ele disse, entristecido:

- Agora eu me lembro. Fui expulso de meu mundo, por isso vim para a Terra. As lembranças voltam... Ferdinando... Onde está ele?

- Está no Egito.

-O Egito... Lembro-me do palácio, de Iaret... Nitetis... Ela ainda está no lugar dos banidos?

- Está.

-Por que continuou lá? Poderia ter ido embora...

- Ela ficou para ajudar aquelas almas sofridas.
- E Ferdinando?
- É agora Rudamon.
- Claro! Aquele monstro só poderia ser Ferdinando. E Nitetis... Aqueles olhos ternos...

Subitamente o semblante de Amenhotep se transformou. Ele arregalou os olhos, empalideceu e disse, trêmulo:

- Não me diga que Nitetis... Elvira... Não pode ser. Ela não pode ser Elvira... Eu não posso tê-la tratado tão mal. Meu Deus, não... Diga-me que não, Henrique, por favor... Por favor, meu Deus, não pode ser...

-Calma, precisa se acalmar.

Agarrando o rapaz pela túnica, ele se pôs a chorar:

-O que ela foi fazer na Terra? Por que foi para lá? Deveria estar em Capela...

-Veio para ajudá-lo. Sem o apoio de Elvira, dificilmente você estaria aqui agora.

Com um sinal afirmativo da cabeça, Amenhotep encostou-a nos joelhos e entregou-se ao pranto doloroso.

CAPÍTULO 27

Enquanto, no plano espiritual próximo a Terra, Amenhotep recuperava as forças e as lembranças, Nitetis se dedicava incessantemente aos doentes. Seu carinho constante se derramava como bálsamo sobre os corações revoltados e tristes dos prisioneiros daquele lugar esquecido. Incansável, ela servia aos enfermos com bondade e resignação.

Naquela tarde ela cuidava de uma das doentes. A jovem mulher, entretanto, mostrava-se revoltada e descrente. Nitetis buscava consolá-la:

- Samira, tente descansar. Venha, sente-se aqui, sob a ta-mareira.

Cambaleando, Samira respondeu:

-Não quero me sentar. Se tiver de morrer, que seja em pé.

- Não precisa se impor sofrimento maior do que o que já está suportando. Venha, sente-se.

- Pensa que é muito boa, não é mesmo, Nitetis? Só porque vem cuidar de nós, pobres desamparados do mundo! Só que você não tem a menor idéia do sofrimento pelo qual passamos. Eu estava noiva, ia me casar, e fui abandonada por todos.

- Não é verdade, Samira. Jeová não a abandonou.

- Ele foi o primeiro! Sou filha de um sacerdote hebreu -um levita, servo especial de Jeová. Se isto fosse verdade, se Jeová de fato se importasse conosco, como essa coisa terrível teria acontecido comigo?

Caminhando até onde a jovem tentava ficar em pé, Nitetis apoiou-a e carinhosamente a conduziu para a sombra de frondosa árvore. Depois, carregando água fresca do riacho, serviu-a, dizendo:

-Os caminhos de Deus são muitas vezes incompreensíveis para nossa mente; é então que devemos procurar compreendê-los com nosso coração, com nossa fé, com nossos sentimentos. Deus não erra, Samira, e nos ama a todos sem distinção.

—Jeová está muito distante de nós. Como pode permitir que esse lugar exista e que pessoas vivam aqui como fantasmas?

Nitetis calou-se por instantes e refletiu. Depois, fitando firme os olhos da moça, ela disse:

- Não podemos tentar explicar nossa existência apenas por esta vida de hoje; é necessário entender que já vivemos muitas outras vidas e que tudo o que nos acontece hoje, tanto de bom como de ruim, é consequência de nossos atos, daquilo que semeamos no passado.

- Do que está falando? Já ouvi alguma coisa a esse respeito, mas meus pais disseram que não é verdade.

- Certamente é verdade. No entanto, é preciso que busquemos a confirmação dentro de nós mesmos. Essas vidas que já tivemos estão gravadas em nosso interior e nos apontam de alguma forma o caminho que devemos seguir hoje, na presente experiência.

- Diz isso porque os egípcios crêm que vivemos outras vidas.

Parecendo distante, Nitetis redarguiu:

-Tem razão. No meu povo, muitos acreditam que a vida continua depois de morte. E os que detêm conhecimentos mais profundos sabem que ela começou antes de estarmos no corpo que ora usamos, e que continuará em outros corpos que haveremos de usar.

- Chega! Não quero ouvir mais essas estórias...

Samira ia se levantar, mas Nitetis segurou-a pelo braço com suavidade e disse:

- Se não quer acreditar no que lhe digo, tudo bem, mas pense: estou aqui apenas para ajudar. Não ganharei nada com isso, e posso até perder minha vida. Por que acha que faço isso? É que algo dentro de mim aponta o caminho que devo trilhar.

Sem saber o que responder, Samira ficou em silêncio, só rompido quando Nitetis perguntou: -Quer comer alguma coisa?

- Não tenho fome, estou com muita dor.

Nitetis se aproximou da jovem e imediatamente começou a fazer-lhe compressas balsamizantes.

Durante a noite, Nitetis acordou muitas vezes, sentindo o corpo febril. Pela manhã, assim que o sol despontou no horizonte, ela foi até o riacho, desejando banhar-se na água fresca. Ali chegando, encontrou-se com alguns de seus assistidos que a olharam estranhamente. Ao mirar sua imagem nas águas cristalinas, constatou que seu rosto apresentava várias manchas. Tocou nelas e percebeu que não sentia nada naqueles locais. Teve então certeza: havia contraído lepra.

Seus olhos encheram-se de lágrimas, que escorreram, densas, pela sua face. Sentou-se à beira da água e, abraçada aos joelhos, chorou baixinho.

Quando se acalmou, sentiu que alguém a abraçava. Ergueu a cabeça e viu à sua volta muitos habitantes do lugar. O abraço era de Samira, que vertia lágrimas silenciosas. Muitas outras mulheres choravam também e alguns homens tinham os olhos vermelhos. Nitetis fitou-os com carinho. Aquelas almas sofridas e maceradas pela dor haviam se tornado sua família. Samira lhe disse:

- Perdoe-me pelo que falei ontem. Não poderia imaginar que hoje mesmo você estaria como nós...

Nitetis limpou os olhos e sorriu:

-Não tenho nada para perdoar. Agora poderei realmente sentir o que vocês sentem.

Samira lamentou:

-Não queria que isso lhe acontecesse.

- Não foi culpa de ninguém, Samira. Eu sabia que poderia ficar doente. Peço ajuda ao seu Deus, Jeová, o único Deus, e sei que a recebo.

Aceitando sua situação, Nitetis continuou quanto pôde a auxiliar os demais doentes. Aos poucos, porém, a doença se alastrou e tomou conta de todo o seu corpo, até que, sem forças, caiu prostrada, em condições lastimáveis.

Alguns dos que ela assistia já haviam morrido, e outros mostravam estado idêntico ao dela; assim, contava com pouca ajuda. Entretanto, toda noite, durante o sono físico, seu corpo fluídico se desprendia e encontrava-se com Jonefá e Henrique; além deles, outros irmãos a amparavam agradecidos, pois muitos eram amigos e entes queridos dos que ela ajudara. Com as forças renovadas, quando despertava Nitetis trazia no coração a calma e o ânimo que lhe permitiam suportar as limitações temporárias com absoluta resignação.

Muitos daqueles que, ainda em pé, tinham os corações revoltados e que haviam recebido assistência da jovem egípcia, sentiam-se transformados pelo exemplo de suas atitudes e de suas palavras.

Certa noite, enquanto ela se revirava de um lado ao outro, com dores por todo o corpo, Jonefá chegou em companhia de vários amigos, trazendo também Amenhotep. Ao ver seu estado ele se prostrou em lágrimas, pedindo:

- Perdoe-me, Nitetis; perdoe-me, Elvira. Como fui tolo em não perceber... Meu Deus, como fui tolo!

Jonefá acercou-se e o ergueu:

-Amenhotep, nós o trouxemos porque insistiu em vê-la. Mas deve ajudá-la. Concentre-se em Nitetis. Sua necessidade agora é de carinho, respeito e consideração. Lastimar-se não irá ajudá-la e ainda poderá prejudicá-la. Envolve-a com todo o seu amor. Depois, quando se encontrarem em nosso plano, poderá conversar com ela e então contar tudo o que lhe vai ao coração. O momento é de trabalho ativo pelo bem de nossa irmã.

Limpendo as lágrimas, Amenhotep respondeu:

- É claro, tem razão. Jonefá asseverou:

- Isso, assim está melhor. Ajudemos nossa irmã a adormecer.

Aplicando passes longitudinais sobre o corpo de Nitetis, os amigos do espaço a auxiliaram a adormecer. Assim que se viu desprendida do envoltório denso, ela abraçou Jonefá e, com voz fraca, o saudou como sempre:

- Como é bom vê-lo, meu amigo. Jonefá lhe disse:

-Tenha só mais um pouco de paciência. Sua energia vital está prestes a terminar e muito em breve estará conosco.

-Anseio por esse momento, meu bom amigo.

-Trouxemos alguém que lhe é muito querido. Afastando-se ligeiramente, Jonefá deixou que Nitetis visse Amenhotep, e informou:

- Nosso amigo finalmente está se recuperando.

Ao ver aquele a quem tanto amava, ela estendeu-lhe a mão e sorriu:

-Meu amor, como me alegra vê-lo tão bem! Amenhotep, que já trazia de novo no perispírito traços de sua vida como Ernesto, ajoelhou-se diante de Elvira e disse, segurando-lhe as mãos:

- Amor da minha vida! Jamais poderei agradecer todo o bem que você me fez!

Percebendo que não conseguiria controlar por mais tempo a emoção, ele se calou, apertou as mãos de Nitetis entre as suas e beijou-as com ternura; depois olhou para Jonefá, como a pedir socorro. Este afastou Amenhotep e, amparando a jovem, recomendou:

- Agora descanse que o desenlace se aproxima. Durma, será melhor. Quando despertar já estará definitivamente junto anos.

Extenuada, imediatamente ela aquiesceu. Enquanto o corpo fluídico de Nitetis descansava ao lado de Amenhotep, que lhe aflagava os cabelos, seu corpo denso vivia os últimos instantes na Terra.

A equipe que viera em companhia de Jonefá realizou, dirigida por ele, a tarefa de desligamento definitivo dos fios energéticos que ligavam o corpo espiritual ao corpo físico. Henrique mantinha no colo aquela que uma vez fora sua mãe, e Amenhotep não se cansava de tocar-lhe com carinho os cabelos e o rosto.

O trabalho de desligamento se completou e Jonefá disse aos dois:

- Está consumado. Podemos partir.

Fitando o corpo desfigurado de Nitetis, Amenhotep questionou:

- Como pôde sacrificar-se desse modo?

- Ela o fez por amor.

-Eu também a amo demais. Entretanto, por que ela, depois da minha partida, continuou a correr o risco de ter de passar por todo esse sofrimento?

Jonefá encarou o amigo e, depois de curto silêncio, respondeu:

- Logo poderá perguntar a ela, mas Nitetis o fez igualmente por amar aos irmãos da Terra.

Incapaz de alcançar a compreensão daquele sentimento, Amenhotep se calou. Henrique tomou nos braços o corpo fluídico adormecido de Nitetis e partiram, deixando seus despojes.

O dia amanhecia e em pouco tempo o grupo de leprosos chorava a perda da mais querida amiga que por ali havia passado.

CAPÍTULO 28

Depois de alguns dias de repouso, Nitetis já havia assumido a forma perispiritual que tivera enquanto fora Elvira e caminhava de braços dados com Henrique, no grande jardim da colônia próxima à Terra. Calmamente, trocavam impressões sobre a experiência que ela vivera:

- Sem dúvida, Henrique, é difícil a adaptação de nosso corpo fluídico ao corpo denso que por ora é utilizado na Terra.

- E você esqueceu tudo enquanto esteve lá?

- Tinha muitas lembranças e sentia uma força a me guiar. Acho que era minha própria consciência.

- Foi como você imaginou, Elvira?

- Não exatamente. Acho que a infância foi a parte mais difícil para mim. Sentia uma tristeza indefinida e uma ansiedade muito grande...

Sentaram-se sob a copa imensa de uma árvore, diante de belo e sereno lago. Henrique ficou meditando no que acabara de ouvir e logo depois Elvira prosseguiu:

- É como se em minha mente tudo estivesse turvo, confuso. Achava-me inadequada, uma verdadeira estranha. Aos poucos, foram surgindo algumas informações daquilo que eu já sabia e sentia. Especialmente no que se refere à noção de Deus. Chegava mesmo a ser sufocante ter de ajoelhar-me diante de tantos deuses diferentes, sentindo claramente em meu coração, desde a mais tenra idade, que havia um único Deus.

Ela ficou pensativa. Então sorriu, segurou a mão de Henrique e perguntou:

- Como está Raquel? Nutro por ela um carinho muito grande.

- Ainda está na Terra. Cuida dos rapazes com o mesmo carinho de sempre.

- Quanta dedicação!... Ela é mesmo muito especial. Lembro-me das conversas que tivemos antes de todos nos encarmos na crosta. Ela me abraçou e prometeu que não falharia. E realmente cumpriu.

- Mas foi difícil. Muitas vezes ela quase sucumbiu frente aos ensinamentos que recebeu de seu povo.

- Só que o amor falou mais alto, Henrique, e assim ela foi vitoriosa.

- Sim, o amor falou mais alto. Raquel é uma alma nobre e amorosa. Creio que não demorará a retornar a Capela.

- Sem dúvida. Não sei dos detalhes de seus débitos com a Lei divina, mas creio que ela progrediu muito nas sucessivas encarnações na Terra.

Os dois emudeceram por longo tempo, na contemplação do cenário de suave beleza da colônia. Depois Elvira perguntou:

-E você, Henrique, julga-se preparado?

- Estou me preparando, Elvira, para poder contribuir com nosso querido Ernesto, bem como com nossos irmãos da Terra.

Ainda conversavam, quando Elvira sentiu o toque de mãos carinhosas sobre seus ombros e então escutou a voz familiar de Ernesto:

-Estão falando de mim? Escutei meu nome. Elvira tocou-lhe as mãos delicadamente e perguntou:

-Por que acha que era sobre você que falávamos? Não é o único Ernesto que existe, sabia?

Ele sorriu:

-Posso acompanhá-los?

Abrindo espaço para Ernesto sentar-se entre eles, Elvira indagou:

-Já está em condições de caminhar sozinho?

- Hoje foi meu primeiro dia. Venho me recuperando bastante.

- Fico feliz, Ernesto. Vendo-o sério, Elvira repreendeu:

- Deveria estar contente também, Ernesto. Você já está quase bom.

- Das feridas, pode ser; porém continuo triste e cansado.

- Você fez progressos incríveis em sua última experiência. Deveria ficar feliz!

- Não posso estar feliz, Elvira, com minha consciência cobrando dia e noite os erros que cometi, especialmente com você.

- Não diga isso.

- Tenho de dizer. Como posso ter paz, se sei que falhei? Tendo todas as possibilidades de realizar muito em favor dos irmãos da Terra, e resgatar grande parte de meus débitos com Deus, falhei novamente. E agora tenho medo de falhar outra vez.

-Não tenha medo, Ernesto; você está avançando, e isso é o mais importante - insistiu Elvira.

Ele tocou seu rosto em leve carícia:

- Como pude fazer o que fiz com você, minha doce Elvira? Disse coisas horríveis, agi de maneira infantil e não a valorizei.

-Ora, querido, não sabia que era eu.

-Não é desculpa. A figura de Nitetis falava por si; não poderia ter desprezado o afeto e a dedicação de alguém como ela, como você!

- Isso já não importa. Você precisa se recuperar totalmente e recomeçar seus estudos e sua disciplina de trabalho em favor do próximo, para fixar em seu coração as lições que aprendeu, de modo a estar verdadeiramente preparado quando chegar o momento de voltar para a Terra.

Ele sorriu e, com os olhos rasos de lágrimas, disse:

- Quando nos preparávamos para essa experiência no Egito, confiava tanto que não falharia... Queria me dedicar ao bem dos companheiros encarnados; cheguei a nutrir secretamente a esperança de terminar meu tormento na Terra e regressar a Capela. Isso é o que mais desejo. Sinto muita saudade de nosso mundo, da vida que tínhamos lá.

Com a voz embargada pela emoção, ele se calou. Elvira também se manteve quieta, e foi Henrique que enfim quebrou o silêncio:

-Ernesto, sei que não é fácil, mas veja quanto você já melhorou!

-Não sei, Henrique. Tive oportunidade de recordar minha situação e as promessas que fiz pouco antes da última reencarnação em nosso orbe. Tudo parecia perfeito para meu êxito e, mesmo assim, falhei fragorosamente. Não consegui vencer meu orgulho, não consigo vencer a mim mesmo. Acho que nunca vou conseguir.

Elvira colocou o dedo sobre os lábios de Ernesto e censurou:

-Nunca mais diga isso, Ernesto. Seja grato a Deus pelo que já alcançou. Seu estado ao deixar Capela era tão deplorável que foram necessários muitos milênios para que pudesse recobrar a situação que tem agora. Continue acreditando, jamais desista. Você conquistou muito e pode terminar sua jor-

nada de redenção, tenho certeza. Não demorará muito e estaremos reunidos outra vez em nosso mundo.

Enquanto Elvira falava, seu rosto irradiava luz tão intensa que quase ofuscava a visão de Ernesto. Ele não pôde dizer mais nada e ficou pensativo. Estavam os três em silêncio quando Jonefá se aproximou, firme e amoroso como sempre:

- Vejo que está completamente refeita, Elvira.

- Estou refeita e feliz, cheia de esperança. Vejo que Ernesto está melhorando, apesar de não reconhecer o próprio progresso.

Jonefá olhou para o amigo e comentou:

-Ernesto não obterá a paz para seu coração enquanto não adquirir o controle sobre seus impulsos inferiores, que o arrastaram para a Terra. Esse tem sido um lar abençoado para nossos irmãos de Capela, no qual, porém, a dor e o sofrimento ainda são muito intensos. O remorso, a culpa, a dor das separações e a falta de autodomínio têm protelado indefinidamente o regresso de nossos irmãos ao lar. Alguns já retornaram. Por outro lado, muitos afundaram mais no abismo da escuridão. São os que, ao invés de contribuir para o progresso da Terra, vêm desviando os irmãos primitivos cuja evolução deveriam auxiliar. E para esses, que usam seu potencial, seus conhecimentos e sua liderança para reter na estagnação os irmãos mais atrasados, o sofrimento será longo e tenebroso.

- De qualquer forma, nosso Ernesto fez progressos, não concorda?

- Sim, fez muitos. Mas poderia ter aproveitado ainda mais seu tempo.

-Também acho. Só que agora estou muito inseguro. Temo falhar de novo.

- Tranqüilize seu coração, Ernesto. Estamos fazendo os planos para suas próximas experiências.

Elvira interrogou:

-Próximas? Quer dizer que já sabem que necessitará de mais de uma?

- Sem dúvida. Ernesto precisa vencer esse medo de falhar e readquirir confiança. Ele deverá viver na Terra em um corpo de mulher, frágil e doente, com limitações de toda ordem, para que possa, através das dificuldades, superar outros limites e preparar-se para uma encarnação onde terá novamente condições plenas para liquidar seus maiores débitos com o Criador. Então poderá voltar para casa e prosseguir no caminho da união perfeita com Deus.

Depois de breve pausa, Jonefá continuou:

-Estamos preparando para Ernesto uma reencarnação na Grécia, em que terá toda a sua capacidade intelectual e os^yseus conhecimentos adormecidos. Enquanto aguarda o tempo certo para o regresso, irá se preparar aqui, na colônia, em companhia de Henrique.

Ernesto refletia. Não apreciava a idéia de retornar num corpo feminino, numa sociedade que maltratava e desmerecia constantemente as mulheres. Sobretudo sabendo que teria diversas limitações. Não obstante, não se sentia em condições de fazer qualquer tipo de exigência. Sentia-se fraco interiormente. Tinha vergonha da maneira como havia conduzido sua experiência no Egito, pois sabia que jogara fora uma grande oportunidade. Estava consciente de que ter Elvira, também encarnada, ao seu lado havia sido um privilégio inimaginável que ele menosprezara por completo. A culpa e o remorso o devoravam. Portanto, sentia-se compelido a fazer o que lhe dissessem, sem reclamar ou exigir o que quer que fosse.

Quando Jonefá quis saber o que pensava em relação aos planos, ele perguntou:

- Quanto tempo viverei?

- Não está definido ainda. Por quê?

- Tenho pressa.

- Não tenha, Ernesto. Cultive desde já a paciência, que será sua mais importante companheira na próxima jornada.

Elvira, que ouvira Jonefá em silêncio, indagou:

-E depois, já tem algum plano para a etapa seguinte?

-Se conseguir permanecer na Terra sem rebeldia e submeter-se aos aprendizados necessários -em que haverá muito perigo de falhar, dadas as suas graves limitações -, ele terá a benção de voltar à Terra no mesmo período em que o Messias do planeta descerá para a redenção da humanidade. Será contemporâneo de Jesus.

Ernesto não disse nada. Elvira perguntou:

-E como poderei ajudar?

-Por enquanto, deverá regressar a Capela, onde seus antigos deveres a aguardam. Durante sua próxima encarnação, Ernesto, não contará com a presença de Elvira. Depois, quando estiver preparado para outro retorno, ela irá acompanhá-lo, do plano espiritual. Não deverá mais reencarnar, por muito que deseje. Poderá ajudá-lo melhor de nosso plano, assistindo-o de perto

em todas as suas experiências. Na verdade, ela será seu anjo da guarda, seu espírito protetor. Espero que desenvolva mais sua intuição e sua sensibilidade, vestindo um corpo de mulher, e que assim possa estar mais receptivo aos conselhos e orientações que ela irá transmitir-lhe.

Fez-se prolongado silêncio, até que Jonefá prosseguiu:

- Henrique se prepara a fim de reencarnar juntamente com Ernesto, ao tempo do Messias. Unidos, poderão colaborar com o divino enviado, para resgatar as criaturas da escuridão.

Ernesto olhou para os amigos com gratidão genuína e afirmou:

-Sinto-me fraco e entristecido; a angústia e a dor dominam meu coração. Ao mesmo tempo, vendo vocês três aqui, por minha causa, quando poderiam estar desenvolvendo suas tarefas em nosso orbe, sinto-me comovido e agradecido ao Criador por tal auxílio. Obrigado, meus amigos, muito obrigado. Em reconhecimento a vocês, meus irmãos, farei o melhor que puder, me empenharei ao máximo para vencer em todas as etapas. Não quero decepcioná-los mais.

Jonefá, que normalmente trazia o semblante sereno e grave, sorriu satisfeito e aprovou:

-Isso mesmo, Ernesto, assim é que deve sentir e pensar daqui para a frente. Você pode vencer, se concentrar seu potencial em uma vontade firme de triunfar, de se superar. Deus o ampara, e seus amigos estarão ao seu lado para ajudar. A misericórdia divina nos sustenta os passos sempre, impreterivelmente. Cabe-nos desejar com sinceridade melhorar e vencer nossas limitações, para que a bondade divina se manifeste através de nós, fazendo-nos os primeiros beneficiados.

Jonefá fez uma pausa. Depois, dirigiu-se a Elvira:

- Vamos partir em alguns dias.

- Estarei pronta.

Abraçando Ernesto com carinho, ela concluiu:

- Aproveitaremos cada instante que nos resta, Ernesto.

CAPÍTULO 29

Elvira partiu com Jonefá, deixando Ernesto entregue aos cuidados dos orientadores da colônia e na amorosa companhia de Henrique. Assim que regressou ao lar, ela retomou suas atividades, dedicando-se com carinho às crianças. Contudo, seu coração permanecia fortemente unido ao de Ernesto, sustentando-o em oração e vibrações diuturnas.

Ernesto, a despeito das angústias que o assaltavam, da culpa que não esquecia e da dor pela separação de Elvira, dedicava-se aos estudos e à meditação no núcleo que o acolhia. Sempre que podia, Henrique o acompanhava em longas caminhadas e até mesmo em atividades educativas na crosta da Terra. Juntos realizavam muitos serviços de socorro e apoio aos irmãos mais primitivos do planeta. Para enfrentar suas tendências de orgulho e arrogância, egoísmo e vaidade, Ernesto era mantido em tarefas singelas; propositalmente suas aptidões e sua alta capacidade intelectual eram deixadas em segundo plano, o que muitas vezes o incomodava. Nessas horas, Henrique vinha em seu auxílio:

-Não importa quanto se saiba, quanto se tenha de inteligência, Ernesto. O essencial é o que se faz com essa capacidade. O fruto de nossas habilidades para a humanidade é que será avaliado. O amor precisa ser desenvolvido. Muitos de nossos irmãos de Capela seguem cultivando dores ainda maiores para o porvir, por desprezarem aquilo que lhes parece menos importante: o amor. Continue trabalhando seu coração; combata a negatividade em seus impulsos e tendências. Somente assim sua futura experiência na crosta poderá ser proveitosa.

-Sei de tudo isso, e você está correto. É disso mesmo que necessito. Mas às vezes sinto-me quase descontrolado no meu anseio por atividades mais complexas.

-Detenha-se na simplicidade. Não tire o olhar de seu próprio interior e do que ali precisa trabalhar. Muitos dos seus impulsos são contidos devido à energia predominante na colônia, que não lhe facilita exteriorizá-los. Não será assim na Terra. Precisa prosseguir trabalhando, servindo, Ernesto. Os serviços aos irmãos do planeta o auxiliarão enormemente. Deixe de pensar um pouco em você mesmo e olhe para aqueles que carecem de ajuda.

Ernesto baixou a fronte e ficou em silêncio por instantes. Depois olhou para Henrique, encostou a mão na do rapaz e disse:

- Como é difícil para mim, Henrique! Nunca pensei que fosse tão custoso. Quando menos espero me pego pensando em mim, nas minhas necessidades, naquilo que desejo... Devo confessar que até em meio a tarefas de socorro das mais tocantes me surpreendo pensando em mim, e não naquela alma que tanto está precisando de amparo!

- Sei disso, Ernesto. Seus orientadores também. E é por isso que você ficará ainda por muito tempo na esfera espiritual, trabalhando junto aos irmãos da Terra e estudando a si mesmo, conhecendo-se mais profundamente, para que possa, no futuro, voltar e realizar algum progresso espiritual efetivo.

Sorrindo, ele abraçou Ernesto carinhosamente, e aduziu:

- Não desanime, você conseguirá. Um dia todos conseguirão compreender que a verdadeira felicidade consiste mais em dar do que em receber.

Ernesto também sorriu, aliviado, e prosseguiu conversando com Henrique sobre os desafios que enfrentava.

Era naquele ambiente de restauração interior e trabalho abundante em favor do próximo que Ernesto se preparava para a futura encarnação. Os séculos passavam céleres, mesmo para ele, na dimensão espiritual da Terra. Transformações ocorriam no planeta e Ernesto acompanhava com interesse o progresso do orbe.

Certa tarde, quando retornava de uma de suas mais árduas tarefas na crosta, foi convocado pelos orientadores para uma conversa. Um deles lhe disse:

-Tarefa difícil essa, Ernesto.

-Sim, muito difícil.

-Saiu-se bem. Estudando detidamente seu processo, consideramos que chegou o momento de você retornar à Terra. Cremos que já está adequadamente preparado para enfrentar a si mesmo, na crosta do planeta.

- Acham mesmo? Será que já estou pronto?

- Totalmente pronto nunca estará, ou nem precisaria regressar. Mas já angariou recursos interiores suficientes para que tenha possibilidade de êxito. Nossa equipe de trabalhadores especializados nas tarefas de reencarne já estão tratando das condições para seu retorno.

-Em quanto tempo?

- Daqui a algumas semanas. Procure pelo nosso irmão Tobias. Ele o colocará a par dos detalhes do planejamento para sua nova etapa evolutiva.

Neste ponto Ernesto desabafou, emocionado:

-Eu ainda sinto muito medo de falhar, de não conseguir. Esse medo é como um monstro a devorar minhas energias. Quando tento focar a atenção e a vontade em um recomeço, numa vida de êxito espiritual, não demoro a me apavorar e tenho quase a certeza de que vou falhar novamente. Apesar de tudo o que tenho aprendido, não me sinto forte o bastante para vencer esse medo.

-Fique tranqüilo. Sabe que retornará na condição feminina, não é?

-Sim, fui informado há muito tempo, quando regressei ao plano espiritual.

-Pois bem, sua vida como mulher será complicada e cheia de limitações. Estará sob a tutela de um pai severíssimo, que lhe deixará poucas oportunidades para se expressar. Casar-se-á muito cedo, sem poder usufruir plenamente as alegrias do amor verdadeiro. Depois de um segundo parto difícil, ficará acamada por longos anos. Sua trajetória será penosa, mas não terá muitas alternativas para falhar. O sentimento religioso será profundo em seu coração e a ajudará a ter forças nos momentos mais críticos.

Ernesto permanecia sério, atento às palavras de Marcos, o orientador. Sentia-se sufocar só de ouvi-lo descrever suas próximas experiências. Notando-lhe a angústia, Marcos interrompeu a narrativa e disse:

- Calma, Ernesto, sua vida não será somente dor e sofrimento. Você terá a doce alegria de ser criado por uma mãe carinhosa e dedicada, quase abnegada. É uma das irmãs que você ajudou na crosta nesses anos de serviços; extremamente grata a você, ela aceitou a tarefa de auxiliá-lo. Além disso, contará com dois filhos que, apesar do caráter dominador do pai, lhe serão igualmente amigos consagrados; também são socorridos seus, que se ofereceram para apoiá-lo.

Os olhos de Ernesto encheram-se de lágrimas. Marcos continuou:

- Você terá ainda a amorosa companhia espiritual de Henrique, que o guiará e protegerá, consolando sua alma e fortalecendo suas esperanças. Como disse, tudo está sendo detalhadamente organizado para que essa experiência seja bem-sucedida, preparando-o para o desafio decisivo, que virá no tempo oportuno. Quer falar alguma coisa, Ernesto?

- Só que estou muito comovido pelo carinho que recebo desses irmãos. Estou pronto a tentar. Não quero mais me furtar às experiências reparadoras. Sinto muita saudade de Elvira e de meu mundo. Meu coração chega até a doer. Mas compreendo hoje que colho aquilo que semeiei.

- E já está começando a colher o que de bom vem semeando.

Ernesto se preparava para sair quando Marcos disse: -Você renascerá na Grécia. Ao menos estará vivendo no local de maior adiantamento intelectual da atualidade na Terra. Respirará uma atmosfera de cultura, embora não possa efetivamente fazer parte dela. Mas isso lhe dará certo conforto emocional.

Ernesto sorriu e mais uma vez disse:

- Agradeço a Deus pela oportunidade e aos irmãos, por me ajudarem de todas as formas.

CAPÍTULO 30

Tempos depois, no momento propício, Ernesto renasceu no seio de uma tradicional e influente família de Creta.

Os anos na Terra foram de grande sofrimento para ele. As profundas limitações que lhe marcaram a vida física o impediam de reagir, porém sua alma se rebelava constantemente contra a condição opressiva em que se encontrava.

Henrique improvisava recursos de auxílio, solicitando amparo de outros trabalhadores da esfera espiritual para impedir que Ernesto, no novo corpo, cometesse suicídio. Especialmente depois que ficou imobilizado em uma cama, seu desejo de morte era freqüente. Em sonhos, Henrique lhe falava sobre a coragem que deveria ser renovada, e em geral ao acordar Helena -era esse seu nome na nova existência -estava mais aliviada e esperançosa. Foram anos de luta e de intenso trabalho das equipes espirituais para sustentar a experiência de Ernesto.

Determinada manhã, depois de quase quinze anos sem poder se levantar, Helena sentia-se mais cansada. Pediu que a colocassem à beira da janela, pois desejava ver o mar. Os filhos, dedicados e amorosos, ainda adolescentes, atenderam-na de pronto.

Assim que se viu diante da imensidão do mar, ela falou:

- Como é maravilhoso o mar! Tenho vontade de sair voando sobre as águas do oceano. Às vezes, sonho que vôo sobre ele, mas de repente algo me puxa para cá e desperto assustada.

-Que estranho, mãe -disse um dos filhos.

-É, meu filho, é um sonho muito estranho mesmo. Onde está seu pai?

-Já foi para a assembléia.

Helena suspirou profundamente, sentindo a suave brisa do mar a beijar-lhe a face envelhecida pelo sofrimento. Observou o sol esplendoroso que iluminava o horizonte e, virando-se para os jovens, disse:

- Estou me sentindo muito cansada. Por favor, chamem sua avó, preciso dela aqui.

Eles saíram e em pouco tempo voltaram com Isadora, uma senhora de feições doces e ternas. Logo que viu a filha, perguntou:

- O que tem hoje, minha querida? Parece abatida. Que aconteceu?

- Nada de novo ou diferente aconteceu. Acordei muito cansada, exausta mesmo. Mas não posso apontar nenhum motivo em especial.

Como a intuir a real situação da filha, Isadora aproximou-se dela e afofou-lhe os cabelos, aconchegando-a ao ventre. Enquanto era assim acalentada, Helena foi perdendo mais e mais a cor, até empalidecer totalmente. Os filhos perceberam o agravamento do seu estado e gritaram:

- Vovó, ela está ficando branca!

Isadora, com a ajuda dos netos, recolocou-a na cama, ajeitando-a em altos travesseiros. Helena então disse:

- Obrigada, mãe; obrigada, meus filhos. Estou muito cansada...

Depois, vendo ao lado da cama a figura amiga de Henrique, saudou:

- Olá. Sei que o conheço, mas não me lembro de onde. Sim, sei que o conheço muito bem.

E virando-se para a mãe, perguntou:

-Quem é ele mesmo, mãe?

Isadora olhou na direção que Helena lhe apontava e, não vendo ninguém, trocou um rápido olhar de estranheza com os dois netos, depois respondeu:

-Também não me lembro do nome dele.

- Ele me estende a mão e me diz algo. Espere. Vejo outros com ele. Esses eu não conheço. Quem são vocês?

Isadora, compreendendo que a filha em breve não mais estaria junto deles, apertou-lhe as mãos com força. Helena prosseguiu:

-Ele continua dizendo alguma coisa. Afinal, o que quer? Henrique chegou mais perto dela e tocando-lhe o corpo etéreo, já quase totalmente desprendido do corpo denso, chamou:

-Venha, Helena, está na hora de partir. Cumpriu bem sua missão e seu sofrimento está concluído. Venha comigo.

Helena estendeu a mão e falou com a mãe e os dois filhos:

- Quer que eu vá com ele. Disse que minha missão está encerrada. O que isso significa, mãe?

Com lágrimas escorrendo pela face, Isadora concordou:

-Então vá com ele, minha filha, vá em paz. Eu cuido dos meninos enquanto estiver fora, não tem com que se preocupar. Que os deuses a abençoem, minha querida Helena.

Arqueando o peito, com muita dificuldade de respirar, Helena enfim silenciou para sempre. Ao passo que seu corpo físico desfalecia, seu corpo espiritual se desprendia e era desligado por completo pelos socorristas. Henrique a segurava firmemente. Ela se virou e viu seu corpo físico sobre a cama. Observou a mãe e os filhos em torno dele, vertendo lágrimas de dor. Então, voltou-se para Henrique e perguntou:

-O que acontece aqui?

-Vamos voar sobre o oceano, venha.

O convite lhe pareceu irrecusável e ela o obedeceu sem discutir, embora insistentemente olhasse para o quadro comovente que aparecia através da janela, enquanto se afastavam.

À medida que voavam sobre o mar, Helena, ainda confusa, registrava algumas lembranças do pretérito lhe assomando à mente. Ao chegarem à colônia espiritual, foi acomodada em uma grande enfermaria e medicada, para que dormisse e descansasse até se recompor.

Meses depois, com a memória e a forma perispiritual quase completamente recuperadas, Ernesto recebeu a alegre visita de Henrique:

- Vejo que já está feito, Ernesto.

-Estou muito bem, meu amigo. Obrigado por sua paciente e dedicada ajuda!

- Foi bem difícil, Ernesto. Quase o perdemos por duas vezes.

-Eu sei.

-Sua rebeldia esteve prestes a colocar a perder a frutífera experiência. Mas graças a Deus você não sucumbiu.

- Graças a Deus e a você. Como estão Isadora e os rapazes?

-Estão bem, recebendo muito consolo e alívio de nosso plano. Logo terão a paz interior restaurada. Assim que for possível, os traremos para visitá-lo.

-Ficarei muito feliz em vê-los.

Depois de alguns minutos de silêncio, Ernesto perguntou:

- Acha que fui capaz de me aprimorar um pouco?

-Fez diversas conquistas interiores. Sua alma adquiriu um pouco mais de paciência e tolerância. E aprendeu a dar valor às coisas simples.

Ernesto sorriu, lembrando suas últimas experiências.

-E o medo de fracassar, diminuiu? -indagou Henrique.

- Eu quase falhei, não foi?

-Quase, mas não falhou. E o medo, diminuiu?

- Não totalmente.

- Nem conviria, algum medo nos traz prudência. Mas a sensação de agonia e desespero foi superada?

- Creio que sim.

- Isso é muito bom.

-Quando volto ao trabalho?

- Assim que for liberado pelos médicos do hospital. Temos muito serviço a fazer.

Prosseguiram a conversa animadamente. Ernesto tinha o coração aliviado e sua esperança havia sido restaurada. Logo que recebeu alta, voltou ao trabalho, acrescentando a suas tarefas, mais uma vez, o amparo aos novos familiares espirituais: Isadora e os dois jovens que haviam sido seus filhos.

Não tardou a receber a inesperada visita de Elvira e Jonefá, que contentou ainda mais seu coração. Ela permaneceu pouco tempo, mas o período em que estiveram juntos foi de extrema alegria.

Na colônia espiritual, por longos anos Ernesto se dedicou ao trabalho e à contínua busca do autoconhecimento. Sabia que lhe faltava superar muitas imperfeições, que não se haviam manifestado pelas restrições que tivera na última encarnação. Embora feliz, ele não se iludia. Com as repetidas visitas de Elvira e a atenção constante de Henrique, fazia planos para o futuro.

Naquela manhã, Elvira veio e lhe pareceu ainda mais radiante. De seu coração partia intensa luz rosa-azulada, que se difundia ao seu redor. A beleza da cena o embeveceu. Sabia da superioridade desse espírito amado; porém, sempre que via sua luminosidade, surpreendia-se com a constatação da própria inferioridade. Ao se aproximar, ela disse:

- Não pense mais nisso. Sua grande oportunidade chegou. Temeroso, Ernesto perguntou:

- O que quer dizer?

-Agora, vim para ficar com você e o acompanharei em sua próxima experiência, que está por vir.

Ernesto sentiu sumir-lhe a cor. Elvira segurou-lhe a mão:

- Não tenha medo, querido, Deus estará amparando sua jornada. A hora é de grande felicidade.

- Percebo que está radiante. O que está acontecendo de tão especial?

- Avizinha-se o momento da descida de Jesus ao planeta.

-Tenho ouvido bastante sobre isso. Todos nos preparamos para recebê-lo no orbe. Já há muito podemos pressentir sua presença.

- É verdade. A atmosfera do planeta está muito diferente. Para vir, ele se preparou durante longo tempo.

- De fato, teve de se despojar de sua grandiosidade, adensar seu corpo espiritual, e isso leva tempo.

- Mas o momento está próximo. O Messias prometido e tão esperado pelos nossos irmãos da Terra está chegando.

Ernesto ficou sério. Elvira fitou-o e ele indagou:

- Será que estamos realmente em condições de recebê-lo?

-Confiemos em Deus, que é todo sabedoria. E você, querido, vai poder viver com toda a intensidade esse momento; estará na Terra, encarnado, vivendo junto de Jesus.

-Junto de Jesus?

- Sim, Ernesto, muito perto.

-Disseram-me que viveria na Terra na época em que Jesus ali estivesse, mas não sabia que o veria de perto.

Elvira sorriu, e o brilho de seus olhos acentuou-se:

- Foi para não assustá-lo, querido. Mas agora você está pronto e já pode saber. Antes de vê-lo, falei com os irmãos responsáveis pela sua reencarna-

ção. Estou com todo o plano de sua próxima experiência. Venha, vamos estudá-lo detidamente.

Acariciando o rosto de Ernesto, ela exclamou:

- Que oportunidade bendita, querido: estar ao lado do Messias!

Ele, por sua vez, com os olhos rasos de água, disse emocionado:

- Eu não mereço uma benção como essa, não me sinto digno. A única coisa que posso fazer é servi-lo com todo o meu coração; sacrificar-me por Ele, dedicar-me a segui-lo e amá-lo com todo o meu ser!

Elvira abraçou-o longamente, sentindo imenso júbilo a lhe invadir a alma:

- Que Deus o abençoe!

3ª. Parte

“ Na plenitude dos tempos, quando tudo estava Preparado, Jesu, o arquiteto do planeta, desceu à Terra como havia prometido para ensinar aos homens com o exemplo de sua própria vida o caminho para a regeneração de suas almas.

O Messias, já anunciado e esperado pelos povos desde as mais priscas eras, veio ao orbe para aproximar as criaturas, sofredas e angustiadas, do Criador do Universo.”

CAPÍTULO 31

Os três andavam pela estrada poeirenta que levava a Jerusalém. No caminho, discutiam sobre aqueles que em segredo procuravam o Mestre. Pedro disse, exasperado:

-Acho absurdo que o Rabi continue a recebê-los em horários tão inapropriados. Por que não vêm até ele quando está pregando? Na hora em que precisa repousar, depois de longas jornadas junto às multidões, é que o procuram! E bem de madrugada! Não concordo e vou falar outra vez com o Mestre!

João, sempre amoroso, interveio:

-Pedro, sabe que Jesus jamais se negaria a atender quem quer que fosse, a qualquer hora. Ele está sempre pronto a ajudar quem o busca!

Pedro insistiu:

-Não concordo, João. O que pensa, Tiago?

Tiago parecia distante e não respondeu. Pedro insistiu:

-E você, Tiago, o que acha? Tiago sorriu e disse:

-Acho que nunca compreenderemos totalmente as atitudes de Jesus. Elas sempre nos causarão surpresa. Vejam o caso de Judá, o jovem rico. E um exemplo de conduta para nosso povo: cumpre a lei de Moisés e todas as orientações de nosso pai Abraão. Não há um sábado sequer em que não seja o primeiro a chegar à sinagoga. Mesmo assim, Jesus não parecia completamente satisfeito com ele, pois pediu que vendesse todos os seus bens e os distribuísse aos pobres, e por fim que o seguisse. Nunca tinha escutado isso do Mestre.

Pedro ouvia atento. Depois de breve pausa, Tiago continuou:

-Agora, veja a diferença no caso de Zaqueu: a ele o Mestre não pediu nada. Justamente a ele, um cobrador de impostos! Há muitas coisas que não entendemos, Pedro. Não adianta, devemos segui-lo e aprender com ele. Só isso.

João concordou:

-Tem toda a razão, Tiago. Não podemos compreender tudo o que Jesus nos ensina, mas precisamos confiar nele.

Sem saber o que argumentar, Pedro calou-se e os três seguiram, pensativos, o restante da longa viagem de Nazaré até Jerusalém. Ao chegar, uniram-se aos outros discípulos de Jesus, bem como aos demais que o seguiam.

Enquanto isso, José de Arimatéia, em sua mansão, caminhava de um lado para outro, inquieto. Esperava com ansiedade por Nicodemos. Logo que Timóteo o avisou da chegada do amigo, José solicitou:

- Leve-o à sala central e peça que me aguarde; já vou recebê-lo. E sirva-nos algo bem fresco; está muito quente hoje.

Timóteo saiu imediatamente e conduziu Nicodemos à sala principal. A imensa propriedade ficava no alto de uma colina. Da rua era possível observar as lindas colunas dispostas uma ao lado da outra, com perfeição e harmonia, ao melhor estilo arquitetônico romano. Os belos jardins que circundavam a residência também seguiam a tendência das mais exuberantes mansões romanas.

Na realidade, embora fosse judeu, membro de uma das famílias mais importantes, tradicionais e influentes de Jerusalém, José gozava de alto conceito junto aos dominadores da Palestina. Quando Pilatos assumira seu cargo como governador da Judéia, fora levado a procurar por ele, dados o prestígio e o poder que fruía perante os conterrâneos. Sua riqueza e sua influência eram amplamente conhecidas pelas maiores autoridades de toda a Palestina.

Tão logo o conhecera, Pilatos se encantara com o hebreu. José de Arimatéia era um homem de aparência impecável, elegante e de porte atlético. Além do mais, tinha uma fluência verbal invejável e era possuidor de inteligência brilhante, o que o havia tornado um dos mais bem-sucedidos negociantes da Judéia. Dispunha de uma frota de barcos que faziam o comércio com diversas cidades ao longo do Mediterrâneo, e inclusive com regiões mais distantes, como a Gália e a Britânia.

Como tivesse grande habilidade com as palavras, ele se destacara como admirável contador de histórias, narrando suas façanhas e experiências através de terras longínquas, quando, com apenas dois barcos pequenos, iniciara suas atividades e a expansão dos negócios da família.

Pilatos o admirara imediatamente, e nascera entre eles sólida amizade. Assim que lhe fora possível, promovera José de Arimatéia a uma espécie de embaixador de exportações, concedendo-lhe exclusividade no comércio de estanho com as regiões sob o controle de Roma.

Nem bem o jovem Timóteo tinha deixado Nicodemos acomodado, José entrou, fechou a porta e, cumprimentando o amigo, perguntou:

-E então? Esteve novamente com o Mestre?

-Sim, estive com ele, de madrugada.

-E dessa vez, sobre o que conversaram?

- Sobre muitas coisas, José, mas a maior parte não consigo entender; Jesus me faz sentir tão pequeno e ignorante!

- É verdade. Tudo o que conhecemos se torna insignificante em sua presença. Toda a sabedoria de nossos antepassados se reduz a nada em sua luminosa companhia.

- Para mim, José, basta estar com ele. Como é doce ficar ao seu lado... Como me sinto venturoso e feliz!... Os momentos que passei com Jesus até agora, apesar de breves e fugidios, foram os mais jubilosos de minha vida. Quanta sabedoria em suas palavras, quanto amor em seus olhos! Não deixo de pensar em seu olhar um instante sequer. Desde que o vi pela primeira vez, que meus olhos viram o olhar de Jesus, nunca mais fui o mesmo.

José ajeitou-se na cadeira, ouvindo o amigo com atenção. À primeira pausa de Nicodemos, ele disse:

-Sinto-me da mesma forma. É tão bom estar com o Mestre... - e suspirou profundamente - Pena que não possamos encontrá-lo mais freqüentemente.

- Tenho pensado sobre isso, José. Incomoda-me ver Jesus às escondidas, como se ele fosse um ladrão! É muito constrangedor.

José fitou o amigo com olhar triste e considerou:

- E o que podemos fazer? Eu também penso muito nisso, mas se nos exusermos mais do que já o fazemos, correremos sérios riscos. Muitos, no Sinédrio, andam fazendo perguntas sobre os possíveis seguidores ocultos de Jesus. Existem rumores de que há alguns de seus membros que lhe dedicam simpatia. Não, Nicodemos, infelizmente não há nada que possamos fazer. É muito arriscado. Se descobrirem que somos seguidores dos ensinamentos de Jesus, perderemos tudo o que temos, tudo...

Fez-se abrupto silêncio quando Timóteo entrou, trazendo um fresco para o dia quente que já ia adiantado. Assim que o rapaz saiu, Nicodemos perguntou:

- Ele sabe de algo?

-Não, ninguém em minha casa suspeita de nada; não desconfiam nem de longe.

-Nem mesmo Sara?

-Muito menos ela. Sabe como a família dela é apegada às tradições. Não posso permitir que ninguém descubra. Seria um desastre para mim. Você me compreende, não é?

- Claro, José; em sua posição, seria absolutamente desastroso. Alguém com o seu poder e a sua influência, que pela própria situação já tem alguns rivais gratuitos, de imediato os teria como inimigos.

- Pois é isso; também penso assim. Infelizmente, não há o que fazer. Teremos de continuar encontrando-o às escondidas. Entretanto, deixar de ouvi-lo e falar com ele, isso eu não vou fazer. Para mim, ninguém jamais falou como Jesus. Sinto-me verdadeiramente mais perto de Deus, quando estou em sua companhia.

Os dois prosseguiram em animada palestra, trocando impressões sobre os ensinamentos essenciais daquele que ambos reconheciam ser o Messias prometido.

Algumas semanas mais tarde, José, ao retornar de viagem que realizara até a Fenícia, foi informado de que Jesus estava em Cafarnaum. Fazendo uma parada não programada na região, dirigiu-se ao lugar onde esperava ver o nazareno. Não teve dúvida: dispensou todos os servos e empregados, dando-lhes um dia de folga. Depois, trocou suas vestes elegantes e sofisticadas de ancião judeu pelas roupas rotas que comprara de um mendigo e, usando pesada túnica que lhe escondia a cabeça, buscou o local onde soubera que Jesus estaria.

Cercado por grande multidão, o Mestre, do alto de um monte, falava ao povo. Assim que José o localizou, enfiou-se no meio do povo, procurando chegar o mais perto possível. Não conseguiu ficar muito próximo, mas podia vê-lo ao longe e escutar claramente as suas palavras:

- "... Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos... Bem-aventurados os que padecem perseguições por amor da justiça, porque delas é o Reino dos Céus..."

Enlevado, José de Arimatéia, anônimo entre a multidão, bebia sofregamente cada palavra de Jesus, que lhe ressoava profundamente no coração.

CAPÍTULO 32

Ao regressar a Jerusalém, nem bem José entrara em casa e Sara veio ao seu encontro, preocupada:

- Atrasou-se, José. Nós o esperávamos há dias. O que houve?

- Tive de parar em Cafarnaum, a pedido de Pilatos.

-E por quê?

- Queria que eu visitasse alguns negociantes, para tratar de assuntos pessoais dele.

Aparentemente distraída, ela se calou por instantes. Depois, como a se lembrar de algo, disse:

-O Sinédrio se reunirá hoje.

- Hoje? O que aconteceu? Não temos nenhuma reunião marcada, a não ser dentro de algumas semanas.

- Trata-se de uma reunião especial; foi convocada às pressas.

- E sabe por quê?

- É sobre o tal Jesus de Nazaré. Parece que esse homem está criando problemas. Querem discutir sobre ele. Já ouviu falar nele, não é?

- Claro, muito se tem falado a respeito de Jesus.

- E o que sabe sobre ele?

José fitou-a, buscando em seus olhos algum sinal das intenções que lhe iam na mente ao fazer aquela pergunta. Sem sucesso, desviou os olhos e respondeu:

-Quase nada. Apenas que ajudou a muitos e que o povo lhe procura a companhia.

Sorrindo ironicamente, ela afirmou:

- O povo não sabe nada, José. Quero a sua opinião.

-Minha opinião sobre o quê?

- Sobre esse tal Jesus. O que pensa dele? José custou um pouco a responder, hesitante:

- Não sei nada sobre ele, Sara, além do que já lhe disse. Não tenho opinião formada.

E antes que a mulher fizesse mais perguntas, foi ele quem indagou:

-A que horas deverei estar no Sinédrio?

- A reunião já deve estar começando. É bom se apressar.

Ele encerrou imediatamente a conversa e entrou pelo corredor da mansão, seguindo na direção do quarto, enquanto dizia à esposa:

-Vou trocar-me e logo sairei para juntar-me aos demais membros do Sinédrio. Peça ao Timóteo que me prepare algo para comer no caminho.

Sem responder, Sara ficou pensativa enquanto o marido se afastava; então foi até a cozinha e deu ordem a Timóteo, conforme José pedira.

Após cumprimentar os membros aos quais era mais ligado, José acomodou-se em sua cadeira. Assim que o viu, Nicodemos levantou-se e, devagar, aproximou-se dele. Cumprimentou um, depois outro, até ficar perto do amigo José de Arimatéia. Saudou o ancião que estava sentado bem atrás dele, e depois, simulando surpresa, disse:

-José! Pensei que ainda estivesse viajando.

- Cheguei hoje, pela manhã.

Nicodemos acomodou-se ao lado do amigo. Ao ver Caifás, o sumo-sacerdote, ocupar a tribuna, José sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Ajeitou-se melhor na cadeira e, sério, atentou para o início da reunião.

Jesus começava a incomodar muito as autoridades religiosas de Jerusalém. Aquela seria a primeira de muitas outras reuniões que se realizariam, em torno de seus atos e palavras. Com o passar dos dias, crescia o número de doentes que eram curados por ele: cegos, paralíticos, mudos, surdos de nascença, leprosos. Muitos começaram a vir de longe para vê-lo, e os doutores da lei, os escribas e os sacerdotes de Jerusalém sentiam-se mais e mais ultrajados com seus atos.

Durante essas discussões acaloradas entre os seus companheiros do Sinédrio, em geral José de Arimatéia permanecia calado. Ele, um dos setenta membros da instituição que era o grande conselho político e religioso e a suprema corte de justiça de Jerusalém, sentava-se e escutava, mudo, todo tipo de acusações e suspeitas contra Jesus. Ele sabia que eram ataques infundados; conhecia as mensagens amorosas do Mestre e sabia que eram verdadeiras. Não obstante, sentia-se constrangido diante dos demais, e na maioria das vezes não dizia nada. Raramente, quando tinha oportunidade, levantava-se e questionava as acusações, tentando fazer os outros refletirem melhor sobre o que estava por trás daqueles ensinamentos. Sugeriu, então:

- Ilustres companheiros, não seria conveniente enviarmos um grupo para ouvi-lo e avaliar-lhe melhor as intenções?

Era sempre automaticamente repellido. Algumas vezes estabelecia-se um burburinho entre os participantes da assembléia e Caifás, o sumo-sacerdote, intervinha:

- Silêncio, senhores! Não acho necessário enviarmos ninguém para ouvir-lhe as blasfêmias. Esse homem está instigando o povo contra Roma, e ainda nos trará problemas...

E as reuniões seguiam infindáveis, às vezes noite adentro, discutindo o comportamento de Jesus. José se calava. Normalmente saía dali cansado e abatido. Voltava para casa desalentado. Sentia que deveria ter sido mais enfático, mais firme na defesa de Jesus, mas não conseguia fazê-lo. Receava muito as conseqüências que poderiam atingi-lo se demonstrasse explicitamente a simpatia pelo nazareno.

Antes do início de cada reunião, ele prometia a si próprio que daquela vez exporia seu ponto de vista e falaria em defesa de Jesus. Porém, quando a ocasião se apresentava, de novo ele se sentia acuado pelos outros e silenciava.

Naquela tarde, terminada mais uma das reuniões cujo tema invariável eram acusações a Jesus de Nazaré, ele voltou para casa devagar, triste e acobardado. À noite, revirava-se de um lado ao outro na cama, sem poder dormir. Levantou-se e caminhou até o alpendre, de onde se tinha uma bela vista do céu estrelado. Olhou ao seu redor observando o vento movendo as folhas das árvores, e ficou imaginando o que aconteceria com sua vida se ele ousasse erguer-se com firmeza, em meio à próxima reunião, e defender Jesus. Outra vez o gelo de um calafrio percorreu-lhe o corpo. Sentia medo.

Já era madrugada quando, vencido pelo cansaço, ele conseguiu adormecer. Assim que seu corpo denso entregou-se ao sono reparador, seu corpo espiritual despreendeu-se, atordoado. Ouviu, então, uma voz suave e terna:

- Sente-se, José, ainda está tonto.

Ele viu a luminosa figura à sua frente e ajoelhou-se, exclamando, impressionado:

- Meu Deus! É um anjo do Senhor que vai me punir!

Estendendo os braços e erguendo-o suavemente, aquele ser falou:

- Acalme-se, José. Ninguém vai puni-lo a não ser você mesmo.

Confuso, ele sentou-se na beira da cama. Fitou então a imagem que tinha diante de si: uma jovem delicada e meiga, com cabelos que cintilavam; os olhos e o coração emitiam luz tão forte que ele mal podia olhar. Então, perguntou:

- Quem é você? É uma enviada do Altíssimo?

- Sim, José, sou enviada de Deus; mas não tenha medo, quero ajudá-lo. Primeiro precisa se acalmar. Anda muito preocupado, não é?

- Eu não estou feliz.

- Eu sei, nem poderia estar, José. O que estão fazendo com Jesus é muito injusto.

- Então, estou certo? O Todo-Poderoso está mesmo com ele?

- Sim. Jesus é o Messias prometido em todas as escrituras, aquele anunciado pelos seus antepassados.

- Eu sabia! Pelas suas palavras plenas de sabedoria e entendimento, amor e misericórdia, eu o reconheci.

- Todavia, nem todos o aceitam, não é?

- Acho que muitos ainda não o reconheceram. Mas por que Jesus os incomoda tanto?

- Porque ele diz a verdade sobre o coração do homem, que está repleto de impurezas e imperfeições. Ele pede transformação, e os homens não querem mudar, José.

José ficou pensativo. Com voz ainda mais suave, ela prosseguiu:

- Entretanto, você o reconheceu, e isso é uma grande bênção. Agora é a sua vez de também mudar. Assuma sua posição ao lado de Jesus; siga-o e deixe para trás o velho homem. Esta é a sua grande oportunidade de transformação. Não a desperdice. Aproveite! Você esteve com ele, já sentiu o poder do seu amor.

José respondeu, entristecido:

- É isso o que mais quero, porém... Não consigo.

- Não tenha medo, José. Você não estará sozinho. O Senhor Deus estará amparando e abençoando sua decisão e suas atitudes. Aja no bem, sem se importar com as conseqüências. Escolha o bem, a verdade, o amor, custe o que custar. Coloque os verdadeiros valores, que são eternos, acima das ilusões da Terra, e entregue-se ao Salvador com alegria.

José baixou a fronte e grossas lágrimas rolaram pelo seu rosto. Enfim, afirmou:

- Vou me esforçar... Vou tentar. Tocando-lhe as mãos, ela disse:
- Você conseguirá, José. Abra seu coração a Deus, com sinceridade, e ele o ouvirá e lhe dará forças. Agora, é hora de descansar. Logo o sol brilhará no horizonte.

José fitou-a nos olhos e perguntou:

- Qual é o seu nome?

-Elvira.

Antes que ele pudesse dizer palavra, seu corpo físico foi despertado por uma agitação incomum.

CAPÍTULO 33

Ainda envolvido pela doce energia de Elvira, José despertou e olhou em torno. Sara já estava de pé, e à beira da janela, dizendo:

- Isso é uma blasfêmia! Ele se deixa aclamar como se fosse o Todo-Poderoso. É uma blasfêmia!

José se levantou e, ainda sonolento, aproximou-se da janela:

- O que está acontecendo? O que te incomoda tanto? -perguntou.

Ela apontou na direção do templo de Jerusalém:

- Veja! É aquele Jesus, aclamado pelo povo! Ele tem de ser detido!

Dizendo isso, afastou-se da janela e ia deixando o quarto quando ele, depois de tentar ver o que se passava, indagou:

- Como sabe que é ele? Não consigo ver direito. Só vejo a multidão e...

- Timóteo me disse. Mandei-o bem cedo à casa de meu pai para buscar algumas roupas que minha mãe comprou para mim, e ele voltou contando tudo em detalhes. Não posso acreditar que não o tenham detido!

- Afinal, Sara, que mal ele lhe fez?

-Do que está falando, José?

- Que mal esse homem lhe fez para causar tamanha aversão?

-Ora, ele se mostra inimigo de nossa tradição, de nossos antepassados! Eu é que não compreendo por que você sempre parece ter por ele certa simpatia... Estou certa?

Erguendo um pouco mais o corpo, José limpou a garganta e retrucou:

- Não é isso; apenas não compreendo por que todos lhe têm tanta hostilidade. Até onde sei, ele não fez nada contra nossas tradições.

- José, ele fala em igualdade, em perdão das ofensas, em humildade, em justiça...

- E não é isso mesmo que Moisés nos ensinou, através das leis?

Sara fechou ainda mais o semblante ao dizer:

- Não há justiça em termos de pagar tão altos tributos aos nossos dominadores. Os romanos estão nos espoliando e precisamos de um libertador, de um verdadeiro emissário do Alto para nos restaurar a liberdade. Somos o povo eleito do Todo-Poderoso e esperamos pelo emissário dele que nos salve, finalmente, dos opressores. Esse Jesus é patético! Apregoa ser enviado dos Céus, e sabe como entrou em Jerusalém?

José não respondeu. Ouvia atentamente a esposa, que prosseguiu:

- Entrou em um burrico! Veja se ele poderia ser nosso libertador! Não! Jeová nos fará justiça! Somos um povo especial, os escolhidos, e não podemos mais viver sob a opressão de nenhum soberano que não seja o Senhor! Nós é que devemos dominar, com as leis de Deus e com a tradição de nossos antepassados.

Sem saber o que dizer, José permaneceu ora olhando a esposa, que continuou a falar, ora tentando identificar, pela janela, algo em meio à multidão. Finalmente, ela veio até a janela, olhou mais uma vez para fora e virou-se para José:

-Isso tem de acabar! O Sinédrio precisa tomar uma providência definitiva contra esse... esse agitador!

Olhando fixo para José, que manteve silêncio, Sara saiu do quarto, resmungando:

- Alguma coisa tem de ser feita...

José ficou encostado à janela por mais algum tempo, tentando enxergar o que ocorria, porém àquela distância só via a multidão. Vestiu-se, tomou um rápido desjejum e saiu direto para o templo. Assim que se aproximou da multidão, perguntou a um homem, que parecia saber o que se passava:

- O que está acontecendo?

-É Jesus de Nazaré. O povo o saúda como a um grande rei.

- E ele, o que faz?

-Apenas acena para o povo e sorri.

- Aceita, então, a aclamação?

O homem mediu José de alto a baixo e perguntou:

- Quem é o senhor? Não é José de Arimatéia, o rico mercador?

José empalideceu e respondeu:

-Não, acho que está me confundindo com alguém. O homem insistiu:

- Como não? Lembro-me de o ter visto quando chegou trazendo tecidos de uma de suas viagens. Também sou mercador.

Aflito e temeroso, José disse:

- Deve estar me confundindo. De qualquer modo, só estava querendo entender o motivo de tanto tumulto. Tenho trabalho a fazer e meu acesso está sendo dificultado por essa confusão.

Sem esperar resposta, ele voltou para casa. Entrou e enfiou-se em uma das salas, onde costumava planejar suas viagens e seus negócios. Ali, sentado diante de uma ampla janela, ficou absorto, observando o horizonte.

Perto das onze da manhã, Sara entrou e perguntou:

- Não vai se arrumar?

José, como se despertasse de um sonho, olhou-a por instantes e perguntou:

- Para o almoço? Mas é cedo...

-José, você me avisou que Pôncio Pilatos viria almoçar conosco hoje, esqueceu? Ainda que os romanos me causem náuseas, admito que a convivência com eles é boa para os seus negócios. Já está tudo pronto. Não diga que desmarcou o almoço e não me comunicou!

-Tinha esquecido completamente, Sara. Que bom que me lembrou! Vou preparar-me agora mesmo.

Abraçou a esposa à porta, agradecendo:

-Obrigado, querida, você sempre me ajuda em tudo. Sara observou o marido e disse:

-Está estranho, José. Não costuma esquecer seus compromissos. O que o preocupa? E esse Jesus, não é? José fitou-a e respondeu:

- Sim, Sara, é esse Jesus...

O almoço transcorreu com tranqüilidade, e o assunto principal foi o nazareno, que tanto atraía a atenção do povo. José esforçou-se o quanto pôde para desviar a conversa para temas que naquela circunstância lhe interessava mais focalizar. Contudo, era Pilatos quem insistia em retornar ao jovem de Nazaré:

-Não entendo, José, por que os conselheiros do Sinédrio têm tanto medo desse homem. Ele não é um impostor?

Diante dos olhos atentos da esposa, José procurava contemporizar, sem, no entanto, defender Jesus de qualquer modo que fosse. E foi Sara quem interveio:

-Ora, senhor governador, o que diria se ele se colocasse acima de seus deuses?

-Seria inadmissível!

- Pois é exatamente isso que os integrantes do Sinédrio pensam. Eles estão lá para zelar pela ordem, pelo bem do povo, pelo cumprimento das leis. E creio que tomarão as medidas necessárias para acabar com essa situação.

José ouvia calado. Pilatos também emudeceu e ele aproveitou, então, para mudar de assunto:

- Pilatos, trago ótimas novidades da Britânia.

-Esteve lá?

-Desta vez não fui pessoalmente; enviei um homem de minha inteira confiança. Eles estão interessados em nosso estanho. Temos ainda de acertar pequenos detalhes quanto às condições do pagamento, porém o interesse é grande. Acho que faremos bons negócios por lá.

Desviada totalmente a atenção de Pilatos, eles terminaram o almoço e José o levou até sua sala. O domingo passou calmo e Pilatos, que viera acompanhado da esposa Cláudia, deixou a casa de José ao entardecer. Tão logo eles saíram, José foi para o quarto e ali ficou.

A atmosfera era tensa em toda Jerusalém, como se alguma coisa grave estivesse em suspenso, prestes a se desencadear. A despeito dos preparativos para a celebração da Páscoa, algo parecia diferente. José sentia-se angustiado, triste.

Naquela noite, não suportando a sensação opressiva, resolveu procurar Jesus outra vez. Esperou que a esposa adormecesse e saiu cuidadosamente, sem fazer barulho. Envolvido em uma bela e pesada túnica, foi ter com os discípulos de Jesus. Quando o viu, Pedro inquiriu:

- O que faz aqui, José?

-Preciso falar com o Mestre.

-Agora é muito tarde, ele precisa descansar.

-Preciso muito vê-lo, por favor.

- Por que não vem durante o dia, como todos os outros? Tem de aparecer furtivamente, no meio da noite? Não vê que o Mestre necessita descansar?

José baixou a cabeça, envergonhado. Sabia que Pedro estava certo, que ele deveria fazer o que sua consciência lhe cobrava, mas não conseguia. João saiu para ver o que estava acontecendo e, ao ver o visitante, saudou:

—José, seja bem-vindo.

-Como vai, João? -Veio ver Jesus?

-Eu gostaria muito, mas Pedro diz que o Mestre precisa descansar.

-É verdade, ele tem se sacrificado muito nos últimos dias. Não sei como consegue...

Depois, dirigiu-se a Pedro:

- Acho melhor dizer a ele que José está aqui. Talvez o receba...

Pedro continuou firme em sua posição:

- É muito tarde, João. O Mestre precisa descansar. João, calmamente, respondeu:

- Eu sei, Pedro, tem razão. Porém, vejo que José está aflito; precisa falar com Jesus. Vamos ao menos avisar que ele está aqui.

Conduzindo José até a sala da entrada, pediu:

-Aguarde um pouco. Vou ver se Jesus pode recebê-lo. Pedro os acompanhava e encarava José, visivelmente contrariado. João logo reapareceu, chamando:

- Venha, José, o Mestre o espera.

Quando Pedro fez menção de objetar, João disse:

- Vai ser um encontro breve, fique tranqüilo.

José penetrou rapidamente o interior da pequena casa, à procura de Jesus. João e Pedro retomaram a questão das visitas, e este esclareceu:

- Não é isso que me incomoda. O que não tolero é que esses homens o aceitem em segredo, sem ter a coragem de assumir que são seus seguidores.

Novamente João intercedeu em favor de José:

-A situação de José é complicada. Ele ama Jesus, posso perceber isso em seus olhos.

- Não a ponto de segui-lo - Pedro redarguiu, firme. João suspirou:

- Quem sabe isso não mude hoje? Temos de acreditar, Pedro.

Negando com a cabeça, Pedro resmungava:

- Não acho isso correto. Ele é um medroso, um covarde! Não tem coragem!

João se calara. Não demorou muito e José surgiu outra vez na entrada da casa. Com os olhos vermelhos e rastos de lágrimas, agradeceu, apertando a mão do discípulo:

- Obrigado mais uma vez, João; sempre é muito generoso comigo.

João abraçou-o e respondeu:

- Não me agradeça. Eu tenho por você um grande carinho, José, e espero que encontre muito em breve o que está procurando.

-Obrigado, meu amigo; uma vez mais, obrigado. Enxugando as lágrimas que insistiam em descer-lhe pelo rosto, José despediu-se de João, de Pedro e de alguns outros que estavam à porta da casa, e voltou depressa para a mansão.

Assim que chegou, enfiou-se na cama em silêncio, para não acordar a esposa. Ajeitou-se nas almofadas e, fitando o teto, começou a relembrar a conversa que tivera com Jesus. Evocou cada frase, cada palavra, extremamente comovido com a recepção amorosa do Mestre. Ao mesmo tempo, seu coração doía e sua mente estava dividida. Sentia que devia unir-se a Jesus e assumir de vez sua posição em favor dele. Por outro lado, resistia a colocar em risco sua condição e suas conquistas sociais e materiais. Sabia que era radical a rejeição dos principais de Jerusalém a Jesus. Segui-lo abertamente, naquelas circunstâncias, poderia significar transformar-se em inimigo de seu povo.

Os primeiros raios do sol encontraram José ainda acordado, refletindo e recordando; ele não pudera dormir um minuto sequer naquela noite.

CAPÍTULO 34

José estava à mesa, em companhia da esposa, quando Nicodemos foi anunciado por Timóteo. José recebeu o amigo com entusiasmo:

- Bom dia, Nicodemos. Sente-se e tome o desjejum conosco.

Nicodemos, deixando transparecer grande nervosismo, respondeu:

-Não, agradeço, mas estou sem fome.

Olhando para Sara e em seguida para José, disse a este:

-Precisamos conversar.

Compreendendo de imediato que Nicodemos desejava falar-lhe a sós, José levantou-se, dizendo:

- Sara, peça a Timóteo que nos leve alguns pães; estaremos em minha sala.

Sara não respondeu, apenas ergueu-se e foi à procura de Timóteo. Nicodemos acompanhou o dono da casa e fecharam-se os dois na sala de negócios de José de Arimatéia. Assim que ficaram sozinhos, José perguntou:

- O que houve, Nicodemos? Parece nervoso.

- Estou, José, e muito preocupado.

-O que está acontecendo?

- Estou com um terrível pressentimento a respeito de Jesus.

-O que foi? -insistiu José.

- Caifás quer fazer uma reunião amanhã cedo, para discutir o que fazer com Jesus. Eles estão muito revoltados com o que aconteceu ontem. Não aceitam que ele tenha sido recebido pelo povo de Jerusalém como um rei. Estão cheios de ódio, José. Estou preocupado. Vi bem a maneira como Caifás se referiu... - baixou o tom de voz - ao Mestre. Seus olhos revelavam rancor e ressentimento. Não estou gostando nada disso. O que faremos?

Levantando-se e caminhando até a janela, José pensou por instantes e respondeu, desanimado:

- Não sei o que podemos fazer para ajudar. O Sinédrio tem setenta membros; não representamos praticamente nada. Acaso sabe de mais alguém, entre nossos companheiros, que simpatize com as idéias de Jesus?

Nicodemos refletiu um pouco e fez sinal negativo com a cabeça, dizendo:

- Só sei que alguns dos anciãos são menos resistentes ao Mestre. Se ao menos os essênios fizessem parte do Sinédrio... Eles, sim, na grande maioria são simpatizantes de Jesus. Sabe disso, não é?

Num suspiro profundo, José respondeu:

-Sim, os essênios o apoiam totalmente. Aliás, creio que Jesus é um deles.

- Também acho. Infelizmente, nossos irmãos essênios se afastaram por completo de Jerusalém e não têm qualquer influência sobre as decisões do Sinédrio. Portanto, não poderão ajudar. Fico remoendo a situação, tentando achar uma forma de colaborar com o nosso Mestre, mas...

A voz morreu-lhe na garganta. José, que desolado ouvia o amigo, aduziu:

- Temos medo, não é, Nicodemos? Tememos nossos próprios conterrâneos. Sabemos do que eles são capazes, não é mesmo?

- José, eu receio que desta vez eles tomem medidas drásticas contra Jesus. Estão falando até mesmo em... matá-lo! José empalideceu:

- O quê? Quem disse isso?

- Há rumores por todo o Sinédrio. Embora ninguém assuma diretamente, ouve-se em todos os cantos... Eles estão mesmo furiosos...

- Especialmente Caifás...

- Especialmente ele. Como sumo-sacerdote, não admite os ensinamentos de Jesus. Ele é o pior de todos os inimigos do Mestre...

- E de qualquer um que o siga...

Os dois calaram-se por largo tempo. Afinal, José levantou-se, foi até o amigo e tocou-lhe o ombro com gentileza:

- Vamos pedir a Deus que nos inspire para encontrar um modo de ajudar, Nicodemos.

Este, erguendo-se e fitando José, respondeu:

- Espero que possamos contribuir. É insuportável ver esse homem justo, bom, puro e verdadeiro - o Messias prometido pelos nossos antepassados - ultrajado e humilhado por seu próprio povo.

- É impressionante a cegueira de nossos religiosos! Eles são incapazes de ver que Jesus é o Messias. O enviado!

- Não conseguem. Estão cegos pelo orgulho e pela vaidade. Jesus lhes toca nas feridas quando aponta suas imperfeições. Eles se julgam superiores.

- Julgam-se acima do próprio Messias. Chegam a colocar-se no lugar de Deus!

- E o povo é quem sofre as consequências. Está desamparado. É por isso que Jesus está sempre cercado pelos sofredores e desprezados.

- Até leprosos ele curou. Imagine a reação dos sacerdotes!

- Eu me lembro da reação de Caifás. Perdeu a cor de tanta raiva, e então bradou em alta voz: *Ele cura pelo poder de Belzebu.*

Mais uma vez os dois se calaram por longo tempo. Depois, Nicodemos despediu-se:

- Amanhã, na primeira hora, o Sinédrio se reunirá. Espero que possamos fazer algo em favor de Jesus.

- Então nos vemos amanhã, a menos que surja alguma idéia antes.

O dia se arrastou para José. Procurou entregar-se aos seus afazeres, sem conseguir concentrar-se em nada. Foi até o centro comercial verificar alguns de seus negócios e seus carregamentos, mas tinha o coração pesado e a mente distante do trabalho. Pensava apenas em Jesus: em seu olhar vivo e poderoso, em sua mensagem de luz e amor, em sua presença gloriosa. Queria ajudar e, ansioso, buscava alguma idéia que lhe permitisse agir. Tomou a firme decisão de defender o Mestre perante o Sinédrio, custasse o que custasse.

Ao voltar para casa, encontrou Sara pensativa. Logo que o viu, ela disse:

- O que Nicodemos queria? Por que estava tão nervoso?

-Negócios, Sara. Ele estava preocupado com alguns servos que lhe têm trazido problemas.

- Pensei ter ouvido falarem no nome do nazareno.

-Estava escutando nossa conversa?

- Claro que não. Passei pela sala umas duas vezes, eu acho, e em ambas ouvi o nome de Jesus. Era sobre ele que falavam, não é verdade? Tenho percebido que simpatiza com ele, José.

- Não vejo mal algum em seus ensinamentos, apenas isso.

- Não ouse apoiá-lo, José. Ele é inimigo do nosso povo! Blasfema contra Deus e contra seus representantes na Terra.

-Não é bem assim, Sara. Você está equivocada, como a maioria dos nossos líderes religiosos.

-José, nós somos o povo escolhido, a nação eleita. Nossos líderes têm contato direto com o Deus vivo no tabernáculo, dentro do templo. Esse rebelde deve ser apedrejado! E aqueles que o seguem também!

José emudeceu, assustado. Não imaginava que Sara se sentisse daquela forma em relação a Jesus. Ela o fitou detidamente e exigiu:

- Não ouse envergonhar nossa família. Afaste-se dele imediatamente e esqueça qualquer iniciativa de apoiá-lo.

Antes que o marido pudesse dizer mais alguma coisa, ela saiu da sala. José, sentindo-se desfalecer, sentou-se em ampla cadeira e deixou que o corpo todo pesasse sobre o assento. Estava só e desalentado. Naquela hora, desejou profundamente nunca ter feito parte do Sinédrio.

Na manhã seguinte, ao se aproximar da luxuosa construção que abrigava o conselho máximo de Jerusalém, José percebeu a movimentação intensa.

Muitas pessoas se amontoavam diante da porta principal. Assim que conseguiu entrar, José encontrou Nicodemos, que avançou ao seu encontro e falou baixo, junto a seu ouvido:

- Ele está aqui. Trouxeram Jesus ao Sinédrio.

José e Nicodemos tomaram seus lugares. Sob a condução de Caifás, sumo-sacerdote em Jerusalém, a sessão começou. Todos queriam falar. Caifás procurava colocar ordem nas per-quirições que eram dirigidas ao nazareno. O Sinédrio, na figura de seus membros, desafiava Jesus de todas as maneiras possíveis, questionando seus ensinamentos, seus atos.

Jesus, pacientemente, respondia a todas as perguntas que Lhe eram dirigidas, procurando esclarecer e orientar aqueles corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo. Suas palavras eram firmes e amorosas, cheias de sabedoria e de luz.

José e Nicodemos tudo ouviam calados. Percebiam a quantidade desmedida de questões, muitas até sem sentido, com que o assaltavam. Mas não ousavam dizer nada. Tenso, José desejava ardentemente que aquele suplício terminasse. Sentia-se torturado no mais profundo de seu ser.

Horas mais tarde, no instante em que a sessão era encerrada, José despediu-se discretamente de Nicodemos e saiu depressa. Quando alcançou certa distância do prédio, inspirou o ar fresco e se deu conta de que mal conseguira respirar durante toda a manhã. Sem vontade de voltar para casa, ele caminhou a esmo por muito tempo. Lágrimas corriam, incessantes, pela sua face. Cheio de angústia, sentou-se em um local afastado, baixou a cabeça sobre os joelhos e chorou amargamente.

Já era noite quando José foi para casa. Logo que entrou, a esposa veio ao seu encontro e perguntou:

- Onde esteve? Nicodemos veio aqui à sua procura.

-Cuidando dos negócios. -respondeu lacônico -Vou me deitar.

-Tão cedo? Não quer... Ele a interrompeu:

-Não, estou sem fome e muito cansado. Amanhã conversaremos, Sara.

Sem esperar pela resposta, entrou em seu quarto, lavou-se e enfiou-se na cama. Nem bem adormeceu, exausto pelo dia cansativo e desgastante, seu corpo espiritual, com a ajuda de Elvira, desprende-se do corpo denso e sentou-se na beira da cama. Ele olhou para ela, banhada em intensa luz, e perguntou:

- Você é o anjo do Senhor, que veio me orientar quanto à maneira de ajudar Jesus?

- Não sou anjo, José, mas estou aqui para ajudá-lo - ela respondeu a sorrir.

- Então me diga: o que devo fazer para ajudar Jesus? Ela segurou-lhe as mãos entre as suas e afirmou:

- Você já sabe o que deve fazer, só está temeroso. Sim, meu amado José, você sabe o que deve fazer. Sua consciência lhe tem dito diariamente, mas é uma decisão difícil.

- Quer dizer que devo apoiar Jesus, custe o que custar... Mas isso pode significar a minha morte!

A voz suave e meiga de Elvira respondeu:

- Nada nos acontece sem a permissão de Deus. Ele sempre nos ampara e nos supre com a força necessária.

- Temo pela minha vida, pela minha família.

-O que mais teme, José, é você mesmo. Tem medo de não ter fé suficiente para fazer o que deve ser feito. Por isso está sofrendo. Confie em Deus, ele estará sempre ao seu lado.

José não respondeu e continuou a fitá-la, assustado. Ela, então, ajoelhou-se à sua frente e, tomando-lhe as mãos, disse:

- Deus me enviou para ajudá-lo, confie em mim. José olhou-a longamente e enfim disse:

- Eu a conheço. Seus olhos me são tão familiares... Quem é você?

Elvira, ainda ajoelhada diante dele, respondeu:

- Já nos conhecemos há muito tempo, José, e estou aqui para auxiliá-lo, por isso não deve temer. O Pai jamais nos abandona.

Com o olhar fixo nos olhos de Elvira, José sorriu ao comentar:

-Você fala como Jesus...

Elvira retribuiu o sorriso e respondeu:

- Quem me dera, José, ao menos ser digna de ter palavras semelhantes às do enviado de Deus.

- Ele é mesmo o enviado de Deus!

-Jesus é o Messias prometido, que vem ensinar ao mundo o caminho para Deus.

- Então por que tenho tanta dificuldade em segui-lo?

- É seu passado que lhe pesa sobre os ombros, José, tentando arrastá-lo para as regiões sombrias de onde há muito se esforça para sair. Não desanime. Lute!

Os primeiros pássaros anunciavam o alvorecer de um novo dia. José despertou ainda inebriado pela impressão que lhe causara a presença amorosa de Elvira. Sentou-se na cama e tentou compreender aquilo que, para ele, havia sido um sonho. Como acreditava que os sonhos eram mensagens de Deus para os homens, procurou lembrar e guardar tudo o que pôde. Por fim, levantou-se lentamente, tentando fixar as imagens que ainda estavam diante de sua retina. Aos poucos elas foram esmaecendo e ele começou a pensar nos preparativos para a celebração da Páscoa, que seria realizada em breve.

CAPÍTULO 35

A grande mesa do salão principal estava ocupada por parentes mais chegados e amigos de José. A preparação para a Páscoa, que para o povo hebreu recordava o fim da escravidão no Egito, era realizada todos os anos. O vinho estava sobre a mesa e, enquanto os presentes cumpriam cada etapa do ritual, atentos aos mínimos detalhes, José parecia distante. Apenas acompanhava os demais, que eram dirigidos pelo sogro, escolhido havia muitos anos para conduzir as cerimônias religiosas mais importantes.

Sara não podia deixar de notar que o marido estava distante. Embora José executasse todos os atos, como os outros, ela, que o conhecia bem, percebia que ele fazia tudo de modo automático, sem prestar a menor atenção em nada.

Não muito longe da elegante mansão de José de Arimatéia, Jesus estava reunido com os apóstolos para a ceia. Ajoelhado diante dos seus seguidores, ele, o Mestre dos Mestres, o Messias enviado por Deus para resgatar a humanidade, lavava os pés dos discípulos. Gentilmente, segurou os pés de Pedro, que, muito constrangido, quase os puxava. Jesus, no entanto, suavemente lavou seus pés e depois os enxugou. Em seguida, fez o mesmo com João, e Tiago, e André, e um a um lavou-lhes os pés. Apesar de a lição ter enorme profundidade, os discípulos ainda não podiam apreender-lhe o sentido por completo.

Ao final da cerimônia, Jesus deu as últimas orientações aos seus eleitos, preparando-lhes o coração para o momento difícil que os aguardava. Depois da comemoração, seguiu com eles para o Monte das Oliveiras.

Enquanto isso, na mansão à beira-mar, também terminava a ceia preparatória para a grande celebração. Quando o último convidado saiu, José, que o acompanhara até a porta, caminhou devagar em direção ao seu quarto. Ao passar pelo salão que há pouco acomodara os convidados, encontrou Sara, ainda sentada à mesa.

—Já é tarde, por que não foi se deitar? -ele indagou.

Ela não teve pressa em responder. Levantou-se, ajeitou alguns enfeites que estavam sobre a mesa; só então se virou para o marido e lançou-lhe outra pergunta:

-O que você tem hoje, José? Está distante e pensativo.

- Ora, Sara, estou apenas cansado.

-José, eu o conheço bem. Sei que alguma coisa o preocupa. O que está havendo?

-Já disse, Sara, estou cansado; tenho trabalhado muito. Sentando-se novamente, ela insistiu, exasperada:

-Eu sei que não é isso, José. Está preocupado com o nazareno, não é mesmo?

José se impacientou:

- Como você é insistente, Sara! Já cansei de dizer que para mim não há nada de especial nesse homem. Apenas acho que o Sinédrio se impressiona em excesso com ele.

- Pois acho que existe algo mais. De qualquer forma, ele não vai durar muito. Provocou demais a ira de nossos sacerdotes. Esse homem não vai sobreviver por muito tempo.

José fitou-a longamente antes de falar:

- Por que se incomoda tanto com ele? O que Jesus faz que a ameaça?

Sara ergueu-se e respondeu, olhando firme para José:

- Ele não significa nada para mim. O que me aborrece é ver você se interessar tanto por ele. Por mais que não admita, sei que o aprecia e está preocupado com seu destino. Insisto, José, tome cuidado. Esqueça esse homem, ou terá graves problemas. Todos aqueles que se aproximarem dele sofrerão as consequências.

José andou até a porta que dava para o corredor dos quartos e, virando-se, disse à esposa:

-Vamos nos deitar, Sara. Estou cansado e quero dormir. Amanhã conversaremos sobre suas inquietações descabidas, está bem?

Ela caminhou até ele, tomou-lhe o braço e então disse:

-Vamos.

José dormia, mas seu sono era agitado. Virava-se de um lado para o outro na cama, e transpirava muito. Era madrugada quando batidas na porta o fizeram erguer-se, aturdido:

-Senhor, acorde!

Sentado na cama, José tentava entender a situação. Sara também acordou e avisou:

-Timóteo está batendo. Vá ver o que é, José. Cambaleando, ele abriu a porta do quarto. Timóteo disse:

-Desculpe-me acordá-lo à essa hora, senhor, porém um mensageiro acaba de informar que Caifás convocou alguns membros do Sinédrio para uma sessão extraordinária.

-Agora?! Mas é muito cedo! O que haverá de tão importante que não possa esperar até amanhã?

Fitando o servo, ele indagou:

- Ele disse qual o motivo da urgência?

- Sim, senhor. Prenderam Jesus, o nazareno, e vão julgá-lo agora mesmo.

- O que disse, Timóteo?

- Foi o que o mensageiro falou. Antes de vir acordá-lo, insisti em saber a razão de tamanha urgência; ele contou que haviam prendido Jesus e que Caifás quer resolver a situação o mais rápido possível.

Sara, que não escutara com clareza, perguntou:

- O que está havendo, José? O Sinédrio está reunido a esta hora?

- Prenderam Jesus. Querem julgá-lo já.

Sara se levantou, veio até a porta e questionou o marido:

- Mas não é proibido fazer qualquer reunião durante a noite e pela madrugada? Não é da lei que qualquer julgamento ocorra depois da oferenda matinal?

- Sim, Sara, é contra a lei julgar quem quer que seja antes das três horas da manhã. Mas, obviamente, Caifás está ignorando nossas leis.

- Então, ele deve ter uma razão muito forte para isso. Vá, José, meu pai com certeza já deve estar no Sinédrio.

José pediu a Timóteo:

- Prepare-me algo para comer.

Em seguida, virando-se para Sara, recomendou:

- Volte para a cama, eu vou me preparar.

Sem discutir, Sara voltou e enfiou-se na cama. José estava começando a se vestir quando Timóteo bateu outra vez.

-Estou quase pronto, Timóteo, espere um pouco! -disse.

- O senhor tem uma visita.

-Quem é agora?

O servo não respondeu. José aproximou-se da porta e en-treabriu-a. Ao vê-lo, Timóteo sussurrou:

- Pedro está aí fora, querendo vê-lo.

- Quem? Que Pedro é esse?

- É Simão Pedro, o zelote, seguidor de Jesus. Está acompanhado de um tal de João, filho de Zebedeu.

Imediatamente José saiu do quarto, fechou a porta e indagou:

-Tem certeza de que são Pedro e João?

-Tenho. Disse a eles que não sabia se o senhor poderia vê-los, que está de saída para o conselho, mas insistiram muito. José refletiu por um instante, depois determinou:

-Diga que estou acabando de me vestir e que já vou vê-los. Leve-os para a sala de audiências. E não conte a ninguém que eles estiveram aqui; nem mesmo a sua senhora. Está entendendo bem?

-Sim, senhor.

Timóteo saiu depressa e José entrou de novo no quarto, para terminar de se arrumar. Sara, que ainda estava acordada, perguntou:

-O que foi desta vez?

- Sabe como é Timóteo, estava em dúvida sobre o que eu desejo comer. Ele sempre está em dúvida quanto à melhor maneira de agradar.

- Ele é muito medroso... -comentou Sara, virando-se na cama.

José, já vestido, disse à esposa ao sair:

- Durma, Sara. Assim que a assembléia terminar eu retorno.

Sem resposta, fechou a porta atrás de si e foi direto para a sala de audiências. Entrou e viu Pedro em pé, próximo à janela. João foi ao seu encontro e justificou:

-José, perdoe-nos vir tão tarde a sua casa, porém a situação é desesperadora.

Abraçando-o carinhosamente, José respondeu:

-Não se preocupe, João, sente-se. São bem-vindos à minha casa.

João insistiu:

- Agradeço, José, mas deve saber que prenderam Jesus.

-Eu já soube. Infelizmente, aconteceu. Pedro aproximou-se dos dois e disse:

- Está indo reunir-se com o conselho, não é mesmo?

- Sim, estava acabando de me aprontar quando chegaram.

- Tem de fazer alguma coisa para ajudá-lo, José.

-Digam-me, como ocorreu a prisão? Foi Pedro quem respondeu:

-Estávamos com ele no Monte das Oliveiras quando Judas o entregou aos soldados romanos. Ele o traiu.

—Judas! Não é possível... -disse José, surpreso. Pedro o segurou firme pelo braço e afirmou:

-Você pode ajudá-lo, José. É o único a quem nos resta recorrer nesta hora. André e Tiago estão tentando falar com Nicodemos. Só vocês podem depor a favor dele no Sinédrio.

Trêmulo, José se levantou, soltou-se das mãos de Pedro e caminhou até a janela, buscando ar fresco. A respiração estava ofegante. Suspirou fundo e respondeu:

—Não é tão simples, Pedro. Somos somente eu e Nicodemos contra todos os demais. Não é fácil!

Pedro aproximou-se, fitou-o de alto a baixo e disse, erguendo a voz:

- Não seja covarde! Faça alguma coisa por ele! Você o segue desde o princípio, sempre às escondidas! Agora tem de assumir sua crença! Ajude-o!

-Não há muito que eu possa fazer. Eles são absoluta maioria e estão com muita raiva de Jesus.

João, procurando abrandar os ânimos, acercou-se dos dois e pediu:

- Acalme-se, Pedro.

E tocando no ombro de José, falou:

- Apenas pedimos que faça o que for possível, José. Estamos assustados e não temos a quem recorrer.

José baixou os olhos ao responder:

- Eu sei, João. Também estou assustado. Não queria fazer parte desse conselho. Como gostaria de não fazer parte dele! Receio o que possa acontecer ao nosso Mestre.

Pedro fitou-o e protestou:

- Se não é capaz de ajudá-lo, tenha ao menos a dignidade de não chamá-lo assim.

João pegou Pedro pelo braço, com firmeza, e disse:

- Chega, Pedro. Fizemos o que podíamos, agora vamos voltar ao Sinédrio; o julgamento já deve estar começando.

Ainda olhando fixamente para José, Pedro foi quase arrastado para a saída por João. Estático, José ficou à beira da janela, olhando o céu, com o pensamento distante. Foi interrompido por Timóteo, que bateu de leve à porta:

- Senhor, preparei comida, conforme pediu. Tudo está pronto. Quer que o sirva aqui?

Sem tirar os olhos do horizonte, José respondeu:

-Não, vou comendo enquanto me dirijo ao Sinédrio.

CAPÍTULO 36

Ao entrar no tribunal, José procurou Nicodemos, que também o aguardava com ansiedade. Sentou-se ao seu lado e indagou:

- Como vão as coisas, Nicodemos? O amigo sussurrou:

- Estão péssimas. Jesus já foi combatido mais de uma vez por este conselho; contudo, hoje sinto que estão decididos a levar a sentença até o fim.

-O que estão fazendo é ilícito. Todos nós sabemos que é contra a lei fazer um julgamento antes da oferenda da manhã.

- Seja como for, conseguiram reunir quase metade dos membros do Sinédrio e parece que ninguém se importa com a legitimidade desse julgamento. Estão todos encolerizados, alterados.

- E onde está Jesus?

- Deve estar em alguma das salas anexas; eu ainda não o vi.

-Então não o trouxeram para cá?

- Até agora, não.

- E o que esperam?

- Não se sabe bem, mas parece que estão acertando os últimos detalhes sobre os depoentes, as testemunhas, você sabe.

Fez-se pequena pausa. Em seguida, José suspirou longamente e afirmou, irritado:

- Tudo isso é absurdo! Está tudo errado! Por que estão fazendo isso com ele?

Nicodemos, temendo que os anciãos que estavam mais próximos o escutassem, tocou-lhe o braço:

-Calma, José, fale mais baixo.

José se calou, olhou ao redor e depois segredou:

-Pedro foi me procurar; pediu que ajudemos Jesus, testemunhando a seu favor.

-José, até onde percebo, esse julgamento não passa de uma grande farsa. Na verdade, o sumo-sacerdote nada tem de concreto contra o Mestre; e está determinado, mesmo assim, a encontrar uma forma de o condenar. Ele fará qualquer coisa para conseguir seu intento.

- Acha que podem até...

Ele parou, horrorizado. Nicodemos foi quem completou:

- Sei que estão preparando falsas testemunhas, para acusá-lo. Como disse, José, estão dispostos a tudo para silenciá-lo de vez.

José se conservou pensativo. O ambiente estava alvoroçado: anciãos, sacerdotes e escribas -os principais membros do Sinédrio - falavam todos de uma só vez. Passado algum tempo de espera, finalmente Caifás assumiu o seu lugar de juiz da sessão e, após cumprimentar seus cúmplices, mandou os soldados trazerem o acusado. José mexeu-se na cadeira, inquieto. Nicodemos quase não podia respirar, tal a angústia que sentia.

Jesus entrou, com as mãos amarradas nas costas. Embora atado e aparentemente subjugado, sua figura era de majestade singular. Suas vestes simples e amassadas, agora sujas pelos maus-tratos recebidos, pareciam reluzir ao olhar dos seus acusadores. Ele entrou sem qualquer resistência e foi colocado no centro do conselho. O Sinédrio emudeceu diante da grandeza daquele homem.

O silêncio incomodou Caifás, que apressado deu início à sessão:

- Filhos de Abraão, nós estamos aqui hoje para determinar o destino deste homem, que nos tem trazido demasiados aborrecimentos. Temos mais da metade do nosso conselho reunido e muitas testemunhas aguardam para serem ouvidas. Nada nos impedirá de concluir este julgamento. E olhando para Jesus, perguntou:

-Tem algo a dizer em seu favor, antes que comecemos o julgamento?

Jesus permaneceu calado.

- Muito bem, diante do seu silêncio, compreendemos bem o que devemos fazer. Que entre a primeira testemunha.

Uma a uma, as testemunhas foram entrando e dando seus depoimentos. Todos falsos. A cada nova testemunha que deixava o salão, José olhava para Nicodemos sem entender como pretendiam concluir o julgamento, uma vez que cada depoimento diferia do anterior e não havia concordância nas descrições. Quando um dos depoentes saiu, ele sussurrou para o amigo:

-Não combinam em nada! Não poderão condená-lo com base em testemunhos discordantes. Ao menos dois testemunhos terão de ser idênticos para que Caifás dê prosseguimento às suas intenções. Do jeito que as coisas estão caminhando, não irão conseguir.

-Tomara que esteja certo, José, porém tenho minhas dúvidas. Pressinto que Caifás não poupará esforços para condenar Jesus ainda hoje, de qualquer modo... E se meus pressentimentos se confirmarem, o que faremos?

- O que poderemos fazer, Nicodemos? Conhece mais alguém que esteja a favor de Jesus?

-Não, os poucos que nutrem por ele alguma simpatia não chegaram a ser convocados, por causa da hora avançada.

-Pois então, o que poderemos fazer apenas nós dois?

- Eu não sei, mas temos de fazer algo. Quem sabe se testemunhássemos a favor dele?

- Nicodemos, eles querem condená-lo! Somos minoria insignificante. Se nos colocarmos do lado de Jesus, eles nos prenderão imediatamente.

-Não podem fazer isso, somos membros do Sinédrio!

- Meu amigo, pense bem, veja a sucessão de atitudes reprováveis: estão realizando uma assembléia ilegal, convocaram uma reunião em horário completamente fora de nossas leis e agora estão trazendo para depor testemunhas falsas, como você mesmo disse, para cometerem perjúrio! Eles es-

tão enlouquecidos e não pouparão ninguém! Por que acha que terão alguma tolerância conosco?

Nicodemos calou-se, observando o semblante contrariado e raivoso de Caifás. Depois olhou em volta, para os companheiros de conselho, e identificou em seus rostos o mesmo ódio que via no sumo-sacerdote. Voltou o olhar para Jesus, no centro do conselho. Suspirou, profundamente entristecido, e respondeu:

- Acho que nem mesmo se o Todo-Poderoso descesse para defender Jesus eles o ouviriam!

- E o que penso também. Não podemos fazer nada... Calados por longo tempo, os dois observavam a farsa que

se desenrolava à sua frente. Crescia a indignação de Nicodemos, que de súbito afirmou:

- Independentemente do resultado, José, devemos manifestar apoio ao Mestre. É o certo a fazer, sejam quais forem as conseqüências. Não podemos nos omitir ao presenciar tamanha injustiça!

- Não vai adiantar nada, Nicodemos.

- Não importa, José! Precisamos agir corretamente, qualquer que seja o resultado.

Nicodemos fez menção de levantar-se, mas José o deteve, dizendo:

- Espere, sejamos astutos. Vamos ouvir um pouco mais para ver se não encontramos a melhor maneira de ajudá-lo.

Nicodemos ajeitou-se outra vez na cadeira e silenciou. O julgamento prosseguiu, com outras falsas testemunhas se contradizendo. Por fim, duas delas fizeram declarações semelhantes. A segunda afirmou:

- Ele disse: *eu destruirei esse santuário e em três dias edificarei outro, sem que mãos humanas o toquem.*

Profundamente irritado, Caifás ergueu-se num impulso, desceu alguns degraus e foi até Jesus. Caminhou ao seu redor e, fitando-o firmemente, inquiriu:

-O que falam é verdade? O que me diz?

Jesus, entretanto, continuou em silêncio. O sumo-sacerdote, então, voltando ao seu lugar, sentou-se e perguntou:

-Diga-nos de uma vez: é o Libertador que havia de vir? É você o Filho de Deus?

Jesus, erguendo a cabeça e fitando Caifás, respondeu:

- Eu sou, e em breve voltarei a ocupar o meu lugar ao lado de meu Pai que está nos céus, e uma vez mais tornarei a reinar sobre as hostes celestiais.

Tão logo Jesus terminou de falar, Caifás desceu novamente até ele e o esbofeteou. Depois, rasgou as próprias vestes e disse, em alta voz:

- Varões hebreus, ouviram a blasfêmia! Não precisamos escutar mais nada. Ele acaba de condenar-se a si mesmo!

Imediatamente outros membros do Sinédrio rasgaram suas vestes, como era costume em tais situações, e concordaram que o herege deveria ser condenado à morte.

Foram descendo, em bandos, e ao passarem por Jesus muitos cuspiam nele, outros lhe davam socos e tapas. A cena era animalésca. As criaturas, ao mesmo tempo frágeis e brutalizadas, ofendiam e maltratavam o arquiteto do planeta, o Messias prometido e esperado por milênios. O homem bom e sublime que caminhara entre elas ensinando, sobretudo pelo exemplo, a humildade, a bondade e o amor era agora alvo de sua ira descontrolada.

José permaneceu inerte, estarrecido diante do espetáculo chocante a que assistia. Nicodemos fitou-o, incrédulo:

- E agora, o que faremos?!

-Eu não sei! -José respondeu e balançou a cabeça, sem conseguir tirar os olhos de Jesus.

CAPÍTULO 37

Por volta das seis horas daquela manhã, Jesus foi levado à presença de Pôncio Pilatos, para que o procurador romano na Judéia confirmasse a sentença de morte que o Sinédrio havia proferido contra ele.

Só quando o luxuoso salão de pedra lavrada localizado no templo de Jerusalém ficou vazio, José de Arimatéia e Nicodemos se levantaram e saíram. Abatidos, caminharam devagar em direção à fortaleza do governador.

Ao se aproximarem, porém, Nicodemos indagou:

- Será que você não poderia conversar com Pilatos? Ele é seu amigo.

José parou observando o tumulto que se formara na porta do palácio do procurador e, apontando a turba com a cabeça, respondeu:

- Acho que já é tarde. Veja.

Nicodemos olhou o alvoroço que se formara logo adiante e insistiu:

- Talvez encontre um jeito de falar com ele, a sós. Temos de tentar, José.

José refletiu por instantes e respondeu:

- Não é possível que levem esse julgamento desonesto e ilícito até o fim...

- Pois acho que vão até as últimas conseqüências. Você viu o ódio nos olhos de Caifás e dos demais. Todos estão contra ele.

José respirou fundo; depois virou-se para o amigo, tocou-lhe o ombro e disse:

- Vá descansar um pouco, Nicodemos. Eu acompanharei de perto a intervenção de Pilatos, para ver se posso falar com ele em particular; não sei se terei condição de me aproximar. Além do mais, Pilatos teme os principais sacerdotes. Não dá para ignorar o fato de que já não é capaz de se impor, e os nossos líderes acabam fazendo o que querem dele. Desde que cedeu às rebeliões organizadas pelos sacerdotes, e deixou-se vencer pelas suas artimanhas políticas junto a César, ele se enfraqueceu. Não consegue tomar as decisões baseado na imparcialidade e no bom senso.

Nicodemos ouviu o amigo e a seguir opinou:

- Ele quer mesmo é garantir sua posição e legisla somente em causa própria.

As palavras de Nicodemos tocaram sensivelmente o coração de José. Ele considerou a situação de Pilatos e perguntou-se o que faria se estivesse no lugar dele. Passou longo tempo calado. Por fim, Nicodemos perguntou:

- Vai mesmo acompanhar o julgamento?

- Vou, Nicodemos, vá descansar. Você me parece exausto. Então foi Nicodemos quem tocou levemente o ombro do amigo e disse:

- Ficarei também. Não conseguirei descansar enquanto não souber o que vai acontecer com o Mestre.

Ambos se aproximaram e se embrenharam no meio do aglomerado que se formara nas escadarias da entrada principal do pretório, construção anexa ao palácio e fortaleza de Pilatos. Os sacerdotes diziam:

- Queremos julgá-lo aqui mesmo, Pilatos. Não nos é lícito entrar em um prédio de gentios durante a preparação da Páscoa.

Depois de muita discussão, Pilatos acabou por aquiescer:

- Pois bem, que seja. Que acusação pesa sobre este homem?

Os detratores de Jesus não queriam apresentar a conclusão a que tinham chegado; apenas afirmaram que era um perigoso malfeitor, e por isso o haviam trazido até ele.

Quando percebeu que os judeus estavam relutantes em formalizar as acusações que tinham contra Jesus, mesmo depois de passarem toda a madrugada avaliando-lhe a conduta, Pilatos questionou:

- Se não têm uma acusação determinada para me entregar, por que não o levam de volta e o julgam conforme as suas leis?

Em resposta eles argumentaram:

- Não podemos condená-lo, mas ele é perigoso; é um agitador do povo. Nós o trouxemos até aqui para que você, Pilatos, o condene à morte.

Pilatos estava visivelmente contrariado pelo modo como o Sinédrio o tratava. Sentia-se desrespeitado e manipulado. Além do mais, sua esposa, Cláudia, tinha grande interesse em Jesus e já lhe falara muito sobre ele. Então, afirmou:

-Não vou condenar este homem sem um julgamento justo, tampouco vou interrogá-lo até que me apresentem as acusações formais, por escrito.

Ao escutar isso, Caifás pediu ao escrivão do tribunal do Sinédrio que entregasse a Pilatos as acusações que já estavam lavradas.

À medida que o calor do sol se fazia mais intenso, crescia o número de pessoas que se amontoavam aos pés das escadarias. Muitas, ao passarem, viam do que se tratava e paravam, curiosas. José estava bem próximo ao topo das escadas, atrás de alguns companheiros do tribunal máximo dos judeus.

Ele notava a hesitação de Pilatos, sentindo na própria pele o medo e a incerteza que deveriam assaltar o governador, especialmente por saber que ele era um homem fraco; ainda que fosse um bom administrador, era moralmente covarde, deixando-se dominar e manipular pelos líderes religiosos de Jerusalém.

Quando terminou de ler as acusações feitas contra Jesus, Pilatos disse:

-Vou interrogá-lo a sós. Levem-no a uma das salas anexas. Seguido de João, que nunca o deixava, Jesus foi levado para uma das salas no interior do pretório. Lá chegando, Pilatos sentou-se ao lado dele, e, tentando compreendê-lo, questionou o Mestre a respeito das acusações que lhe eram dirigidas, uma a uma. Ao final da conversa particular que entabularam, o gover-

nador estava profundamente impressionado com as respostas firmes, brandas e pacíficas que Jesus lhe oferecera.

Colocando-se outra vez diante do povo, Pilatos comunicou aos judeus:

- Não encontro neste homem mal algum. Acho que ele deve ser libertado agora mesmo.

José prendeu a respiração, quase aliviado, ao escutar o parecer do representante de Roma. No entanto, os principais sacerdotes instigavam os demais membros do Sinédrio e grande burburinho se formou ao redor do procurador. Todos falavam a um só tempo, contestando sua interpretação dos fatos e insistindo para que condenasse o nazareno.

Depois de demorada discussão, em que buscava dissuadi-los de seus propósitos, Pilatos sentiu-se exaurido. Pressionado pela insistência irreverente dos sacerdotes e anciãos, ele já não sabia o que fazer. E como Jesus fosse galileu, decidiu mandá-lo a Herodes, responsável por toda a região da Galiléia, que naqueles dias se encontrava em Jerusalém para a celebração da Páscoa judaica.

Embora absolutamente desapontados, os sacerdotes não puderam contestar a ordem do governador e seguiram os guardas do templo que conduziram Jesus até Herodes. Enquanto eles se afastavam, na frente de uma multidão, José de Arimatéia pensou em aproveitar o momento e disse a Nicodemos:

-Acho que vou ficar aqui e tentar falar com Pilatos.

- É uma boa idéia, José. Eu vou com Jesus.

Quando o enorme cortejo enfim desapareceu, José se acercou de um dos guardas, para pedir que o levasse a Pilatos. Porém, assim que se viu sozinho, sentiu o corpo tremer e as mãos suarem frio. Pensou: e se Pilatos resolver usar meu testemunho a favor de Jesus e, por medo e insegurança, o tornar público? O que farei?

Deteve-se e ficou empacado, diante do soldado, que fitando-o perguntava:

-Deseja alguma coisa?

Como José não respondia, ele insistia:

- É do Sinédrio também, não é? Deseja algo? Sentindo um calafrio percorrer-lhe todo o corpo, José apenas disse:

- Não, estou aqui aguardando os acontecimentos. Enquanto isso, Jesus foi posto diante de Herodes, que o interrogou sem sucesso, já que perante

ele o Mestre não disse uma única palavra. Depois de ouvir dos sacerdotes as mesmas acusações que haviam sido transmitidas à Pilatos, igualmente Herodes não encontrou motivos para condená-lo. Ainda assim, desejou humilhá-lo perante o povo; irônico, mandou trazerem um velho manto real, de cor púrpura, e sarcasticamente colocou-o sobre os ombros de Jesus, dizendo:

- Vá, rei dos judeus, volte a Pilatos, já que estamos na Judéia e é ele o responsável por consumir seu julgamento.

Sem demora, Herodes retirou-se e ordenou que reconduzissem Jesus a Pôncio Pilatos. Contrariados e ainda mais irritados, os principais de Jerusalém, acompanhados por pequeno bloco, retornaram ao pretório.

Antes mesmo que o acusado despontasse, trazido pelos guardas, nas vizinhanças da fortaleza de Pilatos grande multidão se formara. Os guardas tiveram dificuldade para passar com Jesus, até que finalmente o deixaram no topo da escadaria, enquanto Pilatos era avisado.

Pilatos saiu e ocupou uma cadeira que fora colocada no topo da escadaria para que ele desse sequência ao julgamento romano. Ele, então, declarou:

-Trouxeram-me este homem com acusações de que incita o povo à rebelião, orientando-o a não pagar impostos, e afirma ser rei dos judeus. Entretanto, eu o interroguei e declaro que não encontrei nele falta alguma que justifique a sentença que me exigem. Vou puni-lo e libertá-lo.

Nesse exato momento, novo bando de pessoas aproximou-se do prédio clamando pela libertação de um preso chamado Barrabás, visto que os governantes romanos costumavam conceder clemência a um condenado durante a celebração da Páscoa.

Pilatos observou os recém-chegados e logo foi informado de que vinham pedir que se respeitasse o costume, libertando um sentenciado. Virou-se para o povo, certo de que apoiaria Jesus. Sabia que muitas daquelas pessoas o haviam seguido e que o nazareno havia curado boa parte delas; explicou-lhes que Jesus estava diante dele como prisioneiro e que, embora os sacerdotes quisessem condená-lo, não via nenhuma culpa naquele homem. Convicto de que o ajudariam a libertá-lo, solucionando sua difícil situação, perguntou ao povo:

- Quem preferem que eu perdoe? Barrabás, um criminoso confesso, ou esse Jesus da Galiléia?

Sem esperar que o povo se manifestasse, os sacerdotes, os anciãos e os demais membros do Sinédrio bradaram em uníssono e bem alto:

- Barrabás! Solte Barrabás!

Quando o povo ouviu os seus líderes pedirem enfaticamente a libertação de Barrabás, formou-se um grande coral secundando-os no apelo.

Pilatos estava certo de que Jesus era inocente e o teria libertado, se tivesse a coragem que a sua posição e o seu dever requeriam. Todavia, com medo de desafiar os judeus, ele indagou à multidão:

-E o que devo fazer com Jesus?

Novamente, numa só voz, a multidão gritava, liderada pelos sacerdotes:

- Crucifique-o! Crucifique-o!

Pilatos, então, cogitou uma última tentativa de comover o coração daqueles homens endurecidos pelo orgulho: deu ordem para que os soldados judeus e romanos levassem Jesus ao pátio interior do pretório e o açoitassem.

Antes de prendê-lo para o golpearem com seus chicotes, os soldados fizeram uma coroa de espinhos e a cravaram em sua cabeça. Pegaram um talo de cana e o colocaram em suas mãos, como se fosse um cetro. Depois lhe cuspiram na face e o esbofetearam.

Quando puseram Jesus outra vez diante do povo, seu corpo estava dilacerado e ensangüentado. Ao vê-lo, José quase desmaiou. Sentiu fugir-lhe o ar e mal pôde fitá-lo. Seus olhos encheram-se de lágrimas, que começaram a escorrer-lhe pela face. O coração parecia que ia saltar-lhe do peito. Seu desespero foi tamanho que ele sentiu forte vertigem e prostrou-se de joelhos em meio aos companheiros ensandecidos.

Pilatos tinha a esperança de que ao ver em tal estado aquele homem bom, que os havia ajudado, curado e alimentado física e espiritualmente, os assistentes se compadecessem e o escolhessem para ser libertado, ao invés de Barrabás.

Dirigiu-se novamente ao povo:

-Eis aqui Jesus. Eu insisto que o interroguei e não achei nele nenhum mal. Já foi açoitado por ter causado distúrbio religioso entre seu povo, e agora desejo libertá-lo.

Contudo, os gritos foram ainda mais altos, em uníssono:

-Crucifique-o! Crucifique-o!

Aturdido, sem saber o que fazer, Pilatos retirou Jesus de novo para uma das salas do pretório e voltou a conversar a sós com ele. O governador estava atemorizado e desnorreado. Por um lado, sentia a fúria dos judeus e não queria contrariá-los. Por outro, recebera havia pouco um recado de sua esposa, pedindo-lhe que tivesse muito cuidado na condução das questões ligadas a Jesus; explicava que tivera um sonho muito triste e doloroso com o nazareno, que era um homem justo e bom, um verdadeiro enviado de Deus.

Mais uma vez Pilatos retornou com Jesus e insistiu com a multidão:

-Este homem é inocente e não merece que eu o condene à morte. Por que não o levam e o julgam conforme as suas leis?

Pilatos estava prestes a soltar Jesus, quando Caifás aproximou-se e ameaçou, revoltado, gritando para que todo o povo o escutasse:

- Se libertar este inimigo de César, farei com que o Imperador saiba de sua conduta!

A essa intimidação pública Pilatos não conseguiu resistir. Olhou para Jesus e ordenou:

- Soltem Barrabás!

Jesus permaneceu mudo, de olhos baixos, sem alterar em nada sua postura, nem sua expressão de piedade e misericórdia, que tanto impressionara Pilatos, a ponto de convencê-lo de sua inocência.

Depois, Pilatos mandou vir uma bacia com água e, lavando as mãos, disse:

-Sou inocente do sangue deste homem. Querem que morra, mas eu não encontrei nele nenhuma culpa. Vão e cuidem disso por sua conta. Os soldados o levarão.

Diante daquela atitude de Pilatos, muitos dentre a multidão gritaram, embrutecidos:

- Se estivermos errados, que o sangue dele recaia sobre nós e sobre nossos filhos!

CAPÍTULO 38

José de Arimatéia, agora ao lado de Nicodemos, a tudo assistia atônito. Seu coração batia descompassado e suas mãos tremiam muito. Ao ouvir a sentença proferida por Pilatos, autorizando a crucificação de Jesus, ele falou ao companheiro:

- Preciso sair daqui um pouco, estou a ponto de desfalecer. Nicodemos fitou-o com o mesmo olhar de desespero e perguntou:

- Vai sair agora?

- O que mais há a ser feito, Nicodemos? Vão crucificar Jesus! Vão matá-lo!

- Ele disse algumas vezes que assim seria.

-Eu sei, mas testemunhar esse julgamento injusto e leviano, e essa atitude de Pilatos? Ele sabe que Jesus é inocente!

Nicodemos curvou a cabeça ao admitir:

-Ele sabe. Porém, como nós, tem medo...

José fitou-o longamente e disse, tentando abrir espaço na massa compacta que se juntara em redor do pretório:

- Preciso sair daqui, preciso de um pouco de ar fresco. Nicodemos, sem saber o que fazer, foi atrás do amigo. Ao se afastarem da turba, perguntou:

- Para onde vai, José? Não quero me afastar daqui. Quero estar perto do Mestre nessa hora tão dura...

- Vou até minha casa. Preciso de um pouco de silêncio, tenho de pensar.

-Eu vou acompanhar Jesus.

- Será um longo caminho até o Gólgota. Ele vai demorar a chegar lá carregando a trave da cruz sobre os ombros. Será um trajeto humilhante e doloroso. Venha comigo e coma alguma coisa.

Nicodemos refletiu por instantes, e então disse:

- Está bem, vou com você; mas retorno logo em seguida.

-Sabe onde estão os seus discípulos?

- Não. Somente João não o deixou desde que foi preso, de madrugada. Os outros desapareceram.

- Não me lembro de ter visto algum deles em meio à multidão.

-Eu também não, porém havia muita gente.

José silenciou, enquanto atingia o grande portal de entrada de sua luxuosa residência. Subiu alguns degraus da escada que levava ao pórtico e disse:

-Venha, vamos descansar um pouco e comer algo. Não nos alimentamos desde a madrugada. A vigília foi longa.

Nicodemos hesitou um pouco, e José insistiu:

- Venha, meu amigo, está bastante abatido. Repouse um pouco e seguiremos juntos ao encontro do Mestre.

Ao dizer isso, José recordou os encontros maravilhosos que tivera com Jesus. Todos lhe vinham à mente, um após outro. Sentiu doloroso aperto no peito e se sentou ali mesmo, nos degraus da escadaria. Chorou amargamente e lamentou:

-Não fizemos nada...

De repente a imagem de Jesus ferido e coberto de sangue surgiu em sua lembrança. Ele então dobrou o corpo sobre os joelhos e seu pranto foi convulsivo.

Nicodemos também tinha os olhos molhados. Mesmo assim, tentou consolar o amigo:

- Calma, José.

- Não posso me acalmar! Nós o abandonamos, Nicodemos. Podíamos ao menos ter tentado alguma coisa, e não fizemos nada...

Percebendo a conversa, Sara apareceu, assustada:

- O que está acontecendo? O que houve, José? Escutamos seu pranto lá de dentro...

Com os olhos vermelhos e quase sem fôlego, José respondeu:

-Eles vão crucificá-lo, vão matá-lo!

- Quem vai ser crucificado, José? -Ele!

-O nazareno?

- Sim, foi o julgamento mais injusto de que participei nesse conselho!

Ela disse em tom áspero e reprovador:

- E você chora? Deveria estar feliz!

- Como pode pensar isso?

- Ora, esse homem é um desordeiro, um agitador! Desrespeita nossas tradições e se confere poderes que não tem. Ele deve mesmo morrer!

José se levantou exasperado e subiu as escadas, deixando a esposa e Nicodemos para trás; indignado, afirmou:

- Você não sabe o que fala!

José foi direto para a sua sala pessoal de despachos e lá se fechou; alcançou a janela, abriu-a, respirou profundamente e depois sentou-se, enquanto as lágrimas teimavam em correr-lhe pela face. O semblante doce e amoroso de Jesus, desfigurado pela crueldade de seu povo, o magoava profundamente. Cerrando os olhos, ele dizia em voz alta:

- Eu não fiz nada... Eu não fiz nada...

Ainda com os olhos fechados, viu uma luz intensa vindo em sua direção. Assustado, abriu os olhos, mas a luz continuava a se aproximar e era cada vez mais brilhante. Então, do interior da luz fez-se visível uma imagem de mulher, vestindo longa túnica branca. Ela se aproximou e saudou:

-Deus o abençoe, José.

Ele, atemorizado, tinha os olhos arregalados e com esforço conseguiu balbuciar:

-Quem é você? Ela respondeu:

- Não tenha medo, fui enviada para ajudá-lo. José, não se prenda ao que não fez. Não se deixe imobilizar pela culpa! Levante-se e faça o que pode ser feito. Há muito que você ainda pode fazer por Jesus!

-Como? Eles vão crucificá-lo! E eu não pude impedir.

-Não poderia impedi-los, José.

- Acha que não deveria me sentir responsável pelo que aconteceu?

- Pelo que aconteceu a Jesus? Claro que não. No entanto, não é isso que o está torturando, e sim aquilo que poderia ter feito.

Como ele guardasse silêncio, tentando entender, ela continuou:

- Sua consciência o cobra por aquilo que deveria ter feito e não conseguiu. Você poderia ter assumido o seu apreço e defendido o Mestre, mesmo que isso não fosse suficiente para impedir a sentença que recaiu sobre ele.

-Então, de que adiantaria?

- Adiantaria muito para você, para a sua consciência. Ele é seu Mestre, José.

-Vê o que eu digo? Você está certa.

-Pois faça o que pode ser feito a partir de agora! Jesus será crucificado, pela condição de barbárie da humanidade. Para isto ele veio à Terra: para salvar essa humanidade a que tanto ama. E precisa de servos fiéis, que colaborem com ele na disseminação de seus ensinamentos.

- Seus ensinamentos?

-Sim, José, a Boa Nova de que Jesus tanto falou.

José a olhava, sem dizer nada. Ela, então, ajoelhando-se diante dele e tocando-lhe as mãos com suavidade, disse:

-José, meu querido amigo, não troque o que é eterno por alguns efêmeros anos na Terra. Você está diante do Messias prometido, e pode agir agora mesmo para tornar digna a sua atitude diante dele.

-Como, se já foi condenado?

- Mas não permanecerá morto.

-Ele disse que ressuscitaria... Então é verdade...

- Não tema seguir a voz da sua consciência. Aproveite a oportunidade, não a desperdice mais. Não fique prostrado, assustado. O apego à sua posição social, à sua fortuna, ao seu bem-estar, é que o está impedindo de fazer o que deve ser feito. Todavia, no fundo você sabe que não pode adiar mais a decisão.

Depois de fitá-la demoradamente, calado, José perguntou:

- De onde a conheço? Quem é você, afinal? É um anjo de Deus? Sei que a conheço de algum lugar, mas de onde? Não consigo lembrar.

Elvira levantou-se, tocou-lhe os cabelos com ternura e disse:

-Fui enviada para ajudá-lo nesta hora de testemunho. Para este momento você renasceu.

Olhou para José com infinito amor e após alguns instantes voltou a falar:

- Vá, José, o momento é grave. Jesus logo estará no Gólgota. Querem lançá-lo nas valas dos malfeitores, para que seja devorado pelos predadores. Não permita que isso aconteça.

-É tarde -José respondeu.

-Não, José, ainda não é tarde. Porém, se não tomar uma atitude enérgica imediatamente, não poderá fazer mais nada.

Foram suas últimas palavras. A figura de Elvira foi desaparecendo devagar, diante do olhar atônito de José. Ele, então, caminhou até a janela, buscando compreender o que acontecera, e de súbito sentiu nova força brotar de seu coração. A despeito de não entender completamente aquele anjo que o visitara, ele sentia no íntimo cada palavra que ela dissera. Agora, quase sem pensar, apenas seguindo o que o seu coração mandava, ele abriu a porta e saiu, decidido.

Na sala, encontrou Nicodemos em pé, andando de um lado a outro, aflito. Assim que o viu, disse:

-Vamos, José, temos de voltar. Não queria deixá-lo sozinho; fiquei preocupado com seu estado.

José sorriu ligeiramente e respondeu: -Já estou bem, Nicodemos.

-O que aconteceu? Vejo que seu rosto parece iluminado.

-Recebi a visita de um anjo do Senhor.

- Um anjo?

-Sim, veio ajudar-me a decidir o que fazer.

- E o que vai fazer?

- Não temos como impedir que o Mestre seja crucificado, mas podemos dar a seu corpo a dignidade que merece e, assim, agir corretamente a partir de agora. Não vou mais me esconder. Sou seguidor de Jesus e vou contar isso a todos.

Nicodemos fitou o amigo, confuso. Sara entrou na sala e, vendo José, disse:

- Até que enfim apareceu! Que vergonha, José! Um homem de sua posição mostrar-se simpatizante desse rebelde...

Fitando a esposa, José a interrompeu:

- Jesus não é um arruaceiro. Ele é o Messias, prometido pelas escrituras e esperado pelo nosso povo. E eu não sou um simples simpatizante: sou um seguidor de Jesus.

Sara estava atônita. Ia responder, quando ele atalhou:

- Vamos, Nicodemos, quero falar com Pilatos. Ao vê-los sair, Sara tentou deter o marido:

- Vai se arrepender, José. Volte ou falarei com meu pai sobre o que acabou de me dizer. Ele não terá piedade de você.

Sem se virar, José apenas retrucou:

- Faça o que a sua consciência mandar, Sara. Eu estou fazendo o que sinto que devo fazer. Se isso a ofende, lastimo, porém nada mais me deterá.

Enquanto desciam as escadas, Nicodemos, surpreso, indagou:

- E o que vai falar com Pilatos?

- Vou pedir que me autorize a enterrar o corpo de Jesus em uma tumba nova, de minha família.

Nicodemos estacou e segurou o braço de José:

- Está louco? Perdeu o juízo? Sabe que não pode fazer isso!

-Eu vou fazer. Se não quiser vir comigo, entenderei.

-Mas, José, você sabe que os romanos não permitem de forma alguma que os crucificados sejam enterrados. É terminantemente proibido!

- Sim, eu sei disso, Nicodemos, e vou pedi-lo assim mesmo. Algo me diz que Pilatos dará a autorização para cuidar do corpo do Mestre e enterrá-lo com dignidade.

-Os sacerdotes não vão aceitar isso, José. Bem sabe que tampouco eles admitem que os crucificados sejam sepultados, para não ultrajar a terra.

- Também sei disso, Nicodemos; por isso entenderei se não quiser vir comigo. O risco é grande, mas é algo que tenho de fazer.

Nicodemos olhava para José sem compreendê-lo inteiramente. Não obstante, suspirou fundo e respondeu:

-Eu vou com você.

CAPÍTULO 39

Subiram com pressa a escadaria do pretório e encontraram dois soldados à entrada. José se identificou, pedindo:

- Preciso falar com Pilatos. Sisudo, um deles respondeu:

- O governador não vai atender mais ninguém hoje. Voltem outro dia.

- Diga a ele que é José de Arimatéia. -José insistiu - Somos amigos e sei que me receberá.

O soldado o olhou de alto a baixo e em seguida fez o mesmo com Nicodemos. No entanto, a atitude de José era tão segura que ele acabou cedendo e entrou para falar com seu senhor. Em alguns instantes retornou, dizendo:

- Podem entrar. Ele os receberá em instantes.

Acompanhou-os até uma das amplas salas internas do prédio elegante e se retirou. José andava de um lado a outro, meditando, em busca da melhor forma de abordar o assunto com o responsável pela administração da Judéia.

Após algum tempo de espera, finalmente Pilatos apareceu. Entrou na sala devagar, aparentando cansaço, e, vendo os dois visitantes, cumprimentou José e tentou sorrir ao perguntar:

-A que devo a honra da visita?

José se aproximou de Pilatos e, tocando-lhe levemente o braço, comentou:

-Está abatido, meu amigo. Enfrentou um dia muito difícil. Pilatos, que tentava manter o autocontrole, sentou-se em uma das poltronas e desabafou:

-Realmente, sinto-me exausto! Não me lembro de ter vivido horas tão difíceis como essas últimas. Eu, que já servi a César em campos de batalha, nunca passei por uma situação tão constrangedora, desagradável e cansativa. Definitivamente, meu bom José, sou incapaz de entender seu povo.

José, sério, olhou fixamente o amigo por alguns instantes, depois disse:

- Compartilho esse sentimento. Tampouco eu consigo compreender meu próprio povo. Presenciei sua dificuldade no julgamento de Jesus. Vi como os sacerdotes o trataram, bem como o povo, por eles insuflado.

Pilatos se levantou, foi até a bandeja e serviu-se de vinho, que ofereceu também aos visitantes:

-Somente uma boa especialidade local para me fazer tolerar seus conterrâneos. Bebem comigo?

José antecipou-se e respondeu:

- Agradeço, mas o momento para nós é muito grave. Nosso Mestre está sendo crucificado e gostaríamos de estar com ele o quanto antes.

Pilatos fitou José, estranhando o que ouvira:

- Escutei bem o que disse? Chamou o nazareno de mestre?

-Sim, Pilatos, somos seguidores de Jesus.

- Nunca me falou sobre isso! Ainda há alguns dias, quando estivemos juntos e comentamos a entrada dele em Jerusalém, como um verdadeiro rei, você não me disse nada!

José baixou os olhos, mas logo o encarou, resoluto, e admitiu:

- Até hoje, temi assumir que sou seguidor de Jesus. Só que ao vê-lo durante o julgamento, e ao observar o desvario de meu povo e os desmandos de nossos dirigentes, não pude mais esconder.

Pilatos sentou-se novamente e, com o olhar perdido, ficou alguns instantes pensativo, até que se virou para José e disse:

-Por mais que me esforce, não posso compreender por que o odeiam tanto. Interroguei Jesus e realmente não encontrei o menor motivo para dar-lhe a sentença que me pediram com tanta veemência.

José, inspirado pelo espírito de Elvira, que não se afastara do seu lado, voltou a tocar levemente o braço de Pilatos, dizendo:

- Sei que lhe foi penoso conduzir esse julgamento tão injusto e ilegal; percebo sua posição e suas dificuldades. Contudo, venho pedir-lhe agora, a sós, que nos ajude a dar ao Mestre ao menos um sepultamento digno.

- Não estou entendendo - afirmou o governador, surpreso ante essas palavras.

Nicodemos mantinha-se calado. José esclareceu:

- Peço que nos autorize a cuidar do corpo de Jesus, tão logo ele morra, e que nos permita enterrá-lo em uma tumba de minha família.

Incrédulo, Pilatos considerou:

- Sabe que não se pode enterrar alguém que é crucificado. O corpo fica por dias exposto, sendo devorado pelas aves e outros animais, para servir de exemplo ao povo.

- Esse é o castigo imposto por Roma aos malfeitores. Mas Jesus é um homem justo, condenado injustamente pelo seu próprio povo. Não lhe negue esse ato de respeito e consideração, por favor.

- Está ciente do risco que irá correr, se eu lhe conceder o que me pede? Quando souberem que está responsável pelo corpo de Jesus, que é simpatizante do nazareno, todos se voltarão contra você. Além do mais, sei que seu povo também não permite que se enterrem os crucificados.

José, olhando firme para Pilatos, assegurou:

- Já não estou preocupado com o que meu povo fará de mim. Entrego a Deus o cuidado pela minha vida. Quero que Jesus seja tratado com dignidade, ao menos depois de sua morte. Não lhe negue isso, Pilatos. Você mesmo afirmou que ele é inocente.

Pilatos ficou muito tempo de olhos fechados, pensativo. Depois, olhando para Nicodemos e em seguida para José, concordou:

- Pois bem, não tenho motivo algum para impedir. Se deseja arriscar-se por seu mestre morto, é um direito que tem.

José sorriu ligeiramente, ao dizer:

- Agradeço-lhe meu amigo.

Pilatos, então, chamou um de seus escrivães e ordenou que lavrasse um documento atribuindo a José total responsabilidade pelo corpo de Jesus.

Assim que o escrivão voltou com os papéis, Pilatos assinou-os e selou-os, entregando-os a José. Este agradeceu mais uma vez e já ia saindo com Nicodemos, quando o romano ainda questionou:

- Só não entendo por que não se manifestou antes, em defesa de seu mestre.

José, com olhar triste, voltou-se e respondeu:

-Porque não tive coragem suficiente para fazer o que devia ter feito. E por isso que, agora, não me deixarei vencer pelo medo ou por ameaças.

E baixando a cabeça, continuou:

- Não sou digno do privilégio que acaba de me conceder, mas assim mesmo, em honra ao meu Mestre, farei a única coisa que me resta fazer por ele. E de hoje em diante serei testemunha viva de todos os seus atos. Contarei a todos o que fez, quem foi e o que ensinou. Embora ele tenha morrido, suas lições e seus exemplos viverão para sempre!

Pilatos o olhou com respeito e disse:

- Vá, José, que seu mestre o aguarda.

Quando Nicodemos e José deixaram o prédio, depararam com uma cena assustadora: o céu escurecera por completo, forte e estranho vento soprava por todos os lados e sons que pareciam lamentos soavam pelo ar. Os dois se entreolharam e José falou:

- Vamos logo, o Mestre está agonizando.

Ambos foram depressa para o monte onde ocorrera a cru-cificação. Quando chegaram ao Gólgota, surpreenderam-se ao ver que Jesus já havia morrido e que os soldados o desciam da cruz. Normalmente, os crucificados levavam muito tempo em martírio, até expirar. Encontraram também muitos representantes do Sinédrio, que ali estavam para garantir que nenhum dos seguidores de Jesus tivesse acesso ao seu corpo, e que este fosse lançado na vala comum dos malfeitores.

José adiantou-se, passando por entre os companheiros, foi até o centurião e disse:

-Ele realmente já...

O centurião apenas maneou a cabeça, em sinal afirmativo. José, então, apresentou ao chefe dos guardas a ordem assinada por Pilatos. O centurião leu atentamente os papéis e comunicou aos soldados:

- Este homem irá levar o corpo de Jesus.

Os membros do tribunal se entreolharam, revoltados, e um deles reclamou:

- O que significa isso? Esse corpo nos pertence! Viemos aqui para assegurar que a lei seja cumprida!

O centurião, que durante o tempo em que Jesus estivera na cruz pudera reconhecer o que ele era verdadeiramente -um homem justo, enviado por Deus -, respondeu:

- É exatamente o que estou fazendo: cumprindo a lei. Os sacerdotes e anciãos ameaçaram arrancar o corpo de Jesus à força, porém o centurião gritou, com a espada em punho:

-Parem ou não hesitarei em usar minha espada!

E imediatamente leu para eles a ordem de Pilatos autorizando José a levar o corpo de Jesus. Dirigiu-se aos soldados, enquanto devolvia o documento a José:

- Estes homens têm a autorização para levar o corpo e enterrá-lo em um túmulo da família. Vamos ajudá-los e protegê-los para que nada lhes aconteça.

Imediatamente os soldados romanos tomaram Jesus nos braços e seguiram José e Nicodemos. Ao passarem pelos sacerdotes, alguns cuspiram na face de José, em sinal de desprezo; outros diziam palavras agressivas, e um deles bradou:

- Prepare-se para ser o próximo a enfrentar a cruz! Dissimulado, mentiroso e traidor!

A medida que se afastavam ouviam muitas outras ameaças e o vozerio das lideranças indignadas. José, à frente, caminhava com passos firmes, tendo o pensamento fixo em Jesus e no que poderia fazer para redimir-se com seu Mestre. De vez em quando, olhava para trás para o corpo ensangüentado e mutilado, carregado inerte pelos soldados. Limpava as lágrimas que lhe desciam pela face e dizia para si próprio que nunca mais teria medo de assumir a crença em Jesus, o enviado de Deus.

CAPÍTULO 40

Tão logo se afastaram do alvoroço, distanciando-se dos sacerdotes, José estendeu sobre o chão alvo tecido de linho puro, que havia comprado com aquele propósito, e pediu aos soldados de Pilatos que ali colocassem o corpo de Jesus. Auxiliado por Nicodemos, envolveram-no firmemente no tecido e, então, José disse aos soldados:

- Nós o levaremos daqui por diante.

Os soldados olharam para o centurião, que assentiu com a cabeça. José e Nicodemos levantaram o corpo de Jesus, envolto pelo nobre tecido, e não tardou para que João -que de longe observava as últimas ocorrências - os alcançasse; achegando-se aos dois, ele os auxiliou no transporte do corpo.

Chegaram ao túmulo adquirido por José, que nunca fora utilizado antes; era incrustado em uma rocha, com uma câmara quadrada em seu interior. Como fosse costume dos judeus embalsamar seus mortos, José e Nicodemos haviam trazido mirra e babosa e, embebendo grandes ataduras nesses líquidos, devagar as colocavam sobre o corpo de Jesus. Quando acabaram, envolveram também o rosto do Mestre e o depositaram em um dos patamares da tumba recém-aberta.

Concluídos esses procedimentos, saíram todos e o centurião ordenou aos soldados que rolassem a enorme pedra que fecharia a entrada do túmulo.

Ao sair do sepulcro, José notou que algumas mulheres os observavam a distância. Sendo terminantemente proibido a elas participar desse tipo de cerimônia, ele se manteve calado até se afastarem dos romanos, que permaneceram guardando a entrada do túmulo. Quando se viu a sós com Nicodemos e João, disse:

- Notei algumas mulheres logo que deixamos o sepulcro. Acredito que sejam seguidoras do Mestre. Gostaria de ajudá-las.

E voltando-se para João, perguntou:

- Sabe quem são elas?

João parou, fitou José por um instante e indagou:

-Por que decidiu se expor, José?

O companheiro o olhou com profundo respeito e respondeu:

- Não tive a sua coragem, João. Você foi o único que o seguiu até o fim. Como me arrependo de não ter feito o mesmo!

- Mas se arriscou também, José, pedindo o corpo de Jesus às autoridades romanas. Está se colocando contra todos os sacerdotes, escribas e fariseus.

- Eu sei; foi o mínimo que pude fazer pelo Mestre, depois de ter sido um covarde.

Calou-se por um breve instante, e insistiu: —João, sabe quem são as mulheres?

- Sim, eu as conheço.

-Diga-lhes que venham à minha casa. E chame também os demais, João, para que nos encontremos todos. Lá, com meus servidores, ficaremos um pouco mais seguros.

- Falarei com as mulheres. Quanto aos outros, estão espalhados por toda parte. Não creio que consigamos reunir sequer a metade.

- De qualquer modo, insisto que venham à minha casa. Poderemos celebrar a Páscoa lá. Está tudo preparado.

Nicodemos, que até então apenas escutava, perguntou:

- Mas, José, acha que Sara irá concordar?

- Ela fará o que eu lhe disser que faça.

Nicodemos calou-se, preocupado. João foi até onde estavam as mulheres e, com muita discrição, transmitiu a elas o convite.

Assim que chegaram, o dono da casa antecipou-se ao grupo, subindo as escadas à procura de Timóteo. Quando o encontrou, José perguntou:

- Como estão os preparativos para a celebração?

- Sua esposa o aguarda, com seus filhos.

-E quem mais?

- A senhora Sara me informou que serão somente os da família.

- Pois bem, teremos mais... - virando-se para os convidados, contou-os e completou - Serão mais sete convidados. Prepare tudo.

O servo olhou para os recém-chegados, depois para José, hesitante. Este lhe disse:

- Vamos, rapaz, faça o que lhe pedi. Não se preocupe com sua senhora; sou eu quem está mandando que prepare a ceia para mais alguns convidados.

O rapaz foi para os fundos da mansão, enquanto José entrava na sala principal, onde era esperado pela esposa e pelos filhos. Ao vê-lo, Sara exclamou:

- Até que enfim aparece... - interrompeu-se tão logo viu que atrás do marido vinham outras pessoas.

- Sara, estes são meus convidados; celebrarão a Páscoa conosco.

A esposa, tentando controlar-se, perguntou:

- São seus amigos?

- Sim.

-Inclusive essas mulheres?

- Sim.

Levantando-se indignada, ela disse em alta voz:

- Pois celebre a Páscoa com seus amigos. Você não tem mesmo respeito algum pelas nossas tradições. Vou ter com meu pai.

Saiu da mesa e os dois filhos a seguiram. Maria de Magdala, uma das convidadas de última hora, disse:

-Não deveríamos ter vindo, senhor. Veja o que aconteceu! Depois de lavar-se longamente, como era costume dos judeus, José sentou-se à mesa e *afinal* respondeu:

- Sei que vieram da Galiléia e devem estar cansadas. Quero que ceiem comigo e depois descansem. Quanto ao que acabaram de presenciar, peço que me perdoem. Isso nada tem a ver com vocês. Sara não compartilha minha devoção ao Mestre Jesus.

Nicodemos, então, despediu-se de José e do grupo:

- Também preciso ir para casa; passarei o sábado com minha família. Assim que decidir o que fazer, avise-me, José.

O amigo tocou-lhe o ombro com estima e disse:

- Vá, meu bom Nicodemos. Obrigado por ter ficado ao meu lado.

Enquanto tomavam seus lugares à mesa, Maria de Magdala afirmou:

-Foi muito corajoso em proporcionar um descanso digno ao nosso Mestre.

José apenas sorriu suavemente e falou:

- Permitam-me perguntar às senhoras o que pretendiam às escondidas, próximo ao sepulcro de Jesus. Por acaso planejavam passar ali a noite?

A outra, também chamada Maria, respondeu timidamente:

-Não tínhamos para onde ir, e agradecemos por nos ter oferecido um lugar para descansar.

José permaneceu calado, para que ela prosseguisse, porém foi Maria de Magdala quem tomou a palavra:

-Perdoe-nos a intromissão, senhor, mas fazemos isso porque amamos profundamente o Mestre de Nazaré.

José olhava-a com atenção. Ela continuou:

- Nós queríamos completar a preparação do corpo de Jesus. Trouxemos especiarias e unções com que melhor prepará-lo para o descanso da morte.

José olhou aquela mulher simples, com semblante sofrido, e perguntou:

- Querem voltar no domingo pela manhã, para terminar de arrumá-lo?

-Sim, senhor, isso mesmo.

- Obedeçam a seus corações. Jesus merece o melhor de cada um de nós. Conseguirei a autorização para que entrem novamente no túmulo.

As mulheres sorriram, agradecidas. E todas entabularam longa conversação sobre os fatos de que haviam participado, em especial sobre os preciosos ensinamentos de Jesus. Ao final do jantar, José virou-se para João e perguntou:

- E agora, João, o que faremos daqui para a frente? Não devemos permitir que as lições do Mestre sejam esquecidas. Temos de levá-las ao maior número de pessoas possível.

João, envolvido pelas energias protetoras e inspiradoras de Elvira, Jonefá e outros amigos espirituais de elevada condição, respondeu:

-Aguardemos. Amanhã é sábado e nada poderemos fazer. Os outros estão em suas casas ou escondidos. No domingo procuraremos por Pedro e por alguns outros, e conversaremos. Por ora, devemos descansar, refazer nossas energias, que se esvaíram nos últimos dias.

Deixando escapar sentido suspiro, e limpando as lágrimas dos olhos, Maria de Magdala endossou:

- Sim, foram muitas horas extremamente dolorosas. Tocando-lhe as mãos com carinho fraternal, João disse:

- Sobretudo você, Maria, deve repousar.

Durante todo o sábado, o grupo trocou experiências e lembranças sobre Jesus e os seus feitos e ensinamentos. Desfrutando a companhia amorosa de João, José sentiu crescer no coração profunda afeição por ele. Admirava-o pela dedicação a Jesus, a que aliava a suavidade e a perseverança.

Ocupado em conseguir a autorização para que suas convidadas entrassem outra vez no túmulo do Mestre, o dia passou depressa para José de Arimatéia; Sara e os filhos não regressaram.

No domingo, logo pela manhã, João saiu à procura dos outros discípulos. José preparava-se para novamente acompanhar as mulheres da Galiléia ao túmulo de Jesus, quando Timóteo entrou na sala esbaforido:

- Senhor... Soldados romanos... Procuram pelo senhor...

- Acalme-se, Timóteo, respire.

O jovem acalmou-se ligeiramente e emendou:

-Estão subindo para prendê-lo...

Ele nem terminou a frase e vários soldados romanos entraram na sala.

Um deles antecipou-se com um papel nas mãos, indagando:

- É José de Arimatéia?

- Sim, sou eu -José respondeu de pronto.

- Venha conosco. Está preso.

- E por qual motivo?

-O tribunal do Sinédrio expediu ordem para sua prisão.

- E de que sou acusado?

- De traição. Venha, acompanhe-nos.

Sem oferecer resistência, José deixou que o soldado o amarrasse, enquanto perguntava:

-Meus amigos podem sair?

- Por ora, nada temos contra eles.

Virando-se para Maria de Magdala, que observava a cena com visível agonia, José pediu:

- Minhas irmãs, vão fazer o que é necessário, eu ficarei bem.

CAPÍTULO 41

Hesitantes, as mulheres deixaram a mansão, quase ao mesmo tempo em que José era levado pelos soldados. Ao descer as escadarias, José encontrou-se com Sara, que chegava em companhia do pai. Aproximou-se dela e, olhando-a nos olhos, disse:

- Deveria repensar os seus atos, Sara. Sei que seu pai tem parte nisto que acontece comigo.

Ela respondeu-lhe ao olhar e ao comentário: -Não devia ter se envolvido com esse que chamavam de Jesus. Tinha o melhor que um homem pode desejar e, ainda assim, arriscou tudo por um malfeitor qualquer, que depois de vergonhosamente crucificado jaz, como todos os outros, no sepulcro. Entregou a vida nas mãos de um impostor e mentiroso. Só que agora é tarde para arrependimentos. O que está feito, está feito.

José sorriu serenamente, enquanto repetia para a esposa:

- Sim, de fato: o que está feito, está feito. Que Deus a ampare e abençoe.

- Você irá necessitar de socorro e amparo, não eu -Sara respondeu, irritada.

José baixou a cabeça e, num sinal para o guarda, disse:

- É hora de partirmos.

Sem falar mais nada, ele seguiu junto dos guardas na direção do Sinédrio. Sara ficou no topo da escada, até os homens desaparecerem. Seu pai tomou-a pelo braço e chamou:

-Venha, Sara, vamos para dentro. Não permitirei que seja ainda mais envergonhada diante dos transeuntes.

Voltando-se para o pai, ela perguntou:

- O que houve com ele? Não compreendo.

-Alguns homens são insatisfeitos por natureza. Nada lhes basta e estão sempre à procura do perigo. Parece que agora José encontrou um desafio difícil de ser superado.

- E o que será dele?

-Dependerá do que ele disser no tribunal.

Colocado no centro da grande sala, diante dos ex-companheiros em semicírculo, José estava exatamente onde, dois dias antes, Jesus fora julgado. Ele pensava na ironia dos fatos e procurava manter-se calmo. Ao seu lado, envolvendo-o em eflúvios de paz e confiança, estavam Elvira e Jonefá, além de outros amigos que, em grande número, chegavam da espiritualidade para

dar apoio e amparo aos cristãos em sua árdua tarefa de disseminar o Evangelho pelo mundo.

Apesar de preocupado, José sentia o coração imerso em suave calma e profunda confiança; não obstante o momento ser de ameaça e dificuldade, sua alma estava tranqüila e forte.

Presente a maior parte dos membros do Sinédrio, Caifás ocupou seu lugar e iniciou o julgamento:

-José de Arimatéia, é acusado de trair o povo judeu tornando-se um seguidor de Jesus, em segredo. Se, diante desta assembléia, negar seu envolvimento com esse rebelde, que já não traz qualquer ameaça ao nosso povo, e reconhecer que ele é apenas mais um traidor de nossa pátria e de nossas tradições, poderá responder ao restante do julgamento em sua residência. Do contrário, será encarcerado no pretório.

Caifás fez breve pausa e saiu do seu lugar, encaminhando-se para perto de José. Então continuou:

-Estou exausto. Nem bem tivemos um dia para o sagrado descanso, e aqui estamos novamente - e com um membro desta casa! Diga, José, admita logo que se enganou!

José fitou-o sem rancor e afirmou:

-Caro Caifás, não sabe o que me pede. Não posso negar que segui Jesus, embora não tivesse a coragem de outros, de seguir-lhe os passos abertamente. E como me arrependo por isso... Jesus, a quem crucificaram, era um homem puro e santo, um homem enviado por Deus. Era verdadeiramente o Messias prometido ao nosso povo desde nosso pai Abraão. Era o cordeiro anunciado, e cumpriu tudo o que Elias, Isaías e os outros profetizaram. Por que, meus irmãos, não querem ver que ele é o envidado de Deus?

Um quase tumulto tomou conta da sala. Os líderes estavam enfurecidos. Caifás prosseguiu:

- Se pensa tudo isso sobre ele, por que não o defendeu, diante de nós? Por que se calou?

Sem titubear, José confessou:

-Porque fui um covarde. Tive medo exatamente do que hoje está acontecendo. E, no entanto, vejo que estou preparado para o que quer que desejem fazer comigo. Se quiserem me crucificar, como ao meu Mestre, estou pronto!

O burburinho se intensificou. Caifás ia responder, mas Anás, seu sogro, o mais respeitado de todos os sacerdotes, que se man-tivera calado, fez sinal para que o genro lhe falasse a sós. Foram até uma sala anexa e conversaram rapidamente. Anás disse:

- Caifás, seja astuto. Ainda que esse José, traidor, mereça a morte, não devemos precipitar-nos. Se ele for condenado agora, outros adeptos de Jesus aparecerão. Ele será transformado em mártir e seus seguidores poderão inflamar-se.

-E o que devo fazer, então? Soltá-lo?

- Não, de modo algum. Prenda-o até que os ânimos se acalmem, e o povo esqueça esse tal Jesus. Logo que tudo estiver mais tranqüilo, poderá trazê-lo outra vez a julgamento e, aí sim, condená-lo. Não dê mais ensejo a esses rebeldes de prosseguirem com sua insensatez. Temos de amornar os ânimos, sem dar sinais de fraqueza, é claro. Seja duro, porém com astúcia.

Caifás pensou por instantes e concordou:

- O senhor está certo, meu sogro.

Dito isso, retornaram de imediato ao salão. Quando entraram, formara-se um tumulto. Alguns membros estavam em pé, outros andavam de um lado a outro, indignados. Assim que viram Caifás, aproximaram-se dele, apontando para José de Arimatéia:

-Ele sumiu com o corpo do nazareno! Faça que o devolva imediatamente!

- O que me dizem?

-Os soldados que guardavam a tumba acabaram de voltar de lá afirmando que o corpo desapareceu. -um deles esclareceu.

- Como, desapareceu? Eles não estavam tomando conta da entrada do sepulcro?

- Sim, e por isso estão muito assustados; temem o que lhes sucederá, mas juram que vigiaram a porta durante toda a noite de sexta, o sábado inteiro e também a noite de sábado. Fizeram turnos e não se afastaram da pedra que tampava a entrada do túmulo. Entretanto, o fato é que o corpo sumiu. Só pode ter sido levado por seus seguidores, numa tentativa de provar que as palavras do mestre deles eram verdadeiras. José certamente é o responsável, pois afinal o túmulo lhe pertence; deve ter alguma saída secreta.

Caifás, enraivecido, aproximou-se de José e, batendo-lhe no rosto, ordenou:

- Diga já onde puseram o corpo! José não respondeu. Caifás insistiu:
- Onde o puseram? Iremos descobrir, mais cedo ou mais tarde. Diga-nos já, José, onde pôs o corpo do nazareno?

José disse apenas:

- Nós o depositamos na tumba na sexta-feira, e não voltamos mais lá. Jesus ressurgiu, como havia prometido!

Indignado, Caifás sentenciou, dirigindo-se aos guardas do Sinédrio:

- Prendam-no já para que não contamine mais ninguém com suas idéias.

E voltando-se para José, alertou:

-Vai ficar preso até que nos diga onde está o corpo do nazareno. Quando o disser, reveremos seu caso. Até lá, estará confinado na pior das prisões. Arrepende-se de nos ter enfrentado.

José foi levado pelos guardas. A distância, Nicodemos acompanhava os acontecimentos, calado. Ele matutava, buscando um jeito de ajudar o amigo. Assim que José foi retirado, saiu imediatamente à procura de outros seguidores de Jesus. Como não achou ninguém, decidiu ir até o túmulo onde haviam depositado Jesus, na sexta-feira. No caminho, encontrou Maria de Magdala e as outras mulheres com quem estivera após a crucificação. Comentou:

-Estão dizendo que o corpo de Jesus desapareceu. Maria de Magdala confirmou:

-Sim, Jesus não está mais no túmulo. Ele ressurgiu! Nicodemos olhou-a, tentando compreender:

-O que diz?

- Ele ressurgiu e está vivo novamente.

- Porque o corpo desapareceu, acha que ele voltou à vida?

- Não, mas porque nós o vimos e falamos com ele. Nicodemos empalideceu e quase sucumbiu ao ouvi-las.

Maria então prosseguiu:

—Jesus está vivo, e falou conosco. Disse que irá encontrar-se com seus discípulos e precisamos contar-lhes imediatamente.

- O que diz, mulher? Não pode ser verdade.

-E por que não, senhor? Ele disse que iria ressurgir. É uma grande alegria! Ele está outra vez entre nós! Não nos abandonou! Agora, precisamos ir; temos de avisar os outros.

-Sim, claro.

Nicodemos ficou paralisado, observando as mulheres desaparecerem rumo à Galiléia. Pensou em seu amigo e afligiu-se. O que seria de José?

CAPÍTULO 42

Os soldados abriram a pesada porta da cela onde José haveria de permanecer; empurraram-no com toda a força, fazendo-o cair ao entrar. Em seguida trancaram a porta e a cela ficou na penumbra.

Aos poucos, os olhos de José se acostumaram à escuridão e ele pôde perceber que o espaço era pequeno, com uma cama de pedra e uma janela minúscula no topo da alta parede da construção. Fora levado por muitos lanços de escadas até alcançar sua exígua acomodação. Levantou-se devagar, limpou as vestes e sentou-se na cama sem conforto. Olhou para o alto, vendo a nesga de luz que entrava pela janela. Ouviu poucas vozes, daqueles que se movimentavam nas ruas, em redor do prédio, e deitou-se, tentando repousar o corpo, na esperança de encontrar serenidade para o coração aflito. Embora sentisse que tomara as atitudes que deveria tomar, temia pelo futuro, pelo que viveria a partir daquele momento.

Depois de muito tempo em absoluto silêncio, revivendo mentalmente tudo o que vinha acontecendo desde que Jesus fora preso, José adormeceu. Assim que seu corpo físico entregou-se ao sono, seu corpo espiritual despreendeu-se, com a colaboração de Elvira e de Jonefá. Ela então sentou-se ao seu lado e, tomando-lhe as mãos, beijou-as, dizendo:

- Querido José, não tema pelo seu futuro. Confie em Deus e em Jesus, a quem de fato entregou sua vida, e espere. Ele haverá de guiar os seus passos, de hoje em diante.

Confuso, José procurava compreender o que aquela voz doce lhe dizia. Tomando-a novamente por um anjo, ele perguntou:

- E o anjo enviado por Deus para ajudar-me, não é mesmo?

- Não, José, mas sou uma amiga que o ama muito e deseja o seu bem - ela respondeu, sorrindo.

- Seu rosto me é muito familiar e sei que não é a primeira vez que conversamos. Quem é você, afinal? É meu anjo da guarda?

-Sou uma amiga e venho acompanhando seus passos, auxiliando-o no que me é possível.

Jonefá acercou-se dele também e disse:

- Não se preocupe, por agora, em buscar entender tudo; apenas confie em seu coração. Você sabe, bem no íntimo de sua alma, que somos amigos e aqui estamos para ajudá-lo.

José sorriu, feliz, e concordou:

- De fato, sei que estão aqui para me ajudar e agradeço profundamente. Sei que não teria a força para agir corretamente, se não fosse o apoio dos emissários dos céus.

Ele ficou calado alguns instantes, fitando o olhar amoroso e doce de Elvira; depois, continuou:

-Mesmo assim, devo confessar que temo pelo futuro. Não sei o que será de mim agora.

Elvira, tocando suavemente suas mãos, insistiu com ternura:

- Não tenha medo, José. Do mesmo modo que consegui encontrar dentro de você a força para agir com coragem e determinação, saberá o que fazer daqui para a frente. Embora não nos possa ver com os olhos materiais, estaremos sempre ao seu lado; você jamais estará sozinho.

Os olhos de Elvira encheram-se de lágrimas, enquanto ela olhava para Jonefá, agradecida. Fitou José com carinho e prosseguiu:

- Sua jornada tem sido longa, José; mas Deus, que é todo misericórdia e bondade, nunca desampara suas criaturas. Não importa quão distante dele escolhermos caminhar, jamais nos abandona. E é pela misericórdia divina que você está despertando, enfim.

Ainda que sem compreender bem, ele continuou atento à figura angelical de Elvira e às suas palavras, que lhe traziam alento e paz. Por fim, ela disse:

-Agora, descanse. Não esqueça que sempre, haja o que houver, estaremos ao seu lado.

Ajudando José a acomodar o corpo fluídico sobre o corpo físico, Elvira beijou-lhe a face na despedida:

- Que Deus o abençoe, Ernesto.

Passados alguns dias, José foi chamado outra vez a comparecer perante os membros do Sinédrio. Pressionado para dizer o que fizera com o corpo

de Jesus, José lhes deu a mesma resposta que dera antes, e novamente não a aceitaram. E Caifás ameaçou:

- Olhe bem, já perdeu tudo o que possuía. Quer também perder a vida? Se não nos contar o que fez com o corpo de Jesus, nós o condenaremos por traição! Sabe qual é a sentença, não é?

José estremeceu. Respirou fundo e respondeu:

-Não posso dizer o que não sei. Se querem o corpo de Jesus, definitivamente não sou eu quem pode entregá-lo.

Mais uma vez, cheio de ódio e desejo de vingança, Caifás mandou que trancassem José na cela. E repetidamente, durante algumas semanas, ele foi levado à presença das autoridades, interrogado e devolvido à cela. José emagrecera alguns quilos desde sua prisão, pois a comida que recebia era em pouca quantidade e de péssima qualidade.

Quando o retiraram do Sinédrio, finda outra sessão de interrogatório, os sacerdotes e anciãos permaneceram no salão, determinados a pôr termo à-quele julgamento. Caifás, sentado em sua ampla poltrona, ouvia os comentários:

- Temos de acabar de uma vez com esse julgamento. Não podemos continuar com esse vaivém.

- Não temos provas contra ele.

-E por isso iremos soltá-lo?

- Não digo soltá-lo, mas também não podemos condená-lo!

-Ele aviltou nossa terra e rebelou-se contra nossa religião, ao enterrar um crucificado. Voltou-se contra nós! Logo um membro de nosso tribunal!

Anás levantou-se e pediu:

- Silêncio, senhores.

O salão, aos poucos, aquietou-se. Anás prosseguiu:

- O sumo-sacerdote me permite falar?

- Como não? É o nosso mais ilustre membro!

- Pois bem, senhores: não aconselho que condenemos José de Arimatéia. Por muitos anos ele foi um respeitável e reconhecido membro desta casa. Se o sentenciarmos e o executarmos, todos saberão que dentro do Sinédrio existem simpatizantes do nazareno, e isso poderá fortalecer seus seguidores e influenciar o povo. Não, senhores, neste caso, o ostracismo é a melhor alternativa.

Virando-se para o escrivão, ele perguntou: -José tem recebido visitas?

O homem vasculhou alguns pergaminhos, e por fim respondeu:

- Não, ninguém.

- Entendem o que estou dizendo? Ele ficará esquecido, para sempre. Deixemo-lo entregue à própria sorte. Morrerá desprezado e abandonado.

Satisfeito, Anás constatou que os companheiros compreendiam seu raciocínio e concordavam com ele. Leve bur-burinho seguiu-se à sua colocação, mas depois o silêncio retornou ao salão. Anás sentou-se, enquanto dizia, esboçando malicioso sorriso:

-Deixemo-lo apodrecer na prisão.

Quando os guardas levaram José de volta à cela, um deles disse:

-Vai acabar seus dias nesta cela. É melhor que diga logo onde pôs o traidor. Não vê que não recebe sequer uma visita? Ninguém fala em sua defesa! Sua família o abandonou, e nenhum dos seguidores do tal nazareno se interessa por você. Por que não o entrega logo?

José fitou o guarda que o interpelava, sem forças para responder. Entrou cambaleante e sentou-se na cama, a ponto de desfalecer. Pesadas lágrimas corriam por seu rosto quando, minutos após ser trancada a porta da cela, o espaço acanhado começou a encher-se de intensa claridade. Uma luz ofuscante invadiu o ambiente e José mal podia erguer a cabeça, cobrindo os olhos com o braço. De súbito, infinita paz e intraduzível alegria inundaram-lhe o coração. Ouviu, então, a voz doce e amiga do Mestre dos Mestres:

- Não tema, José, sou Jesus, e quero falar-lhe. Envolvido por sua energia divina, José ajoelhou-se e, encostando a testa no chão, clamou:

- Não sou digno de que fale comigo! Jesus, então, ergueu-o delicadamente e disse:

- Esqueça o passado, José. Olhe para o futuro. Milhões de almas necessitam conhecer as verdades libertadoras que vim trazer ao mundo, e os trabalhadores são poucos. Se quiser, tenho muito trabalho para você. Junte-se àqueles que vão disseminar o Evangelho sobre a Terra e não tema, que eu sempre estarei com você. Leve a Boa Nova aos lugares mais distantes, que outros precisariam de muito mais tempo para alcançar. Você conhece as regiões longínquas; leve aos povos dessas terras meus ensinamentos.

Do lado de fora, os guardas, assustados, percebiam a luz que brilhava na pequena câmara, e não conseguiam enxergar em seu interior. Um deles ficou vigiando, enquanto o outro foi à procura do chefe, que tinha a chave, para verem o que acontecia.

Quando o chefe da guarda chegou, a luz quase desaparecera por completo. Ele então perguntou:

-O que está havendo, afinal?

- Não sabemos -respondeu o que ficara vigiando. Entraram na cela e encontraram José sentado na cama, em estado de deslumbramento. Sorria, sereno, e seu rosto irradiava suave luminosidade. Assombrados, os guardas saíram de imediato, trancaram a porta e se entreolharam sem atinar o que havia acontecido. O chefe dos guardas determinou:

- Não contem a ninguém o que pensamos ter visto nesta cela. É mais prudente...

Depois de ter recebido a mais importante das visitas que poderia desejar, José encheu-se de ânimo e de esperança. Seu coração transbordava de alegria e ele aguardava, ansioso, o momento de começar o seu testemunho.

Os dias se passaram. José foi posto mais algumas vezes diante do Sinédrio, com intervalos de tempo cada vez mais espaçados, e por fim ficou esquecido na prisão, por longo tempo. Mesmo assim, ele esperava, confiante, o momento de atender ao chamado do seu Mestre.

CAPÍTULO 43

Logo que José foi preso, Nicodemos retirou-se do conselho, alegando questões de saúde. Muitos dos colegas tentaram enredá-lo em acusações, mas imediatamente após apresentar seu pedido formal de desligamento do Sinédrio ele empreendeu longa viagem. Antes, porém, foi ter com Pilatos, na esperança de obter ajuda para a libertação de José. Encontrou o governador indiferente e apático:

- Não poderei ajudá-lo, infelizmente. Estou sendo transferido temporariamente para outra região. Sinto muito, Nicodemos, mas terá de resolver o problema de José junto ao seu próprio povo. Além do mais, estou farto das desagradáveis e infundáveis discussões com os sacerdotes; de todos os povos que já conheci, o seu é o mais difícil.

Nicodemos encarou Pilatos com profunda tristeza e tentou uma vez mais:

-Temo pela vida de José. Caifás ainda está irritado com tudo o que aconteceu com Jesus, e o desaparecimento do corpo apenas agravou a situação.

Pilatos, que estava sentado à mesa, assinando mandados e preparando suas últimas ordens antes de desligar-se do governo da Judéia, ergueu os olhos e respondeu:

- O tempo esfriará os ânimos de seus líderes religiosos. Por ora eu não quero saber de seus problemas. Deixe que se passe algum tempo e depois volte para conversarmos. Farei tudo para retornar em breve ao governo da Judéia, e então veremos o que é possível fazer em favor de José.

-Mas isso poderá demorar muito.

- É justamente o tempo que poderá ajudá-lo. Qualquer tentativa de demover o conselho do Sinédrio neste exato momento será inútil e poderá piorar ainda mais a situação. É preciso esperar até que esqueçam o ódio que alimentam contra Jesus e seus seguidores.

Nicodemos suspirou e, fitando o governador da província, perguntou:

-E será que esse ódio vai um dia desaparecer?

- Por certo, Nicodemos. Aguarde, não tenha pressa.

-É doloroso pensar em José sozinho, preso... Levantando-se e indo em direção à porta que dava para o interior do pretório, Pilatos concluiu:

- Antes preso do que morto. Adeus, Nicodemos.

Nicodemos despediu-se de Pilatos e saiu. Triste e desnortado, foi até os limites da cidade e sentou-se. Observando o movimento constante de viajantes, meditava no que deveria fazer. Sentia-se desanimado e sem estímulo para retomar seus afazeres cotidianos e, depois de muito pensar, decidiu procurar os discípulos de Jesus. Voltou para casa e em alguns dias, feitos os preparativos, partiu para a Galiléia.

Procurou por João, que o recebeu alegre:

- Nicodemos, como é bom vê-lo... Que faz na Galiléia?

-Senti-me desnortado e resolvi procurar os mais íntimos do Mestre, talvez para fortalecer-me.

João continuou atento. Após breve pausa, ele disse:

-José de Arimatéia está preso.

João acomodou o visitante em cadeira confortável, sentou-se ao seu lado e perguntou:

-Sob que acusação o prenderam?

-Traição.

- Foi por ter pedido o corpo de Jesus para ser sepultado, não é?
- Sara e o pai o acusaram de ser seguidor de Jesus. Como o sepultamento já deixara os membros do Sinédrio suficientemente irritados, não foi necessária mais nenhuma incriminação.

- Eles o julgaram devidamente?

- Ainda o estão interrogando, mas não tenho participado. Retirei-me em definitivo do conselho.

João tocou fraternalmente o braço de Nicodemos:

- Meu bom Nicodemos...

- E sobre o corpo do Mestre, têm alguma notícia?

-Então ainda não sabe?

-O quê?

-Jesus não está mais entre os mortos. Ele ressurgiu!

- O que me diz?

- Temos estado com ele, Nicodemos. Ele nos tem orientado quanto ao futuro que nos espera, e as dificuldades que haveremos de enfrentar para difundir a Boa Nova pelo mundo.

Nicodemos ouvia com atenção e, à primeira pausa, disse:

-Então as mulheres falaram a verdade... A morte não o deteve...

João continuou:

- Ele nos ensinou como viver em paz e como enfrentar os momentos difíceis; acima de tudo, ensinou-nos o verdadeiro amor.

-Gostaria muito de poder ver nosso Mestre.

- Pois fique conosco. Jesus ainda estará entre nós por algum tempo, até voltar para seu lar espiritual, que também o aguarda.

- Não sei...

-Fique, Nicodemos. Muitos ainda estão assustados e com muito medo; por isso estamos organizando pequenas reuniões noturnas em que Jesus muitas vezes vem nos encontrar. Fique pelo menos um pouco.

Nicodemos não respondeu. Encostou-se na cadeira, fechou os olhos e evocou a figura doce e meiga de Jesus. Depois, abrindo os olhos, disse:

- Ficaria muito feliz em permanecer alguns dias com vocês.

João abraçou-o e disse:

- É sempre bem-vindo.

-E quanto aos outros, pensarão o mesmo?

- Não se preocupe, Nicodemos. Devemos aprender que somos irmãos e que Jesus precisa de todos nós para levar suas lições ao mundo.

Nicodemos ficou com os discípulos mais do que pretendia. Ele esperava poder conversar com o Mestre, falar-lhe sobre José e pedir-lhe ajuda. Certa noite, perguntou a João:

-Já estou aqui há muitos dias, e ainda não pude ver Jesus...

-Antes que ele volte ao lar, certamente falará conosco uma vez mais; então você terá oportunidade de vê-lo.

Nicodemos, apreensivo, foi mais uma vez até o local onde se reuniam. Queria pedir o auxílio de Jesus e entender muitas coisas. O encontro acontecia em meio a tumbas abandonadas, com poucas pessoas. João explicara a Nicodemos que tinham de ser muito cuidadosos com os próprios judeus, que espreitavam, procurando motivo para prender os seguidores do Mestre. Acomodaram-se. Pedro conduziu a reunião, com perceptível emoção na voz.

Estavam juntos havia algum tempo, quando o lugar subitamente encheu-se de luz. Jesus surgiu diante deles, resplandecente. Ao vê-lo, Nicodemos ajoelhou-se, profundamente comovido. Lágrimas corriam-lhe pela sua face e ele não podia dizer palavra. Seu coração batia descompassado. Sentindo a energia pura e imensa que de Jesus emanava, Nicodemos deixou-se ficar, envolvido pela intraduzível alegria de sua presença.

O Mestre falou-lhes naquela noite e comunicou que seria seu último encontro. Em breve, retornaria aos paramos espirituais de onde havia descido. Recomendou que seus seguidores se unissem mais, pois precisariam estar fortes para enfrentar os desafios que viriam. E reafirmou:

- Nisto conhecerão que são meus discípulos: se se amarem uns aos outros.

Jesus despediu-se da assembléia e logo depois todos regressaram para seus lares com os corações jubilosos.

Nicodemos ainda estendeu a visita aos discípulos de Jesus. Encontrou-se com Maria de Magdala, que imediatamente lembrou-se dele e perguntou:

- Como está José de Arimatéia?

-Infelizmente, está preso.

Ele contou em detalhes a prisão de José e sua situação no cativo. Por fim, visivelmente entristecido, disse:

-Nem sequer pude vê-lo. Temi que me prendessem também, o que seria inútil. Mas não deixo de pensar nele e de pedir a Deus por sua vida.

Maria sorriu e respondeu:

-Continuemos a orar por ele. Decerto, Jesus tem planos para José. Nicodemos sorriu ligeiramente, e calou-se.

As reuniões prosseguiram e se intensificavam. O número de cristãos que delas participavam também aumentava dia a dia.

Depois de uma estada prolongada, Nicodemos decidiu que era hora de voltar para casa. Despediu-se dos amigos:

- Vou retornar a Jerusalém. Não posso ausentar-me por mais tempo de minha casa e de minha família. Sabe se há cristãos se encontrando em Jerusalém, João?

-Tenho notícias de que um pequeno grupo começou a se reunir.

- Vou juntar-me a eles e auxiliá-los em tudo o que me for possível.

- Se acontecer de ver José, leve meu abraço e a certeza de que Jesus está com ele. -disse João ao abraçar o amigo.

Nicodemos regressou a Jerusalém e à sua família. Retomou seus negócios e procurou o pequeno grupo de que João lhe falara. Somando esforços, o grupo começou a crescer.

O tempo passava. José ficara esquecido, largado na prisão. Recebia alimento dentro da cela e saía de lá muito raramente. Há largo tempo não via a luz do sol e sentia falta do mar. Quando a saudade crescia demais, ficava abatido e suas forças se esvaíam.

Nesses momentos, em particular, ele recebia a visita de Elvira, que o consolava e fortalecia. Muitas vezes, sentava-se ao seu lado na cama, punha-lhe a cabeça sobre o colo e acariciava-lhe a fronte com ternura, pedindo:

-Tenha fé, José, pois haverá de vencer. Confie em Jesus, mantenha a esperança.

Naquela noite, José deitou-se com o coração excessivamente doído e o corpo cansado. Perdera a conta do tempo que já passara preso; tinha a impressão de que se haviam escoado muitos anos e sentia a esperança diminuir. Começava a pensar que talvez fosse mesmo acabar morrendo ali.

Quando se deitou, lembrou-se do anjo que sempre o visitava em sonho, e pediu:

- Se puder vir ver-me hoje, anjo de Deus, eu agradecerei... Estou cansado.

Ainda tinha lágrimas nos olhos quando adormeceu. Assim que seu corpo espiritual desprende-se do corpo denso, ele notou que tinha muitas visitas. Elvira disse:

-Trouxemos uma visita muito especial. É um amigo que lhe quer muito bem e que está muito preocupado com você.

Elvira afastou-se e João se aproximou; sentou-se ao lado do amigo e, tocando-lhe o braço, disse:

- Não desanime, José, seu suplício não durará para sempre. Com extrema alegria ele fitou João e disse:

-João, que bom vê-lo, meu amigo. Como estão os outros?

- Estamos todos bem. A luta é árdua para todos, porém estamos felizes por poder trabalhar para a disseminação da Boa Nova.

João falou sobre as reuniões nas catacumbas e o número de cristãos que não parava de crescer. Narrou os fenômenos espirituais que ocorriam durante os encontros e relatou como muitos doentes eram curados nessas ocasiões. Deu notícia dos outros discípulos e também do período que estivera com Nicodemos. Por fim, abraçou-o novamente, dizendo:

-Muitos oram por você todos os dias, meu irmão. José, emocionado, fitou o amigo e declarou:

—João, como fico feliz em vê-lo! Sempre nutri por você um afeto profundo, como se o conhecesse há muito tempo.

Elvira aproximou-se do discípulo amado de Jesus, abraçou-o com ternura e, virando-se para José, disse:

—João é um grande amigo e sua tarefa na Terra conta com o apoio de todos nós.

Ela fez breve pausa, e então concluiu:

-Há muitas coisas que ainda não podemos explicar-lhe, José, mas que um dia você compreenderá perfeitamente. Por ora, só pedimos que mantenha acesa a chama da esperança.

CAPÍTULO 44

Os dias corriam céleres. Os cristãos continuavam a se encontrar às escondidas para orar, e juntos meditar nos ensinamentos de Jesus. O número

de seguidores das lições do nazareno crescia rapidamente e perturbava cada vez mais os líderes religiosos judeus.

Pilatos nunca mais retornou à Judéia. Morreu depois de ter sido afastado de seu posto por César. Alguns administradores romanos enviados à região não conseguiram adaptar-se. Por fim, César enviou Tibério Alexandre, um governador que parecia entender as difíceis questões judaicas.

Tão logo soube da habilidade do novo dirigente em lidar com os costumes de seu povo, Nicodemos solicitou uma audiência com o intuito de melhor conhecê-lo. Discutiram os intrincados problemas políticos e religiosos na Judéia e os negócios e oportunidades da região como um todo. Ao se apresentar a ocasião, Nicodemos falou-lhe de José e de sua influência no comércio internacional, bem como dos excelentes resultados que ele havia obtido em suas exportações. O governador, interessado, opinou:

-Gostaria de conhecer esse judeu! Por certo poderemos fazer muitos planos em conjunto.

Os olhos de Nicodemos cintilaram de esperança. No entanto, ele se conteve, sem alterar o tom da conversação que vinha mantendo:

- Infelizmente José está preso; por motivos religiosos, é claro.

Pego de surpresa, o governador fez uma pausa, depois lamentou:

- É pena; não podemos fazer nada quanto a isso. Não devo interferir no campo religioso.

Tibério Alexandre se levantou e emendou:

-Pelo menos por enquanto.

Trocaram mais algumas impressões, e logo Nicodemos despediu-se e saiu.

O governador ficou a pensar na conversa que tivera e, por mais que tentasse, não conseguia afastar o pensamento de José. Embora ocupado com as intermináveis audiências em que buscava familiarizar-se com as questões locais, e conhecer bem os cidadãos mais influentes e poderosos, não deixava de pensar em José de Arimatéia.

Passados vários meses, Tibério procurou mais informações sobre o comerciante judeu. Não demorou a descobrir que se tratava de um dos homens mais ricos da região, e que antes de sua prisão fora também um dos mais respeitados em toda a Judéia. Positivamente impressionado, pediu que o trouxessem para uma audiência. Queria conhecer aquele José de Arimatéia.

José foi retirado de sua cela. Durante meses não saía do estreito cubículo em que havia sido colocado. Os cabelos crescidos e a longa barba não bastavam para encobrir os negros olhos brilhantes e vivos, que cintilavam como estrelas no firmamento. A companhia freqüente de Elvira e especialmente a visita espiritual de João haviam fortalecido sua alma, elevando-lhe os sentimentos e a esperança.

Quando José entrou, Tibério Alexandre mirou-o de alto a baixo, admirado com o corpo magro e sujo daquele prisioneiro. Movidado por estranha simpatia, pediu que os soldados se retirassem, deixando-o sozinho com o preso.

Assim que todos saíram, ele olhou longamente para José, depois apresentou-se e disse:

-Sente-se e acomode-se. Está com fome, eu presumo.

- Agradeço seu interesse, mas estou bem - limitou-se a responder.

- Não deseja que lhe tragam algo para comer?

-Estou bem —José repetiu.

Sentindo inexplicável desconforto, Tibério ajeitou-se na cadeira e disse:

- Pois bem, que seja. Quero conhecê-lo melhor. Tenho ouvido muitas coisas a seu respeito. Algumas boas, outras nem tanto. Fale-me um pouco de sua vida, seu trabalho, sua família, suas conquistas...

José sorriu ligeiramente e indagou:

- O que exatamente deseja saber a meu respeito, senhor?

-Quero saber tudo o que ache relevante para que eu me convença a soltá-lo.

- Sou um seguidor de Jesus. Creio ser esse o fato mais importante no caso. É por esse motivo que estou preso.

Tibério surpreendeu José ao dizer:

-Isso eu já sei. E, embora seja absolutamente sigiloso, também simpatizo com alguns dos ensinamentos do seu Mestre. Minha esposa esteve com ele e o ouviu falar muitas vezes. Ela me contou alguns fatos muito interessantes com relação àqueles que são chamados cristãos. Mas não se empolgue muito. Sou apenas um simpatizante. Agora, fale-me sobre sua vida.

José fitou-o espantado e, abrindo sincero sorriso, disse:

- Acho que vou aceitar o que me der para comer.

O elegante e jovem governador saiu por um instante da sala e ordenou ao servo que providenciasse farta refeição. Depois voltou e entabularam animado colóquio. Laços de simpatia uniram de imediato os dois homens.

Conversaram por horas e ao final, quando se despediam, Tibério tocou o ombro de José e garantiu:

- Não permanecerá por muito tempo na prisão. Tenha um pouco mais de paciência.

José agradeceu e saiu, levado pelos soldados romanos.

Poucos dias depois, foi chamado novamente por Tibério Alexandre. Este então lhe disse, mostrando-lhe um pergami-nho enrolado:

-Aqui está sua liberdade. Obtive junto ao Sinédrio e estou homologando.

José olhava-o entre surpreso e intrigado. Ele prosseguiu:

- Tive longo e persuasivo diálogo com o sumo-sacerdote, Caifás. Ele tem muitos interesses que podem ser atendidos por Roma. Não me foi difícil dobrar-lhe as preocupações espirituais: a ganância falou mais alto. Agora tome, José: sua liberdade.

José esticou o braço para pegar o decreto, mas Tibério puxou o precioso documento, dizendo:

-Tenho apenas uma condição.

José ficou a fitá-lo sem dizer nada. Ele prosseguiu:

- Quero que retome seus negócios de exportação e que vá até a Britânia e outras ilhas, onde o ouro é farto e nossos minérios alcançarão valor inestimável.

À mente de José assomou o momento inesquecível em que Jesus o visitara, pedindo-lhe que levasse o Evangelho a terras distantes, e de pronto ele respondeu:

- Nessas viagens, depois de efetuar os negócios para Roma, poderia dedicar-me a divulgar e Evangelho de Jesus?

Tibério olhou-o com simpatia e respondeu:

-Desde que os lucros não diminuam por causa disso, nada tenho em contrário.

José estirou o corpo e disse, resolutivo:

-Serei seu servidor.

-Muito bom. Mande preparar um navio com tudo de que necessita; assim, pode viajar em breve. A tripulação está completa, mas pode recrutar quem mais desejar.

José, mostrando estranheza, questionou:

- Por que me dá um navio, se tenho uma frota completa?

- Porque há muito não a tem mais, meu amigo.

- O que diz?

- Seus companheiros do Sinédrio são ambiciosos. Você foi expulso de sua religião e confiscaram todos os seus bens. Como era prisioneiro e eles, astuciosamente, recolheram impostos generosos, nada poderei fazer quanto a isso.

-E minha família, em que situação se encontra?

-Se eu fosse você, não me preocuparia com a família.

- Mas eles estão bem?

- Decerto que sim. Foram grandemente beneficiados na partilha de seus bens.

José empalideceu. Lembrou-se do desprezo com que Sara o fitara na última vez que a vira e imediatamente compreendeu toda a situação. Suspirou fundo e disse:

-Então, nada me resta senão aceitar sua oferta e agradecer-lhe imensamente.

- Não quero seu agradecimento, José; em contrapartida, aceitarei prazerosamente os lucros de suas operações comerciais. É claro que terá uma grande parte. Com o tempo, conseguirá até recompor as riquezas que perdeu.

José sorriu mais uma vez e perguntou:

- Quando posso partir?

- Quando quiser.

- Assim que tiver conversado com alguns amigos, estarei pronto. Venho informar-lhe a data exata da partida.

- Não se preocupe, envie alguém de sua confiança. Já será suficiente.

Despediram-se. José foi imediatamente procurar Nico-demos, que ficou abismado ao avistar o amigo livre. José contou-lhe sobre a atraente proposta do governador, deixando Nicodemos absolutamente satisfeito e recompensado. Depois de tantos anos, seus esforços tinham sido coroados de êxito.

Os dois amigos compartilharam experiências e aprendizados por quase dois dias. Nicodemos descreveu em minúcias o que se passara com a família do amigo; a intervenção do sogro e o apoio de Sara para que o Sinédrio confiscasse os bens que lhe pertenciam. Ela e o pai, bem como os filhos, haviam recebido mais da metade de tudo que lhe fora tirado. José ouviu a narrativa com tranquilidade e disse apenas:

-Pelo menos eles não passaram por nenhuma privação na minha ausência.

-Certamente por nenhuma, José.

- Fico feliz com isso.

Depois de prolongado silêncio, que Nicodemos não ousava quebrar, José perguntou:

-E como estão João, Pedro, Tiago e todos os outros? Nicodemos sorriu feliz e respondeu:

-Estão todos bem. Jesus esteve conosco depois que ressurgiu e, antes de voltar para sua elevada morada espiritual, orientou-nos sobre muitas coisas.

- Esteve com ele?

-Sim, somente uma vez.

José sorriu e continuou atento. Era noite e suave brisa entrava pela janela aberta. De onde estava, José podia ver o céu cintilante de estrelas. Respirou profundamente, satisfeito por estar, afinal, em liberdade. Nicodemos prosseguia:

- Pedro mudou-se para uma casa mais ampla, à beira da estrada da Galiléia. Lá, junto com outros seguidores do Mestre, atende muitos doentes e necessitados, saciando-lhes o corpo e também a alma. São muitos os que acorrem à singela moradia. Ela permanece dia e noite com as portas abertas a todos os que ali chegam.

- E a família de Pedro?

Nicodemos hesitou por instantes, depois respondeu, tocando de leve o braço do amigo:

-Eles o apoiam, José.

E confortadora conversa se estendeu noite adentro. Nicodemos discorreu em detalhes sobre os encontros secretos dos agora chamados cristãos e as belas reuniões que aconteciam durante as madrugadas. Esclareceu ainda que o ódio de Caifás não havia cedido o mínimo; antes, pelo contrário, ele estava sempre à procura de oportunidades para submeter seguidores de Jesus ao arbítrio do Sinédrio. A perseguição era constante e acirrada.

Era quase manhã quando José e Nicodemos se recolheram para o descanso. Poucas horas depois, José já estava de pé, preparando-se para se despedir do amigo. Ao vê-lo pronto para sair, Nicodemos indagou:

- Por que tanta pressa? José sorriu e respondeu:

- Jesus me pediu que levasse o Evangelho a terras distantes. Estou certo de que foi ele quem garantiu minha saída da prisão, e não quero decepcioná-lo. Vou partir o mais depressa possível e começar a executar minha tarefa. Há muitos que precisam ouvir sobre Jesus e seus ensinamentos luminosos.

Nicodemos comentou:

- Poderia levar alguns cristãos, para que o ajudem. Os sacerdotes estão no encalço de vários de nossos irmãos. O que acha?

- Seria ótimo! Tenho autorização para levar quem eu deseje.

- Pois vou já procurá-los e arranjar tudo.

Após acertarem os pormenores para o encontro com os amigos cristãos, José saiu. Havia sido mais de treze anos na prisão e finalmente tomara um banho agradável, cortara os cabelos e aparara a barba. Tal como Nicodemos, ele tinha os cabelos mais grisalhos do que na época em que fora preso.

Caminhou por algum tempo pelas ruas de Jerusalém e acabou por se aproximar de sua antiga residência. Aos pés da escadaria, hesitou. Olhou para a esplêndida mansão e observou os admiráveis detalhes da construção. Estava distraído, quando Timóteo chegou sutilmente dizendo:

- Senhor! Soube que havia sido libertado, mas tomei a notícia como um falso boato. Vejo que felizmente é verdade.

- Como estão todos, Timóteo?

- Bem, senhor.

- Gostaria muito de vê-los antes de partir.

- Sinto muito, mas a senhora Sara o proíbe de entrar. Ela o viu pela janela e ficou muito nervosa. Ameaça chamar os soldados do Sinédrio, se o senhor insistir. Ofereci-me para falar-lhe. Por favor, eu sei que já sofreu muitas humilhações. Não necessita passar por mais esta. Ela não o compreende, senhor. Será inútil qualquer tentativa de entendimento.

José baixou a cabeça, limpando as lágrimas que lhe desciam pelo rosto. Seu coração estava profundamente dolorido, machucado pelo desprezo daqueles que eram os seus mais próximos na Terra. Olhou para Timóteo e perguntou:

- Como estão meus filhos?

- Eles estão bem, senhor.

José calou-se. Timóteo o observava, igualmente em silêncio, até que José concluiu:

- Muito bem, Timóteo, leve um recado aos meus filhos. Diga-lhes que sinto muito por ter de me afastar deles e que, se um dia eles quiserem me ver e falar comigo, ficarei feliz, muito feliz em estar com eles. Não guardo ressentimentos. Meu coração está aberto para eles a qualquer momento - inclusive para Sara.

Timóteo assentiu com a cabeça e garantiu:

-Fique tranqüilo, transmitirei o recado.

CAPÍTULO 45

Na manhã seguinte, antes que o sol raiasse, José de Arimatéia partia em sua primeira viagem à região da Britânia. Levava grande quantidade de estanho para comercializar com os povos daquelas terras distantes. Com ele partiram também Felipe, Maria de Magdala, Marta, Lázaro e alguns outros cristãos que vinham sendo alvo da suspeita dos sacerdotes.

Logo estavam no porto e mais tarde em alto mar. A viagem transcorreu calma. José, do convés do navio, sentia com prazer o vento a soprar-lhe os cabelos. Estava em paz. Começava uma nova etapa em sua vida e seu coração transbordava de contentamento, por ver sua esperança recompensada com a tão desejada liberdade e a possibilidade de trabalhar para Jesus.

A empreitada comercial foi um grande sucesso, e outras se seguiram, igualmente lucrativas. Tibério Alexandre estava muito satisfeito com os resultados que tais viagens proporcionavam.

Entretanto, os maiores beneficiados não eram os cofres romanos. José e os companheiros se tornaram ativos missionários do Evangelho, levando os ensinamentos de Jesus às regiões mais longínquas. Com tamanha alegria compartilhavam a Boa Nova, e o fato de que o Messias tão esperado por fim descesse à Terra, que muitos aderiam aos princípios cristãos. Logo fundaram o primeiro núcleo na Britânia. Depois de alguns anos dedicados ao trabalho missionário em terras estrangeiras, Maria de Magdala e outros cristãos voltaram à Palestina.

José tornou-se um incansável e eloqüente pregador. Trabalhava arduamente para atender às expectativas que Tibério depositava nele e, tão logo

obtinha os seus objetivos, dedicava-se com alegria e intensidade àquilo que realmente amava: falar de Jesus e levar conforto e ajuda aos corações necessitados.

Sempre que comparecia à presença do governador para os acertos de contas sobre os negócios, recebia polpudas comissões. Ele retirava o indispensável para o próprio sustento e, do excedente, enviava uma parte para os amigos na Britânia e outra para Pedro e João utilizarem com os abrigados na casa do caminho.

Quanto mais crescia o lucro obtido com seus negócios, mais aumentavam os recursos doados por José. Para si mesmo, quase nada tirava. Ele realmente entregara tudo o que possuía nas mãos de Jesus.

O tempo seguia seu curso. Depois de Tibério, outros ocuparam o cargo de procurador na Judéia. Na tentativa de evitar maiores conflitos com os judeus, César procurava trocar com maior frequência o titular do cargo administrativo na região. No entanto, nenhum deles aventurou-se a retirar José de Arimatéia da função que exercia. Embora os detentores do poder do Sinédrio sempre tentassem difamar e destruir José, os lucros que ele oferecia ao Imperador eram significativos demais para serem colocados em risco. Assim, José envelhecia feliz pela escolha que fizera, trazendo o coração sereno e em paz. Vez por outra ainda lhe doía a saudade de Sara e dos filhos, porém ele nunca mais tornara a vê-los.

Muitos anos se passaram. Naquela manhã o mar estava mais agitado. Durante a noite fortes ventos tinham desviado o navio da rota e fora com dificuldade que José, ao lado do timoneiro, conseguira recolocá-lo no rumo pretendido.

Amanhecia quando José finalmente desceu ao quarto, para descansar. Sentou-se na cama, sentindo-se exausto. Dedicava-se tão intensamente aos compromissos com Jesus que mal descansava. Deitou-se e fechou os olhos, procurando dormir. De súbito, inexplicável melancolia apossou-se dele, ao mesmo tempo em que forte dor no peito o acometeu. Ele gritou por ajuda e em alguns instantes o seu quarto estava cheio. Ajoelhado à beira da cama, um médico o examinava. Depois, virando-se para os outros, disse:

-Lamento muito, mas não creio que nosso amigo suportará até o fim da jornada. Parece que seu coração está fraco.

- Quer que voltemos a Jerusalém, José? -perguntou o timoneiro.

Mal conseguindo falar, ele sussurrou:

-Não, prossigamos até o final da viagem. Se eu não suportar, lancem meu corpo ao mar.

Alguns dos marinheiros eram judeus e um deles disse:

-Se algo lhe acontecer, senhor, deverá ser enterrado em sua terra, junto dos seus.

José sorriu, segurou a mão de Nicodemos, que daquela vez os acompanhava, e afirmou:

- Estou em casa.

Depois arqueou o peito, voltando a gritar de dor, e então silenciou. Suas mãos se desprenderam das do amigo, que as colocou sobre seu peito e, fechando-lhe os olhos, disse profundamente emocionado:

-Descanse, valente servo de Jesus.

CAPÍTULO 46

Elvira, ao lado de José, acompanhava com igual emoção o desenrolar dos fatos. Assim que os olhos dele se fecharam para o mundo material, sua alma despertou, cheia de luz, no plano espiritual. Elvira o aguardava de braços abertos e o saudou com alegria:

- Que o Deus da glória o abençoe! Bem-vindo ao lar, amor de minha alma.

José de Arimatéia fitou aquele rosto meigo, a mirá-lo com ternura, e depois de algum tempo recordou-se da mulher tão amada, que aparecia em todos os seus sonhos. Abraçou-se a ela e ainda enfraquecido sorriu, dizendo:

- Como é bom vê-la! Como é bom estar de volta, sobretudo com a paz que sinto no coração.

-É a paz abençoada que flui de todos os corações que cumprem o seu dever. Que Deus o abençoe.

Outros que também testemunhavam o sublime momento se juntaram a eles, abraçando o amigo e celebrando a grande conquista de sua trajetória terrena. Reunidos, partiram para colônia próxima, que aguardava José para o refazimento após o desencarne.

Ali chegando, foram acolhidos com extrema alegria, expressa em cânticos de júbilo e gratidão a Deus. O governador da colônia recebeu José pessoalmente:

-Amado irmão, que Deus o abençoe! Que o seu infinito amor o envolva e recompense seus esforços no bem!

José, que à medida que se recordava de sua realidade espiritual tinha o corpo etéreo transmutado outra vez na antiga forma de Ernesto, sorriu e notou que pela primeira vez seu corpo espiritual emitia luz própria. Não a mesma luz que via em sua amada Elvira, cujo brilho tornava seu contorno tão fulgurante que era difícil para ele fixá-la sem ter a vista ofuscada. Mas ele adquirira luz. Ainda era tênue, mas estava presente, brilhando com suavidade.

Depois do encontro efusivo, ele retirou-se para o repouso necessário. Alguns dias foram suficientes para que Ernesto se recuperasse da pequena perturbação que o desenlace terreno lhe causara. Assim que o viu refeito, Elvira convidou-o a participar de importante reunião.

Ocupando lugar na tribuna, Ernesto foi recebido carinhosamente pelos amigos da colônia, participando de cerimônia encantadora de boas-vindas a grande número de espíritos que acabavam de regressar. Em determinado momento, o governador proferiu sentida prece e pediu a todos que focassem os pensamentos no Mestre Jesus, agradecendo seus esforços pelo bem da humanidade terrena. No centro da tribuna surgiu radiosa luz e, projetada a distância, a imagem de Jesus se fez visível, tal qual fora conhecida em sua passagem recente pelo planeta. Seu semblante amoroso comoveu a todos os presentes, que derramavam lágrimas de alegria e gratidão por aquele ser luminoso, que ainda trazia as marcas da coroa de espinhos na testa resplandecente. Jesus, então, disse:

- Que Deus, nosso Pai, abençoe a todos. Que seu amor infinito os fortaleça hoje e sempre. Meus queridos irmãos, hoje é um dia de alegria. Muito embora os homens ainda sofram por manter-se afastados do Pai, o Evangelho se espalha por toda a Terra. Não será sem dor e sofrimento, porém a transformação acontecerá. Testemunhamos essa conquista gloriosa nas almas de muitos irmãos que aqui estão; que puderam, por fim, resgatar os débitos com as justas leis divinas e hoje estão preparados para voltar ao verdadeiro lar. Nosso querido planeta Terra começará a despertar lentamente para sua destinação gloriosa, para sua realidade espiritual. O caminho a per-

correr ainda é íngreme. Muitos haverão de sofrer, por causa do meu nome. Mas aqueles que perseverarem terão a vitória, como vocês nesta noite. A jornada é penosa e precisamos de todos aqueles que, com o coração cheio de amor, queiram prosseguir auxiliando os irmãos que ainda estão distantes da luz de Deus.

E dirigiu-se mais especialmente ao grupo de capelinos que, em pé, o escutava atentamente:

- Longa foi a sua trajetória, irmãos, permeada pela dor e pelo sofrimento. Agora, com a benção do Pai, que é todo justiça e todo bondade, estão livres para retornar ao seu verdadeiro lar.

Os componentes do reduzido grupo se entreolharam cheios de contentamento. Finalmente, poderiam regressar ao lar, onde entes saudosos os aguardavam. Alguns choravam de alegria, outros apenas sorriam, cheios de gratidão àquele Mestre que os ajudara tão amorosamente no resgate de suas almas.

O Divino Amigo prosseguiu esclarecendo e orientando a grande audiência. Explicou mais uma vez que enviaria, no futuro, na plenitude dos tempos, quando a humanidade estivesse mais preparada, o Consolador, na pessoa de diversos amigos dedicados que iriam instruir a humanidade naquilo que ele mesmo não pudera transmitir até aquele momento, desvendando os mistérios do mundo espiritual. E uma vez mais convidou a todos para continuarem unidos, amando e servindo a Deus, dedicando-se ao progresso daquela humanidade que apenas iniciava o seu despertar.

A inesquecível reunião prolongou-se até o amanhecer terreno. O grupo de capelinos preparava-se para partir. Ernesto, entretanto, mantinha-se calado, profundamente compenetrado. Elvira, que há muito o observava, aproximou-se e perguntou:

- Quer mesmo permanecer no orbe da Terra? Erguendo os olhos límpidos, ele respondeu:

- Gostaria de voltar com os outros, sempre desejei regressar ao lar. Mas meu coração transborda de gratidão a Jesus pelo seu infinito amor, e seu exemplo de renúncia toca o fundo da minha alma. Como posso afastar-me agora deste planeta, tão carente de luz, de auxílio e de amor? Como posso manifestar a Jesus minha gratidão eterna, pela conquista de minha alma para Deus, senão ficando aqui e engrossando a fileira daqueles que cooperam com o Senhor?

Elvira o ouvia emocionada; ele prosseguiu:

- Não, amada Elvira, não posso regressar, ainda. Sei que você compreende meus sentimentos. Vou me oferecer para ficar e colaborar com o advento do Consolador ao planeta. Além do mais, nosso querido Henrique está na Terra, enfrentando pesados agulhões, preso na ilha de Patmos; quero ajudá-lo. Em alguma coisa, minha experiência poderá auxiliar. Mas eu voltarei. Assim que o Consolador descer à Terra e lançar suas raízes, eu irei encontrá-la, minha amada.

Lágrimas desciam pela face de Elvira, que, satisfeita, respondeu:

- Vejo que a sua transformação é completa e compreendo o que deseja fazer. Estarei com você sempre que me for possível, auxiliando-o e colaborando com suas experiências.

E abraçando Ernesto com imenso carinho, ela disse:

- Que Deus o abençoe e o ajude na tarefa sublime que se propõe realizar com Jesus. Que seu coração experimente a paz perfeita, todos os dias. E sempre que quiser falar comigo, é só me chamar e estaremos juntos, em pensamento.

Ernesto abraçou Elvira demoradamente, despedindo-se mais uma vez daquele anjo em forma de mulher. Ela se afastou e juntou-se ao grupo que partia rumo ao sistema de Capela. Ele permaneceu em pé, observando a caravana desaparecer.

Leve melancolia apossou-se do coração de Ernesto, que logo procurou o grupo de trabalhadores da colônia e ofereceu-se para o serviço que tivessem. Queria contribuir para a redenção da humanidade, para a conquista das almas rumo ao seu destino glorioso junto ao Criador.

*"Quando o homem gravar na própria alma
Os parágrafos luminosos da Divina Lei,
O companheiro não repreenderá o companheiro,
O irmão não denunciará outro irmão.
O cárcere cerrará suas portas,
Os tribunais quedarão em silêncio.
Canhões serão convertidos em arados,
Homens de armas volverão à sementeira do solo.
O ódio será expulso do mundo,
As baionetas repousarão,*

*As máquinas não vomitarão chamas para o
incêndio e para a morte,
Mas cuidarão pacificamente do progresso planetário.
A justiça será ultrapassada pelo amor,
Os filhos da fé não somente serão justos,
Mas bons, profundamente bons.
Aprece constituir-se-á de alegria e louvor
E as casas de oração estarão consagradas ao trabalho sublime da
fraternidade suprema.
A pregação da Lei
Viverá nos atos e pensamentos de todos,
Porque o Cordeiro de Deus
Terá transformado o coração de cada homem
Um tabernáculo de luz eterna,
Em que o seu Reino Divino
Resplandecerá para sempre."*

*Do livro "Pão Nosso"-Psicografado por Francisco Cândido Xavier Pelo
Espírito Emmanuel-FEB.*

***Para saber mais sobre a saga dos capelinos e o desenvolvimento espiri-
tual da Terra, leia também:***

A CAMINHO DA LUZ Emmanuel -Francisco Cândido Xavier - FEB

Este livro enfoca, desde a gênese planetária até as perspectivas para o futuro da humanidade.

OS EXILADOS DA CAPELA EdgardArmond - Editora Aliança

Obra que trata de forma abrangente a evolução espiritual da humanidade terrestre, segundo tradições proféticas e religiosas, apoiadas em considerações de natureza histórica e científica.

Para conhecer melhor os princípios espíritas, recomendamos a leitura dos seguintes livros:

O QUE É O ESPIRITISMO (1859) Allan Kardec

Esta obra refere-se às noções elementares do mundo invisível e contém o resumo dos princípios da Doutrina Espírita. Allan Kardec esclarece de forma objetiva e sintética, que o Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS (1857) Allan Kardec

Lançado em 18 de abril de 1857, este livro é a pedra fundamental do espiritismo, sobre ele ergue-se toda a estrutura da Doutrina Espírita.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (1863) Allan Kardec

Este livro contém comentários e explicações dos ensinamentos de Jesus, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações cotidianas da vida. É o Cristianismo, em sua mais pura essência. Além disso, seus ensinamentos consolam e facultam paz a todos quantos lhe buscam as páginas iluminadas.